

Danielle Ferreira Sibonis

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS ANIMAIS
NO JORNALISMO DA *FOLHA DE S. PAULO***

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Dr^a Gislene Silva

FLORIANÓPOLIS

2015

Sibonis, Danielle

As representações socioculturais dos animais no jornalismo da
Folha de S. Paulo / Danielle Sibonis;
orientadora, Gislene Silva - Florianópolis, SC, 2015.
247 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Estudos culturais. 3. Representação social. 4. Folha de
S. Paulo. 5. Animais.

I. Gislene Silva. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

Danielle Ferreira Sibonis

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS ANIMAIS
NO JORNALISMO DA *FOLHA DE S. PAULO*

Esta dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Curso de Mestrado, Centro de Comunicação e Expressão.

Florianópolis, 07 de julho de 2015.

Prof. Dr. Francisco José Castilhos Karam
Coordenador do curso

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Gislene Silva
Orientadora

Prof^a Dr^a. Paula Brügger Neves
Universidade Federal de Santa Catarina (CCB/ membro externo)

Prof^a Dr^a.Daiane Bertasso
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr. Jorge Kanehide Ijuim
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esta dissertação a todos que transformam as suas consciências e hábitos em busca da preservação da natureza e da abolição da exploração animal, construindo uma sociedade mais justa e fraterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida, grande presente de Pachamama, à natureza que partilhamos com todos os seres. Aos anjos da guarda e orixás que me guiam. Ao compartilhar desta caminhada com pessoas e (outros) animais que me ensinaram a ter mais respeito pela terra e pelos filhos dela.

À minha família que sempre foi um ninho e que me permitiu ter asas, agradeço pelo carinho, apoio e pela alegria de tê-los ao meu lado. Agradeço aos meus avós, que estão sempre comigo no coração, aos meus tios, tias, primos e primas que me ensinam muito sobre a vida. Seus exemplos de perseverança e dedicação me inspiram a acreditar em meus sonhos. Ao meu pai, Vicente, por seu exemplo de honestidade e pelo estímulo para que eu buscasse minha felicidade, o meu caminho, sou eternamente grata. E também à minha mãe, Marlei, que foi sem dúvida a pessoa que mais acreditou na minha busca e que me deu força e afeto para que eu seguisse estudando; a sua integridade, fé e amor incondicional são o que aprendi de mais bonito na vida, muito obrigada. Agradeço ao meu irmão, Gustavo, que me apoiou na mudança para a ilha e sempre me incentivou a viver o que acredito.

Aos amigos que conheci e com que cresci em Porto Alegre e são para a vida toda: Marina, Melina, Etiane, Janete, Vera Lúcia, Filipe, João Vinícius, Alex, Celia Maria e Antonio. Aos amigos que me acolheram na ilha da magia: Carla, Isa, Inti, Maya, Shantala, Adelia, Aline, Marina, Ana Gabriela, Anna Bárbara, Daniela e ao grupo de teatro *Um rio de histórias*.

À democracia e ao ensino público de qualidade. À UFSC, aos professores e colegas do POSJOR, pela oportunidade de realizar este estudo. À professora Gislene Silva por sua orientação e abertura ao diálogo que me permitiram ter liberdade para realizar minha pesquisa. À CAPES pela bolsa de estudos.

Agradeço, sobretudo, aos amigos de quatro patas e de um grande coração, em especial, à Frida, Zimba, Cacau e Hang Loose, por suas alegres companhias.

Mas esse gato não pode ser, no fundo de seus olhos, meu primeiro espelho? (DERRIDA, 2002, p. 92).

AS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS ANIMAIS NO JORNALISMO DA *FOLHA DE S. PAULO*

Resumo

Este estudo parte do pressuposto de que o jornalismo é um fenômeno social produtor e reproduzidor de representações socioculturais que influenciam no entendimento que a sociedade tem sobre o mundo. O objetivo da pesquisa é caracterizar e discutir os modos como os animais são representados socioculturalmente pelo jornalismo impresso de referência na atualidade. Para isso tem como objeto empírico os materiais informativos e opinativos publicados no jornal *Folha de S. Paulo*. Utiliza-se a análise de conteúdo para a coleta dos textos e imagens e o aporte teórico dos estudos culturais para sua interpretação. Parte-se da discussão sobre a representação e o processo de partilha de conhecimentos para abordar a participação do jornalismo na formação do imaginário social do contexto em que circula. Em seguida, realiza-se um resgate sobre como se desenvolveu o paradigma antropocêntrico-cartesiano que rege o pensamento hegemônico em relação aos animais e que permeia a maior parte das representações socioculturais produzidas pelo jornal analisado.

Palavras-chave:

Jornalismo; representação social; estudos culturais; animais; *Folha de S. Paulo*.

Socio-cultural representations of animals in journalism of *Folha de S. Paulo*

Abstract

This study assumes that journalism is a social phenomenon producer and player of socio-cultural representations that influence the understanding that society has on the world. The objective of the research is to describe and discuss the ways in which animals are represented by sociocultural print journalism reference today. For it has the empirical object informative and opinionated material published in the newspaper *Folha de S. Paulo*. It uses content analysis to the collection of texts and images and the theoretical framework of cultural studies for their interpretation. It starts with the discussion of the representation and the process of sharing knowledge to address the participation of journalism in shaping the social imaginary of the context in which it circulates. Then there will be a rescue on the evolution of the anthropocentric-Cartesian paradigm that governs the hegemonic thinking towards animals and that permeates most of the socio-cultural representations produced by the newspaper analyzed.

Keywords:

Journalism; social representation; cultural studies; animals; *Folha de S. Paulo*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Notícia “Rússia quer comprar mais carne suína brasileira”.....	136
FIGURA 2: Notícia “País pode ficar livre da aftosa, mas há gargalos”.....	137
FIGURA 3: Nota “Produção deve subir”.....	143
FIGURA 4: Nota “Exportação do mês”.....	143
FIGURA 5: Artigo “Era da extinção das essências”.....	144
FIGURA 6: Artigo “A alavanca de Aristóteles”.....	145
FIGURA 7:Artigo “ Os novos fantasmas ambientais”.....	145
FIGURA 8: Notícia “Le French barateia menu”.....	151
FIGURA 9: Notícia “Cozinha japonesa corre risco de extinção”.....	152
FIGURA 10: Reportagem “Carne de primeira”.....	153
FIGURA 11: Reportagem “Vale a facada?”.....	153
FIGURA 12: Reportagem “Quase vegetarianos”.....	155
FIGURA 13: Notícia “Empresas criam produtos veganos”.....	156
FIGURA 14: Notícia “Pragas assustam na Copa”.....	160
FIGURA 15: Notícia “Javaporco destrói plantações”.....	161
FIGURA 16: Reportagem “Foco no mosquito”.....	163
FIGURA 17: Reportagem “Lady Copa”.....	167
FIGURA 18: Cachorros na coluna social.....	168
FIGURA 19: Reportagem “Orgulho de vira-lata”.....	169
FIGURA 20: Reportagem “Pets naturebas”.....	171
FIGURA 21: Notícia “Vilã de “Em família” ecoa humor de Félix”	172
FIGURA 22: Reportagem “Segurança, ruído e higiene geram atritos”.....	174
FIGURA 23: Notícia “Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil”.....	176
FIGURA 24: Notícia “Cientistas querem popularizar muriqui”.....	182
FIGURA 25: Notícia “Corte da ONU proíbe Japão de caçar baleias”.....	184
FIGURA 26: Notícia “Leão de 300 quilos é furtado de instituição em SP”.....	185
FIGURA 27: Notícia “Leão furtado da Ong é levado ao zoológico de Curitiba”.....	185
FIGURA 28: Notícia “No país dez cidades já receberam visitas de onças-pardas este ano”.....	186
FIGURA 29: Notícia “Urubus invadem zoológico de SP”.....	187

FIGURA 30: Notícia “Seca faz surgir mancha verde gigante em lagoa”.....	188
FIGURA 31: Notícia “HIV causa Aids em macacos”.....	192
FIGURA 32: Notícia “Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores”.....	194
FIGURA 33: Notícia “Brasileiros criam cabra clonada e transgênica”.....	196
FIGURA 34: Notícia “Comissão libera o uso de mosquito transgênico contra a dengue”.....	197
FIGURA 35: Fotolegenda “Solidariedade canina”.....	199
FIGURA 36: Fotolegenda “Peso pesado”.....	200
FIGURA 37: Fotolegenda “Prefeitura retira 300 toneladas de gelo da Aclimação”.....	201
FIGURA 38: Fotolegenda “Parrilhada”.....	202
FIGURA 39: Fotolegenda “Que frio!”.....	202
FIGURA 40: Fotolegenda “Risco animal”.....	203
FIGURA 41: Notícia “Fósseis revelam traços de antigos vertebrados”.....	204
FIGURA 42: Notícia “Tiranossauro de nariz longo é apelidado de ‘Pinóquio Rex’”.....	206
FIGURA 43: Notícia “Nova espécie de roedor é descoberta em MG”.....	207
FIGURA 44: Fotolegenda “Trote nacional”.....	208
FIGURA 45: Notícia “Touradas na visão de Goya, Dali e Picasso são temas de exposição”.....	209
FIGURA 46: Notícia “Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”.....	212
FIGURA 47: Reportagem “A ciência do humor”.....	215
FIGURA 48: Fotolegenda “Alarmista”.....	216
FIGURA 49: Artigo “Relatório sobre as abelhas”.....	217
FIGURA 50: Reportagem “Ursinho terapia”.....	219

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Reprodução da tabela dos modos de operação da ideologia.....	56
TABELA 2: Temáticas das representações dos animais na FSP.....	124
TABELA 3: Divisão mensal das temáticas.....	127
TABELA 4: Divisão jornalismo informativo e opinativo.....	128
TABELA 5: Fragmentos das matérias de <i>commodities</i>	133
TABELA 6: Fragmentos das matérias de alimentação.....	148
TABELA 7: Fragmentos das matérias de pragas e transmissores de doenças.....	158
TABELA 8: Fragmentos das matérias de animais de estimação.....	164
TABELA 9: Fragmentos das matérias de animais ameaçados.....	178
TABELA 10: Fragmentos das matérias de pesquisa científica.....	189

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1: Divisão porcentual das temáticas.....	127
GRÁFICO 2: Animais citados nos títulos.....	130
GRÁFICO 3: Divisão taxonômica dos animais nos títulos.....	131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
1 JORNALISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS.....	33
1.1 Representação e linguagem.....	33
1.2 O jornalismo e a reprodução de representações socioculturais.....	42
2 RELAÇÕES ENTRE CIVILIZAÇÃO HUMANA E MUNDO ANIMAL.....	61
2.1 O mundo antropocêntrico: o domínio humano sobre a natureza.....	61
2.2 Reintegrando a teia da vida: novas sensibilidades e considerações morais.....	100
3 REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS ANIMAIS NO JORNALISMO DA <i>FOLHA DE S. PAULO</i>	123
3.1 Categorias de análise de conteúdo.....	123
3.2 Análise cultural das representações socioculturais dos animais.....	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	228
ANEXO.....	245

INTRODUÇÃO

Este estudo parte do pressuposto de que o jornalismo é uma prática social e cultural que influencia no entendimento que a sociedade tem do mundo por meio das representações socioculturais construídas nas notícias. O jornalismo produz e faz circular diversos discursos e conhecimentos, confrontando e conformando determinados pensamentos e paradigmas filosóficos e econômicos. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a caracterização e discussão dos modos como o jornalismo impresso de referência representa os animais. Para isso, dois aportes teóricos auxiliam na reflexão sobre a ideia de representação sociocultural, a psicologia social e os estudos culturais britânicos.

As relações entre percepção, linguagem e formas de agir no mundo levam a um processo de produção e troca simbólica denominado de representação social. Segundo o psicólogo social Serge Moscovici (2012, p. 35), nós pensamos através da linguagem e organizamos nossos pensamentos “de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura”. Partilhamos um mundo e as representações sociais ajudam a interpretar, nomear e definir diferentes aspectos da realidade cotidiana. O autor sugere que podemos considerar as representações sociais “como meios de recriar a realidade. Através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes” (MOSCOVICI, 2012, p. 90).

Produzidas e transformadas através das interações sociais, as representações sociais são “produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e elaboração psicológica e social desta realidade” (JODELET, 1994, p. 37). Elas têm como objetivo abstrair sentido do mundo e reproduzi-lo de uma forma significativa, permitindo a comunicação e participando do desenvolvimento individual e coletivo, na definição de identidades pessoais e sociais e também nas transformações sociais, sendo assim “um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (MOSCOVICI, 2012, p. 49).

De forma semelhante, para os estudos culturais britânicos, a representação é um processo de construção e circulação de significados por meio da linguagem e, portanto, “uma das práticas centrais que produz cultura” (HALL, 1997b, p. 1). Os estudos culturais destacam o papel constitutivo da cultura e das representações nas relações sociais.

Em cada interação social e por diversos meios, instituições e atividades os significados culturais são constantemente produzidos e compartilhados. Segundo Stuart Hall (1997b, p. 3), os significados culturais “organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nossa conduta e consequentemente têm efeitos reais e práticos”. Na atualidade, a mídia tem um papel preponderante nesse processo, constituindo um dos principais meios de circulação de imagens e ideias nas sociedades modernas. Ao produzir informação e entretenimento, a mídia relaciona os campos político, econômico, científico e cultural, e assim, “sustenta circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias” (HALL, 1997a, p. 2).

O jornalismo participa deste processo de construção social de sentido através da produção e circulação de significados e conhecimentos na ação informativa. Na atividade de relatar os acontecimentos, o jornalismo possibilita que as sociedades democráticas enxerguem a si mesmas e aos movimentos e transformações socioculturais de sua época. As notícias são o resultado de construções simbólicas complexas e sua produção envolve um processo de interpretação e atribuição de sentido em que jornalistas e atores sociais expressam suas representações de mundo na seleção do que vai ser noticiado e no enquadramento (forma de narrar, destacando ou omitindo informações) de como reportar os principais acontecimentos à sociedade.

As representações socioculturais que circulam nas notícias reproduzem as formas subjetivas do seu contexto de produção, bem como as relações e disputas políticas, econômicas e simbólicas entre campos e atores sociais e seus interesses. Deste modo, o jornalismo reproduz e transforma o senso comum, participando da formação do imaginário social do contexto onde circula. Em uma cultura dos meios de comunicação de massa, as representações ajudam a constituir as visões de mundo, estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas (KELLNER, 2001, p. 82).

Diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo do jornalismo enquanto fenômeno social e espaço de representações e imaginários socioculturais. O estudo sobre as imagens de natureza (MAIA, 2012) e de morte (VOGEL; SILVA, 2012) na imprensa brasileira, e sobre as representações do Brasil na imprensa britânica (DALPIAZ, 2013) são exemplos de recentes produções acadêmicas nacionais na área. A

investigação acadêmica sobre as representações de animais no nosso país é, contudo, um tema ainda incipiente. A tese em Educação *Representações de animal na contemporaneidade* (DAL-FARRA, 2003) realiza um mapeamento quanto à representação dos animais pela mídia brasileira¹. Rossano Dal-Farra distingue as representações de animais em três categorias: animais de companhia, discurso ecológico e animais de produção, e, à parte, desenvolve um pequeno capítulo de análise de reportagens sobre inteligência animal². Seu estudo, no entanto, não estabelece nenhuma discussão quanto aos impactos socioambientais relacionados à produção industrial de produtos de origem animal nem aborda qualquer questão relativa à ética e consideração moral.

Também pesquisadora da cobertura midiática sobre os animais, Paula Brügger (2002, 2011, 2013, 2015) trata a questão diferentemente de Dal-Farra. Ao analisar criticamente os meios de comunicação de massa, ela fundamenta sua argumentação a partir de dados sobre a exploração que os animais sofrem em diversos setores sociais, culturais e econômicos e em como a mídia distorce ou ameniza tais informações em favorecimento do modelo produtivista capitalista.

Quando pensamos na intensa participação dos animais na vida humana, sobre os diversos significados culturais que eles possuem em distintas culturas e épocas, e na complexidade socioambiental que envolve as relações entre humanos e animais na atualidade, podemos avaliar que ainda é ínfima a pesquisa sobre jornalismo, cultura e representações de animais. Tendo em vista a influência que os meios de comunicação exercem no estímulo de padrões de consumo, na reiteração de valores, na construção de imagens de outros grupos e seres vivos,

¹ A tese em Educação, *Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa* (2003) de Rossano André Dal-Farra, e os desdobramentos deste trabalho, constitui a maior parte das referências quanto às produções acadêmicas sobre a representação de animal na mídia brasileira. No estudo é realizada uma análise qualitativa da imprensa nacional entre os anos de 1995 e 2002.

² No capítulo dedicado aos animais de companhia, Dal-Farra aponta o caráter de membro da família, a utilização terapêutica de animais, os casos de cães agressivos e o discurso de criação de animais de raça em oposição aos sem raça definida. No capítulo que trata do discurso ecológico, o autor discute os temas: zoológico, ecoturismo, animais estranhos e perigosos ao homem, animais selvagens no perímetro urbano, caça e pesca e festas populares. No capítulo de animais de produção enfoca na produção de alimentos, nos hábitos alimentares e na criação de animais reprodutores de alto valor comercial.

consideramos que o jornalismo é um importante espaço de circulação de representações socioculturais e que estas são um elemento-chave na constituição de sentidos de mundo, o que, conseqüentemente, influencia nas relações entre seres humanos e animais. A reflexão sobre as representações socioculturais e os discursos que sustentam as formas de uso e tratamento dado aos animais leva ao reconhecimento de que as nossas relações com as demais espécies são complexas e, muitas vezes, paradoxais neste início de século XXI.

A progressiva destruição dos *habitats* naturais devido à urbanização, desmatamento, expansão da fronteira agrícola, pecuária, caça esportiva e tráfico de animais exóticos ameaça a vida selvagem, e toda a vida planetária. Com o processo de desenvolvimento industrial e tecnológico, intensificou-se a utilização de animais para a produção e teste de alimentos, roupas, calçados, medicamentos etc. Pesquisas científicas de diversas áreas são amplamente desenvolvidas com experimentos em animais, em grande parte, estes estudos são financiados por agências governamentais, ou seja, utilizam verba pública (SINGER, 2010).

Os zoológicos e outros centros de conservação animal abrigam hoje muitas espécies que estão em perigo de extinção, e que, em cativeiro, passam, geralmente, a se reproduzir com auxílio da ciência perdendo a capacidade de retornar à vida natural. Inúmeras atividades proporcionam entretenimento para os humanos e privação do ambiente e comportamento natural para os animais, entre elas circos, touradas, rodeios, corrida de cavalo e cachorro, rinhas de galo e cachorro, parques aquáticos etc. Algumas destas práticas são muito antigas e seguem sendo perpetuadas em diversos lugares do planeta, causando aos animais estresse, dor e até mesmo a morte.

Provavelmente, o caso mais emblemático da utilização de animais seja a produção de carne pelo que significa em termos econômicos e pelo número de animais abatidos. Segundo o Instituto Nina Rosa, anualmente, são abatidos mais de 70 bilhões de animais no mundo para a produção de alimentos, sem contabilizar os animais aquáticos e os abates domésticos. A produção de alimentos de origem animal estimula a economia mundial e, em especial, a brasileira. A agropecuária tem um papel significativo no PIB nacional³. Recentemente, o Brasil se tornou um dos maiores produtores e

³ Em 2013, o PIB gerado pelo agronegócio correspondeu a 22,54% do total do PIB brasileiro. A agricultura correspondeu a 15,68% e a pecuária a 6,87% do total do PIB nacional. Fonte: Cepea USP/CNA.

exportadores de alimentos no mundo, sendo hoje o líder na exportação de carne bovina e de rações para animais⁴.

A produção industrial de animais é causadora de um incalculável ônus socioambiental. No Brasil, a pecuária é responsável por grandes perdas de biodiversidade, aumento da poluição da água, solo e ar, compactação de solos, intensificação do êxodo rural e concentração de renda, e, em algumas propriedades, registra-se a utilização de mão de obra escrava infantil⁵. Diversos estudos científicos internacionais têm apontado para as relações entre a crise ambiental e a produção industrial de carne. Conforme divulgou a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), em 2006, no relatório *Livestock's Long Shadow*, a pecuária ocupa 70% das terras agriculturáveis do planeta, consome cerca de 40% da produção mundial de grãos e 8% da água potável disponível, e é considerada uma das principais responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa que intensificam as mudanças climáticas, sendo responsável pela emissão de 18% do total de gases-estufa.

Segundo o relatório *World Livestock 2013: Changing disease landscape*, também produzido pela FAO/ONU “a produção de alimentos de origem animal é o coração da agricultura mundial hoje” e “utiliza muito mais recursos da terra do que qualquer outra atividade humana”: um quarto da superfície terrestre do planeta serve de pastagem para ruminantes e um terço das terras cultiváveis é usado para produzir alimentos para animais⁶. Neste mesmo relatório, a FAO/ONU aponta que mais de 70% das doenças humanas se desenvolvem em animais e estão relacionadas com a busca humana por mais alimentos de origem animal⁷. O estudo alerta que, com o comércio da pecuária em ascensão, os agentes patogênicos de origem animal tornaram-se uma grande ameaça à saúde pública global. São vários os motivos que criam oportunidades para riscos de pandemia e problemas de saúde alimentar,

⁴ O Brasil é o maior exportador da carne bovina e o segundo maior produtor desde 2004; é líder em exportações e terceiro maior produtor de carne de frango, e ocupa quarto lugar na produção e exportação de carne suína (IBGE, 2013).

⁵ O Portal do Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo, criado em 2005 pela Organização Internacional do Trabalho, Instituto Ethos e a Ong Repórter Brasil, apresenta a lista de fazendas brasileiras que usam mão de obra escrava e as libertações que o governo já promoveu nestes lugares.

⁶ *World Livestock 2013: Changing disease landscape*, FAO/ONU, 2013, p. 2.

⁷ *World Livestock 2013: Changing disease landscape*, FAO/ONU, 2013, p. IX.

entre eles: a infra-estrutura de saneamento deficiente, o aumento das viagens e do comércio de animais, a escassez de recursos hídricos, a aplicação indiscriminada de agrotóxicos, antibióticos e hormônios, a degradação da terra, as alterações climáticas, e o aumento das pressões sobre a base de recursos naturais e faunísticos⁸. Apesar da ameaça à saúde humana e ao equilíbrio ecossistêmico do planeta, a indústria da produção de animais para a alimentação humana se torna mais volumosa e intensiva, produzindo um número maior de animais em espaços cada vez menores⁹.

Se por um lado aumenta a produção de animais destinados a ser transformados em carne e em experimentos de laboratório, por outro, é notável o fortalecimento do sentimentalismo em relação aos animais de estimação, da proliferação de campanhas pela defesa da biodiversidade e dos direitos animais, além do desenvolvimento de terapias infantis que utilizam animais. O debate sobre o bem-estar e os direitos animais têm estimulado diversos setores sociais a buscar a diminuição e, em alguns casos, a abolição do sofrimento e da privação de liberdade impostos aos animais. Essas discussões impulsionam o desenvolvimento de produtos e testes alternativos que não utilizam animais na indústria de alimentação, vestuário, cosméticos e pesquisa científica.

Diante do exposto, este estudo apoia-se na ideia basilar de que o jornalismo adquire sua legitimidade social ao assumir o compromisso de informar a sociedade para que esta possa ter acesso ao que está acontecendo na sua cidade, no país e no mundo. Considerando a relevância do papel da linguagem e do discurso na produção e compartilhamento de conhecimentos e valores culturais, esta pesquisa tem o objetivo de caracterizar e discutir como o jornalismo impresso brasileiro de referência representa socioculturalmente os animais na contemporaneidade. O jornal *Folha de S. Paulo* (FSP)¹⁰ foi escolhido para a realização da investigação empírica por causa de sua ampla

⁸ *World Livestock 2013: Changing disease landscape*, FAO/ ONU, 2013, p. 3.

⁹ O consumo de carne aumentou 300% nos últimos 50 anos, devido, principalmente, ao crescimento da renda e à ocidentalização das dietas em muitas economias emergentes. A produção industrial de carne compõe mais de 90% do sistema de produção mundial (SINGER, 2010).

¹⁰ De acordo com o site da *Folha de S. Paulo*, “O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia do país. Controla o jornal de maior circulação e influência (*Folha de S. Paulo*), a maior empresa brasileira de conteúdo e serviços de internet (UOL), o site noticioso de jornal com mais audiência (*Folha.com*) e a maior gráfica comercial do Brasil (*Plural*), além de outros negócios”.

circulação nacional¹¹, o que o torna um dos principais veículos de referência¹² na imprensa nacional.

Para a seleção do material informativo e opinativo foram examinadas todas as editoriais do jornal FSP, em versão impressa, no período de três meses, de 1º de abril a 30 de junho de 2014. O *corpus* de pesquisa é formado por 320 registros, somando-se notícias, artigos, reportagens, notas e fotolegendas.

Devido à múltipla participação dos animais na vida humana e, conseqüentemente, nas notícias, este mapeamento tem algumas lacunas. Por exemplo, não são contabilizadas as referências indiretas aos animais, assim, não participam da pesquisa as referências a animais no uso em adjetivos, expressões e apelidos, as referências de personagens literárias e mascotes da sorte animais, nem as citações quanto a produtos derivados da indústria da carne (leite, queijo, manteiga, couro e outras peles), para concentrar a análise nas representações que se referem aos animais no sentido literal, real.

Também se reconhece que o recorte temporal impede que sejam percebidas as transformações nas representações de animais no jornalismo ao longo do tempo. A pesquisa, apesar de suas limitações, busca ampliar o entendimento do cenário contemporâneo do jornalismo brasileiro em relação aos modos como os animais são representados, ressaltando o papel do jornalismo no circuito cultural como um espaço de produção e circulação de formas subjetivas que influencia na produção da cultura ao mesmo tempo em que é produto desta.

Os procedimentos metodológicos estão divididos em duas etapas. Na primeira, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foram identificados quais animais receberam visibilidade no período. O método de análise de conteúdo estrutura-se em (a) pré-análise (leitura e seleção das notícias que tratam sobre os animais), (b) exploração do material (identificação das categorias temáticas, ou seja, dos núcleos de sentido que se referem aos animais e a sua frequência), (c) interpretação (tratamento dos resultados quantitativos e qualitativos).

¹¹ Atualmente a FSP é o segundo jornal com maior tiragem de circulação nacional, com a média diária de 300.000 exemplares impressos, além do acesso pela Internet e assinatura da edição *online*. O jornal diário com a maior tiragem é o jornal popular *Super Notícias*, de Minas Gerais (Associação Nacional de Jornais, 2013).

¹² O jornal impresso das capitais é um referencial aos outros veículos de comunicação (rádio, televisão e Internet) e aos jornais produzidos no interior dos estados (FONSECA, 2008).

A partir das leituras do material publicado pelo jornal FSP foram identificadas doze temáticas: *Commodities*, alimentação, pesquisa científica, pragas e transmissores de doenças, animais de estimação, animais ameaçados, *fait divers*, história natural, esporte com animais, ecoturismo, etologia e zooterapia. Ainda nesta primeira etapa, foi analisado como e quais animais aparecem na primeira página e nas imagens. Após, verificou-se em qual situação eles são descritos nas matérias: sua condição (vivos ou mortos, livres ou em confinamento) e onde estão (habitat natural, ambiente doméstico, zoológico, indústria, laboratório etc).

Na segunda etapa, foi realizada uma análise cultural dos textos e imagens publicados pela FSP para caracterizar os espaços e valores que os animais assumem na sociedade brasileira hoje conforme as representações socioculturais veiculadas pelo jornal. Adota-se a proposta de John B. Thompson (1995) de realizar uma análise hermenêutica das matérias em uma perspectiva crítica da ideologia, partindo da compreensão de ideologia como “as maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer e sustentar* relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p. 79, grifos do autor). Para isso, foram identificados os modos de operação da ideologia - legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação (THOMPSON, 1995, p. 80) no material informativo e opinativo da FSP.

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução, considerações finais, referências e anexo. No primeiro capítulo, *Jornalismo e representações sociais na perspectiva dos estudos culturais*, aborda-se o processo de formação e partilha de representações a partir da psicologia social e dos estudos culturais, discutindo a relação entre comunicação e cultura enquanto espaços de significação social, de produção e compartilhamento de sentidos. Reflete-se, então, sobre a atividade jornalística de produção e circulação de representações socioculturais, sua participação na formação de imaginários e relacionamento com os outros campos sociais.

O segundo capítulo, *Relações entre civilização humana e mundo animal*, apresenta um panorama das relações entre humanos e animais desde a pré-história até a atualidade. Por meio de uma discussão que envolve questões históricas, culturais e filosóficas, busca-se entender como se deu o desenvolvimento do paradigma antropocêntrico-cartesiano que rege o pensamento hegemônico em relação aos animais. Na sequência, trata-se das principais descobertas científicas e críticas filosóficas que combateram este paradigma e estimularam novas

sensibilidades e considerações morais para com os animais. A partir deste breve resgate histórico-filosófico, pretende-se ampliar o entendimento das representações socioculturais dos animais que circulam na cultura e imprensa brasileira.

O terceiro capítulo, *Representações socioculturais dos animais no jornalismo da Folha de S. Paulo*, apresenta a análise de conteúdo temática e a análise cultural do material informativo e opinativo publicado pela *Folha de S. Paulo*. A análise cultural focaliza nos modos de operação da ideologia enquanto estratégia de construção simbólica (THOMPSON, 1995) para realizar a caracterização e discussão de como o jornalismo impresso brasileiro representa socioculturalmente os animais na contemporaneidade.

1 JORNALISMO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

1.1 Representação e linguagem

Para investigar o jornalismo como um espaço de produção e circulação de sentidos que contribui para o entendimento de mundo e participa da alimentação de imaginários sociais, este estudo parte do conceito de representação desenvolvido pela psicologia social, para depois abordá-lo na perspectiva dos estudos culturais britânicos. Busca-se, assim, compreender a representação como um fenômeno que auxilia na percepção e produção simbólica da realidade e, então, como um aspecto que participa da formação e transformação da cultura.

Aprendemos como a vida em sociedade se organiza por meio da comunicação. As representações sociais são produzidas para que as pessoas possam conduzir suas vidas física e intelectualmente as sendo uma forma de saber prático que liga um sujeito a sujeito ou objeto (JODELET, 1994, p. 43). Socialmente elaboradas e partilhadas, as representações sociais auxiliam em como proceder em relação a outros seres, objetos e acontecimentos tendo em vista o que o grupo social ou cultura considera como legítimo, estimulando consensos, constituindo e fortalecendo as tradições e os hábitos.

Moscovici (2012, p. 41) assinala que as representações sociais são uma forma de produção de conhecimento prático, constituem uma “realidade social *sui generis*”. Entre suas funções está construir sistemas de pensamento e compreensão e adotar visões consensuais de ação que permitem manter um vínculo social e a continuidade da comunicação (MOSCOVICI, 2012, p. 216).

As representações sociais são geradas a partir de dois processos cognitivos: a ancoragem e a objetivação. A *ancoragem* envolve a nomeação e classificação de objetos, através da qual o sujeito se relaciona com o objeto estabelecendo uma relação positiva ou negativa diante do que já se conhece no processo de apreensão da realidade. Na busca pela familiarização do desconhecido, “selecionamos uma característica aleatoriamente e a usamos como uma categoria (...) a característica se torna, como se realmente fosse, coextensiva a todos os membros dessa categoria. Quando é positiva, nós registramos nossa aceitação; quando é negativa, nossa rejeição” (MOSCOVICI, 2012, p. 65). São destacados determinados atributos que auxiliam na

classificação dos objetos dentro de um quadro estabelecido histórico e culturalmente, produzindo uma hierarquia em relação aos outros objetos. Neste sentido, a representação é um sistema de classificação e denotação, de alocação de categorias e nomes, de atribuição de valores. De tal modo, a *ancoragem* assegura a incorporação das representações no social relacionando o objeto a uma rede de significados que permite situá-los observando os valores sociais e lhes dar coerência (JODELET, 1994, p. 56). Como resultado, as representações sociais convencionam objetos, pessoas e acontecimentos; todas as pessoas sofrem a influência do pensamento social de sua época e da cultura que participam.

O outro processo gerador das representações sociais, denominado de *objetivação*, envolve a reprodução do conceito em uma imagem. Conforme Moscovici (2012, p. 71-72), para fazer a materialização de uma abstração é preciso descobrir a qualidade icônica do que se está referenciando a fim de tornar as representações mentais acessíveis aos olhos. As representações sociais são construções simbólicas que, com o tempo, terminam por possuir a autoridade de um fenômeno natural, tornando-se elementos da realidade. Enquanto organizações cognitivas e perceptivas que estimulam os modos de conceber e agir no mundo, as representações sociais “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e os acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um” (MOSCOVICI, 2012, p. 52). A maneira de compreender o mundo depende das representações, destas elaborações sociais e pessoais que resultam do conhecimento de sucessivas gerações e que são transformadas no decorrer das interações sociais. Embora elas sejam reforçadas pela tradição, as representações sociais são estruturas dinâmicas que operam junto às transformações nas relações e comportamentos.

As pessoas constituem uma realidade comum através da comunicação, ao compartilhar significados e conhecimentos. De certa forma, o pensamento pode ser considerado como um ambiente, uma atmosfera cultural e social tendo em vista que cada pessoa vive cercada de ideias e imagens que afetam suas percepções e sentidos, até mesmo, independentemente de sua vontade (MOSCOVICI, 2012, p. 33). Neste processo, a comunicação midiática desempenha um papel fundamental na manutenção e transformação de sentidos, no estímulo de atitudes de consumo através dos modos como representa o mundo. O jornalismo participa desse processo de produção e circulação de conhecimentos e sua prática discursiva influencia o pensamento social do contexto onde circula.

Nas representações sociais estão implícitos modelos de como proceder no mundo. De tal modo, elas são uma forma de saber, um fenômeno cognitivo que tem aspecto social e funcional (JODELET, 1994, p. 54). As representações sociais auxiliam na interpretação da realidade social como estruturas de compreensão partilhada pelos membros de uma cultura e, assim, participam da construção das sociedades.

Nesta perspectiva, as representações sociais se assemelham ao conhecimento do senso comum enquanto estrutura de compreensão de mundo partilhada por uma cultura. Segundo a sociologia do conhecimento, o senso comum constitui um dos fundamentos do conhecimento na vida cotidiana, pois é “o conhecimento que dirige a conduta na vida diária” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 35). A sociologia do conhecimento estuda o processo dialético em que a realidade e o conhecimento são construídos, investigando as relações entre o pensamento humano e o contexto social do qual ele surge.

Berger e Luckmann (2010, p. 173) assinalam que a linguagem é o mais importante instrumento de socialização. Cada pessoa participa de um mundo intersubjetivo devido ao compartilhamento da linguagem e dos sentidos que ela evoca. A linguagem é “a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento” porque constitui um repositório formado pela acumulação de significados e experiências que são transmitidos de uma geração a outra (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 93). Esse acervo de conhecimento é “aprendido como verdade objetiva no curso da socialização, interiorizando-se assim como realidade subjetiva. Essa realidade por sua vez tem o poder de configurar o indivíduo” (ibid, p. 92).

Ao permitir a objetivação das experiências, a linguagem torna mais real a subjetividade, além de possibilitar o agrupamento das experiências em categorias que fazem sentido pessoal e coletivamente, o que é denominado de tipificação. De acordo com os autores, o acervo coletivo do conhecimento fornece os esquemas tipificadores exigidos para as rotinas da vida cotidiana (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 62). O senso comum envolve a partilha de significados e a admissão de determinadas interpretações da vida cotidiana como certas. Os significados tendem a ser simplificados em um conjunto de fórmulas para ser mais facilmente apreendidos e guardados na memória. Assim, o senso comum possibilita a economia da ação e estimula a adoção de pontos de vista consensuais. A reificação é o grau extremo do processo de objetivação, através dela “o mundo objetivado perde a inteligibilidade que possui como empreendimento humano e fixa-se

como uma facticidade não humana, não humanizável, inerte” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 119). A humanidade esquece que é produto e produtora da realidade, sobretudo, por causa da reificação de representações, atividades e instituições que produzem e naturalizam, através do discurso, determinadas práticas e significados que se transformam em hábitos e tradições culturais.

Deste modo, as interações sociais são modeladas por tipificações recíprocas, pela apreensão do outro a partir do acervo de conhecimento que cada pessoa carrega consigo. A realidade da vida cotidiana é apreendida num “contínuo de tipificações, que vão se tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 51)¹³. A apreensão da realidade objetiva decorre da interiorização da linguagem, o que possibilita a construção e o compartilhamento de representações, arranjos e classificações comuns a uma cultura em um dado período histórico. Para que a socialização ocorra com sucesso e o indivíduo se torne um membro da sociedade apreendendo a estrutura social e seus símbolos, faz-se necessário que a linguagem seja interiorizada desde a primeira infância (ibid, 169). Com a interiorização da linguagem são apreendidos significados e valores que vão se refletir na conduta social e na formação da identidade de cada indivíduo.

Para os estudos culturais, a representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura usam a linguagem para produzir significado (HALL, 1997b, p. 61), sendo uma prática geradora da cultura. O conceito de cultura é aqui empregado em um sentido amplo, como toda a produção e troca de significados entre os membros de um grupo ou sociedade. De acordo com Stuart Hall (1997b, p. 2), pertencer à mesma cultura envolve interpretar o mundo de maneira semelhante, o que é possível devido à partilha de um conjunto de códigos culturais e de uma linguagem comum. O valor atribuído às coisas (seres, objetos e acontecimentos) tem grande relação com a forma como elas são representadas, ou seja, com as palavras, histórias, imagens, emoções, classificações, conceitos e valores que lhes são atribuídos. Assim, a representação desenvolve-se na relação sujeito-objeto e sua prática permite a “materialização de conceitos, ideias e emoções em formas simbólicas que podem ser transmitidas e interpretadas significativamente” (HALL, 1997b, p. 10).

¹³ O tratamento de bois, vacas e touros como “gado” é um exemplo de tipificação que promove um extremo anonimato, este tratamento semântico têm implicações práticas como veremos mais adiante.

Hall sublinha que o processo de representação envolve dois sistemas: os mapas conceituais e a linguagem. O primeiro sistema refere-se à organização e classificação de conceitos que permite dar significado ao mundo através de um conjunto de complexas correspondências que formam “mapas conceituais”. Embora cada pessoa interprete o mundo de uma forma única e particular, a comunicação é possível devido ao compartilhamento de mapas conceituais comuns a uma cultura. Para que duas pessoas tenham mapas conceituais totalmente diferentes, elas devem pertencer a culturas distintas ou ter valores e significados distintos em uma mesma sociedade. O segundo sistema de representação, a linguagem, possibilita a expressão de conceitos por meio da construção de um conjunto de correspondências entre os mapas conceituais e os signos. A representação para os estudos culturais é o resultado da conexão entre coisas, conceitos e signos (HALL, 1997b, p. 19). Desta forma, o significado na representação é produzido a partir da relação entre o mundo real, o mundo conceitual e os signos.

Na concepção de Hall, a marcação da diferença através do significado na apreensão do outro é fundamental para nossa constituição enquanto sujeito, porque “a cultura depende de dar significado às coisas e atribuir diferentes posições dentro de um sistema classificatório. A marcação da ‘diferença’ é assim a base daquela ordem simbólica a qual chamamos de cultura” (HALL, 1997b, p. 236).

A cultura sempre foi um dos principais temas de muitas discussões promovidas pelas ciências humanas e sociais. Nos últimos 50 anos, a cultura passou a ter um papel constitutivo em todos os aspectos da vida social devido ao desenvolvimento tecnológico que promoveu a expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural (HALL 1997a, p. 1). Devido à expansão de atividades, práticas e instituições relacionadas à produção cultural, a cultura assume cada vez mais participação na estruturação e organização da sociedade. Hall (1997a, p. 1-2) ressalta que, na contemporaneidade, a cultura adquiriu um papel central nas sociedades nos aspectos “substantivo” e “epistemológico”. O caráter substantivo se refere à organização das atividades, instituições e relações culturais na sociedade em um momento histórico. Enquanto que o caráter epistemológico considera como a cultura é utilizada para transformar a compreensão de mundo, estando relacionada às questões de conhecimento e formação de modelos teóricos.

O impacto da mídia na vida humana foi tão significativo que o século XX foi marcado por uma “revolução cultural”. Os significados produzidos por grupos que detêm a tecnologia circulam entre diferentes

culturas em uma escala e velocidades até então desconhecidos e influenciam na vida de bilhões de pessoas (1997a, p. 3). As transformações provocadas pelas novas tecnologias permitiram a síntese do tempo e do espaço de produção e circulação de bens culturais e a expansão dos mercados de capitais. Hall (1997a) destaca que a cultura é uma parte constitutiva do político e do econômico, e estes campos também integram à cultura. E, nesta perspectiva, a cultura relaciona o mundo doméstico e o global, pois ela:

penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais (HALL, 1997a, p. 6).

Na segunda metade do século XX, como consequência da proliferação de produções simbólicas, houve uma mudança de paradigma em relação à compreensão do papel da linguagem e da cultura na vida social. Com a chamada “virada cultural”, a linguagem passou a ser considerada como um espaço privilegiado de construção e circulação de significados e, portanto, um instrumento central para o processo de construção, conservação e transformação da realidade. Conforme aponta Hall, o significado é produzido através da representação: “o significado não está no objeto ou pessoa ou coisa, nem está na palavra. Somos nós que fixamos o significado tão firmemente que depois de tempo ele vai se parecer natural e inevitável. O significado é construído pelo sistema de representação” (HALL, 1997a, p. 21).

Os significados culturais estão em permanente processo de transformação. Em cada interação social, os significados são produzidos e transformados, no entanto, prevalecem alguns sentidos hegemônicos. Embora eles sejam resultado de convenções sociais, culturais e linguísticas, os significados não podem ser fixados definitivamente. Todas as práticas sociais podem ser analisadas sob o ponto de vista cultural e ser avaliadas pelo trabalho que fazem subjetivamente (JOHNSON, 2010, p. 30). Além de constituir o mundo de forma simbólica, os significados culturais têm efeitos práticos, na medida em

que organizam e regulam as atividades sociais, influenciam na conduta dos indivíduos.

A importância da representação como um fator de produção e afirmação de identidades é ressaltada por Kathryn Woodward (2010). Para ela, a representação atua como um processo cultural que constrói identidades individuais e coletivas e seus sistemas classificatórios que dão sentido ao mundo social. A capacidade de definir quem é incluído e quem é excluído envolve relações de poder na demarcação de identidades, o que ocorre por exclusão social e através dos sistemas simbólicos. Os sistemas sociais e simbólicos produzem as estruturas classificatórias que “dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e as distinções fundamentais – entre nós e eles, entre fora e o dentro, entre o sagrado e o profano, entre o masculino e o feminino – que estão no centro dos sistemas de classificação” (WOODWARD, 2000, p. 67- 68).

Os sistemas sociais utilizam de práticas discursivas para produzir ordenamentos e divisões, as quais são responsáveis por demarcar posições entre os sujeitos. Ao refletir sobre as relações de poder e a mídia, Roger Chartier reconhece que as lutas pela legitimação de representações possuem tanta importância quanto às lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, seus valores e seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17). A articulação entre as práticas sociais, políticas e discursivas produzem o mundo social: “as estruturas do mundo social não são um dado objetivo (...) são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras” (CHARTIER, 1990, p. 23). As representações participam da construção da realidade ao determinar posições, relações e visões de mundo, sendo constante a disputa de significados produzidos por grupos sociais com interesses diversos, o que, consequentemente, confere dinamismo à cultura. Desta forma, através das representações, os grupos buscam impor seus valores, porque o que está em jogo são a ordenação e hierarquização da própria estrutura social.

A centralidade da linguagem em relação às práticas sociais também é uma questão priorizada por Norman Fairclough na obra *Discurso e mudança social*. Fairclough (2008) argumenta no mesmo sentido que Chartier ao afirmar que a linguagem participa nas lutas e transformações nas relações de poder, em sua prática social, através da produção de discursos. O discurso é uma prática de representação de

mundo e de significação de mundo e constitui todas as dimensões da estrutura social, as relações, identidades e instituições subjacentes (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91). Segundo o autor, “as práticas discursivas em mudança contribuem para modificar o conhecimento (até mesmo as crenças e o senso comum), as relações sociais e as identidades sociais” (ibid, p. 27). O discurso pode ser compreendido como uma prática política, pois mantém e transforma as relações de poder e, também, como uma prática ideológica que constitui, naturaliza e transforma os significados do mundo e as posições nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2008, p. 94).

Em muitos casos, os discursos produzidos pelas instituições que detêm os grandes grupos de comunicação promovem uma representação negativa, favorecendo uma apreensão reducionista e estereotipada de determinados indivíduos e grupos. Como vimos acima, o senso comum produz a tipificação do pensamento, um mecanismo que facilita a institucionalização da sociedade. Enquanto que os tipos são essenciais para a produção de significado ao possibilitar com que o mundo faça sentido ao facilitar a comunicação, os estereótipos resultam da redução ou do exagero de algum atributo do outro. Hall constata que há uma tendência da produção de estereótipos em situações que promovem a exclusão do outro por meio de sua desqualificação ou de uma apreensão simplista. No seu entendimento, os estereótipos são práticas representacionais que atuam através de oposições binárias, reducionismo e naturalização (HALL, 1997b, p. 277). Eles constituem um tipo particular de poder: “uma forma hegemônica e discursiva de poder, a qual opera tanto pela cultura, a produção de conhecimento, imaginário e representação assim como com outros meios” (ibid, p. 263).

Por vezes, em decorrência da representação estereotipada, indivíduos e grupos são estigmatizados a nível psicológico ou político, passando a ser considerados fora do padrão estabelecido como normal em uma cultura específica. Os estereótipos visam apagar as marcas de arbitrariedade da produção de significados através da representação, o que leva à reificação e à produção de hierarquias simbólicas e sociais. Assim, estereotipar é uma prática de representação que ocorre, sobretudo, na representação da diferença em que se reduz a pessoa a poucas e essenciais características que são representadas como fixas na natureza (HALL, 1997b, p. 257).

A relação entre representação e poder se encontra, portanto, em sua influência na capacidade de organização e formulação de conceitos acerca da realidade na criação de identidades e práticas sociais. Há uma

permanente tensão entre diferentes modos de representar e, conseqüentemente, entre significados culturais concorrentes. Enquanto que alguns sentidos são reproduzidos e reafirmados, sendo reificados e até mesmo considerados como naturais ou necessários, novas formas de compreensão de mundo e ação no mundo ganham espaço na sociedade. Nesta perspectiva, a representação é um “sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2000, p. 91).

A produção e a difusão de representações constituem uma forma de poder simbólico que determinadas instituições, campos e atores sociais têm e lutam por conservá-lo e ampliá-lo. Alguns grupos sociais possuem legitimação social para significar o mundo e reproduzi-lo simbolicamente, influenciando nos modos como a sociedade compreende a si mesma e a outros grupos e seres vivos. Religiosos, políticos, cientistas, empresários, jornalistas e grupos midiáticos etc produzem discursos sobre o mundo e, conseqüentemente, interferem na sua constituição. Este poder simbólico é ampliado com a expansão da globalização e com a proliferação dos conglomerados de mídia, convertendo-se em poder político e econômico.

Tanto para os estudos culturais quanto para a psicologia social, a prática da representação insere o indivíduo no âmbito social através da produção e partilha de sentidos de mundo, o que influencia nas condutas individuais e atividades sociais. A experiência cultural é hoje “profundamente moldada pela difusão das formas simbólicas através dos vários meios da comunicação de massa” (THOMPSON, 1995, p. 342). Diante disso, olha-se para o processo de produção e circulação de representações socioculturais no jornalismo impresso na perspectiva teórica dos estudos culturais. Parte-se do entendimento de que os meios de comunicação de massa “sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão se *adaptando* continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e *englobando-se* e *integrando-as* no próprio sistema cultural” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 147). Considera-se que o jornalismo exerce e sofre pressões de diversos campos sociais, participando da constituição da cultura na medida em que é, ao mesmo tempo, produto desta.

1.2 O jornalismo e a reprodução das representações socioculturais

Como vimos, a prática da representação para a psicologia social e para os estudos culturais envolve a produção e a partilha de significados por meio da linguagem, esta considerada o mais importante instrumento de socialização. A comunicação é, portanto, o momento da práxis social, ela está “no âmago da produção histórica da sociedade e da autopromoção humana” (GENRO, 2012, p. 226). Ao ser uma instituição especializada na produção e propagação de sentidos, o jornalismo produzido pelas empresas midiáticas participa do processo de produção simbólica do contexto em que se desenvolve influenciando no entendimento que a sociedade tem sobre o mundo, através das representações socioculturais construídas nas notícias.

Para compreender o jornalismo no processo de produção e reprodução de representações socioculturais de animais na contemporaneidade, deve-se considerar a complexa articulação que envolve os momentos de produção, circulação e consumo das formas culturais. Richard Johnson (2010) destaca que cada momento do circuito cultural é distinto e indispensável para o todo. As condições de produção incluem, além dos meios materiais de produção e organização capitalista do trabalho, um estoque de elementos culturais já existentes, envolvendo as representações públicas e as formas privadas de cultura (JOHNSON, 2010, p. 33). Em relação às instituições de produção de sentido, os elementos culturais são estruturados pelos “imperativos da produção capitalista (isto é, mercantilizados), e também pelos efeitos indiretos das relações sociais capitalistas e de outras relações sociais sobre as regras da linguagem e d’o discurso existentes” (JOHNSON, 2010, p. 56).

A produção de notícias é uma atividade complexa de interpretação e significação dos acontecimentos em que jornalistas fazem circular significados culturais do seu contexto de produção. Desta forma, a análise da produção cultural das formas subjetivas permite compreender mais sobre as condições objetivas e o funcionamento dos espaços sociais em um determinado momento histórico (JOHNSON, 2010).

Meditsch aponta que o jornalismo participa da produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, em diálogo permanente com os demais atores sociais, constituindo um tipo de conhecimento social através do qual se aprende como a sociedade se

organiza e quais são seus valores (MEDITSCH, 2010, p. 40-41). Para Meditsch (1997), o conhecimento produzido pelo jornalismo é condicionado histórico e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam da produção. Nesse processo, é impossível que haja neutralidade, pois:

Todo o conhecimento social, e o Jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto-de-vista sobre a história, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como a Humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um Jornalismo puramente objetivo, ou seja, um Jornalismo que seja absolutamente neutro (MEDITSCH, 1992, p. 31).

Um dos principais problemas do jornalismo como modo de conhecimento é a falta de transparência de seus condicionantes. A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, não se tem acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não (MEDITSCH, 1997, p. 19).

Segundo o linguista francês Patrick Charaudeau, de um ponto de vista empírico, as mídias de informação (imprensa, rádio e televisão) funcionam segundo uma dupla lógica econômica e simbólica:

uma lógica *econômica* que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica *simbólica* que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública (CHARAUDEAU, 2013, p. 21).

O autor destaca que a lógica simbólica é que prepondera sobre as outras porque trata da maneira como os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem representações, criando e manipulando signos, produzindo sentidos. De acordo com Charaudeau (2013), a mecânica da construção de sentido na informação midiática envolve um duplo

processo de transformação e transação. A transformação se refere à atribuição de significado psicossocial através da identificação, explicação e qualificação dos acontecimentos, tendo em vista produzir efeitos a quem se dirige a mensagem. Este mundo significado é representado como se fosse a realidade, enquanto que o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto, sua significação “depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (CHARAUDEAU, 2013, p. 95). O autor aponta que o processo de transação, ou seja, da produção de efeitos, comanda o processo de transformação do acontecimento em notícia, argumentando que a informação “é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (ibid, p. 19).

Assim, o discurso jornalístico constrói sentidos de mundo através de um jogo entre o dito e não dito. Neste processo, as representações organizam a realidade simbolicamente até que passam a ter a autoridade de um fenômeno real:

As representações ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real (CHARAUDEAU, 2013, p. 47).

O linguista francês ressalta que a instância midiática efetua escolhas do que receberá visibilidade e será transformado em informação, produzindo, assim, um recorte midiático do espaço social. As estratégias de seleção dos fatos são realizadas “em função de dados mais ou menos objetivos na relação com o *tempo*, o *espaço* e a *hierarquia* que convertem os acontecimentos em notícia” (CHARAUDEAU, 2013, p. 133).

Segundo o autor, a mídia tem uma obsessão pelo *tempo*, na medida em que busca aproximar ao máximo o instante do surgimento do acontecimento e o instante do consumo da notícia para que esta seja o mais atual possível. Esta relação com o tempo explicaria duas das características essenciais do discurso de informação midiático: sua *efemeridade* e sua *a-historicidade*. O discurso das mídias se fundamenta

no presente de atualidade, sendo “a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muita coisa a respeito” (ibid, p. 134).

A mídia reporta sobre acontecimentos do mundo que ocorreram em locais próximos ou distantes da instância de recepção, e para isso conta com as indústrias dos serviços de informação (agências) e os correspondentes, solicitando informações a diversas instituições, grupos sociais, fontes (oficiais, oficiosas e independentes¹⁴) e testemunhas dos fatos (CHARAUDEAU, 2013, p. 135). A questão do *espaço* na seleção dos acontecimentos que são transformados em informação envolve dois imaginários antagônicos: a aldeia e o planeta. O imaginário de aldeia refere-se àquilo que é familiar, ao campo de ação humana, o que lhe é próximo; enquanto que o imaginário do planeta simboliza o desejo pela expansão, o distante, o exótico. Esses dois imaginários se tornam estratégias de seleção dos fatos, as notícias locais interessam pela proximidade e as internacionais, quando seus impactos são abrangentes (ibid, p. 136-137).

Charaudeau assinala que a seleção dos acontecimentos operada pela mídia envolve critérios externos e internos, produzindo uma hierarquia dos acontecimentos. Os critérios externos se relacionam ao modo de aparição do acontecimento: inesperados (catástrofes e acidentes, aqui se incluem os *fait divers*), programados (eventos culturais e esportivos) e suscitados (por setores sociais e instituições, especialmente, pelo setor político) (CHARAUDEAU, 2013, p. 138). Como sugere o autor, o campo político pressiona as instituições midiáticas com fins estratégicos, para favorecer os projetos que pretende aprovar ou desviar a atenção pública das questões mais polêmicas, levando a “um problema de manipulação na origem do acontecimento, o que põe as mídias numa posição desconfortável” (ibid, p. 138). O discurso de informação pode ser considerado como uma das bases da democracia, fundamentando-se no ideal de liberdade de imprensa, o qual é, muitas vezes, sujeitado pela pressão que os campos sociais fazem na mídia a fim de dar visibilidade aos seus discursos.

¹⁴ As fontes oficiais estão relacionadas e têm legitimidade para falar em nome do governo, instituições, empresas etc, enquanto que as fontes oficiosas têm relações com as instâncias de poder, mas não estão habilitadas para fazer declarações em nome delas. Já as fontes independentes são especialistas contatados para falar sobre determinado assunto ou comentar sobre algum acontecimento.

Os critérios internos de seleção dos fatos são relativos às escolhas da instância midiática em função da imprevisibilidade do acontecimento, o que Charaudeau denomina como “o princípio de saliência”, e da informação se inscrever em um sistema de conhecimento já organizado, o que é designado como “princípio da pregnância”. Estes princípios interagem produzindo um fenômeno de amálgama no momento de seleção-construção-tratamento dos fatos, na medida em que se busca estabelecer relações de causa e analogia entre os acontecimentos (CHARAUDEAU, 2013, p. 140).

Neste sentido, alguns autores sublinham que participar da cultura jornalística significa partilhar de uma forma comum de ver o mundo (BOURDIEU, 1997; TRAQUINA, 2005). Em relação ao processo de produção de informações e a forma como os jornalistas apreendem a sociedade, Pierre Bourdieu defende a tese de que os jornalistas enxergam-no com “lentes especiais”, partilhando de óculos com os quais “operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Para o sociólogo, o princípio da seleção é a busca pelo que é mais dramático e sensacional no acontecimento, a transformação do ordinário em extraordinário.

O entendimento de que os jornalistas têm uma visão particular do mundo também é partilhado por Nelson Traquina. O autor dedica-se ao estudo da instância de produção jornalística e constata que a tribo jornalística forma uma comunidade interpretativa transnacional tendo em vista que os veículos noticiam assuntos semelhantes e muitas vezes, com o mesmo enquadramento (TRAQUINA, 2005, p. 190). Segundo ele, a visão da tribo jornalística privilegiaria uma visão bipolar do mundo, estruturando-o em polos opostos (bem e mal, pró e contra, heróis e vilões), produzindo uma tipificação na apreensão do acontecimento na busca por objetividade e simplificação (TRAQUINA, 2005).

Como o processo de produção de notícias é condicionado pelo fator tempo, os jornalistas tendem a priorizam a ação em vez da reflexão na produção da informação. Esta noção de que o jornalismo produz uma representação simplista e maniqueísta da realidade também é assinalada por Meadows:

Ela [a mídia] é orientada para eventos e superficial; não reporta a estrutura subjacente, contextos históricos ou implicações a longo prazo; simplifica as questões e tem pouca tolerância com a incerteza, ambiguidade ou complexidade. Além

disso, adora conflito e controvérsias e divide o mundo entre perdedores e vencedores e situações certas e erradas (MEADOWS, 1991, p. 75 apud BRÜGGER, 2013, p. 124-125).

O jornalismo, ao privilegiar o acontecimento em detrimento da problemática, produz uma “uma visão temporalmente limitada”, na medida em que não estabelece uma contextualização em relação aos temas abordados (TUCHMAN, 1978, p. 134 apud TRAQUINA, 2005, p. 48). A notícia é uma partícula da realidade que enfoca no presente, na atualidade e, deste modo, o próprio formato jornalístico dificultaria no estabelecimento de relações entre os acontecimentos, estimulando percepções fragmentadas.

A produção da informação midiática envolve complexos processos de escolhas que reproduzem estruturas institucionais, “corporizam ideias cruciais sobre o que é a sociedade e como se regula” (PONTE, 2005, p. 153). A rede noticiosa se estende em determinados espaços e, conseqüentemente, favorece que algumas instituições e atores sociais tenham seus discursos propagados, sendo frequente a recorrência às mesmas fontes, aos mesmos agentes e instituições que se aproximam da concepção político-ideológica do jornal. A rede informativa vai fixar-se, assim, num enquadramento de imposição de uma ordem, definindo os limites de um consenso e de uma coerência no mundo social (TUCHMAN, 1978 apud PONTE, 2005, p. 132).

O jornalismo busca legitimar e naturalizar o seu discurso como um relato objetivo dos acontecimentos, em vez de assumi-lo como o resultado de construções simbólicas, aspecto ressaltado por Charaudeau:

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído [...]. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse

encontro emergirá o espaço público¹⁵
(CHARAUDEAU, 2013, p. 151).

No sistema do capitalismo industrial, a informação se torna cada vez mais crucial porque organiza os sistemas urbanos e a dinâmica espacial (BRÜGGER, 2002, p. 150). O jornalismo produzido pelos conglomerados de mídia constitui-se em um espaço de produção e circulação de bens culturais e expansão dos mercados de capitais.

Douglas Kellner enfatiza que estamos diante de um fluxo sem precedentes de imagens em que a cultura da mídia torna-se uma força dominante de socialização neste início de século XXI. Segundo o autor, a cultura da mídia é constituída por diferentes forças sociais concorrentes, no entanto, ela promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios de comunicação. Desta forma, seus produtos simbólicos “participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso” (KELLNER, 2001, p. 27).

Estudar a mídia e o processo de produção de notícias pelo jornalismo na perspectiva dos estudos culturais envolve refletir sobre as suas conexões com a cultura, política e economia. O jornalismo produzido pelas grandes empresas está cada vez mais articulado com os campos político, econômico, científico e cultural desde que o fluxo de comunicação e informação em escala global se tornou uma característica regular da vida social. No processo de formação e expansão dos conglomerados de mídia, algumas destas empresas jornalísticas aliam-se financeiramente com empresas de diversos setores (alimentício, farmacêutico, indústria química etc); estas alianças econômicas, conseqüentemente, interferem na livre expressão dos veículos:

A imprensa, e, de modo geral, as instituições da mídia, transformaram-se, cada vez mais, em organizações econômicas de grande escala, dirigidas para a produção e difusão da circulação em massa de bens simbólicos, e forma, cada vez mais, integrando-se em conglomerados de comunicação transnacionais diversificados [...]. Nessas circunstâncias, a teoria liberal tradicional

¹⁵ O espaço público é aqui entendido como o resultado da conjunção das práticas sociais e das representações, uma dialética que constrói um espaço público plural e em movimento (CHARAUDEAU, 2013, p. 120).

da livre imprensa, vista como um veículo da expressão livre dos diferentes pensamentos e opiniões assume um valor limitado (THOMPSON, 1995, p. 327).

Na medida em que pressiona e sofre pressão dos campos sociais e das empresas que são suas patrocinadoras, o campo jornalístico produz sentido social através da articulação de diversos discursos que defendem os pontos de vista e interesses de grupos e agentes sociais. Bourdieu (1997, p. 65) enfatiza que o campo jornalístico detém um monopólio sobre os instrumentos de produção e difusão da informação e sobre o acesso de cidadãos e outros produtores culturais à grande difusão. O campo jornalístico é descrito como um campo de forças, um microcosmo que tem leis próprias e envolve relações desiguais e disputas de poder entre agentes sociais e outros campos sociais. Por noticiar o que acontece em todos os setores da sociedade, estabelece-se uma relação de dependência entre o campo jornalístico e os demais campos sociais. Como espaço de discussão pública, o campo jornalístico pressiona os outros campos enquanto estrutura, estando fortemente sujeito às pressões comerciais (BOURDIEU, 1997, p. 77).

A credibilidade da informação se relaciona à natureza da fonte, aos atores sociais que são considerados legítimos de ter seu discurso reproduzido pela mídia. Como critérios de escolha da fonte estão: a notoriedade, busca por atores sociais que estejam em foco; a representatividade, adquirida pelo pertencimento a algum grupo que justifica seu acesso à mídia; a expressão, a pessoa deve saber se expressar com clareza e de forma segura; e o critério de polêmica, que implica a escolha de atores que tenham posições antagônicas e que saibam polemizar (CHARAUDEAU, 2013, p. 144-145).

As fontes oficiais legítimas desempenham um papel crucial por ser uma espécie de “definidores primários” da notícia (HALL, 1978 apud TRAQUINA, 2005, p. 121). De tal modo, determinadas instituições, grupos e indivíduos têm acesso privilegiado à mídia e, portanto, à propagação de seus valores e percepções de mundo, favorecendo a produção de um consenso, a reificação de determinados significados. Por outro lado, a dinâmica cultural permite que sejam promovidos significados, hábitos e atitudes que transformam o *status quo* através da produção de representações alternativas e, até mesmo, contra-hegemônicas.

Para Cristina Ponte (2005), além de ter grande responsabilidade social, o jornalismo pode ser compreendido como uma forma de conhecimento político:

Ao considerarmos que a linguagem dos media noticiosos como parte integrante dessa institucionalização da sociedade como realidade objetiva, estamos então a afirmar a responsabilidade pública e social do jornalismo muito para além da oferta diária de notícias aos seus leitores. Esse menu noticioso é carregado de sentido ideológico, de que essas são as matérias que “importa saber” e que as formas como se apresentam são as “naturais e certas” (PONTE, 2005, p. 100).

A autora destaca o importante papel ideológico que o jornalismo possui ao corporizar ideias cruciais sobre o que é a sociedade e como ela se regula (PONTE, 2005, p. 153). O jornalismo participaria, assim, da institucionalização da sociedade como realidade objetiva. Em relação aos enquadramentos produzidos nas notícias e o estímulo ao consenso, o jornalismo utiliza categorias de pensamento comum, recorrendo à tipificação como uma forma de reduzir a polissemia tendo em vista facilitar a compreensão da informação.

A mídia faz circular um conhecimento social organizado em sentidos preferenciais que buscam, muitas vezes, a produção do consenso. Na apreensão e significação de mundo, o jornalismo prioriza determinados discursos, os quais passam a adquirir efeito de verdade:

O discurso informativo não tem uma relação estreita somente com o imaginário do saber, mas igualmente com o imaginário do poder, quanto mais não seja, pela autoridade que o saber lhe confere. Informar é possuir um saber que o outro ignora (“saber”), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder de dizer”) (CHARAUDEAU, 2010, p. 63).

Na tarefa de produzir sentido sobre o outro, a alteridade é um desafio para a mídia. Roger Silverstone enfatiza que a mídia tem o poder de influenciar na estruturação da vida cotidiana, o que significa ter a

“habilidade de apresentar, revelar, explicar; assim como habilidade de conceder acesso e participação” (SILVERSTONE, 2005, p. 263). Para além da questão de habilidade, o campo jornalístico tem legitimação social que lhe confere o privilégio de produzir a representação da realidade da cultura em que se insere, estabelecendo uma agenda em que determinados assuntos recebem visibilidade e determinadas vozes são ouvidas, práticas e hábitos culturais são conhecidos, estimulados ou criticados.

Uma das relações mais essenciais de alteridade provavelmente seja entre os humanos e os animais. Os animais são “o outro” para os humanos. Como sublinha o filósofo argelino Jacques Derrida, no olhar de um animal se pode ver “o limite abissal do humano (...) a passagem das fronteiras a partir da qual o homem ousa se anunciar a si mesmo, chamando-se assim pelo nome que ele acredita se dar” (DERRIDA, 2002, p. 31). Através da palavra, da comunicação, da produção de discursos, a humanidade se constituiu na produção e troca de sentidos/significados sobre os outros seres com quem divide o planeta.

Por meio da análise das representações dos animais na perspectiva dos estudos culturais busca-se complexificar a percepção quanto à construção de significados nas notícias e sua relação com os campos sociais, considerando que a mídia é uma das principais produtoras de textos e imagens nas sociedades. Em relação à produção de significados, a mídia não pode ser vista fora do campo das relações de poder, o que “implica compreender que os *media* operam dentro do campo da construção social do sentido, isto é, os significados não estão inscritos nas suas próprias origens, mas nas relações e nas estruturas sociais” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 67).

O mesmo ponto é destacado por Kellner quando escreve sobre a importância de entender o papel da cultura numa vasta gama de lutas sociais, tendências e desenvolvimentos em curso. Ele considera a mídia como “uma arena de lutas que os grupos sociais rivais tentam usar com o fim de promover seus próprios programas e ideologias, e ela mesma reproduz discursos políticos, conflitantes, muitas vezes de maneira contraditória” (KELLNER, 2001, p. 31-32).

Por estar inserido em um contexto sociocultural, o jornalismo possui um determinado ponto de vista sobre os fatos sociais. Genro Filho (2012, p. 51- 52) assinala que as notícias não podem ser compreendidas a-historicamente, do contrário, o jornalismo apenas reproduziria e reforçaria as relações sociais vigentes. Segundo o autor, embora expresse a visão burguesa de mundo, o jornalismo ultrapassa a

funcionalidade no sistema capitalista devido a sua potencialidade histórica enquanto forma de conhecimento social (ibid, p. 42).

O desenvolvimento do capitalismo e das tecnologias da informação e comunicação possibilitaram grandes potencialidades democráticas e socializantes, principalmente por causa dos meios de comunicação de massa, o que teve como consequência a ampliação e o aprofundamento das contradições ideológicas e políticas do modo de produção capitalista (GENRO FILHO, 2012, p. 102-103). O jornalismo tem um potencial humanizador jamais atingido na perspectiva de Genro Filho:

Os meios de comunicação de massa são, hoje, em qualquer sociedade, os verdadeiros “monitores de sentido” do processo como um todo, os aparatos que presidem o conjunto da produção cultural e informativa, fornecendo motivos, estilos, temas, gêneros, pautas e novos rumos (GENRO FILHO, 2012, p. 130).

A mídia se institucionalizou como um referencial do mundo exterior, atuando na sociedade como um “sistema de representações que interage com o conhecimento pessoal direto, adquirido pelo indivíduo por meio de sua formação cultural, convivência social e experiência própria” (RAMOS, 1995, p. 26). A partir dessa interação, as pessoas consolidam e transformam suas opiniões e valores sobre o mundo, a sociedade, os animais e o meio ambiente. O estudo da mensagem veiculada pela mídia permite a identificação e caracterização de representações sociais dos setores e grupos que têm acesso e se fazem expressar nos meios de comunicação, influenciando na produção de significados culturais de quem consome as informações midiáticas.

Em uma análise cultural, o texto é compreendido como um meio que efetiva e torna disponíveis formas subjetivas e culturais do seu contexto de produção. Johnson (2010, p. 75) considera como o objeto último dos estudos culturais “a vida subjetiva das formas sociais em cada momento de sua circulação, incluindo suas corporificações textuais”. Os textos carregam em si os significados que lhe foram atribuídos a partir de outras práticas sociais; eles não se limitam a representar um objeto, mas “nos posiciona relativamente a ele” (JOHNSON, 2010, p. 86). Por outro lado, o sentido da mensagem não pode ser determinado, fixado pela instância de produção, pois, na vida cotidiana, os textos são sobrepostos, múltiplos, intertextuais, e por isso,

polissêmicos. Conforme sugere o autor, a leitura do texto deve ser aberta, permitindo identificar representações hegemônicas e, também, leituras alternativas e quadros de referências subordinados, mesmo que contradigam as formas dominantes.

Em relação à recepção das mensagens, Thompson ressalta a complexidade que envolve o processo de atribuição de significados às mensagens:

O processo de recepção não tem sentido único, mas é antes um encontro criativo entre uma complexa e estruturada forma simbólica, de um lado, e indivíduos que pertencem a grupos particulares e que trazem seus próprios recursos e pressuposições para os apoiar na atividade de interpretação, por outro lado. [...]. [A] recepção e assimilação dos produtos da mídia são processos sociais complexos em que indivíduos – interagindo com outros e também com os personagens retratados nos programas [e notícias] – dão sentido às mensagens de uma forma ativa, as adotam com atitudes diversas e as usam diferentemente no curso de suas vidas (THOMPSON, 2008, p. 153).

O autor sublinha que o processo de recepção está ligado ao contexto sócio-histórico, atividade de percepção e trabalho de interpretação sobre o material simbólico recebido pelo público que consome a informação. Ao interpretar as formas simbólicas, “os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros” (THOMPSON, 2008, p. 45).

Também nesta perspectiva, Richard Johnson aponta que a leitura das formas simbólicas se torna um ato de produção porque “nenhuma forma subjetiva atua, jamais, por conta própria” (JOHNSON, 2010, p. 88). A recepção e interpretação de mensagens midiáticas envolve um contínuo processo de reelaboração de significados culturais que participam da estruturação das representações sociais a nível pessoal. Os indivíduos absorvem ativamente e criativamente as representações, buscando enquadrá-las em seus próprios “mapas conceituais” e, assim, pode lhes atribuir sentido e valor. Os significados, portanto, não são estáticos nem transparentes, eles são transformados pela recepção e resultam de um fenômeno complexo de constante ressignificação.

Além de influenciar a subjetividade do público na constituição de imaginários e valores sociais, a mídia integra a lógica econômica, tecnológica e simbólica enquanto instituição de produção e circulação de informação. De tal modo, o jornalismo participa do processo de produção da sociedade no âmbito simbólico por meio da socialização do conhecimento ao permitir com que as pessoas saibam sobre assuntos que interferem nas suas rotinas, relacionam-se com a organização geopolítica e econômica do país, além de questões que transcendem o pragmatismo da vida cotidiana, como ocorre no gênero jornalístico *fait divers*, dedicado aos acontecimentos que não se encaixam nas demais editoriais tradicionais (economia, política, ciência, cultura, esporte etc) por serem situações inusitadas. Para Thompson, a mídia interfere no processo de compressão do passado e do presente das sociedades:

Se a mídia alterou nossa compreensão de passado, criou também aquilo que poderíamos chamar de ‘mundanidade mediada’: nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas (THOMPSON, 2008, p. 38).

O jornalismo leva ao conhecimento do público diversos acontecimentos, oferecendo referências sobre como interpretá-los pelos modos como constrói a narrativa da notícia/ artigo, destacado e omitido nas informações que constroem as representações socioculturais de grupos e indivíduos nas páginas dos jornais, revistas, rádio, televisão e internet. Ao apreender o mundo e seus conflitos sociais, políticos, econômicos e ambientais, o jornalismo acompanha os desdobramentos da sociedade e possibilita às pessoas que reflitam sobre como se organiza a sociedade e a legitimidade e as consequências de suas práticas econômicas e socioculturais. Produzido na cultura de mídia, o jornalismo corroboraria com a disseminação e mobilização de consentimentos ideológicos quanto a políticas hegemônicas através dos modos como representa o mundo, como enfatiza Kellner:

A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da

sociedade a ver em certas ideologias “o modo como as coisas são” (KELLNER, 2001, p. 81).

Diante disso, uma análise cultural do jornalismo deve compreender a cultura em intersecção com a sociedade e a política, analisando de que forma os textos têm cunho ideológico e veiculam-se a retóricas, lutas, programas e ações políticas (KELLNER, 2001, p. 123). No estudo da ideologia e cultura moderna, Thompson (1995, p. 78) destaca que as formas simbólicas estão implicadas, contínua e criativamente, na constituição das relações sociais. As formas simbólicas, numa perspectiva crítica, são produzidas para sustentar relações de dominação ou subvertê-las, operando em circunstâncias sócio-históricas particulares (THOMPSON, 1995, p. 89).

Considerando a ideologia como “as maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer e sustentar* relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p. 79, grifos do autor), é possível conjecturar sobre os modos como a ideologia opera nas formas simbólicas (informação) produzidas pela imprensa brasileira quanto à representação dos animais, através da análise dos cinco modos de operação da ideologia: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação (ibid, p. 80). Estes modos muitas vezes se sobrepõem e reforçam mutuamente, e não são as únicas maneiras como a ideologia opera. Abaixo segue uma tabela elaborada pelo sociólogo sobre algumas estratégias típicas de construção simbólica e os modos gerais de operação da ideologia:

TABELA 1: Reprodução da tabela dos modos de operação da ideologia

Tabela 1.2
Modos de operação da ideologia

<i>Modos Gerais</i>	<i>Algumas Estratégias Típicas de Construção Simbólica</i>
Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Unificação	Estandardização Simbolização da unidade
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Eternalização Nominalização/passivização

(FONTE: THOMPSON, 1995, p. 81)

De acordo com Thompson (1995), as relações de dominação são estabelecidas e sustentadas porque são representadas como legítimas. O discurso de *legitimação* é baseado em fundamentos racionais (apelam à legalidade das regras dadas), fundamentos tradicionais (apelam às tradições imemoráveis) e fundamentos carismáticos (apelam à autoridade ou caráter excepcional de um indivíduo) (WEBER apud THOMPSON, 1995, p. 32). O autor aponta que são estratégias típicas de construção simbólica do discurso de legitimação: a *racionalização* (produção de uma cadeia de raciocínio que procura defender ou justificar relações ou instituições sociais a fim de persuadir o que é digno de apoio); a *universalização* (os acordos que servem aos interesses de alguns indivíduos são apresentados como se servissem aos

interesses de todos); e a *narrativização* (histórias retomam o passado tratando o presente como uma tradição eterna e aceitável) (THOMPSON, 1995, p. 82-83).

Outro modo de operação da ideologia é a *dissimulação*. As relações de dominação sustentam-se e mantêm por serem ocultadas, negadas, obscurecidas, ou representadas de um modo que desvie a atenção ou passe por cima de processos existentes (ibid, p. 83). São estratégias de construção simbólica da dissimulação: o *deslocamento* (um termo usado para definir um objeto, ser ou pessoa e utilizado para definir outro carregando consigo as conotações negativas ou positivas); a *eufemização* (ações, relações e instituições são descritas de modo a produzir uma valoração positiva); e pelo *tropo* (uso figurativo da linguagem, entre as formas mais comuns estão a sinédoque, metonímia e metáfora¹⁶).

A *unificação* é terceiro *modus operandi* da ideologia citado pelo autor. As relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma unidade que interliga os indivíduos em uma identidade coletiva (ibid, p. 86). As estratégias que expressam este modo são: a *padronização* (as formas simbólicas são adaptadas a um referencial padrão) e a *simbolização da unidade* (construção de símbolos de unidade, identidade e identificação coletiva os quais são difundidos através de um grupo).

Um quarto modo através do qual a ideologia opera é a *fragmentação*. Por meio da segmentação das pessoas em uma coletividade ou da projeção de um alvo como sendo perigoso e ameaçador é um dos modos de manter relações de dominação. As estratégias de construção simbólica envolvem: a *diferenciação* (apoio às características que desunem o grupo) e o *expurgo do outro* (construção de um inimigo e convocação para que as pessoas se unam contra ele) (ibid, p. 87).

¹⁶ Como diferencia o autor, a sinédoque consiste em usar um termo que se refere à parte para se referir ao todo e vice-versa, técnica que “pode dissimular relações sociais, através da confusão ou da inversão das relações entre coletividades e suas partes, entre grupos particulares e formações sociais e políticas mais amplas” (THOMPSON, 1995, p. 84). A metonímia envolve a alteração no sentido natural das palavras pela utilização de um termo no lugar de outro devido a sua proximidade semântica, embora não existam relações necessárias entre os termos, mobiliza o sentido através de referências sutis. As metáforas, por outro lado, é o emprego de um termo em um sentido diferente do usual, da combinação de campos semânticos diferentes, produzindo um sentido novo (ibid, p. 85).

Finalmente, a *reificação* é o modo de operação da ideologia que permite uma situação transitória, histórica seja retratada como atemporal e natural. Neste sentido, elimina-se ou ofusca-se o caráter sócio-histórico dos fenômenos, o que permite que as relações de dominação sejam estabelecidas e sustentadas. São estratégias de construção simbólica da reificação: a *naturalização* (tratamento como um acontecimento natural de uma criação histórica e social); a *eternalização* (os eventos são apresentados como imutáveis); e pelos recursos gramaticais da *nominização* e *passivização* (que tendem a apagar os atores e a ação, representando os processos como coisas ou acontecimentos que ocorrem independentemente dos sujeitos) (THOMPSON, 1995, p. 87-88).

A partir da identificação destes modos de operação da ideologia na análise empírica das notícias, objetiva-se refletir sobre a interação de sentido e poder na vida social, especialmente, no que tange às relações entre humanos e animais, as quais são tratadas no próximo capítulo. O interesse em analisar a representação dos animais leva em conta que o jornalismo enquanto conhecimento social e poder simbólico exerce, muitas vezes, mais influência nas pessoas do que a educação formal, conforme destaca Brügger em relação aos meios de comunicação de massa:

A comunicação cria interpretações de lugares, objetos e seres vivos e contribui para promover certas maneiras particulares de viver como sendo naturais. À medida que produz e reproduz continuamente tais interpretações, a comunicação acaba por se tornar, de fato, um vetor de manutenção do *status quo* muito mais importante do que a educação formal, escolar (BRÜGGER, 2013, p. 158).

As informações levadas a público pelo jornalismo alimentam as conversas e os imaginários sociais, o que influencia, de forma múltipla e imprevisível, na forma como a sociedade interpreta e produz seus significados. Os textos culturais e midiáticos ocupam os domínios do privado e do doméstico e influenciam na formação da subjetividade e identidade da audiência (ESCOSTEGUY, 2010).

Desenvolve-se a seguir um panorama sobre a relação entre humanos e animais, abordando questões históricas e sociais, e alguns dos principais discursos e concepções religiosas, filosóficas e

científicas, a fim de identificar as mudanças nas representações socioculturais dos animais no processo civilizatório. Através deste resgate, vamos compreender a complexa situação dos animais na atualidade, o que vai auxiliar na interpretação das representações socioculturais dos animais construídas pelo jornalismo impresso brasileiro pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

2 RELAÇÕES ENTRE CIVILIZAÇÃO HUMANA E MUNDO ANIMAL

2.1 O mundo antropocêntrico: o domínio humano sobre a natureza

Os discursos produzidos sobre os animais por religiosos, filósofos, cientistas, políticos, empresários e pela mídia constroem representações socioculturais que circulam entre diversos grupos sociais, idades e etnias, contribuindo para sedimentar ou transformar a concepção que cada cultura, grupo, indivíduo tem a respeito dos animais. Neste capítulo, a partir de um breve percurso histórico sobre como se deu a aproximação entre humanos e os animais, busca-se identificar como se articularam alguns dos principais discursos que norteiam o pensamento contemporâneo ocidental acerca dos animais para, em seguida, mapear a presença dos animais na sociedade moderna em diversas áreas (indústria, ciência, esporte, lares, literatura etc). Através deste panorama, objetiva-se compreender algumas das principais transformações das representações socioculturais dos animais e, também, os impactos socioambientais que resultam, sobretudo, da produção industrial em confinamento.

São milhares as espécies de animais que habitam (e já habitaram) o planeta e o *Homo sapiens* é uma entre elas. Cada espécie desempenha um papel único no ambiente e desperta significados e emoções diferentes em cada pessoa, cultura e momento histórico. Os animais escapam a nossa compreensão: eles são “temidos, subjugados, amados, marginalizados, admirados, confinados, comidos, torturados, classificados, humanizados, eles não se deixam paradoxalmente ser capturados na sua alteridade radical” (MACIEL, 2011, p. 85). Neste início de século XXI, os tratamentos que os animais recebem e seus significados culturais são muitas vezes paradoxais.

Desde a sua origem biológica, os seres humanos se relacionam com os animais, dividem o mesmo espaço, disputam comida e água, lutam pelas suas vidas. Com as transformações sociais, o surgimento das civilizações e os desenvolvimentos tecnológicos, estas relações se transformaram radicalmente. O surgimento e o desenvolvimento da espécie humana decorrem de um longo processo evolutivo. Conforme o pesquisador Rupert Sheldrake (2000, p. 29-30), considera-se que os primeiros homínídeos se desenvolveram a partir dos Australopitecos

(*Australopithecus ramidus* e *Australopithecus anamensis*) que habitaram o planeta há cerca de quatro milhões de anos. Considerado um humano arcaico, o *Homo habilis* divergiu dos Australopithecos há mais ou menos 2,5 milhões de anos. Eles tinham um cérebro mais volumoso e começaram a fazer as primeiras ferramentas, utilizando pedras, ossos e madeira. Após aproximadamente um milhão de anos, o *Homo erectus* deixou a África para se espalhar pela Ásia. O uso do fogo data de cerca de 700 mil anos, enquanto que os humanos modernos, os *Homo sapiens*, surgiram há aproximadamente 150 mil anos na África, espalhando-se pelo planeta.

Nestas sociedades coletoras e caçadoras da pré-história, a maior parte dos alimentos eram coletados pelas mulheres, enquanto que apenas uma pequena parcela era caçada pelos homens. Durante muito tempo, em decorrência da fragilidade humana diante da força e agilidade dos grandes animais, a carne consumida era de restos de animais mortos por outros predadores. Os humanos deixaram de comer carniça para caçar seus próprios alimentos por volta de 70 mil a 90 mil anos (SHELDRAKE, 2000, p. 30). Acredita-se que a domesticação dos lobos e a parceria entre homens e cães tenha sido um fator que favoreceu o início da caça. Conforme pesquisas realizadas com amostras de DNA, as primeiras espécies de cães divergiram dos lobos há cerca de 150 mil anos, ou seja, muito próximo à origem do *Homo sapiens* (HARAWAY, 2003 apud MARRAS, 2014, p. 18). O lobo foi o primeiro animal a ter sido domesticado pelo homem, surgindo a partir dele diversas espécies de cachorros através de cruzamentos¹⁷.

Os cães conservam muitas das características do seu ancestral lobo, como destaca o zoólogo Desmond Morris (1990, p. 139): a complexa organização social, a habilidade como caçador, sua agressão contida, seu cuidado com os filhotes, e um sentido de cooperação social e ajuda mútua. Alguns estudos sugerem que o início da domesticação dos lobos remonta a mais de 100 mil anos. Provavelmente, eles tenham começado a viver na periferia dos povoados e alguns foram se aproximando dos seres humanos. Uma hipótese sugere que alguns dos filhotes de lobo, trazidos para casa para servir de alimento, deviam ter

¹⁷ Atualmente, existem mais de quatrocentas raças de cachorros que foram aprimoradas e corrigidas através de cruzamentos seletivos. Estudos também mostram que os lobos foram domesticados várias vezes porque os cachorros continuaram cruzando com lobos selvagens (SHELDRAKE, 2000, p. 32).

sido poupados, passando a conviver como animais de estimação para crianças e idosos.

A companhia do cachorro é extremamente antiga e teve um papel muito importante na evolução humana. Os cachorros começaram a participar das caças, passaram a proteger os povoados, latindo para avisar sobre qualquer aproximação e auxiliaram na domesticação de outras espécies, ajudando a arrebatar ovelhas e a proteger contra predadores (SHELDRAKE, 2000, p. 32-33). Estas parcerias entre humanos e cachorros seguem ainda acontecendo em diversas culturas e, pouco a pouco, eles foram ganhando espaço nos lares para se tornar “o melhor amigo do homem”. No Antigo Egito, os cães grandes e ferozes eram usados para caça, guarda e manutenção de rebanhos e os menores, viviam dentro de casa como animais de estimação, o mesmo se observa em diversas culturas antigas, entre elas, na Grécia Antiga, Império Romano, China e Tibete (SHELDRAKE, 2000, p. 33).

As primeiras pinturas nas cavernas e em conchas foram produzidas há cerca de 30 mil anos, sendo estas as primeiras representações de animais de que se têm registro. Nestes desenhos, preponderam as imagens de manadas de animais e de humanos em situação de caça, destacam-se as presas perigosas e impressionantes, entre elas rinocerontes, bisões, javalis, cavalos e bois (MORRIS, 1990, p. 21).

Os animais tiveram grande importância para o desenvolvimento da agricultura. A revolução agrícola teve início há mais de dez mil anos, quando a humanidade começou a plantar e criar animais, permitindo, assim, sua fixação em um território. Os seres humanos foram progressivamente abandonando a vida nômade, passando a formar as primeiras aldeias que levariam ao surgimento das civilizações. Conforme explica Morris (1990, p. 92), num primeiro momento, os herbívoros chegavam para pastar nas plantações e se transformaram em pragas. Entretanto, com o passar do tempo, percebeu-se a possibilidade de aprisionar esses animais e colocá-los para ajudar a trabalhar nas plantações, além de criá-los para dar leite, ovos, lã carne e couro. O gado foi domesticado há pelo menos dez mil anos no Sudoeste da Ásia¹⁸. Antes de conseguir domar os cavalos, os touros eram utilizados

¹⁸ As ovelhas e os cabritos também foram domesticados há cerca de dez mil anos na Ásia; os porcos há nove mil anos na Ásia e os cavalos, há cerca de cinco mil anos no sudoeste da Europa. As primeiras aves a ser domesticadas foram os gansos há cerca de 4.500 anos, no Egito, e as galinhas há 3.500 anos no sudoeste da Ásia.

para realizar o serviço pesado, puxando arado e carroças. Apesar de sua força, os touros não podiam se mover rapidamente; contrariamente, os cães eram velozes, mas apenas conseguiam carregar pequenos pesos. Por meio da combinação de força e velocidade, o cavalo permitiu a maior expansão territorial à humanidade, “dando mobilidade numa escala antes inimaginável. O cavalo viria a se transformar no veículo de expansão da civilização humana” (MORRIS, 1990, p. 92).

Primeiramente empregados como animais de tração, os cavalos foram utilizados em guerras e na caça. Também há registros de corridas de cavalos entre tribos nômades da Ásia Central em 4500 a.C., e nas Olimpíadas nos idos 680 a.C., sendo difícil precisar quando “um ser humano se entregou pela primeira vez a uma atividade envolvendo animais e a chamou de ‘esporte’” (REGAN, 2006, p. 175).

Os burros e os camelos, no Egito, e os elefantes, na Ásia, foram domesticados há cerca de cinco mil anos. Esses animais eram utilizados para todo tipo de serviço: para carregar produtos agrícolas e pessoas, mover moinhos e, depois, em fábricas e minas (MORRIS, 1990, p. 147). Muitos destes animais também foram levados para a guerra¹⁹. Atualmente, eles seguem sendo usados como meio de transporte de pessoas e de cargas, além de auxiliar na agricultura em diversos países.

Conforme destaca o filósofo Carlos Naconecy “a humanidade tem lidado com os animais há milênios com um considerável sucesso. A existência de sensibilidade ou consciência nos animais é condição necessária para esse convívio bem-sucedido conosco ao longo do tempo” (NACONECY, 2006, p. 104). A domesticação obteve sucesso, sobretudo, com os herbívoros. Estes mamíferos sociais vivem em grupos, estabelecendo vínculos e são, geralmente, dóceis. O autor argumenta que a eficácia da domesticação pressupõe que os animais tenham um mundo subjetivo, que, além do medo da violência, eles

¹⁹ Como explica Morris (1990, p. 152), os camelos foram para os campos de batalha devido a sua resistência física e habilidade em caminhar na areia, onde os outros animais afundariam, e os elefantes por causa do seu tamanho imponente. Com o tempo, descobriu-se que os elefantes detestam barulhos estridentes, buscando fugir em pânico e, portanto, eles não foram mais utilizados em batalha. Eles seguem sendo empregados para realizar serviços pesados, como nas indústrias madeireiras no Extremo Oriente e em cerimônias religiosas e festivas. Na atualidade, a caça e o uso de elefantes como meio de transporte na África e na Ásia está terminando com as populações selvagens (ibid, p. 151)

sejam capazes de formar vínculos com aqueles que os domesticaram, o que pressupõe a presença de uma mente e de subjetividade nos animais de companhia (cães, gatos etc), e nos outros animais domesticados (bois, porcos, ovelhas, cabras, cavalos etc) (NACONECY, 2006, p. 105). Ele sugere que houve uma co-evolução entre os humanos e os animais no processo de domesticação, uma vez que a relação de parceria beneficiou o desenvolvimento de ambas as espécies:

Do ponto de vista ecológico e evolucionário, a domesticação é uma simbiose, uma associação entre espécies em que ambas se beneficiam. (...) um animal ganhava proteção contra predadores, comida sem precisar disputar com outros carnívoros, e abrigo. Do outro lado, o homem aproveitava a força física do animal para a guarda, trabalho e transporte, além de se alimentar da carne dos animais criados (...). Acredita-se que esse regime de colaboração homem-animal date de mais de 140 mil anos, quando o animal ajudava o nômade a caçar (...). O homem cria animais com o único propósito de comê-los ou vestir sua pele há mais 6 mil anos. A criação de animais em confinamento iniciou há menos de 100 anos (NACONECY, 2006, p. 105, nota de rodapé).

As práticas de domesticação são milenares e pode-se considerar que significaram uma aproximação vantajosa aos humanos e animais. Segundo evidências históricas, a domesticação e a posse de animais estão intimamente relacionadas com o desenvolvimento da ideia de propriedade e dinheiro: “a palavra espanhola para propriedade é *ganadería*; a palavra para gado é *ganado*. A palavra latina para dinheiro é *pecunia*, que deriva de *pecus*, que quer dizer ‘gado’” (FRANCIONE, 2013, p. 117). Ainda que fossem explorados, os animais domésticos recebiam abrigo e alimento, passando a integrar a vida humana em seu cotidiano e estimulando o mundo subjetivo dos humanos.

A presença dos animais é intensa e constante nas religiões primitivas politeístas. De acordo com Morris (1990, p. 19), desde a pré-história, os animais são dotados de qualidades sobrenaturais e foram transformados em forças do bem e do mal, sendo venerados ou temidos. Os animais totêmicos eram considerados figuras ancestrais e guias para a alma. Os animais que eram considerados sagrados muitas vezes deixavam de ser caçados.

Na arte e na religião egípcia, mesopotâmica, persa, greco-latina, ameríndia e em muitas outras culturas percebe-se a multiplicidade de deuses animais, sendo evidente a importância que os animais adquiririam simbolicamente no mundo antigo. Foi, provavelmente, na cultura egípcia que os animais tiveram maior relevância no pensamento humano, conforme é possível constatar pela quantidade de representações produzidas dos animais no interior das pirâmides e em esculturas, estátuas e templos. Diversos deuses assumiam a forma animal, ou mantinham metade do seu corpo humana e a outra metade animal, possuindo sua própria cerimônia no antigo Egito²⁰. Os egípcios acreditavam que as imagens dos animais reproduzidas possuíam o mesmo poder do que retratavam, e assim, as efígies existiam como forças naturais, elas representavam “superanimais com poderes sobrenaturais” (MORRIS, 1990, p. 23).

Deste modo, na antiguidade, os animais eram considerados seres espiritualmente significativos (MORRIS, 1990, p. 22). A forma como os animais eram representados tinha relação com as qualidades simbólicas que eram atribuídas a eles, ou seja, se fosse algo bom, eles eram bem tratados, enquanto que aqueles que simbolizavam coisas ruins eram perseguidos (ibid, p. 29). Em cada cultura e época, os animais adquiriam significados diferentes que eram transmitidos às novas gerações, fortalecendo a crença que se nutria em relação a cada espécie animal. A cobra, por exemplo, representava a imortalidade para os egípcios e a “personificação viva do demônio” para os cristãos.

A sacralização de animais ainda hoje é comum em diversas culturas. Os povos nativos americanos, por exemplo, mantiveram um panteão de animais que são considerados guias espirituais. Na Índia, a vaca, o elefante e o macaco são considerados sagrados, ao menos para algumas religiões, porque estes animais não estão isentos de serem

²⁰ Os leões, por exemplo, numerosos no Antigo Egito, foram cultuados como a divindade da guerra, *Sekhmet*, deusa das batalhas, evocada contra os inimigos, protegendo contra os espíritos maléficos e personificando, também, a “Senhora da Cura”. O gato selvagem foi domesticado no Egito para combater as pragas, especialmente, os ratos, agindo como protetor dos depósitos de cereais. A deusa felina *Bastet* era considerada um símbolo de fertilidade e de proteção (MORRIS, 1990, p. 24-25). Os cachorros também eram venerados no Antigo Egito. Os cães eram embalsamados ao morrer e havia um cemitério exclusivo para eles. O Deus dos mortos, *Annubis*, tem corpo humano e cabeça de cachorro (SHELDRAKE, 2000, p. 33).

utilizados para fins humanos em serviços de tração, carga e entretenimento e, no caso dos bovinos, de serem usados na produção de carne mesmo naquele país.

O desenvolvimento das religiões judaico-cristãs marca a humanização e unificação dos deuses e a institucionalização da religião (MORRIS, 1990, p. 27). Com a imposição de um Deus uno e antropomorfizado, buscou-se suprimir a diversidade de divindades cultuadas pelas culturas antigas. As religiões judaico-cristãs concebem um Deus cuja forma é humana, ou melhor, o homem e a mulher são criados à semelhança de Deus conforme está escrito no Gênesis, primeiro livro da Bíblia que narra a criação do mundo:

Deus disse: ‘façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todos os animais selvagens e todos os répteis que se arrastam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, macho e fêmea ele os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundo e multiplicai-vos, enchei e subjugai a terra! Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre tudo que vive e se move sobre a terra’ (Gênesis, 1: 26-28).

Os textos do Antigo Testamento afirmam que Deus concedeu ao homem o direito de dominar e subjugar a todos os animais fundamenta, assim, o antropocentrismo teológico. Esta pretensa outorga de Deus se converteria em uma das bases da ideologia judaico-cristã, influenciando o pensamento europeu e, posteriormente, devido à colonização e a globalização, o continente africano, americano e o mundo.

Com a expansão da influência das religiões judaico-cristãs, durante muito tempo, os animais foram reduzidos a bestas selvagens que deviam servir aos humanos. Como avalia Morris (1990, p. 36), através desta argumentação seria reforçada a ideia de que “a morte de seres brutos sem alma não provocaria culpa”. Assim a “palavra de Deus” na bíblia ajudou a justificar a forma brutal com que os homens tratavam animais em diversas situações.

A visão tradicional de que o mundo foi criado para o bem do homem e que todas as espécies existiam para servi-lo, entretanto, é anterior às religiões judaico-cristãs. Segundo Keith Thomas (2010), muitos filósofos clássicos da Grécia Antiga (século IV a.C.) defendiam

que os animais e toda a natureza existiam para o benefício do homem. Para Aristóteles, a natureza não havia feito nada em vão. As plantas teriam sido criadas para o bem dos animais e, esses, para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados (THOMAS, 2010, p. 21). Embora Aristóteles afirmasse que os animais eram seres sencientes²¹, ele alegava que os animais não possuíam racionalidade nem crenças, concluindo que eles existiam para o homem (MCKEON, 1941, p. 137 apud FRANCIONE, 2013, p. 199).

Anteriormente, os filósofos pré-socráticos afirmavam que além dos humanos, os animais e vegetais também possuíam almas (MARRAS, 2014, p. 2). Para Sócrates, a diferença entre inteligência e instinto evidenciava que os humanos e os animais têm naturezas distintas. O filósofo, considerado um dos fundadores do humanismo antropocêntrico, sublinhava o homem é a medida para todas as coisas. O humanismo se fortaleceu com a afirmação de Platão sobre a preeminência do homem em relação a todos os outros seres: estimulando a compreensão do “homem como modelo através do qual visamos os outros seres, como os animais, que doravante serão tomados como espécies sub-humanas, espécies de humanidade degradada” (MARRAS, 2014, p. 2).

A distinção entre inteligência e instinto foi utilizada como argumento para justificar a escravidão no mundo antigo e, posteriormente, a escravidão de negros e índios e de outros grupos que foram socialmente marginalizados e tratados como sub-humanos. Embora fosse minoria, alguns filósofos da Grécia Antiga demonstraram uma preocupação moral para com os animais, chegando a sugerir o vegetarianismo como dieta, entre eles Pitágoras, Plutarco e Porfírio. Para Pitágoras os animais possuíam o mesmo privilégio que os humanos: ter uma alma (THOMAS, 2010, p. 215).

²¹ Para o filósofo Naconecy dizer que um animal é senciente significa que ele tem emoções relacionadas àquilo que ele sente, como medo, estresse, dor e frustração; que ele consegue distinguir e reconhecer seu ambiente, objetos, animais e situações que acontecem em seu meio, além de ser capaz de aprender com a experiência, tendo consciência de suas relações com outros animais. O autor alega que os vegetais não possuem senciência, entre outros motivos, por não possuir sistema nervoso. Nesse ponto, ele faz uma importante distinção entre sensibilidade e senciência: “organismos unicelulares, vegetais, filmes fotográficos e termômetros apresentam sensibilidade, mas não senciência” (NACONCECY, 1996, p. 117).

O desenvolvimento filosófico da humanidade se deu na afirmação de fronteiras entre os humanos e toda criação da natureza. A definição do humano se forjou na negação da animalidade (MACIEL, 2011, p. 86). Ao comparar as antigas religiões com o cristianismo, percebe-se que as primeiras religiões viam os homens e os animais em continuidade, enquanto que o cristianismo vai se esforçar em traçar "uma oposição que afirma a existência de duas naturezas distintas" (SIMONDON, 2004, p. 59 apud MARRAS, 2014, p. 3). Os seres humanos afastaram-se, progressivamente, de sua natureza animal, selvagem, instintiva, para construir uma civilização através do desenvolvimento de conhecimentos, práticas, costumes, valores morais, leis e normas sociais, que levaram à institucionalização da sociedade. A cultura se transformaria na segunda natureza humana.

Os discursos filosóficos e religiosos sustentariam esta ruptura, passando a incentivar práticas nas quais a humanidade, especialmente, o homem, pudesse exercer um domínio sobre a natureza. Esta, milenarmente tratada como uma entidade criadora da vida na Terra, sendo adorada por diversas culturas antigas, passou a ser considerada como um instrumento para o uso dos seres humanos, sendo cada vez mais controlada e tendo seus ciclos alterados pelo desenvolvimento técnico-científico. Nos séculos seguintes, o cristianismo perseguiu as práticas que cultuavam os animais e a natureza, além de incentivar a perseguição a diversas espécies que a Igreja considerava ser a personificação do mal. A animalidade foi demonizada: "deslocada para fora do humano, ela foi confinada aos territórios do mal, da violência, da luxúria e da loucura, sob a designação de bestialidade" (MACIEL, 2011, p. 86).

Francione (2013, p. 196) argumenta que, embora em alguns trechos do Velho Testamento seja expressa uma preocupação quanto ao tratamento dado aos animais (por exemplo, nos Provérbios (12: 10) em que se prega: "um homem justo olha pela vida de seu animal"), os animais no mundo cristão medieval serviam para o trabalho, transporte e alimentação, não possuindo nenhum privilégio ou sacralidade. Segundo Francione (2013), exceto por alguns pensadores cristãos, entre eles São Basílio e São Francisco de Assis, que defendiam que os animais e os humanos partilhavam da criação divina, o cristianismo predominantemente rejeitou a noção de que os animais tenham alguma importância moral.

No entanto, os teólogos que mais influenciaram o pensamento do início do cristianismo e o período medieval foram Santo Agostinho (séc.

IV e V) e São Tomás de Aquino (séc. XIII). Para Santo Agostinho, os humanos eram formados por duas substâncias metafisicamente distintas, sendo a alma superior ao corpo. São Tomás de Aquino, partindo da filosofia teológica de Santo Agostinho aliada ao pensamento de Aristóteles, pregava a aliança entre a fé e a razão:

A influência grega foi levada para a filosofia cristã pelo maior dos escolásticos medievais, Santo Tomás de Aquino, cuja obra de toda a vida foi a fusão da teologia cristã com o pensamento de Aristóteles. Este último via a natureza como uma hierarquia na qual os que têm menos capacidade de raciocínio existem para o bem dos que têm mais (SINGER, 2002, p. 282).

Santo Agostinho e São Tomás de Aquino reconheciam que os animais podiam experienciar dor e sofrimento, mas também recorriam a Deus e sua ortoga no domínio sobre os animais, justificando que estes existiriam apenas para o benefício humano, não tendo nenhuma importância moral (FRANCIONE, 2013, p. 194). Ou seja, não se questionava se eram boas ou más as formas como os animais eram tratados, haja vista que se considerava como um direito natural do homem ter domínio sobre a natureza.

O comportamento de defesa dos animais na Igreja acabou por desaparecer, subjugado pela necessidade de manter o papel dominante do homem no mundo. Em parte, isso se devia à necessidade de justificar a escravidão visto que “se era aceitável tratar alguns seres humanos como inferiores e sem direitos, então como poderiam ser dados direitos a mamíferos, pássaros, reptéis ou peixes? No pensamento medieval essa ideia não fazia sentido” (MORRIS, 1990, p. 37).

O conhecimento de algumas religiões orientais que defendem a compaixão para com a vida dos animais, entre elas o hinduísmo, budismo e jainismo²², foi recebido no mundo ocidental na maioria das

²² As doutrinas filosófico-religiosas asiáticas, hinduísta, budista e jainista (séc. V a.C.) acreditam na reencarnação da alma e “a estabelece como fundamento da compaixão para com todas as espécies de vida animal”, explica a filósofa Sonia Felipe (2014, p.181). O jainismo é uma das religiões mais antigas da Índia, juntamente com o hinduísmo e o budismo, compartilhando com este último a ausência da necessidade de Deus como criador ou figura central. Para os jainistas há somente duas classes de seres: os conscientes (todos os seres vivos) e os não conscientes (a matéria, o tempo e o espaço). De acordo com estas

vezes como um “desatino” em relação às criaturas consideradas “insignificantes”. A igreja cristã na Inglaterra proibiu o culto aos rios, bosques e montanhas, desencantando o mundo ao incentivar sua dominação. O antropocentrismo defendido pelo cristianismo justificou a exploração da natureza ao por fim a sua deificação, o que teve como consequência o aumento da poluição (THOMAS, 2010, p. 30 - 31).

Na idade média, o mundo natural foi investido de significados que visavam instruir a humanidade a como se comportar em sociedade. Nesta tarefa de produzir representações que auxiliariam na construção de sentidos sobre os animais e a superioridade da vida humana, era comum a produção de bestiários que descreviam e atribuíam características aos animais. Esses bestiários transmitiam a doutrina cristã através dos símbolos: “O mundo era um criptograma repleto de significados ocultos ao homem, à espera de serem decifrados. De tal modo, a mosca era um lembrete de brevidade da vida e o vaga-lume, da luz do Espírito Santo” (THOMAS, 2010, p. 90).

Uma prática cultural muito comum na idade média era a utilização de animais em feiras e espetáculos circenses para o entretenimento humano. De acordo com Morris (1990, p. 40-41), os saltimbancos usavam animais em suas apresentações, e entre eles, os macacos e chimpanzés foram preferidos para caricaturar os humanos devido a sua semelhança física. No Egito, os macacos babuínos eram utilizados como palhaços e, na Europa, havia diversos macacos tocadores de realejo e também encenando pequenas teatralizações para conseguir uma moeda de prata por sua graça. Além deles, tigres, elefantes e outros animais selvagens eram expostos em feiras e em outras apresentações.

Um dos espetáculos mais antigos da humanidade é o circo. No circo, os animais aprendem comandos, alterando completamente seu comportamento conforme a vontade do seu treinador. Em geral, os animais são punidos fisicamente até aprenderem o comando. Morris ressalta que nos espetáculos que utilizavam animais, ao descobrir alguma característica que eles tenham superior aos humanos, aplicava-se uma regra que diminua essa qualidade, por exemplo, “faz-se do leão um medroso covarde para a nossa diversão, e o elefante foi transformado em um idiota pesado e desajeitado” (MORRIS, 1990, p. 41).

Estes animais eram afastados de seu ambiente natural, tendo que aprender comandos ou sofreriam agressões físicas. Os circos, por muito

doutrinas, qualquer ser humano pode voltar a nascer em qualquer uma das outras formas de vida (FELIPE, 2014, p. 182).

tempo e ainda hoje, mantêm animais em suas apresentações, entretanto, a tendência é de que os espetáculos circenses concentrem-se em apresentações artísticas de humanos, abandonando, progressivamente, a utilização de animais. Álvaro Bravo critica os circos, considerando-os como “destino de suplício, exploração e exibição de animais que, até pouco tempo, ainda funcionava como jaula, teatro, espetáculo e espaço de adestramento, tudo ao mesmo tempo” (BRAVO, 2011, p. 229).

As apresentações de brigas entre animais era um modo de diversão comum na Idade Média, embora seja uma forma de entretenimento muito antiga. No império romano, as lutas em anfiteatros entre animais ferozes e destes contra humanos eram muito apreciadas. Outra prática bastante comum na época era o açulamento de ursos e touros por cães (THOMAS, 2010, p. 203). Considerado uma diversão da realeza europeia o açulamento foi, por muito tempo, uma prática usada para amaciar a carne. Diversas cidades europeias no período medieval e início do período moderno tinha uma lei que obrigava o açulamento de touros e bodes antes do abate pelo açougueiro (THOMAS, 2010, p. 131). Já nessa época, e não se sabe precisar desde quando, os animais machos criados para a alimentação humana passaram a ser castrados, entre eles novilhos, cordeiros, porcos, galos e coelhos (ibid, p. 131).

As brigas de galo são populares desde o século XII na Europa e remontam à Antiguidade na Ásia. As perseguições de aves selvagens com falcões e armas de fogo também foram populares por muito tempo. As crianças seguiam os passos dos adultos e em algumas feiras campestres havia competição de decepar as cabeças de galinhas e pardais. Estas e muitas outras práticas culturais durante séculos utilizaram animais em situações de estresse, levando o animal à morte a fim de entreter os humanos. As práticas de matar animais por prazer em caças, touradas, e lutas de animais eram defendidas pela teologia da época que “fornecia os alicerces morais para esse predomínio dos homens sobre a natureza, que tinha tornado, em inícios do período moderno, um propósito amplamente reconhecido da atividade humana” (THOMAS, 2010, p. 29).

O início das grandes navegações, com a expansão europeia para Ásia e África e o descobrimento das Américas, levou a um intenso fluxo de tráfico animal. Ao descobrir terras novas, os grandes exploradores “maravilharam-se com as criaturas exóticas que encontraram, muitas das quais eram trazidas para serem mostradas aos compatriotas” (MORRIS, 1990, p. 45). A maioria dos animais, entretanto, não resistia às longas viagens devido às péssimas condições de transporte e alimentação.

Para satisfazer a curiosidade da realeza, diversas espécies exóticas foram retiradas de seus habitats naturais e foram abrigadas em zoológicos na Europa. Os primeiros zoológicos, além de guardar distintas espécies de animais, incluíam aberrações humanas nas jaulas (MORRIS, 1990, p. 44). Os animais exóticos muitas vezes eram usados como forma de presentear autoridades reais e governantes, e assim, os zoológicos tornaram-se um símbolo de conquista colonial, riqueza e *status*. Também comum nas casas aristocráticas, as *ménageries*, um tipo de mini-zoológico particular que abrigava animais, em especial, aves raras (THOMAS, 2010, p. 389).

Os zoológicos têm sua origem associada à “expansão colonial europeia, ao tráfico de espécies, à alteração do patrimônio natural e às redes internacionais de comércio” (BRAVO, 2011, p. 224). Considerados como uma instituição moderna, como um “fragmento de vida selvagem incrustado no espaço urbano” (ibid, p. 226), os zoológicos permitiram o primeiro contato entre humanos e animais exóticos vindos do mundo colonial e ainda hoje constitui um modo de aproximar os humanos dos animais selvagens. Segundo Bravo, o período colonial marca o início da *commoditification* dos animais e da natureza, ou seja, de um tratamento que busca maximizar a produção e minimizar seus custos através de um processo de coisificação da vida, o qual se estende agora em escala planetária (BRAVO, 2011, p. 229).

Nas últimas décadas, os zoológicos têm perdido popularidade, embora tenha crescido o intercâmbio de espécies entre esses espaços. Diversos animais são reproduzidos em zoológicos e vendidos para outros zoológicos ou para clubes de caça. A intensificação da destruição de habitats naturais levou à progressiva necessidade de construir espaços de proteção e reprodução artificial de animais. Neste aspecto, Morris faz a sinistra previsão de que a urbanização e a caça podem isolar a vida selvagem unicamente em zoológicos: “com os *habitats* naturais desaparecendo a uma velocidade alarmante, chegará o dia em que zoológicos serão os únicos locais de sobrevivência para os animais selvagens” (MORRIS, 1990, p.55). Bravo argumenta no mesmo sentido e destaca o domínio e a tentativa de administração humana sobre os ecossistemas do planeta. Para o autor, devido à expansão das cidades, é possível que os zoológicos se convertam “em arquivos genéticos de espécies extintas de seu âmbito originário”, submetendo o patrimônio natural e biológico à administração humana “que estende seu domínio, regula e controla mares, selvas, prados e outros territórios” (BRAVO, 2011, p. 229).

Praticada desde tempos imemoráveis para a alimentação, a caça passou a ser considerada como um esporte na perseguição de um animal em fuga, do mesmo modo que a pesca também se tornou um esporte. Parques particulares de caça e pesca são construídos em diversos países na atualidade. Em relação à caça esportiva, os animais utilizados nestas “caças enlatadas” são criados especialmente para isso ou são comprados de circos e zoológicos. Calcula-se que, atualmente, existam mais de mil reservas comerciais deste tipo nos Estados Unidos. A caça é ainda praticada mesmo em áreas com animais ameaçados de extinção (FRANCIONE, 2013, p. 71).

No início do período moderno, os animais estavam por toda a parte. Thomas (2010, p. 133-135) aponta que os humanos tinham uma relação mais “íntima” com os animais de produção, por muito tempo os criadores de animais conviveram sob o mesmo teto na “casa ampla”, uma combinação de casa com coqueira. Vivendo próximo aos homens, os animais muitas vezes eram tratados como indivíduos, recebendo nomes, ainda que não fossem nomes humanos. Os rebanhos eram relativamente pequenos e os donos conheciam cada animal e até mesmo conversavam com eles.

A partir de meados do século XVII, os animais de produção foram sendo progressivamente confinados. Bois, porcos, ovelhas e aves passaram a ser criados em espaços cada vez menores e distantes da sua vida natural. À medida que a supremacia humana se reafirmava através do seu domínio sobre os animais, a natureza passou a ser progressivamente tratada de forma utilitária. Neste sentido, pode-se considerar a civilização humana como um sinônimo de conquista da natureza (THOMAS, 2010, p. 33). Os animais considerados nocivos para a espécie humana eram perseguidos e mortos, seja por suas características simbólicas ou por ser uma ameaça física. Thomas (2010, p. 385) ressalta que os ingleses se orgulhavam de ter exterminado com os lobos em seu território ainda no século XV, e algumas paróquias até o século XIX recompensavam caçadores que matavam as pragas conforme as necessidades agrícolas. Na modernidade, aumentou progressivamente a dependência por recursos naturais para o trabalho, alimentação, transporte e vestuário, de modo que “civilização da Europa medieval seria inconcebível sem o boi e o cavalo” (ibid, p. 33).

Thomas explica que, no início do período Moderno, a inferiorização dos animais em relação aos homens buscava justificar a exploração das outras espécies na domesticação, produção de alimentos e no desenvolvimento da ciência moderna:

Ao traçar uma sólida linha divisória entre o homem e os animais, o principal propósito dos pensadores do início do período moderno era justificar a caça, a domesticação, o ato de comer carne, a vivissecção (que tornara prática científica corrente, em fins do século XVII) e o extermínio sistemático de animais nocivos e predadores. Mas essa insistência tão grande em distinguir o humano do animal também teve consequências importantes para as relações entre os homens (THOMAS, 2010, p. 55).

Como assinala o autor, o princípio de superioridade humana em relação aos animais também foi aplicado aos próprios humanos. No processo de colonização, os “povos primitivos” foram muitas vezes considerados sub-humanos e representados socioculturalmente como selvagens brutais. Esse tipo de representação negativa reproduzida pelos colonizadores europeus, e por diversas civilizações que submeteram outros povos ao trabalho forçado, buscava justificar o tratamento cruel a que era sujeitado a essas pessoas. A escravidão humana remota à Antiguidade, e no decorrer da história, privou bilhões de pessoas de sua liberdade de movimento, açoitando-lhes quando desobedeciam às ordens e considerando-os como propriedade. No Novo Mundo, durante a conversão dos índios ao cristianismo foi estimulada a criação de gado na crença de que esta era uma forma de “civilizá-los e fazê-los cristãos”, no mesmo período, na África, os colonizadores estimularam o trabalho de capturar macacos porque civilizaria os africanos (THOMAS, 2010, p. 39).

Também se considerava que as mulheres estavam mais perto do estado animal e, durante séculos, os teólogos discutiram se elas teriam alma ou não. As pessoas não letradas também eram inferiorizadas socialmente, os pobres eram representados como bestiais. Aqueles que estavam à margem na sociedade, os loucos, mendigos e vagabundos “tinham uma vida de bicho”. A desumanização contribuiu para os maus tratos a alguns grupos de humanos que eram considerados inferiores, de forma que a “ética da dominação humana removia os animais da esfera da preocupação do homem. Mas também legitimava os maus-tratos àqueles que supostamente viviam uma condição animal” (ibid, p. 60). A domesticação animal se estendeu aos homens e a representação sociocultural de que “o outro” é inferior, reforçava a imagem de que havia uma hierarquia entre as etnias: “Alguns homens eram vistos como

animais úteis, a serem refreados, domesticados e tornados dóceis; outros eram daninhos e predadores, a serem eliminados” (ibid, p. 63).

É muito difícil precisar desde quando os animais são utilizados como uma metáfora para diversos comportamentos e características humanas. Burro, baleia, cachorro, cadela, gata, galinha, piranha, veado, porco, verme, lesma: a lista de animais transformados em metáforas para ressaltar algum aspecto do outro indivíduo ou grupo é inumerável. Na maioria das vezes, quando o mundo natural é transformado em metáforas para a condição humana, é num tom depreciativo, negativo:

Chama-se de *burro* ao aluno ou à pessoa que não entende o que se fala ou ensina; de *cachorro* ao mau-caráter; de *cavalo* ao indivíduo mal-educado; de *vaca*, *piranha* ou *veado* àquele ou àquela que não fez a opção sexual que se considera correta, etc. São todos nomes de animais, de seres da natureza, tomados em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados e bons (GONÇALVES, 1989, p. 25 in BRÜGGER, 2013, p. 125, grifos no original).

Ser comparado a um animal significa ter sua qualidade humana – civilizada – diminuída. Thomas (2010, p. 54) assinala que os animais são tidos como referência para a autodefinição humana devido às semelhanças entre os humanos e as demais espécies animais: “Sem serem iguais ao homem, nem completamente diferentes, os animais ofereciam uma reserva quase inesgotável de significados simbólicos”. Os impulsos que a humanidade mais temia em si mesma, como a ferocidade, gula, luxúria e vício eram considerados bestiais e exigiam controle.

A natureza era amplamente investida de significados na crença popular. Acreditava-se que a sorte humana podia ser influenciada e prevista por plantas, pássaros e animais, sendo considerado um indício de boa sorte encontrar um trevo de quatro folhas, uma joaninha ou um gato preto no caminho. Estas práticas “se fundavam na antiga convicção de que o homem e a natureza estavam encerrados em um só mundo” (THOMAS, 2010, p. 105). As analogias explicavam o mundo e muitas delas, a organização social da época. Por exemplo, a organização dos insetos era justificada como uma propensão natural à monarquia. Esse tipo de simbolismo, no entanto, foi enfraquecido com o

desenvolvimento da ciência, embora a prática de atribuir características animais aos humanos nunca tenha sido abandonada e faça parte de todas as culturas.

O final do século XVII foi um período decisivo na separação entre as visões popular e científica sobre a natureza. De acordo com Thomas (2010, p. 113), essa ruptura intensificou-se, quando os cientistas começaram a utilizar a nomenclatura latina na classificação do mundo natural, porque consideravam que os nomes vulgares eram um obstáculo para a ciência. A sabedoria popular passou a ser desprezada:

Todas essas noções refletiam um modo mais antigo de enxergar o mundo da natureza, completamente diferente do estilo que os cientistas ingleses do século XVII buscaram impor, pois para eles tais crenças eram meros exemplos de “ignorância” popular, indícios de que o testemunho das pessoas incultas não era confiável (THOMAS, 2010, p. 109).

Na passagem do século XVII ao XVIII se presenciaria uma ruptura fundamental com os pressupostos do passado. A natureza deixou de ser concebida em termos de suas analogias e semelhanças com o homem, para ser estudada em si própria pelos naturalistas (THOMAS, 2010, p. 127). O desenvolvimento da ciência moderna ampliou as fronteiras entre humanos e animais e reforçou seu tratamento utilitário. Os filósofos deste período buscaram justificar o predomínio do homem sobre os animais ao negar a estes almas imortais (ibid, p. 44). No século XVII, René Descartes defendeu a tese de que os animais são máquinas, autômatos como relógios, incapazes de raciocinar, o que delimitou uma linha divisória entre o homem e toda a natureza. Para ele, o corpo humano também era um autômato, a diferença em relação aos demais animais estava na existência da alma separada do corpo, a mente humana.

Deste modo, Descartes argumentava que os animais não possuíam uma mente ou alma racional, não tinham consciência nem linguagem e por isso não poderiam ter a experiência do sofrimento (NACONECY, 2006, p. 68). Ao negar a alma e a capacidade de sofrer, ele justificava a exploração que os animais eram submetidos para livrar a humanidade de qualquer culpa em relação ao tratamento dado aos outros seres. Em sua argumentação, Descartes:

afastava qualquer dúvida remanescente quanto ao direito do homem a explorar a criação bruta. Pois, como os cartesianos observavam, se os animais realmente tivessem um elemento imortal, as liberdades que os homens tomavam com eles seriam injustificáveis; e admitir que os animais tivessem sensações era fazer do comportamento humano algo intoleravelmente cruel (THOMAS, 2010, p. 45).

Os animais foram novamente considerados seres brutos, desprovidos de alma. A negação da alma dos animais abriu terreno para a dominação humana em que se “instaurou um corte absoluto entre o homem e o restante da natureza, limpando dessa forma o terreno para o exercício ilimitado da dominação humana” (THOMAS, 2010, p. 46). A consideração de que os animais eram máquinas levou ao desenvolvimento da ciência moderna através da ampla utilização de animais em experimentos e testes científicos e na produção de inúmeros produtos. Como se considerava que os animais não podiam sentir dor, as práticas de vivissecção eram rotineiras e não utilizavam nenhum recurso que pudesse reduzir o sofrimento dos animais.

Também no século XVII, o filósofo Francis Bacon afirmava que a ciência tinha como finalidade devolver ao homem o domínio da criação que fora perdido com o pecado original. Bacon desenvolveu um novo método de investigação científica, o método empírico, que envolvia descrever a natureza matematicamente. Como consequência, passou-se a defender a compreensão do mundo como um sistema mecânico “susceptível de ser descrito objetivamente, sem menção alguma ao observador humano, e tal descrição objetiva da natureza tornou-se o ideal de toda a ciência” (CAPRA, 1993, p. 62). Thomas argumenta no mesmo sentido de Capra, ao assinalar que as ideias de Bacon quanto ao dever da natureza de “servir ao homem” e, que para isso, ela deveria ser escravizada, tornou-se um ideal no período:

O controle do homem sobre a natureza era o ideal conscientemente proclamado dos primeiros cientistas modernos. Não obstante, apesar do imaginário agressivamente despótico explícito em seu discurso de “posse”, “conquista” e “domínio”, eles encaravam sua tarefa, graças a gerações de pregação cristã, como inocente do ponto de vista moral (THOMAS, 2010, p. 37 -38).

A possibilidade dos animais serem semelhantes aos humanos em relação à dor ou a possuir alma, não abandonou completamente o questionamento dos filósofos. Como ponderava John Locke, filósofo do final do século XVII, a sugestão de que um animal pudesse sentir ou possuir uma alma imortal, tinha preocupado alguns homens a tal ponto que eles “preferiram concluir que todos os bichos eram máquinas perfeitas, a conceder que suas almas fossem imortais” (THOMAS, 2010, p. 45).

Diferentemente de Descartes, Locke acreditava que os animais podiam sentir dor e sofrer, entretanto, ele apenas considerava relevante o tratamento dado aos animais na medida em que afetasse os outros humanos. O físico Fritjof Capra avalia que as ideias de Locke influenciaram profundamente o pensamento da época, no que se estende à economia e política, pois o filósofo foi um dos ideólogos do liberalismo e contribuiu também para o desenvolvimento do Iluminismo, através de seus “ideais de individualismo, direito de propriedade, mercados livres e governo representativo” (CAPRA, 1993, p. 64).

O controle que Deus supostamente deu aos homens sobre os animais fundamenta a teoria da propriedade moderna (FRANCIONE, 2013, p. 121). Para Locke, os animais constituiriam uma classe de criaturas inferiores às quais não se devia nenhuma obrigação moral e o direito de propriedade sobre a natureza era natural, advindo de Deus, dependia do trabalho humano. O filósofo defendia que os animais eram removidos do seu estado de natureza quando se juntava o trabalho humano a um animal ou este era caçado, passando a se tornar uma propriedade (FRANCIONE, 2013, p. 119). Caberia ao proprietário “o direito à posse física exclusiva do animal, ao uso do animal para ganho econômico ou outros ganhos, e o direito de fazer contratos com relação ao animal ou para usar o animal como garantia para um empréstimo” (ibid, p. 121).

Durante o período moderno, portanto, os animais estavam fora dos termos de referência moral para a maioria das pessoas. A proibição de infligir sofrimento aos animais não tinha o menor significado porque eles eram - e ainda são - considerados como propriedades dos humanos. Desta forma, os animais poderiam ser vendidos, trocados, treinados, expostos, pesquisados, manipulados e mortos. Segundo o pensamento da época, a natureza devia ser manejada tendo em vista o benefício humano. Como resultado mudaram tanto os objetivos da investigação científica quanto a forma como os homens se relacionavam com a

natureza e as outras espécies animais, passando a se considerar superior às demais formas de vida devido ao atributo de possuir uma mente racional. Na Inglaterra, por exemplo, a Sociedade Real incentivou cientistas a estudar os animais e as plantas para descobrir como eles podiam servir e se podiam ser aprimorados através do cruzamento com outras espécies.

A divisão cartesiana entre espírito e matéria se tornou a base filosófica que fundamentou o desenvolvimento da ciência e da indústria. A concepção cartesiana do universo como sistema mecânico “forneceu uma sanção ‘científica’ para a manipulação e a exploração da natureza que se tornaram típicas da cultura ocidental” (CAPRA, 1993, p. 56). O contínuo reforço nos discursos filosóficos, científicos e econômicos em favor do tratamento instrumental da natureza estimulou à lógica cartesiana de que todas as formas de vida seriam um meio para os fins de aumentar o conhecimento, o prazer e os lucros dos humanos. Em relação à ciência, buscou-se justificar as formas como os animais eram utilizados nos experimentos no ensino e na pesquisa, como por exemplo, na prática da dissecação e vivissecção, e nos testes de novos produtos químicos.

As descobertas científicas do século XIX acentuaram o debate sobre as sensibilidades e considerações morais em relação aos animais. Por séculos, seguindo os ensinamentos bíblicos, acreditava-se que os animais foram criados por Deus, todos no mesmo dia, e que os homens seriam especiais na criação e teriam a prerrogativa divina de poder utilizar os demais seres para seu benefício. Entre as grandes transformações no pensamento da época, a publicação da teoria da evolução, proposta por Charles Darwin em 1859, foi uma das principais descobertas de todos os tempos, e ainda hoje, é considerada uma das explicações mais plausíveis sobre a origem da vida e da espécie humana. De acordo com a teoria da evolução das espécies, os vertebrados teriam começado a se diferenciar de certos moluscos pela aparição gradual de um esboço de cordão dorsal, há cerca de 450 milhões de anos. Com a evolução, os peixes desenvolveram uma estrutura óssea, caixa craniana contendo o cérebro, uma espinha dorsal sustentando o corpo e ramificações laterais que mais tarde se tornariam os quatro membros, e, assim, “se delineou a forma que depois teve o máximo êxito entre os vertebrados” (PASOLINI, 1976, p. 26).

Como explica Pasolini (1976, p. 26-29), os vertebrados surgiram a partir de formas primitivas de peixes. Há aproximadamente 400 milhões de anos, alguns peixes, entre eles o Crossoptérigeo, tinham,

além das brânquias, uma espécie de pulmão e quatro barbatanas dispostas como membros, o que permitia se arrastar pelas praias, surgindo a partir deles os primeiros anfíbios. Dos anfíbios aos reptéis, foi um borbulhar intenso de formas de vida. Em imensas florestas e pantanais, os reptéis dominaram a Terra por mais de 200 milhões de anos. Após os insetos, eles foram os primeiros animais a voar. Segundo se comprovava com pesquisas científicas, os reptéis teriam basicamente o mesmo sistema neurológico para as mesmas emoções “primárias” que os seres humanos (DAMASIO, 1994 apud WERNER, 1997, p. 48). De algumas espécies de reptéis derivaram os primeiros pássaros e mamíferos.

A grande característica dos mamíferos é o desenvolvimento psíquico, que está diretamente ligado ao desenvolvimento do sistema nervoso. Ramificações de mamíferos, há cerca de 40 milhões de anos, levariam aos diferentes tipos de primatas e, de algumas espécies de símios, surgiram os primeiros homínídeos, e destas espécies, o *Homo sapiens*, como vimos no início deste capítulo. Os mamíferos também se diferenciam da maioria das outras espécies porque geram seus filhotes no interior de seus corpos, de forma que a prole é colocada desde o nascimento sob o cuidado dos pais (PASOLINI, 1976, p. 28). Portanto, além dos humanos, cachorros, gatos, vacas, ovelhas, porcos, elefantes, leões, golfinhos, baleias e milhares de outras espécies de mamíferos desenvolvem laços de proteção com os filhotes. O mesmo é observado entre aves.

A maioria dos filósofos do início da modernidade argumentava a favor da exclusão dos animais da comunidade moral. Somente a partir do século XIX seria questionado o *status* dos animais como autômatos, objetos:

Antes do século XIX, a cultura ocidental não reconhecia, de modo geral, que os seres humanos tivessem qualquer obrigação moral para com os animais (...). Os animais eram considerados *coisas*, seres com um *status* moral que não diferia do *status* moral de objetos inanimados como as pedras ou os relógios (FRANCIONE, 2013, p. 49).

Os animais têm interesse, ou seja, a necessidade de se alimentar, reproduzir e locomover, os quais são partilhados com a espécie humana. No entanto, os “interesses semelhantes dos animais são tratados de um

modo dessemelhante, e assim privamos os interesses dos animais de importância moral” (FRANCIONE, 2013, p. 32). Por estarem fora da esfera de consideração moral que integra o pensamento hegemônico, os animais são tratados como coisas. Afirmar que os animais merecem consideração moral significa reconhecer que eles têm interesse intrínseco de estar vivos e protegê-los contra o sofrimento resultante de seu uso como propriedade ou recurso alheio (FRANCIONE, 2013, p. 33).

Os animais figuraram no discurso da modernidade predominantemente como um recurso para o progresso humano. No processo civilizatório, os animais foram transformados em recursos, força de trabalho, alimento, vestuário, objetos de estudo e testes científicos, meios de entretenimento, que incluem desde esportes sangrentos à companhia dos animais de estimação nos lares. As relações paradoxais dos humanos para com os animais se intensificaram com o desenvolvimento científico e tecnológico. A arte e a literatura do período reforçavam o ideal antropocêntrico: “as representações de natureza como algo a ser domesticado e utilizado em benefício do ser humano se traduzem em livros sobre as aventuras dos conquistadores no Novo Mundo” (DAL-FARRA, 2003, p. 30).

Por outro lado, foi também através da literatura que os animais foram representados como criaturas sensíveis e inteligentes que podiam ensinar muito aos humanos. Conforme assinala Desblache (2011, p. 300-301), as fábulas e os contos do período moderno “mantiveram uma janela aberta, conquanto pequena, a outras possibilidades de abordagem e de convivência com esses seres”. Nas fábulas, os personagens animais propiciavam outra forma de conhecimento sobre a vida. Estes textos tinham como objetivo instruir as crianças sobre história natural e moralidade. As fábulas tradicionais, todavia, mantinham uma tendência antropocêntrica, pois os bichos eram antropomorfizados, representados como “homens em trajes de pele abotoados” (DESBLACHE, 2011, p. 296). Ao mesmo tempo, estes personagens realçavam as fragilidades das fronteiras conceituais entre humanos e animais numa época em que a pesquisa científica se desenvolvia utilizando muitos seres vivos em experimentos sem qualquer tipo de anestesia.

No século XIX surgiram as primeiras leis de bem-estar animal. Francione aponta que, desde o seu surgimento, o movimento do bem-estar animal era baseado na noção de que é correto usar animais conquanto que eles fossem tratados adequadamente, humanitariamente. Como consequência, o principal objetivo das leis anticrueldade está

definido como “prevenir a ofensa às sensibilidades da comunidade” (FRANCIONE, 2013, p. 179), enquanto que as condições, ambientes e técnicas a que os animais eram expostos seriam consideradas em segundo plano. O *status* de propriedade dos animais permitiu que eles fossem utilizados das mais variadas formas possíveis, sendo tratados como recursos. As isenções mais frequentes das leis anticrueldade envolvem experimentos científicos, práticas da criação animal e caça (FRANCIONE, 2013, p. 125). A maioria das leis se aplica apenas aos animais vertebrados de sangue quente; ratos e camundongos, embora seja a maior parte dos animais utilizados em pesquisas, não entram na lista. Segundo Francione, em casos legais de crueldade com animais, a menos que se prove que a pessoa acusada é um psicopata sádico não pode haver condenação sob lei de anticrueldade (ibid, p. 133).

O uso de animais para fins científicos foi um dos focos principais dos defensores dos animais no século XIX, na Inglaterra, e do movimento norte-americano pelos direitos animais no século XX. Ainda hoje, boa parte da comunidade científica aceita a ideia cartesiana de que os animais são autômatos, que não experienciam dor nem sofrimento (FRANCIONE, 2013, p. 94). A maioria dos animais usados em laboratórios é criada e vendida por grandes corporações que produzem animais com características exclusivamente para a pesquisa, através de alterações genéticas que visam atender os desejos do pesquisador²³. O paradigma cartesiano que legitima a visão mecanicista dos sistemas vivos e justifica a apropriação da natureza pelo trabalho humano rege o pensamento hegemônico ocidental, exercendo cada vez mais influência nas culturas orientais.

Apesar de serem considerados como propriedade, os animais de estimação quase sempre tiveram um tratamento diferente daquele dado aos outros animais domésticos. Três traços diferenciam os animais de estimação dos outros animais de criação: a permissão para entrar em casa (alguns inclusive frequentavam a igreja com seus donos); a nomeação individual que os distingue das outras criaturas (na maioria das vezes eram nomes semi-humanos); e os animais de estimação não eram utilizados como alimento devido à estrita relação com a sociedade humana (THOMAS, 2010, p. 159- 163).

²³ De acordo com Francione, esses “animais podem ser criados para ter certos tipos de ataques ou convulsões, para ser suscetíveis a determinados tipos de câncer, para ter distrofia muscular ou diabetes, para não ter resposta imunológica ou para ser anêmicos” (2013, p. 95).

Nos séculos XVI e XVII os animais de estimação se firmaram como uma presença nos lares da classe média, especialmente nas cidades, quando cada vez mais as pessoas tinham “condições de sustentar criaturas sem nenhum valor produtivo” (THOMAS, 2010, p. 156). No entanto, em momentos de peste, as populações animais muitas vezes eram dizimadas como medida sanitária.

Entre os animais de estimação, o animal que chegou mais perto do homem foi o cachorro. Os cães que ficavam em casa eram, geralmente, bem tratados e alimentados por seus donos, viviam soltos e andavam em volta da mesa, o que provocava a retaliação da igreja que considerava a aproximação entre humanos e animais um “costume bárbaro”. O cachorro era considerado um animal impuro, imundo e promíscuo pela igreja e por algumas culturas orientais, entretanto, no século XVIII o cão já era conhecido como “o mais ‘inteligente de todos os quadrúpedes conhecidos’ e louvado como o ‘servo mais fidedigno e a companhia mais humilde do homem’” (THOMAS, 2010, p. 153). Preferido por sua lealdade e amabilidade, além de proteger a propriedade privada, os cães auxiliavam pastores e agricultores a puxar carroças, arados e trenós, além de guiar pessoas com deficiência visual, desde a idade média²⁴.

Os gatos demoraram a subir de *status* e consolidar sua posição como criatura estimada pelo seu companheirismo e independência. Era comum na idade média o esporte de atirar em um gato suspenso por uma cesta nas feiras populares. Estes felinos foram domesticados inicialmente no norte da África, há pelo menos cinco mil anos e eram adorados como deuses por diversos povos antigos²⁵ (SHELDRAKE, 2000, p. 95). Na idade média, os gatos eram criados em casa para combater ratos, e assim, muitas vezes não recebiam alimento para estar sempre dispostos a caçar. Foi no século XVIII que os gatos passaram a ser apreciados por sua companhia e o aumento de sua popularidade é atribuído à elevação dos padrões de higiene (THOMAS, 2010, p. 156). Esses animais geralmente representados como caçadores solitários, seres asseados e espertos.

Além de cachorros e gatos, era comum ter como animais de estimação, no início do período moderno, macacos, esquilos, tartarugas, coelhos e aves de gaiola. Popularizou-se os mercados de pássaros e

²⁴ Recentemente, como cães também são utilizados em terapias infantis e, devido ao seu faro apurado, na detecção drogas e doenças cancerígenas.

²⁵ Seu ancestral é o gato selvagem africano, *Felis silvestris*, da sub-espécie *libyca* (SHELDRAKE, 2000, p. 95).

aumentou a simpatia por animais que antes eram considerados sujos, como por exemplo, os camundongos, sapos e morcegos (ibid, p. 157). No início do período moderno, a difusão dos animais de estimação entre as classes médias urbanas era considerada um processo de grande envergadura social, psicológica e, inclusive, comercial (THOMAS, 2010, p. 169). O processo de aproximação com os animais permitiu que se desenvolvesse uma visão otimista em relação à inteligência animal, sua personalidade e caráter próprios, o que deu fundamento à tese de que os animais mereciam consideração moral²⁶ (ibid, p. 170).

Thomas assinala que, por volta de 1700, todos os sintomas de uma obsessão por animais domésticos já estavam evidentes na Europa:

Com frequência os mascotes eram melhor alimentados que os empregados. Como enfeites, traziam anéis, fitas, plumas e sinos; e vieram a tornar-se presença constante nos retratos de família em grupo, geralmente simbolizando a fidelidade, a domesticidade e a integridade (THOMAS, 2010, p. 166).

Em meados do século XIX, as exposições caninas se tornaram mais comuns, em especial, na Grã-Bretanha, país que tradicionalmente produz e valoriza os cães de raça (*pedigree*). Ter um cachorro de raça é um atributo de diferenciação social, as pessoas tendiam a ter cães adequados à sua posição social, e uma das características da lei de caça de conceber propriedade de cães de caça apenas a pessoas acima de um determinado nível social (THOMAS, 2010, p. 150).

Os animais de estimação passaram a viver nos lares humanos, separados de suas proles desde pequenos, sendo obrigados a se adaptar à vida da sociedade e, muitas vezes, aos hábitos da família que o adota ou compra. Os animais de companhia passam a ter sua animalidade de certa forma suprimida para poder integrar-se à vida urbana. Progressivamente, aumentou o número de produtos destinados aos animais de companhia, o que levaria ao desenvolvimento de uma indústria *pet* que inclui desde cuidados veterinários a produtos específicos na área de alimentação,

²⁶ Segundo Thomas (2010, p. 252), os primeiros animais a receber consideração moral foram aqueles que expressam sua dor, emitindo sons, grunhidos, contorcendo-se. Quanto aos peixes, por muitos séculos, acreditava-se que eles não sentiam dor por não ter sangue, muito levou tempo até sua sensibilidade ser comprovada.

higiene, estética, roupas e acessórios. Os animais de estimação se tornaram grandes amigos e companheiros para as pessoas que vivem isoladas na multidão das cidades, sendo cada vez maior o número de pessoas que passaram a ter um animal de companhia:

Esterilizado, isolado e geralmente sem contato com outros animais, o mascote é uma criatura com o mesmo modo de vida que seu dono; e o fato de que tantas pessoas considerem necessário, para sua integridade emocional, criar um animal dependente diz-nos muita coisa sobre a sociedade atomizada em que vivemos (THOMAS, 2010, p. 169).

Thomas enfatiza que, para algumas pessoas, ter um animal de companhia é necessário para sua integridade emocional. É muito comum o desenvolvimento de laços afetivos entre as pessoas e seus animais de estimação. Há pessoas que na impossibilidade de ter um filho adotam um animal. Não raro, quem convive com os animais afirma a riqueza emocional e a inteligência que esses seres possuem (o que será tratado no próximo tópico deste capítulo).

Apesar das descobertas científicas que assinalavam diversas características humanas que são partilhadas com outras espécies, a urbanização e o grande crescimento populacional, levaram ao aumento da demanda por espaço, alimentos, roupas e medicamentos no século XX. Consequentemente, intensificou-se significativamente a utilização de animais como matéria-prima pela indústria alimentícia, calçadista e vestuário, farmacêutica, entretenimento etc. Em relação à produção de alimentos, as fazendas de criação de animais se tornaram fazendas-industriais e granjas-industriais, criando os animais em confinamento, o que impede sua movimentação devido à grande quantidade de animais colocados em um espaço reduzido. Calcula-se que a produção industrial corresponde a cerca de 90% do sistema total de produção de proteína animal. A maioria das nações industrializadas adotou a criação intensiva industrial, a qual se expande nos países do terceiro mundo (FRANCIONE, 2013, p. 63).

Os animais que são criados e transportados em condições de confinamento são suscetíveis a ferimentos e doenças, e os fazendeiros industriais “acrescentam antibióticos e outras drogas a sua comida regularmente. Por exemplo, mais de 80% dos porcos estão com pneumonia na hora de ser abatidos” (FRANCIONE, 2013, p. 60). Os fazendeiros forçam os animais a crescer mais e com mais rapidez com o

uso da reprodução seletiva, aditivos alimentares, hormônios de crescimento e da engenharia genética. Segundo o autor, a pesquisa da biogenética “produziu porcos com genes de crescimento humanos, perus que têm o dobro do tamanho das aves normais e bezerras com ‘musculaturas dupla’” (ibid, p. 61). Em relação à clonagem, com frequência, muitos animais nascem deformados ou morrem nos primeiros dias.

O filósofo Peter Singer (2010) relata diversos danos à saúde animal decorrentes da criação intensiva em confinamento. Em relação à produção de suínos, ele aponta que além do estresse, do tédio e da superpopulação, as unidades modernas de confinamento geram problemas físicos para os suínos devido à contaminação atmosférica; para tratar os efeitos pulmonares que a grande quantidade de amoníaco proporciona é aplicado um antibiótico (tetraciclina) (SINGER, 2010, p. 182). Nesses ambientes também é comum que os animais desenvolvam a “síndrome do estresse suíno” - *porcine stress syndrome* (PSS) – cujos efeitos vão desde rigidez, ansiedade e manchas na pele à morte súbita. O piso ripado ou concretado provoca desconforto aos porcos, além de deformidades nos cascos e patas, “problemas que se tornariam graves se [os porcos] não fossem abatidos em idade precoce” (ibid, p. 184). Por ser tratado como um objeto, um recurso para gerar mais recursos, os problemas de saúde animal decorrentes da vida artificial produzida pela indústria não é um empecilho para a produção industrial e a expansão do capital.

Também caracteriza a produção industrial de animais o grande número que morre no transporte antes de virar carne. Durante o transporte da fazenda ao abatedouro, a taxa de mortalidade chega a 25% para os bovinos, alguns animais caem e são pisoteados no percurso. Na sala de abate, os animais são atordoados com choque elétrico, agrilhoados, pendurados de cabeça para baixo e mortos. Na prática árabe de produção de carne *halal*, no entanto, os animais não são atordoados com choque antes de suas carótidas serem cortadas (FRANCIONE, 2013, p. 62). De acordo com o modo *halal*, no momento do abate, a cabeça do animal deve estar voltada à Meca, cidade sagrada para a religião islâmica. Francione assinala que os animais da indústria de laticínios também terminam indo para o matadouro. Nas últimas décadas, os estudos científicos comprovam que o consumo de carne e derivados aumenta a propensão para o desenvolvimento de doenças degenerativas. É notável o aumento do índice de obesidade, doenças

cardiovasculares e cânceres nos países que passaram a adotar uma dieta à base de carnes.

Calcula-se que mais de 70 bilhões de animais são mortos para alimentação humana anualmente. O consumo de recursos naturais para a produção de alimentos e outros produtos de origem animal torna-se cada vez maior, acompanhando o aumento da produção e da utilização de insumos químicos, como a ampla utilização de antibióticos, fungicidas e hormônios²⁷. Conforme dados da FAO/ONU, para a produção de 1 kg de carne bovina são necessários cerca de 15 mil litros de água no seu processo, enquanto que para produzir 1 kg de grãos são necessários um décimo dessa quantidade, cerca de 1.500 litros. A Agência Nacional das Águas assinala que a pecuária no Brasil é responsável pelo consumo de 11% do volume de água dos mananciais. A água retorna poluída com os dejetos dos animais à natureza, além de hormônios, antibióticos e fungicidas que são acionados na alimentação dos animais para evitar o desenvolvimento de doenças decorrentes do confinamento.

A agropecuária é a atividade que demanda o maior consumo de água e também a que ocupa a maior parte das terras do planeta, aproximadamente um quarto da superfície terrestre. Com a intensificação da utilização da biotecnologia para aumentar a produtividade, ampliou-se os impactos ambientais em todos os ecossistemas. As áreas selvagens foram drasticamente reduzidas devido ao aumento da população humana e da expansão da agropecuária. A maior parte do desmatamento, notadamente no Brasil, tem como propósito abrir espaço para a pecuária e a produção de grãos que se destinam, em boa parte, para a alimentação animal. Segundo Morris (1990, p. 79), as florestas tropicais foram reduzidas à metade de sua área primitiva nos últimos cinquenta anos, o que significa a destruição de cerca de oito hectares por minuto. As florestas tropicais são territórios de grande riqueza em biodiversidade abrigando cerca de cinquenta por

²⁷ Como explica Singer (2010), para aumentar a produção de leite, por exemplo, é comum a utilização de inseminação artificial e muitas vezes é aplicado o hormônio do crescimento bovino (BST ou somatotropina bovina) e a vaca chega a produzir 20% mais leite. Contudo, as que recebem o hormônio também desenvolvem mais doenças como a mastite (inflamação na glândula mamária), o que resulta em pus e sangue no leite e a necessidade de acrescentar mais produtos químicos para disfarçar essa consequência. As vacas são ordenhadas duas a três vezes por dia e “esse ciclo intenso de prenhez e hiperlactação pode durar cinco anos. Depois disso a vaca ‘gasta’ é enviada para o abate, onde vira hambúrguer ou ração para cães” (SINGER, 2010, p. 202).

cento de todas as espécies de plantas e animais do planeta, além de desempenhar o papel de controle climático, o que está sendo comprometido com as perdas pelo desmatamento e expansão da fronteira agrícola.

Segundo o Instituto Nina Rosa, cerca de 90% da área desmatada na Amazônia é utilizada para a pecuária ou para a produção de grãos para produção de ração animal o que, conseqüentemente, tem um imenso impacto sobre a biodiversidade. Milhares de animais selvagens morrem nesse processo ou, acuados pelo fogo na mata, buscam refúgio nas cidades próximas. Aproximadamente 40% da produção de grãos é consumida pelos animais que vão ser transformados em carne, enquanto que metade dos grãos e hortaliças utilizados nesta indústria poderia acabar com a fome humana mundial²⁸. Além consumir quase 70% da água doce no planeta, Francione assinala que a agropecuária resulta numa grave poluição aquática:

os animais produzem cerca de 1,4 bilhão de toneladas de dejetos por ano – 130 vezes mais do que a população humana produz. Grande parte desse dejetos não é reciclada, mas despejada em nossas águas, como resultado, o nitrogênio contido no dejetos reduz a quantidade de oxigênio dissolvido na água e faz aumentar os níveis de amônia, nitrato, fosfato e bactéria (FRANCIONE, 2013, p. 65-66).

Os animais marinhos sofrem com os danos ambientais da pecuária, pois o nível de contaminação no organismo dos peixes é cada vez maior²⁹. A pesca industrial também tem provocado intenso impacto ambiental. Cerca de 80% das espécies marinhas exploradas pela pesca já está em extinção ou em declínio. Como resultado, a sobrepesca causa

²⁸ Vídeo “A engrenagem” do Instituto Nina Rosa.

²⁹ Francione assinala que os peixes acumulam produtos químicos e metais pesados em seus organismos, os quais são consumidos e prejudicam a saúde humana: “os peixes se tornam repositórios dos poluentes químicos industriais despejados nas águas do planeta, e seus corpos podem acumular níveis de toxinas muito mais altos do que os das águas em que vivem. Essas toxinas incluem os PCBs e a dioxina, que são carcinogênicos, o mercúrio, que pode prejudicar o cérebro e o sistema nervoso, o chumbo que pode prejudicar o cérebro e o desenvolvimento dos bebês, e os pesticidas como o DDT (...) muitos peixes também são contaminados por bactérias presentes nas fezes de humanos e animais” (FRANCIONE, 2013, p. 73).

um profundo dano ao meio ambiente e uma grave ameaça ecológica porque as populações de peixes estão declinando em uma velocidade alarmante³⁰. Também aumenta progressivamente a produção industrial de peixes. Produzidos em cativeiro, diminui o custo da produção, entretanto, ampliam-se os riscos de desenvolver várias doenças, infecções e parasitas, por serem alimentados com antibióticos, que podem passar para os humanos através do seu consumo (FRANCIONE, 2013, p. 74). Diante destes dados, pode-se afirmar que os modos como se utilizam os animais na atualidade se tornaram progressivamente antinaturais. Francione exemplifica essa constatação:

é um pouco estranho qualificar como ‘natural’, em qualquer sentido da palavra, a maneira moderna de usarmos os animais como mercadorias. A fim de maximizar lucros, nós criamos ambientes e procedimentos completamente *antinaturais* para criar animais para consumo. Fazemos experimentos bizarros em que transplantamos genes e órgãos de animais em humanos e vice-versa. Agora estamos clonando animais. Nada disso pode ser qualificado como natural (FRANCIONE, 2013, p. 284).

A utilização de animais como instrumentos na ciência pode ser dividida em três categorias: educação, testes e pesquisa (REGAN, 2006, p. 200). Em muitos países, os estudantes do ensino médio e da universidade dissecam animais³¹. Anualmente, calcula-se que mais de seis milhões de animais são mortos para o ensino (ibid, p. 201). Os animais utilizados nos experimentos são comprados de laboratórios especializados na produção de animais para pesquisa científica (coelhos, ratos e insetos), outra parte é comprada de zoológicos (primatas) e abrigos para animais (cães e gatos) (ibid, p. 205).

³⁰ As redes de pesca das grandes corporações se estendem por quilômetros. Estima-se que a cada no “entre 18 milhões e 40 milhões de toneladas de peixes, em geral fatalmente feridos, são atirados de volta ao mar por pescadores comerciais. Algumas traineiras de pesca de arrasto do camarão descartam 15 toneladas de peixes para cada tonelada de camarão que pegam” (FRANCIONE, 2013, p. 74).

³¹ No Brasil é restringindo por lei (lei 6.638/79, art. 3º) o uso de animais em experimentos do ensino fundamental e médio e em locais frequentados por menores de idade (FEIJÓ, 2005, p. 91).

O teste de toxicidade é uma das muitas maneiras que os animais são usados no desenvolvimento científico. Conforme explica Regan (2006, p. 208), o objetivo dos testes de toxicidade é estabelecer os prováveis efeitos prejudiciais de determinada substância aos seres humanos; a qual é administrada, primeiro, em animais. Os testes de toxicidade usam métodos diferentes, dependendo das substâncias e do que se pretende avaliar³². Os animais são obrigados a inalar, ingerir, ter contato cutâneo e ocular com diversas substâncias tóxicas. Como ressalta o autor, são inúmeras as substâncias testadas em seus organismos para ver quais são as reações: desde medicamentos e drogas, até xampus, desodorantes, loções para a pele, perfumes, desentupidores de ralos e esgotos, detergentes para máquina de lavar pratos, pesticidas e solventes industriais. Estima-se que dezenas de milhões de animais são mortos, a cada ano, em experimentos deste tipo. A filósofa Sonia Felipe também ressalta a grande quantidade de produtos que foram testados em animais antes de chegar ao mercado:

A indústria cosmética, farmacêutica, química, e bélica, no século XX, assombrou o mercado com incontáveis produtos criados a partir de investigação do modelo animal. Praticamente tudo o que nos rodeia, do chá que bebemos ao filme que assistimos, resulta de componentes testados em animais vivos (FELIPE, 2014, p. 217).

Nos testes psicológicos, os animais passam por testes comportamentais. Singer (2010, p. 90-95) relata dezenas de testes em animais, e seus relatórios sobre os trabalhos de asfixia, lesões múltiplas, privação materna, privação de alimento, sede, estresse, radiação e muitos outros. O psicólogo comportamental Richard Ryder trabalhou décadas com experimentos em animais até abandoná-los no início dos anos 70, até que ele passou a rejeitar esses experimentos, argumentando que a maior parte “contribui apenas para aumentar a variedade de produtos supérfluos, dada a já farta oferta de similares no mercado”, enquanto que as pesquisas que buscam minimizar o sofrimento humano

³² Um dos testes de toxicidade mais comuns nos últimos 60 anos é o DL₅₀. Nesse teste a substância é ministrada oralmente aos animais, em dosagens de diferente concentração. O objetivo do teste é avaliar qual a dosagem em que a substância se mostra letal para 50 por cento dos animais testados (REGAN, 2006, p. 209).

e animal, através da descoberta da cura de doenças são a minoria (FELIPE, 2014, p. 174).

Todos os testes científicos levam os animais ao óbito forçado e, frequentemente, essas “pesquisas médicas básicas arrastam-se por décadas, e a maioria delas mostra-se, a longo prazo, completamente inútil” (SINGER, 2010, p. 90). Singer explica por que é difícil estabelecer um controle efetivo sobre as formas como os animais são utilizados em laboratórios:

Como esses experimentos são financiados por agências governamentais, não há lei que impeça os cientistas de realizá-los. Há leis que proíbem pessoas comuns de bater em cães até a morte, mas, nos Estados Unidos, os cientistas podem fazer a mesma coisa impunemente, sem que ninguém verifique se desse fato advirão benefícios. O motivo é que a força e o prestígio do estabelecimento científico, apoiado pelos vários grupos de interesse – incluindo os que criam animais para vender aos laboratórios – têm sido suficientes para impedir as tentativas no sentido de realizar um controle legal efetivo (SINGER, 2010, p. 109).

O conhecimento da situação dos animais e das diversas formas de exploração a que eles são submetidos na indústria, laboratórios de pesquisa, circos, zoológicos, parques de caça, caça às baleias, elefantes etc, fortaleceram o movimento de defesa pelos direitos animais. As transformações sociais da década de 70 do século XX, na defesa dos direitos das mulheres, negros e outros grupos marginalizados socialmente, incentivaram os grupos de defesa dos animais a pressionar os governos para a fiscalização da aplicação das leis de bem-estar animal, inibir a caça aos animais selvagens e aos que estão ameaçados de extinção, e, sobretudo, a criação de leis que estendam aos animais os direitos morais básicos - os direitos à vida, à liberdade e à integridade física.

Quanto ao tratamento jurídico dado aos animais, o advogado e filósofo Gary Francione critica as leis que tratam da questão. No seu entendimento, na maioria dos casos, as leis se destinam aos animais de criação e elas não privilegiam os direitos dos animais, mas priorizam os do proprietário. Por meio de leis bem-estaristas, os governos

regularizam medidas de “tratamento e abate humanitário”³³ e, em muitos casos, estimulam financeiramente às empresas que produzem carne e derivados. Francione destaca que, com uma maior regularização, ampliam-se as formas de exploração animal, a qual passa a se tornar moralmente aceitável, porque são praticadas de acordo com a lei. Nesse sentido, “o Estado Moderno age na regulação da relação [humanos-animais] para assegurar um comportamento ‘civilizado’ do ser humano em relação a eles” (FRANKLIN, 1999, p. 34 apud DAL-FARRA, 2003, p. 31). Desta forma, a maioria das leis destinadas aos animais não buscam restringir ou diminuir o uso de animais pelos humanos, mas regular se o tratamento dado aos animais é humanitário, ou seja, se busca minimizar o sofrimento imposto.

As atividades de lazer do ser humano que usam animais seguem sendo uma tendência e, em alguns casos, se tornam cada vez mais populares. Enquanto que os circos estão deixando de utilizar animais, cresce o número de adeptos a caça e a pesca em muitos países. Apenas nos Estados Unidos, a caça esportiva resulta na morte de mais de 200 milhões de animais anualmente, sem contar os animais feridos que não são apanhados (FRANCIONE, 2013, p. 68).

Francione ressalta que grande parte das sociedades de proteção animal apoia a caça como uma medida de “controle natural” ao crescimento das populações selvagens. Consequentemente, diversos santuários de vida selvagem foram convertidos em “campos de caça institucionalizada”³⁴. Os animais utilizados nestas “caças enlatadas” são

³³ No abate humanitário, conforme descreve Singer, os animais são atordoados por uma corrente elétrica ou por uma pistola pneumática, e têm a garganta cortada quando perdem a consciência. O choque, entretanto, não é indolor e muitos animais recobram logo a consciência, resistindo ao corte. Outra forma de abate é com o machado, em que a pessoa fica a cima do animal e tenta torná-lo inconsciente com um único golpe. “Se o balanço se desvia uma fração para o lado, a marreta pode pegar no olho ou no focinho; então, como o animal se agita em agonia e terror, vários golpes são necessários para torná-lo inconsciente” (SINGER, 2010, p. 225).

³⁴ Francione explica que a maioria das agências estaduais de preservação da vida selvagem nos Estados Unidos adota um modelo empresariam em que os caçadores são seus “clientes” e essas agências oferecem o produto para eles, animais para serem abatidos (FRANCIONE, 2013, p. 69-70). Essas agências manipulam as populações animais e os ecossistemas através da destruição das populações predadoras, desvios fluviais, da queima e plantação de árvores etc, mantendo a densidade da vida selvagem para os caçadores. Entre os animais, os veados, ursos e faisões são os principais caçados nos Estados Unidos. Essas

comprados de circos, zoológicos ou criados especialmente para isso (FRANCIONE, 2013, p. 71).

Os rodeios são uma forma cada vez mais popular de entretenimento nos Estados Unidos e também no Brasil. Naquele país, ocorrem a cada ano mais de 800 rodeios profissionais e um número desconhecido de eventos menores; no Brasil, estimativas não oficiais afirmam que são organizados mais de mil rodeios por ano. Como relata Francione, os rodeios envolvem medo e desespero animal: os competidores usam esporas de metal que ferem os ombros e o pescoço dos animais, que com frequência são atormentados com bastões elétricos antes de entrar na arena. Muitos animais são machucados nesses eventos: “Cavalos quebram as pernas; bezerros e novilhos quebram ossos e o pescoço, rasgam a traqueia e ficam paralíticos após correr contra cercas e ser virados com cordas (...), cerca de metade desses eventos não tem nenhum veterinário presente” (FRANCIONE, 2013, p. 78). Isso nos eventos norte-americanos, no Brasil, provavelmente, seja ainda menor a presença de veterinários.

Em relação à corrida de cavalos, os críticos mais severos condenam que os cavalos são levados a correr até a morte. É muito grande o risco de o cavalo morrer por ataque cardíaco porque o coração destes animais vai de 25 para 250 batidas por minuto durante as corridas (MORRIS, 1990, p. 163). Cerca de 75% dos cavalos de corrida acabam no matadouro devido a ferimentos fatais ou quase fatais, como por exemplo, pelo rompimento nos ligamentos, ossos quebrados e outros danos (FRANCIONE, 2013, p. 78). Os cães de corrida quando ficam velhos para as principais pistas de corrida são vendidos para outras pistas na América Latina, para laboratórios de pesquisa científica ou são dados a grupos de adoção (ibid, p. 79). Os animais que se aposentam das corridas também são mortos e sua carne é utilizada para produzir ração para outros animais.

Parques aquáticos com mamíferos marinhos e outros animais não são muito comuns no Brasil, fazem parte da realidade norte-americana.

reservas privadas de caça têm se multiplicados nos últimos anos nos Estados Unidos. Calcula-se que haja mais de mil reservas comerciais deste tipo apenas naquele país. Na Grã-Bretanha e em diversos países da África também existem propriedades que oferecem visitas guiadas aos integrantes da classe alta do país para atirar em animais selvagens e levar para casa, como troféu, a cabeça do animal abatido. Para seus praticantes, a caça é considerada um esporte que se justifica por ser uma tradição humana (FRANCIONE, 2013, p. 72).

Os animais são retirados do seu habitat natural e são tratados com técnicas que incluem intimidação e privações. Como consequência, estes animais que são mantidos em cativeiro vivem apenas uma fração do seu tempo de vida normal; morrendo devido ao estresse, ou a úlceras ou outras doenças induzidas pelo estresse (FRANCIONE, 2013, p. 80).

Francione assinala o fato de que o uso de animais e as formas de tratamento que o caracterizam é uma questão cultural. Para destacar as múltiplas maneiras de conceber os animais, o autor apresenta dois exemplos. Nos Estados Unidos, os rodeios são uma prática de entretenimento institucionalizada, enquanto que as touradas são ilegais e as rinhas de animais, geralmente associada às classes desfavorecidas economicamente e pequenos grupos, são proibidas pela lei na maioria dos estados por serem consideradas cruéis (FRANCIONE, 2013, p. 271). O autor chama a atenção para a incoerência de que o país que proíbe rinhas de galos mata perto de oito bilhões de galinhas por ano (ibid, p. 271–272). Outro exemplo sobre as diferenças culturais em relação ao tratamento dado aos animais envolve o “melhor amigo do homem”:

muitas pessoas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha criticam a Coreia, a China e outros países onde existe o hábito de comer cães e gatos. Mas comer um cão ou um gato não é diferente de comer um porco ou uma vaca, a não ser quanto ao fato de que, em certas nações ocidentais, os cães e os gatos são a forma de propriedade animal mais favorecida (FRANCIONE, 2013, p. 272).

Em relação aos modos como os animais e todas as outras criaturas são tratadas, a bióloga Paula Brügger (2008) destaca que está no cerne de nossa relação com a natureza a racionalidade instrumental, o conhecimento de cunho pragmático, o antropocentrismo e o especismo. O termo especismo se refere a uma hierarquização que tem como parâmetro a espécie, e é uma consequência do pensamento antropocêntrico. A espécie humana se considera superior a todas as outras espécies e, por isso, sente-se autorizada para fazer quaisquer usos dos animais e outros seres. O termo foi criado pelo psicólogo britânico Richard Ryder, em 1970, em uma analogia ao racismo e ao sexismo; o especismo é considerado uma forma de preconceito, também se baseia “em diferenças físicas moralmente irrelevantes” (BRÜGGER, 2013, p. 126).

Sonia Felipe (2014, p. 171) recorre a Ryder e sua analogia entre o tratamento dado aos animais e aos escravos humanos. Ryder compara a justificativa apresentada para o modo como os animais são tratados na atualidade com aquelas que fundamentavam o modo como os escravos eram tratados até o século XIX. Nas palavras do autor:

Use a palavra “especismo” para descrever a discriminação generalizada praticada pelo homem contra as outras espécies, e para traçar um paralelo com o racismo. (...) Especismo e racismo (e na verdade sexismo) ignoram ou subestimam as semelhanças entre o discriminador e aqueles que este discrimina e ambas as formas de preconceito *revelam indiferença pelos interesses de outros e por seu sofrimento* (RYDER, 1991, p. 40, grifo do autor, apud FELIPE, 2014, p. 175).

Para o raciocínio especista, todas as outras espécies são consideradas inferiores porque não são da espécie humana e essa diferença se sobreporia a todas as outras semelhanças. Deste modo, devido à hierarquia criada pelo homem em relação às outras formas de vida, os interesses animais de viver em seu habitat natural e exercer sua liberdade reprodutiva e de movimento podem ser sacrificados em nome de benefício humano.

A natureza é constantemente alterada tendo em vista os interesses e necessidades humanas, muitas vezes em favorecimento do crescimento e da expansão das economias, sem levar em consideração implicações sociais e ambientais. Em relação à produção de alimentos, a utilização de produtos químicos que são comprovadamente tóxicos ao organismo animal é um exemplo de instrumentalização da natureza e de desconsideração quanto aos impactos ambientais. O modelo agrícola brasileiro tem priorizado o uso de agrotóxicos e, há alguns anos, o país se tornou o líder no consumo destes defensivos agrícolas³⁵, o que leva

³⁵ A notícia “Brasil fiscaliza agrotóxico só em 13 alimentos, enquanto EUA e Europa analisam 300” (31/01/2014), publicada pelo site d’O Globo, assinala o crescimento na utilização de agrotóxicos no país e os problemas de saúde que os produtores rurais e consumidores desenvolvem ao entrar em contato com estes produtos: “De 2002 a 2012, o mercado brasileiro de agrotóxicos cresceu 190%. O setor movimentou US\$ 10,5 bilhões, em 2013, ano de ouro para a agropecuária, que teve supersafra e preços de commodities em alta. A análise dos alimentos que vão à mesa do consumidor, porém, é bem restrita. No último

ao envenenamento da água, dos solos e dos animais que se alimentam das pragas das lavouras, e, conseqüentemente, agredindo a saúde humana. Nos humanos os agrotóxicos provocam diversas doenças, entre elas, cânceres, doença crônica nos rins, doença cardíaca, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), Alzheimer, diabetes e depressão, concentrando-se no corpo, deixando resíduos, inclusive, no leite materno³⁶.

Em relação aos animais em confinamento, o grande uso de antibióticos, fungicidas, hormônios e outros componentes químicos acrescentados na ração animal para aumentar a produtividade são, conseqüentemente, consumidos pelos humanos ao comer carne. Estes acabam desenvolvendo diversas doenças em decorrência de uma alimentação baseada na proteína animal. Como vimos na introdução, recentes pesquisas da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU) apontam que, na atualidade, mais de 70% das doenças humanas se desenvolvem em animais e estão relacionadas com a busca humana por mais alimentos de origem animal³⁷. Também de acordo com a FAO/ONU a produção de carne deve duplicar até 2050 devido à grande demanda e enriquecimento da população, o que sugere que com o aumento da produção industrial de animais, os problemas socioambientais se tornarão ainda maiores.

O século XX presenciou as maiores transformações quanto à forma de utilizar os recursos da natureza, aumentando o tratamento utilitário dado aos animais. Contrariamente, o surgimento e a expansão dos meios de comunicação de massa estimularam a produção e a circulação de representações socioculturais que passaram a alimentar o imaginário de crianças e adultos. Durante muitos séculos, os animais coloriram a subjetividade humana através das fábulas. Por meio de filmes, desenhos animados e documentários, a imagem dos animais invadiram as casas e influenciariam de diversas formas a imaginação

relatório da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), de 2012, foram analisadas 3.293 amostras de apenas 13 alimentos - 5% do que é avaliado por EUA e Europa. Desses, o resultado de apenas sete foram publicados até agora (...). O custo dos agrotóxicos à saúde é grande. Segundo o professor Fernando Carneiro, da Universidade Brasília, a cada US\$ 1 gasto em agrotóxico, há um custo de US\$ 1,28 em atendimento ao intoxicado”.

³⁶ A notícia “Monsanto: 25 doenças que podem ser causadas pelo agrotóxico glifosato”, publicada no site Carta Maior, aponta 25 doenças causadas pelo consumo de agrotóxicos na alimentação humana.

³⁷ *World Livestock 2013: Changing disease landscape*, FAO/ONU, 2013, p. IX.

dos humanos. Bravo (2011, p. 231) assinala que “a tevê é o espaço atual do espetáculo animal, antes ocupado pelos zoológicos em meados do século XIX, que exibiram os primeiros animais”. Conforme observa Franklin (1999, p. 45 apud DAL-FARRA, 2003, p. 37), os animais selvagens tornaram-se presentes em toda a mídia popular, nas aventuras de crianças em livros ilustrados, no cinema com os filmes de Walt Disney, nos programas de televisão. Por muito tempo, os programas sobre a natureza selvagem instruíram na compreensão do mundo natural, entretanto, nos últimos anos, os animais de estimação ganharam mais espaço na mídia. Diversos programas e reportagens apresentam dicas de saúde, alimentação, estética e produtos para estes animais.

Através da publicidade de produtos de origem animal, estimulou-se a divulgação de representações socioculturais que, na maioria das vezes, não coincidem com o tratamento hegemônico dado aos animais, como, por exemplo, de animais pastando livres nas fazendas, de porcos se banhando na lama, de homens retirando manualmente o leite das vacas etc. Também, por meio da linguagem e do ocultamento de imagens dos abatedouros, buscou-se desconectar a imagem do animal criado e morto para o consumo humano e do pedaço de bife, limpo e embalado na prateleira do supermercado. Neste sentido, o filósofo Carlos Naconecy aponta que é ativada uma “retórica de eufemismos” para suavizar a forma como se concebe a produção da carne:

Nossa cultura, antropocêntrica e especista, opera também com um outro recurso muito poderoso. Estamos cercados por toda uma estratégia de amaciamento semântico no que tange ao reino animal. A retórica de eufemismos consiste em substituir certos termos por outras palavras eticamente neutras, como ‘abater’ no lugar de ‘matar’ ou ‘assassinar’. Assim, em vez de ‘pedaço processado de um cadáver de um animal’ chamamos de ‘bife’ (NACONECY, 1996, p. 74).

A mídia, em especial o jornalismo, possibilitou o conhecimento de realidades muito distantes do cotidiano da maioria das pessoas por meio da informação. Nas últimas décadas, a vida selvagem e os animais ameaçados de extinção passaram a fazer parte dos noticiários. Os animais de produção também receberam mais atenção do jornalismo devido à expansão do mercado de *commodities*, além das doenças

vinculadas aos animais e que podem ser transmitidas para os humanos (por exemplo, a vaca louca, gripe aviária, dengue, ebola etc).

Neste início de século XXI, o Brasil se tornou o líder no mercado mundial na exportação de carne bovina e de soja. Calcula-se que a pecuária ocupa um terço da área terrestre do planeta e emita 18% do total de gases de efeito estufa, quantidade que poderá dobrar caso as previsões quanto ao crescimento da produção industrial de proteína animal se confirmem. Também é cada vez maior a exploração do ambiente aquático para a produção de alimentos. A produção em cativeiro de peixes³⁸ e outros frutos do mar ultrapassou a de carne bovina em 2012.

Por outro lado, diversos campos sociais têm debatido cada vez mais sobre a ética e os direitos animais. A caça a animais selvagens e em risco de extinção, os esportes e apresentações artísticas que agridem a integridade física dos animais, além da produção em confinamento são cada vez mais criticados. Cresce o número de pessoas que pararam de consumir e de utilizar produtos de origem animal, e que se opõem a qualquer atividade que explore os animais, estimulando o desenvolvimento de experimentos, práticas e produtos alternativos.

Para Brügger (2008), o desenvolvimento tecnocientífico somado a uma apologia à produtividade reforçou visão de mundo mecanicista e o tratamento especista da natureza. A autora argumenta que o modelo de produção contemporânea é insustentável em diversos aspectos:

É fácil compreender que processos produtivos norteados pelo paradigma econômico neoliberal - que visam à produtividade máxima e cujos principais atores sociais são as grandes corporações transnacionais - são incompatíveis com a sustentabilidade, seja ela no plano ecológico, social ou ético (BRÜGGER, 2008, p. 2).

Em meio aos paradoxos que se observam no tratamento dado aos animais, especialmente nos últimos dois séculos, devido ao

³⁸ Segundo o estudo do Instituto Earth Policy, em 2012, foram produzidas 66,5 milhões de toneladas de frutos do mar contra 63 milhões de toneladas de carne vermelha. A aquicultura industrial se tornava superior em volume, pela primeira vez na história, à produção da pecuária; conforme foi divulgado em notícia pelo O Globo, em 06/08/2013, “Produção de peixes em cativeiro ultrapassa a de carne bovina”.

desenvolvimento industrial e científico, pode-se afirmar que o paradigma predominante, o pensamento antropocêntrico cartesiano, está em xeque. Para o físico Fritjof Capra (1996), a sociedade vive uma crise da percepção da realidade. As percepções e valores estão relacionados ao paradigma hegemônico que concebe a natureza em uma dimensão instrumental. Capra critica o culto à razão e ao ser humano como o dono do universo, enfatizando que o ser humano é “apenas como um fio particular na teia da vida” (CAPRA, 1996, p.26). O autor destaca que uma mudança de paradigmas “requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores” (ibid, p. 27).

Como destaca Giorgi (2011, p. 109), os discursos filosóficos, científicos e culturais que têm servido como mecanismos para substancializar a diferença humana, passam por um processo de desconstrução “daquilo que é próprio do homem”, ou melhor, próprio dos humanos. Nas últimas décadas, diversos pensadores se dedicaram a desenvolver uma “compreensão não-mecanicista e pós-cartesiana da vida” (CAPRA, 1993, p. 133). É importante compreender como se deu esse processo histórico e interdisciplinar que busca desnaturalizar e desconstruir o antropocentrismo logocêntrico, estimulando novas sensibilidades morais em relação aos animais.

2.2 Reintegrando a teia da vida: novas sensibilidades e considerações morais

Na pré-história e durante muito tempo na antiguidade, os humanos não se consideraram superiores aos outros animais. Pelo contrário, alguns animais eram representados como seres especiais e superpoderosos; e se acreditava que todos os seres possuíam almas. O filósofo pré-socrático Demócrito foi um dos primeiros a defender a inteligência animal nos séculos V e IV a.C.. De acordo com Montaigne, Demócrito sublinhava que os humanos haviam aprendido a maior parte das artes com os animais, entre elas: “a tecer e a coser com a aranha, a edificar com a andorinha, a fazer música com o rouxinol e o cisne, e a curar com certos bichos” (MONTAIGNE, 2006, p. 391).

Este pensamento integrativo seria profundamente abalado com o fortalecimento do paradigma antropocêntrico, promovido pelos discursos filosóficos, religiosos e científicos, que se esforçariam para estipular alguma característica humana que os animais não possuísem e fazer deste atributo uma diferença entre a espécie humana e as demais, e assim, justificar sua superioridade. O antropocentrismo, ou seja, a concepção de que o ser humano é o centro do universo em termos de consideração moral, fundamentou-se enquanto senso comum até se tornar o pensamento hegemônico que rege as relações da humanidade para com a natureza.

Desde a origem do pensamento antropocêntrico, alguns filósofos tencionaram as fronteiras entre os humanos e os animais. Thomas (2010, p. 409-413) aponta que no entendimento de alguns filósofos da Grécia Antiga, entre eles, Plutarco, Porfírio e Pitágoras, havia um parentesco entre toda a natureza animal. Estes filósofos incentivavam a adoção de uma dieta vegetariana. Pitágoras é considerado o pai do vegetarianismo no ocidente e as dietas sem carnes eram chamadas de “dieta pitagórica”. Platão, em *A República*, desaconselhava por outro motivo o consumo de alimentos de origem animal. Ele ressaltava que a produção de carne é muito mais dispendiosa do que a produção de vegetais; os alimentos de origem vegetal precisam de menos terra para serem produzidos do que os alimentos de origem animal. O filósofo Sêneca, na Roma Antiga, estimulava o vegetarianismo e defendia que os animais tinham almas e que poderiam reencarnar em humanos e estes em animais. A alimentação carnívora também foi rejeitada por outros pensadores da época por ser considerada, por motivos estéticos, repugnante.

Durante a idade média, não havia um debate sobre o abate de animais para a alimentação humana, entretenimento e outras formas de uso e exploração. A influência do cristianismo no pensamento da época estimulou o consumo, a caça e os esportes que utilizavam animais. Como vimos, durante muitos séculos, a religião católica combateu os deuses e cultos relacionados aos animais e à natureza, o que incentivou o tratamento instrumental dos outros seres e levou ao aumento da poluição. Para alguns historiadores o cristianismo é considerado como “a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu” (THOMAS, 2010, p. 29).

Percebe-se que o antropocentrismo é, sobretudo, androantropocêntrico, uma vez que no Antigo Testamento, seriam “os homens” e não “a humanidade” os depositários da criação divina. As mulheres muitas vezes foram representadas e tratadas como sub-

humanas no processo civilizatório; muitos pensadores sugeriam que elas estavam mais próximas do estado animal do que os homens. Na mitologia popular, durante muito tempo, a linha divisória entre humanos e animais era continuamente cruzada, havendo diversos elos-perdidos, meio-homens e meio-animais que rondavam a floresta (THOMAS, 2010, p. 191). Até o período medieval, predominava a concepção de um universo orgânico, vivo e espiritual paralelamente ao imperativo de que os homens eram detentores do direito divino de dominar as criaturas da natureza.

Alguns filósofos e cristãos heterodoxos, no entanto, argumentavam que a humanidade e todos os animais partilhavam da criação divina e possuíam almas. Passariam muitos séculos até que o direito humano de matar animais fosse novamente questionado. O cientista, pintor e inventor Leonardo da Vinci é considerado um dos primeiros defensores dos direitos animais no princípio do período moderno. Ainda no final do século XV, da Vinci se opunha a qualquer forma de infligir dor aos animais, criticava a moralidade de comer carne quando ela não era indispensável para a saúde humana e julgava que tirar a vida de outro animal era um crime.

Em meados do século XVI, o filósofo francês Michel Montaigne (1996, p. 386) assinalava que todos os seres da criação são semelhantes e considerava que os seres humanos estavam entre as demais criaturas, nem acima ou abaixo delas. Montaigne destacava a complexidade da vida animal ao salientar que os animais superariam os humanos em algumas faculdades e competências: “os animais fazem ainda muitas coisas que ultrapassam de muito aquilo de que somos capazes, que não conseguimos imitar e que nossa imaginação não nos permite sequer conceber” (MONTAIGNE, 1996, p. 394). O filósofo cita uma série de exemplos que comprovaria a inteligência animal em diversas espécies. Entre os atributos que os animais superariam os humanos, ele enfatiza a ordem social das abelhas:

Que faculdade teremos ainda que não encontremos nos animais? Haverá organização social mais perfeita que a das abelhas? A divisão dos trabalhos e dos cargos é tão bem regulada entre elas, que a não podemos imaginar sem supormos esses insetos dotados de inteligência: “por esses e por outros sinais, e exemplos, julgaram alguns sábios que as abelhas possuíam

uma parcela de espírito divino e tinham uma alma”³⁹ (MONTAIGNE, 1996, p. 383).

De acordo com Montaigne, em prol de sua pretensa superioridade, os humanos aprisionaram e empregaram os animais à revelia. As pessoas condenam tudo o que parece estranho, o que não compreendem⁴⁰, e por esse prisma julgam os animais (ibid, p. 393). O filósofo argumenta que o fato de não entendermos os animais não implica que eles não tenham uma linguagem própria. A partir dos sons que os animais emitem é possível identificar se eles estão sentindo medo, dor ou prazer, o que é considerado uma forma de linguagem: “pois que outra coisa será, senão uma linguagem, isso que lhes permite queixar-se ou manifestar sua alegria, chamar por socorro, ou para o amor” (ibid, p. 386); de modo que os animais “entendem-se entre si perfeitamente e não só entre os da mesma espécie, mas também entre os de espécie diferente” (ibid, p. 382).

Os argumentos de Montaigne foram inovadores para época e ainda o são, contudo, a visão de mundo que seria proposta por Descartes prevaleceu alinhando-se com as transformações socioeconômicas e científicas do momento histórico. A economia feudal de subsistência estava sendo substituída pelas atividades manufatureiras e o comércio se tornava uma das principais atividades econômicas. O mercantilismo investiu nas descobertas marítimas em busca de metais preciosos e novos territórios para produção de alimentos. O colonialismo sujeitou milhões de pessoas ao trabalho escravo, apropriando-se das riquezas e das terras dos povos nativos para produzir, de forma monopolista, as matérias-primas para abastecer o mercado europeu. A ciência moderna se desenvolvia e legitimava enquanto possibilidade de ter um

³⁹ Montaigne cita nessa passagem um pensamento do poeta romano Virgílio, que viveu no século I a.C na Itália.

⁴⁰ Montaigne faz um paralelismo da questão animal com o primeiro contato dos europeus com os indígenas brasileiros e da reação que os franceses tiveram diante daquele povo desconhecido: “Vi outrora homens vindos por mar de longínquos países. Como não compreendíamos sua língua e seus costumes, suas atitudes e suas vestimentas não se assemelhavam aos nossos, consideramo-los selvagens e estúpidos. Atribuímos a sua estupidez ao fato de não falarem francês e se calarem, de ignorarem o beija-mão, nossas reverências requintadas, nossas maneiras, tudo isso a que, sob pena de incorreção, desejaríamos se moldasse toda a humanidade” (MONTAIGNE, 1996, p. 393).

conhecimento real. Nesse momento de desenvolvimento tecnológico e de domínio econômico e social sobre outras culturas e continentes, “o homem burguês [europeu] precisava de uma nova ciência da natureza e de uma teoria da essência humana que lhe permitissem criar um relacionamento diferente com o mundo e com os semelhantes” (MONTAIGNE, 2006, p. 11, prefácio).

Os filósofos do início do período moderno acentuaram e consolidaram o pensamento antropocêntrico ao produzir uma série de justificativas – ausência de alma, razão, consciência, linguagem etc - as quais absolviam os humanos das formas como os animais eram tratados neste momento em que ciência se desenvolvia enquanto instituição da modernidade, ampliando as fronteiras conceituais entre humanos e animais. No entanto, como destaca Thomas (2010, p. 412-413), por meio de traduções no fim do século XVII, ganharam difusão os ensinamentos dos filósofos antigos em relação ao estímulo de uma dieta vegetariana. O regime pitagórico de não utilizar roupas e alimentos provenientes de animais voltou a ser defendido. Thomas Tryon, um dos defensores do vegetarianismo na época, estendia aos animais a “regra de ouro”, o preceito áureo de não fazer aos outros aquilo que não desejamos que nos façam. Além de condenar a crueldade contra os animais, ele atribuía a origem das guerras entre os homens à adoção de uma dieta baseada em carne animal. Durante muito tempo, acreditava-se que a carne sangrenta dava virilidade aos homens; e, nesse sentido, Tryon também sugeria que a alimentação afetava o caráter humano e indicava o vegetarianismo como um modo de refrear a agressão. Para alguns pensadores da época, as pessoas que comiam carne seriam mais coléricas em seu temperamento do que as pessoas que vivem basicamente de vegetais.

Entre os séculos XVI e XVIII o consumo de carne era algo socialmente importante e, para os ingleses, a carne bovina era considerada um símbolo nacional (THOMAS, 2010, p. 26-27). A carne era defendida pelos médicos como o alimento mais nutritivo para o corpo. Os estudos de anatomia, entretanto, causaram impacto no conhecimento do período ao sugerir que os humanos não eram em sua origem carnívoros: “a anatomia do homem, particularmente os dentes e os intestinos, mostrava que ele não foi originalmente planejado para ser carnívoro” (ibid, p. 413). O consumo de carne é um hábito que historicamente se tornou mais presente na dieta humana, embora não seja uma necessidade biológica da espécie como apontavam as descobertas anatômicas.

A partir das descobertas biológicas e das crenças sobre os efeitos da carne na saúde e no comportamento humano, os argumentos que embasariam o vegetarianismo moderno estavam definidos no princípio do século XVIII. Como assinala Thomas, esses argumentos envolviam questões relacionadas à saúde, comportamento e economia:

o abate de animais não somente tinha um efeito brutalizador sobre o caráter humano como o consumo de carne animal fazia mal a saúde; fisiologicamente não era natural; tornava os homens cruéis e ferozes; e infligia indescritível sofrimento às criaturas nossas irmãs. Em fins do século, esses argumentos foram completados por um fundo econômico: a criação de animais era uma forma dispendiosa de agricultura, se comparada com o cultivo da terra, que produzia muito mais alimento por hectare (THOMAS, 2010, p. 417-418).

Neste período, houve mudanças quanto à produção da carne, devido às transformações e novas sensibilidades da época. A sensibilidade considerada neste caso, porém, foi humana e não a animal. A morte em série de animais foi levada para regiões afastadas dos centros urbanos, e ao mesmo tempo, buscava-se desvincular as figuras do animal e da carne. Como exemplifica Thomas, o hábito de destrinchar os animais na mesa, antes prestigiado socialmente, passou a ser escondido, assim como os matadouros:

No passado fora hábito servir leitões, vacas, lebres e coelhos à mesa acompanhados de suas cabeças, mas ao se chegar ao final do século XVIII parece ter havido uma tendência crescente a ocultar os traços mais reconhecíveis da criatura abatida. (...) A ocultação dos matadouros ao olhar público tornou-se um recursos necessário para evitar um choque excessivamente forte entre a realidade material e as sensibilidades privadas (THOMAS, 2010, p. 424).

Ainda que significasse uma mudança para o comportamento cultural da época, ao afastar a morte dos animais dos olhos humanos,

considerava-se apenas a sensibilidade dos humanos diante do sofrimento do animal, em vez do próprio sofrimento imposto aos outros seres. Foi no final do século XVIII que apareceram as primeiras sociedades protetoras dos animais e sociedades vegetarianas. Em 1790, surgia um movimento vegetariano articulado na Inglaterra. Em 1824 foi criada a Sociedade pela Supressão da Crueldade aos Animais e, um pouco depois, em 1847, foi fundada a Sociedade Vegetariana da Grã-Bretanha. A primeira sociedade vegetariana na América Latina, a Sociedade Vegetariana em Valparaíso, Chile, foi criada em 1891. No Brasil, a primeira Sociedade Vegetariana Brasileira foi criada em 1921, no Rio de Janeiro⁴¹.

De acordo com Thomas (2010, p. 242), seria crescente a contestação ao velho antropocentrismo, o que começava a afetar as concepções acerca do tratamento dado aos animais. As bases intelectuais da defesa dos animais na modernidade tiveram início com os cristãos heterodoxos que seguiram defendendo o dever da humanidade de cuidar da criação, os quais foram muitas vezes tratados como hereges pela Igreja. Com as descobertas astronômicas de que a Terra não era o centro do universo e da existência de outros planetas e galáxias, tornava-se cada vez mais difícil manter o argumento de que toda a criação existia para o benefício humano. Também com o advento do microscópio, os homens descobriram que existiam milhões de microrganismos que viviam em completa indiferença aos humanos, o que abalou novamente a presunção antropocêntrica.

O debate sobre o uso de animais, no entanto, limitava-se a poucos espaços no período moderno. Somavam-se os discursos religioso, filosófico e científico reiterando a ideia de que os animais deveriam servir aos humanos por serem inferiores. A pressão que o pensamento da época exercia sobre a produção de conhecimento intimidava o desenvolvimento de filosofias e pesquisas que pudessem contrariar o pensamento antropocêntrico ao atribuir alguma importância aos animais.

Como consequência dessa pressão religiosa e intelectual, muitos pesquisadores omitiam suas descobertas ou abandonavam seus trabalhos a fim de evitar retaliações. O biólogo Charles Darwin esperou vinte e cinco anos para publicar suas descobertas em sua obra fundamental “A origem das espécies” (PASOLINI, 1976 p. 15). Conforme é narrado no Gênesis, todas as espécies foram criadas por Deus no mesmo dia e, logo em seguida, foram criados o homem e a mulher. As descobertas de Darwin, por outro lado, levaram à conclusão de que, em vez de uma

⁴¹ Conforme o site *Sítio Veg*.

criação única, os animais tenderiam a mudar continuamente levando ao desenvolvimento de novas espécies. Ele argumentava que as espécies que tinham mais probabilidade de sobrevivência seriam as que variaram no sentido de se adaptar ao ambiente. A ideia da evolução teve grande impacto no mundo moderno porque colocava em cheque o paradigma do antropocentrismo. O cientista e pesquisador Piero Pasolini descreve como foi o impacto da publicação da teoria de Darwin:

Quando o livro, em 1859, apareceu nas livrarias foi como uma bomba: num dia se esgotou a primeira edição. Desencadeou-se um turbilhão de discursos e de polêmicas. Era a primeira vez que a ideia da evolução das espécies era apresentada oficialmente ao mundo científico de modo claro e preciso, e com todas as suas consequências. Ia modificar concepções radicadas há milhares de anos (PASOLINI, 1976, p. 15 - 16).

Darwin concluía que a espécie humana provinha de espécies de símios, provavelmente de chimpanzés, e teria relação, assim, com todo o reino animal ao ser o resultado de um longo processo evolutivo. De acordo com sua teoria, diversos animais além de ser capazes de pensar, teriam reações emocionais semelhantes às humanas:

os sentidos e as intuições, as diferentes emoções e faculdades, tais como o amor, a memória, a atenção, a curiosidade, a imitação, a razão, etc dos quais o homem se gaba, podem ser encontrados em estado incipiente, ou às vezes, até bem desenvolvido, nos animais inferiores (DARWIN, 1981, p. 76-77 apud FRANCIONE, 2013, p. 201).

As descobertas de Darwin provocaram uma transformação na forma como se concebia o ser humano em relação aos outros seres, pois era a primeira vez que “o homem era considerado numa teoria científica como estando em igualdade de condições com as demais realidades apresentadas” (PASOLINI, 1976, p. 32). Ainda hoje, a hipótese da evolução das espécies é considerada como uma das hipóteses que melhor explica a origem da vida e da espécie humana. Seus argumentos foram confirmados sucessivamente pelos achados arqueológicos e pesquisas biológicas.

Foram muitos os questionamentos que decorreram à publicação da teoria da evolução, como por exemplo, “se o homem tinha evoluído dos animais, então, ou os animais possuíam almas imortais ou os homens não as tinham” (THOMAS, 2010, p. 200). Em 1871, Darwin argumentava na obra *The descent of man* [Da ascendência do homem], que a distância biológica entre os seres humanos e os outros animais era menor do que se pensava: “não apenas que o homem e animais descendiam de um mesmo ancestral comum, mas também que a diferença mental entre os humanos e os animais superiores existentes era somente de grau” (THOMAS, 2010, p. 201).

Desta forma, no século XIX, surgiu um novo pensamento que ultrapassou a representação do mundo como uma máquina, a ideia de evolução – de mudança, crescimento e desenvolvimento (CAPRA, 1993, p. 65). A partir das descobertas de Darwin, o universo passou a ser compreendido “como um sistema em evolução e em permanente mudança, no qual estruturas complexas se desenvolviam a partir de formas mais simples” (ibid, p. 67), e assim, a concepção cartesiana passaria a ser progressivamente questionada e até rejeitada, embora nunca fosse esquecida. Naquele momento, estas descobertas foram consideradas radicais e levaram tempo até se inserirem no senso comum. Ainda hoje muitas pessoas recorrem à descrição do criacionismo, não reconhecendo a origem da espécie humana como um resultado de um processo evolutivo, ou combinam-se ambas as explicações.

Foi se afirmando, com as progressivas descobertas científicas, que a humanidade era resultado de adaptações evolutivas, da mesma forma que todas as outras espécies de animais, plantas, bactérias etc que habitam o planeta. A “destruição da antiga ilusão antropocêntrica” começou, assim, com as descobertas dos astrônomos, botânicos e zoólogos e foi completada pelos estudantes de geologia (THOMAS, 2010, p. 239). Passo a passo se reconheceria que “o homem era apenas uma parte pequena da natureza e descartava os mitos religiosos, antropocêntricos, como meras fantasias geradas pelo orgulho humano” (PORTER, 1978 apud THOMAS, 2010, p. 240).

As descobertas do século XIX abalaram profundamente o pensamento da época, em especial, a teoria da evolução das espécies proposta por Darwin. Também naquele século, o advogado e filósofo inglês, Jeremy Bentham, provocou uma revolução no pensamento moral ao defender que os animais eram semelhantes aos humanos em relação à capacidade de sofrer. O filósofo sugeria que o principal questionamento

em relação aos animais não deveria ser quanto à existência de uma mente racional, mas quanto à capacidade de sentir, a sensibilidade. Para ele, a pergunta a ser feita “não é Eles podem raciocinar? nem Eles podem falar?, mas sim Eles podem sofrer?” (THOMAS, 2010, p. 54). Bentham rejeitou a visão cartesiana de que os animais eram máquinas, objetos que poderiam ser manipulados de qualquer modo, argumentando que os outros seres podiam sofrer e que isto não devia ser ignorado.

O princípio do tratamento humanitário teve origem a partir das suas teorias ainda no século XIX (FRANCIONE, 2013, p. 53). Francione assinala que Bentham não questionava o *status* de propriedade dos animais embora rejeitasse a escravidão humana e fizesse comparações explícitas entre o tratamento dado aos escravos e aos animais. Para ele, os animais, assim como os humanos, tinham interesse em não sofrer, mas, diferentemente, não tinham interesse em continuar vivendo (ibid, p. 230). Bentham defendia um tratamento ético utilitarista em relação aos animais. Para ele, aquilo que é considerado “moralmente certo ou errado numa situação particular é determinado pelas consequências das nossas ações e, que devemos escolher a ação que ocasione os melhores resultados para o maior número de afetados” (FRANCIONE, 2013, p. 228). Apesar de sensibilizar as pessoas quanto ao sofrimento dos animais, o filósofo seguia apoiando o paradigma antropocêntrico, na medida em que acreditava que, se o uso de animais favorecesse a um número maior de humanos, ele seria moralmente aceitável. Os argumentos de Bentham quanto ao sofrimento animal reforçaram o movimento pelos direitos animais. Como assinala Thomas:

Agora se tornava possível condenar a crueldade para com os animais sem invocar as intenções de Deus. Os maus-tratos aos bichos eram condenados com base no argumento puramente utilitário, de que diminuía sua felicidade. Os animais tinham sentimentos e tais sentimentos deviam ser respeitados (...). A ênfase na sensação tornou-se nessa maneira, a referência básica para aqueles que moviam a cruzada em defesa dos animais (THOMAS, 2010, p. 251).

As sensações e sentimentos dos animais começaram a receber ênfase como um fundamento de consideração moral, o que levou ao fortalecimento da crítica em relação à utilização de animais em

experimentos científicos, à prática da caça de animais selvagens e a outras formas de entretenimento. As transformações sociais decorrentes do crescimento das cidades, a emergência da ordem industrial e as descobertas científicas estimularam o questionamento quanto ao uso e sofrimento impostos aos animais.

No decorrer da modernidade houve, portanto, uma revolução nas percepções quanto ao mundo ter sido criado para o homem e todas as espécies para servi-lo, em que muitos pressupostos se tornaram obsoletos (THOMAS, 2010, p. 70). A partir do reconhecimento de que a linha que separa os humanos dos outros animais é mais tênue do que se julgava, o modo como os outros seres eram tratados despertou novas sensibilidades e questionamentos. Como explica Thomas:

Não apenas as sensibilidades estéticas foram agredidas pela conquista humana da natureza. Também surgiram objeções morais, particularmente à subjugação dos bichos. À medida que diminuía a ameaça representada pelos animais selvagens, o direito do homem de eliminar criaturas selvagens das quais nada tinha a temer era cada vez mais questionado (THOMAS, 2010, p. 406).

A autoridade humana sobre os animais domésticos também passou a ser criticada. Muitos naturalistas recriminavam que a domesticação degradava os animais, e, nos séculos XIX e XX, os defensores dos direitos animais criticavam os zoológicos e *ménageries* por retirar os animais de seu ambiente natural. Diversas sociedades de proteção da fauna e flora foram organizadas, e santuários particulares foram construídos (THOMAS, 2010, p. 407-408).

Para Thomas (2010, p. 184), o golpe decisivo no antropocentrismo provavelmente fora dado pelos estudos de anatomia comparada que revelaram a semelhança entre a estrutura corpórea de humanos e animais. A aceitação de que os seres humanos e os animais possuem similaridades anatômicas e fisiológicas permitiu aprender muito sobre o funcionamento do corpo humano. A utilização de animais como cobaias parte do pressuposto de que o organismo humano e o animal são semelhantes e que desenvolvem reações análogas às substâncias testadas. No entanto, Singer (2010) assinala que qualquer “mera diferença biológica” entre os humanos e os animais pode conduzir a erros fatais na área de pesquisa científica e no

desenvolvimento de medicamentos. O autor argumenta que é impossível garantir a confiabilidade na extensão dos resultados de testes realizados em animais aos humanos, pois algumas substâncias reagem de forma radicalmente diferente em cada organismo⁴².

Conforme se evidenciou, as diferenças genéticas fazem com que a extrapolação dos resultados dos testes em animais aos humanos seja algo muito perigoso. Como explica Francione, “as diferentes espécies e linhagens de animais respondem de maneiras muito diferentes às substâncias testadas” de modo que “não há nenhuma espécie animal que tenha reações biológicas idênticas às dos humanos” (ibid, p. 109). Diante disso, nos últimos 20 anos tem havido grande produção de alternativas para testes em animais, os quais são muito mais baratos e os resultados dos experimentos são mais rápidos em comparação com as pesquisas que utilizam animais. O autor cita uma série de pesquisas:

Elas incluem o uso de culturas de células humanas, membranas celulares, substitutos para a pele humana, compostos proteicos que se assemelham à composição do olho, programas de computador que usam a estrutura molecular e outros parâmetros para prever se um produto químico produzirá um efeito tóxico, programas de computador que produzem modelos de sistemas biológicos, melhoramento dos estudos epidemiológicos e outros avanços (FRANCIONE, 2013, p. 110).

O sistema nervoso dos animais, em especial dos mamíferos, é muito semelhante ao dos humanos. Através de estudos científicos se constataria que os vertebrados sofrem além da dor física, medo, estresse,

⁴² A talidomida é um exemplo de medicamento que foi liberado no mercado como sedativo e anti-inflamatório e que causou sérios danos em humanos. Após não provocar nenhuma reação em cadelas, gatas, macacas, galinhas e hamsters prenhes nos testes de laboratório, a talidomida foi liberada para combater os enjoos matinais das mulheres grávidas. Nos humanos, entretanto, a talidomida afeta a formação dos membros superiores. Milhares de mulheres que consumiram o medicamento nas décadas de 60 e 70 tiveram graves problemas de má- formação fetal (SINGER, 2010, p. 83).

ansiedade e terror⁴³. Nas últimas décadas, algumas pesquisas levaram a conclusão de que os peixes ósseos também são seres sencientes, uma vez que eles “assim como os outros vertebrados, tais como os mamíferos, os répteis, as aves e os anfíbios, têm receptores cerebrais para as benzodiazepinas, o que indica que esses peixes podem experimentar estados de ansiedade” (FRANCIONE, 2013, p. 73). Sucessivamente, diversas publicações científicas têm afirmado que os vertebrados possuem uma inteligência considerável, além da capacidade processar informações bastante complexas (ibid, p. 203). As semelhanças entre os humanos e os demais animais não se limitam aos atributos cognitivos ou emocionais. Francione ressalta que o cérebro humano é um produto da evolução, sendo o sistema nervoso fundamentalmente semelhante ao sistema nervoso central de outros mamíferos, os quais também possuem no cérebro áreas específicas relacionadas a sentimentos de culpa e honestidade. Segundo o autor, diversos animais também exibem um comportamento que é claramente moral (FRANCIONE, 2013, p. 203).

Há mais de um século, Darwin apontava para as semelhanças que existem no comportamento dos mamíferos. Na obra *The descent of man*, em 1871, Darwin argumentava que os humanos guardavam traços do seu passado evolucionário compartilhando de características com outros mamíferos que podem ter sido mais ou menos desenvolvidas. Além da capacidade de sentir prazer e dor, Darwin afirmava que os mamíferos, assim como os humanos,

experimentavam (em maior ou menor grau) ansiedade, pesar, melancolia, desespero, alegria, amor, ternura, devoção, mau-humor, amuo, determinação, ódio, ira, desdém, desrespeito, asco, culpa, orgulho, desamparo, paciência, surpresa, perplexidade, medo, horror, vergonha, timidez e recato (REGAN, 2006, p. 70).

Em relação à linguagem e ao raciocínio, as duas principais faculdades negadas aos animais, o antropólogo Dennis Werner (1997, p. 82) aponta que existem muitas formas de raciocínio independentes da

⁴³ Segundo dados de relatórios publicados na Grã-Bretanha por comitês governamentais sobre crueldade contra animais selvagens, órgãos criados em 1951(SINGER, 2010).

linguagem e que o cérebro trabalha com imagens e conceitos não-linguísticos. O autor destaca que é possível, inclusive, considerar que existam culturas não humanas: “se eliminamos o critério de uma linguagem simbólica, é até possível falar em ‘culturas’ não-humanas no sentido de comportamentos e hábitos mentais aprendidos e compartilhados por um grupo e transmitidos de uma geração a outra” (WERNER, 1997, p. 82). Werner traz como exemplo de “comportamento cultural entre os animais” as formas de organização dos grupos de chimpanzés em que um grupo de animais pode ser dominando por um líder tirânico, ou ter uma rotina mais igualitária. Ele também cita uma pesquisa sobre os comportamentos aprendidos e compartilhados por diferentes grupos de baleias, outro estudo que confirmaria a inteligência animal, realizado em 1990, por Hermn e Morrels Samuels (ibid, 74).

Pelo estudo do comportamento dos animais em seu habitat natural se chegaria à conclusão de que cada espécie desenvolveu sua própria forma de linguagem, a qual permite a comunicação com o seu grupo: “efetivamente, há espécies não-humanas que têm linguagens, outras (ou as mesmas) que possuem ferramentas, outras que duelam contra a morte de um membro de seu grupo, muitas (ou a maioria) que desenvolvem organizações políticas etc” (GIORGI, 2011, p. 199).

Conforme sugere Bravo, outras formas de comunicação devem ser contempladas: “torna-se necessário colocar em suspenso, nesse sentido, a hegemonia do signo verbal linguístico como única via de comunicação possível” (BRAVO, 2011, p. 223). Neste mesmo sentido, o filósofo Naconecy assinala que cada animal desenvolveu a sua inteligência de acordo com suas necessidades “respondendo a pressões do processo seletivo diferentemente” (NACONECY, 1996, p. 140). A defesa da que os animais são inteligentes, têm uma vida subjetiva e personalidade própria se deve à observação dos animais domésticos e da aproximação com os animais de estimação. Diversos estudos concluíram que os animais têm habilidades que a maioria dos humanos não possui.

Entre os estudos sobre a inteligência animal, o pesquisador do comportamento animal, doutor Rupert Sheldrake (2000, p. 23), discute três categorias de percepções identificadas em diversas espécies de vertebrados: a telepatia, o senso de direção e as premonições. Através da telepatia, cães e gatos sabem que seus donos estão chegando e os esperam próximos a porta ou janela, mesmo em situações fora de

rotina⁴⁴. O senso de direção é a capacidade de viajar longas distâncias e conseguir retornar ao ponto de partida. Além das aves, peixes e mamíferos marinhos, muitos cachorros, gatos, cavalos e outros animais domésticos têm um desenvolvido senso de direção e podem viajar longas distâncias e retornar ao lugar de onde partiram (ibid, p. 24). As premonições envolvem estímulos físicos que antecipam algo fora da rotina. Como hipótese, Sheldrake sugere que os animais podem reagir a mudanças no campo elétrico do ambiente e a partir disso, prever alguma mudança: “animais que ficam agitados antes de um terremoto podem estar reagindo a mudanças elétricas sutis; cachorros que avisam aos donos epiléticos da iminência de um ataque podem estar notando tremores musculares sutis ou odores fora do comum” (ibid, p. 24-25). Esses três tipos de perceptividade se desenvolvem apenas em alguns humanos.

Como se comprovaria mais tarde com pesquisas, os peixes também são seres sencientes e inteligentes que se relacionam e aprendem com o grupo. Especialistas em inteligência animal mostraram que os peixes reconhecem uns aos outros e ao ambiente em que vivem:

peixes que vivem em grupos estáveis (“famílias”) se reconhecem uns aos outros, pela visão ou pelo som. Eles podem lembrar de como membros da mesma espécie se comportaram no passado e alterar o próprio comportamento de acordo com o deles. A memória dos peixes se estende a traços do ambiente, incluindo o reconhecimento de territórios ou dos limites da área onde eles vivem (REGAN, 2006, p. 74).

A inteligência animal foi reconhecida pelo campo científico apenas no século passado. As semelhanças que aproximam a espécie humana das demais espécies animais foram negadas e omitidas, exceto quando se queria destacar algum aspecto negativo do outro. As características animais que são presentes nos seres humanos foram condenadas como bestiais por muito tempo, entre elas o impulso sexual.

⁴⁴ De acordo com Sheldrake (2000, p. 23), experiências filmadas registraram que os cachorros conseguem antecipar a chegada de seus donos em horários aleatórios. Também há relatos de animais que demonstram reações no momento em que seus donos estavam passando mal ou morrendo, mesmo em algum lugar distante.

No início do século XX, Freud revolucionaria o pensamento da época ao “reconhecer a força pulsional do irracional no inconsciente humano” (BRAVO, 2011, p. 234). Freud afirmava, em 1905, que a pulsão sexual seria uma força biológica presente nos humanos e nos animais, um caráter inato ao reino animal. Deste modo, Freud assinalava que “o ser humano é uma espécie pertencente ao reino animal como outra qualquer” (MOUAMMAR, 2010, p. 53). Com o surgimento da psicanálise, a animalidade presente nos humanos passava a ser reconhecida e, cada vez mais, aceita, o que contribuiria para a desconstrução da “ruptura abissal” entre os animais e os humanos.

Maria Esther Maciel destaca que, apenas no século XX, aconteceria uma aceitação positiva do animal. Essa aceitação, entretanto, ainda não penetrou de modo profundo nos espaços subterrâneos da imaginação (MACIEL, 2011, p. 87). O paradigma antropocêntrico fundamentado no pensamento cartesiano rege a grande maioria das formas de tratamentos que os animais recebem na atualidade. É cada vez maior o número de animais que são trazidos ao mundo exclusivamente para se tornar alimento para os humanos ou experimento de laboratório. Enquanto propriedade, os animais podem ser explorados, instrumentalizados, sacrificados, pois sua morte não é criminalizável (GIORGI, 2011, p. 201).

As sucessivas confirmações quanto à subjetividade de outras espécies e o ônus socioambiental gerado pelo modelo de produção que vigora há pelo menos dois séculos colocaram o sujeito moderno - cartesiano, europeu, logocêntrico – em crise (BRAVO, 2011, p. 221). Nas últimas décadas, pesquisadores de diversas áreas, entre elas, etnologia, zoologia, filosofia, antropologia, arqueologia, psicologia, física e literatura estimularam o questionamento e a desconstrução do binarismo animal-humano ao reconhecer as semelhanças existentes entre humanos e animais.

A ética, os direitos animais e o agravamento dos impactos socioambientais decorrentes da produção industrial são questões que acenderam o debate mundial em diversas áreas sociais em relação à exploração de animais para o benefício humano. Prova disso, em 1978 foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos dos Animais pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco/ ONU)⁴⁵. Este documento considera “que o respeito dos homens pelos animais está ligado ao respeito dos homens pelo seu semelhante”; e estende o direito de existência a todos os animais no

⁴⁵ A Declaração Universal dos Direitos dos Animais segue anexa à dissertação.

artigo primeiro: “Todos os animais nascem iguais diante da vida, e têm o mesmo direito à existência”. A Declaração Universal dos Direitos dos Animais é indubitavelmente um dos principais documentos que embasam o movimento pelos direitos animais, bem como uma nova consciência em relação às outras vidas. Entretanto, ao considerar os modos como os animais são tratados na atualidade, pode-se afirmar que todos os catorze artigos da Declaração são violados diariamente.

Jacques Derrida é um dos principais filósofos críticos da ruptura abissal entre Homem e o Animal nas últimas décadas. Ele destaca que os modos de assujeitamento animal atingiram proporções sem precedentes:

(...) [as] formas tradicionais de tratamento dos animais foram subvertidas, é demasiado evidente, pelos desenvolvimentos conjuntos de *saberes* zoológicos, etológicos, biológicos e genéticos sempre inseparáveis de *técnicas* de intervenção *no* seu objeto de transformação de seu objeto mesmo, e do meio e do mundo de seu objeto, o vivente animal: pela criação e adestramento a uma escala demográfica sem nenhuma comparação com o passado, pela experimentação genética, pela industrialização do que se pode chamar a produção alimentar de carne animal, pela inseminação artificial maciça, pelas manipulações cada vez mais audaciosas no genoma, pela redução do animal não apenas à produção e a reprodução superestimulada (hormônios, cruzamentos genéticos, clonagem etc) de carne alimentícia mas a todas as outras finalidades a serviço de um certo estar e suposto bem-estar humano do homem (DERRIDA, 2002, p. 51, grifos do autor).

Portanto, nos últimos dois séculos, os animais foram forçosamente retirados de sua vida natural à medida que a população humana cresceu exponencialmente e a urbanização se intensificou, o que levou a progressiva destruição da natureza⁴⁶. Os animais foram desaparecendo das áreas selvagens e das cidades na medida em que a

⁴⁶ De acordo com o site worldometers em 1804 a população humana somava um bilhão de pessoas; em 1927, chegou a dois bilhões e no final de 2011 ultrapassou os sete bilhões. Estima-se que a população chegará aos dez bilhões no ano de 2062.

população humana crescia, expandia-se e o desenvolvimento técnico científico estabelecia-se como modelo de produção. Através do domínio da natureza pela ciência e a técnica, a cultura ocidental industrial promoveu a substituição da natureza por espaços urbanos (BRUGGER, 2002). O momento em que os animais começam a desaparecer do espaço doméstico coincide com a consolidação do discurso científico:

A presença de animais no espaço doméstico ou mesmo nas cidades (cavalos, galinhas, patos, cães, gatos, pombos-correios, vacas, porcos) começa a desaparecer com o crescimento e a complexificação do regime da vida urbana, de que temos sido testemunhas, e é aí o momento em que os zoológicos emergem e o discurso científico se consolida, ratificando a distancia entre humanos e animais (BRAVO, 2011, p. 233).

É incalculável a biodiversidade que foi perdida no processo de expansão das cidades em decorrência do desmatamento e das grandes obras de infraestrutura. Também não se pode estimar a quantidade de animais que são retirados de seu habitat natural e vão parar em zoológicos, parques aquáticos e de caça, indústrias de confinamento e laboratórios de pesquisa ou que são usados em esportes sangrentos como rodeios e touradas

Pensar na violação da vida animal é um imperativo moral da nossa época, sugere Derrida (2002). O ser humano, por negar sua animalidade, como diria Nietzsche, seria “um animal ainda indeterminado, um animal em falta de si-mesmo” (DERRIDA, 2002, p. 14-15). Derrida critica alguns dos filósofos que fundamentam o pensamento contemporâneo – Descartes, Kant, Heidegger, Lacan e Levinas – os quais “faziam do animal um *teorema*, uma coisa vista mas que não vê” (DERRIDA, 2002, p. 33). Portanto, como um objeto, não como um sujeito. Esses filósofos, ao afirmarem que o animal era privado de linguagem, privavam o animal “do direito e do poder de responder”, o que estaria entre as coisas próprias do homem (ibid, p. 62). Assim, a denegação dos animais instituiu o que é próprio do homem, da mesma forma que o tratamento de uma pluralidade de viventes como um singular genérico, “o animal” constituiria um crime contra os animais (ibid, p. 88).

Naconecy argumenta no mesmo sentido ao afirmar que os animais têm uma individualidade moralmente significativa, a qual é

denegada ao serem tratados como um grupo. De modo que o “reconhecimento da individualidade de um ser constitui um poderoso estímulo para sentir uma preocupação moral por ele”, a despersonalização é “inversamente, um importante passo para a negação de seus direitos” (ROLLIN apud NACONCECY, 2006, p. 202). A referência aos animais como “it” na língua inglesa é um exemplo que marca que a confusão moral acerca dos animais está presente até na linguagem (FRANCIONE, 2013, p. 156). Por isso, como sugere Bravo, para analisar a questão dos animais na sociedade é necessário que se desprenda de categorias universais e a-históricas:

o discurso que distingue o animal do humano solda (petrifica) uma relação passível de suspeita: a que une o sujeito com o eu humano (...) privando, por sua vez, os sujeitos não humanos de atributos como linguagem, sociabilidade, costumes ou práticas, como as estudadas pela etologia e pela filosofia contemporânea em animais (BRAVO, 2011, p. 222).

O conhecimento gerado pelo discurso cartesiano-logocêntrico incentivou a desconsideração dos animais enquanto sujeitos de uma vida, estimulando um tratamento instrumental. Diversos filósofos passaram a defender os direitos animais dedicando-se a evidenciar as semelhanças existentes entre os humanos e os animais. Entre os principais filósofos dos direitos animais da contemporaneidade estão Peter Singer (2002, 2010), Tom Regan (2006) e Gary Francione (2013). Embora estes autores se oponham ao paradigma cartesiano e sejam defensores da consolidação de uma ética que inclua os animais, seus argumentos diferem quanto à extensão da consideração moral dada aos animais.

O filósofo australiano Peter Singer baseia sua argumentação na do filósofo iluminista Jeremy Bentham, enfatizando a capacidade de sentir dos animais. De acordo com ele, não há justificativa moral para considerar que a dor (ou o prazer) sentida pelos animais seja menos importante do que a experimentada pelos seres humanos (SINGER, 2010, p. 24). Singer defende a necessidade de “trazer os animais para a esfera das nossas preocupações morais e parar de tratar a vida deles como descartável, utilizando-a para propósitos vulgares” (ibid, p. 31-32). Em seu entendimento, a capacidade de sofrer e sentir prazer é

condição necessária e suficiente para assegurar que um ser possui, no mínimo, o interesse de não sofrer (ibid, p. 13).

Por admitir que, em determinadas situações, os animais podem ser usados para os propósitos humanos Singer é considerado um filósofo utilitarista. Embora ele defenda “o princípio da igual consideração de interesses” (SINGER, 2002, p. 30) como um dos fundamentos éticos, o filósofo argumenta que os animais poderiam ser usados por humanos, se o sofrimento gerado nos animais implicasse em benefício para um maior número de humanos ou de animais, o que acontece somente em alguns casos excepcionais, como, por exemplo, no desenvolvimento de pesquisas científicas que buscam um novo medicamento ou a cura para uma doença. O autor diferencia as pesquisas relevantes e as triviais, e condena os testes realizados em animais que impõem sofrimento a diversas criaturas e não traz nenhum benefício para a saúde humana, pois considera que a maior parte dos experimentos não se destina a minimizar a dor e o sofrimento humano ou animal, mas à produção de uma maior variedade de produtos supérfluos (SINGER, 1994 apud FELIPE, 2014, p. 174). O filósofo combate os modos como os animais são tratados na indústria de alimentos, além de assinalar a ineficácia do sistema de produção industrial de alimentos, haja vista que “a maior parte dos animais consumidos foi engordada com grãos e outros alimentos que poderíamos ter comido diretamente” (SINGER, 2010, p. 72-73).

Singer é criticado por não questionar o tratamento de propriedade dado a todos os animais. No entendimento de Francione (2013, p. 253), Singer acaba por estabelecer uma hierarquia entre os animais, porque tomou a posição de que certos primatas não humanos – chimpanzés, gorilas e orangotangos – estão em uma comunidade de iguais junto com os humanos. Singer e a filósofa italiana Paola Cavalieri criaram em 1993 o *Great Ape Project* (GAP), um Projeto de Proteção dos Grandes Primatas que tem o objetivo de incluir estes antropóides não humanos na “comunidade de pessoas”, a fim de garantir os direitos morais básicos a esses seres para que eles não sejam mais considerados propriedade (PAIXÃO, 2013, p. 279).

O filósofo norte-americano Tom Regan (2006) defende a eliminação do uso de animais pelos humanos. Em sua argumentação, ele enfatiza as semelhanças que há, sobretudo, entre os mamíferos, e considera que a despeito das diferenças, todos os mamíferos são “sujeitos-de-uma-vida”, ou seja, são conscientes do mundo e do que lhes acontece (REGAN, 2006, p. 65). O filósofo, todavia, não exclui a

possibilidade de que outros animais também sejam “sujeito-de-uma-vida”, e sugere que as aves podem ser consideradas como conscientes de si. Assim, para Regan a existência de uma consciência seria o principal atributo para considerar os animais portadores dos direitos morais básicos - os direitos à vida, à liberdade e à integridade física (ibid, p. 45). O reconhecimento dos direitos animais teria consequências de longo alcance, conforme ele assinala:

As grandes indústrias que usam animais os exploram aos bilhões. Esses são os animais cujas vidas são tiradas, cujos corpos são feridos e cuja liberdade é negada pela indústria de peles e de carne, por exemplo. Tudo isso emerge como moralmente errado, uma vez que tomamos conhecimento de seus direitos morais. Tudo isso emerge como algo que precisa parar, e não ficar mais “humanitário”, [...] temos que esvaziar as jaulas, não deixa-las maiores (REGAN, 2006, p. 75).

Por estender a defesa dos direitos animais ao limite da consciência aos sujeitos-de-uma-vida, Tom Regan é considerado um filósofo abolicionista. Gary Francione, outro filósofo abolicionista, defende a necessidade de terminar com toda a forma de exploração animal. Segundo ele, pelo fato de os animais serem considerados propriedade, a proibição de infligir sofrimento não tem menor significado. Se considerarmos que os animais tenham “interesses moralmente significativos em não sofrer, então devemos abolir, e não meramente regular, a instituição da propriedade animal” (FRANCIONE, 2013, p. 257). Deste modo, o filósofo condena toda a exploração institucionalizada dos animais e assinala que devemos parar de usar e produzir animais para comida, entretenimento, esporte, vestuário, experimentos ou testes de produtos (ibid, p. 273). Francione também relaciona a exploração animal com a fome mundial e a devastação ambiental, sugerindo que o caminho mais eficaz para a solução desses problemas é a abolição da exploração das outras espécies (ibid, p. 274).

De forma análoga a Derrida, Francione defende que a condição de sujeito deve ser estendida a todas as espécies de animais não-humanos. Ao fazer isso, ele ressalta que a sociedade teria que enfrentar a esquizofrenia moral que se estabeleceu em relação às mais paradoxais formas de tratamento dado aos animais. Em suas palavras:

teríamos que nos confrontar com a nossa esquizofrenia moral acerca dos animais, que nos leva a amar alguns deles, tratá-los como membros da nossa família e nunca duvidar de sua senciência, capacidade emocional, autoconsciência ou personalidade, ao mesmo tempo em que enfiamos garfos em outros que são indistinguíveis, em qualquer sentido relevante, daqueles nossos companheiros animais (FRANCIONE, 2013, p. 274 -275).

Francione evidencia a multiplicidade de tratamentos que os animais recebem em nossa sociedade, os quais são muitas vezes paradoxais e até mesmo antagônicos. É possível afirmar que existe uma hierarquia na forma como as espécies animais são concebidas culturalmente. Se, para maioria das culturas ocidentais comer carne de cachorro é um absurdo, em diversos países do oriente, isso é algo tradicional.

Na busca por destituir uma concepção hierárquica entre as formas de vida, o físico austríaco Fritjof Capra defende uma compreensão da natureza a partir de um pensamento integrado, sistêmico, em rede. Em uma perspectiva sistêmica entende-se que todas as relações ecológicas são muito importantes, de modo que na natureza não há “acima” ou “abaixo”, mas redes aninhadas dentro de outras redes (CAPRA, 1996, p. 45). Capra baseia sua argumentação na teoria dos sistemas vivos, também chamada de teoria de Santiago, elaborada por Humberto Maturana e Francisco Varela, na década de 80. Para esta teoria, a cognição, ou seja, o processo do conhecer, não dependeria do cérebro, mas da mente, a qual existe mesmo nos organismos mais simples, como as plantas e bactérias. Para esse entendimento da cognição, o processo do conhecer é muito mais amplo do que a concepção do pensar, pois “envolve percepção, emoção e ação – todo o processo da vida” (CAPRA, 1996, p. 145).

De forma contrária ao pensamento cartesiano, que concebe a mente e a matéria como duas categorias fundamentalmente distintas, a concepção sistêmica considera que mente e matéria não são duas categorias separadas, mas diferentes aspectos ou dimensões do mesmo fenômeno da vida (CAPRA, 1996, p. 145-146). Em uma abordagem sistêmica da mente, “as mentes humanas individuais estão inseridas nas

mentes mais vastas dos sistemas sociais e ecológicos, e estes por sua vez, estão integrados no sistema mental planetário – a mente de Gaia” (CAPRA, 1993, p. 285). Gaia se refere ao planeta Terra, considerado um organismo vivo, um todo integrado. Segundo a teoria de Gaia, desenvolvida na década de 70 por James Lovelock e Lynn Margulis, a vida cria condições para a sua própria existência. Entende-se nesta teoria que há um estreito entrosamento entre as partes vivas do planeta – plantas, microorganismos e animais – e suas partes não-vivas – rochas, oceanos e atmosfera, e essa complexa rede de laços de realimentação criaria a auto-regulação do sistema planetário (CAPRA, 1996, p. 93).

Capra assinala que os problemas sociais da atualidade decorrem da visão mecanicista do mundo e do sistema de valores que caracterizam nossa cultura e que levam ao tratamento instrumental dos animais, à mercantilização da natureza, ao desenvolvimento de tecnologias e estilos de vida profundamente patológicos (CAPRA, 1993, p. 253). O paradigma mecanicista produziu uma visão fragmentada da teia da vida, e diante disso, o físico defende a necessidade de se inserir padrões ecoéticos e integrativos na ciência, o que, conseqüentemente, levaria a transformações nos valores e paradigmas em outras áreas e campos sociais. Esses padrões ecoéticos envolvem reconhecer o valor inerente da vida não-humana.

Como foi possível observar neste capítulo, os modos como os animais são tratados pelos humanos, além de ser uma questão cultural, são influenciados pelos conhecimentos e discursos que circulam no período histórico considerado. Embora os discursos religiosos, filosóficos e científicos tenham sublinhado a existência de uma ruptura abissal entre os humanos e os animais, alguns pensadores se opuseram ao paradigma hegemônico a fim de reintegrar todos os seres na teia da vida. No primeiro capítulo, vimos que o jornalismo é um fenômeno de produção de sentido social enquanto espaço privilegiado de produção e circulação de representações socioculturais. No próximo capítulo, apresenta-se a análise de conteúdo e a análise cultural do material informativo e opinativo publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

3 REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS DOS ANIMAIS NO JORNALISMO DA *FOLHA DE S. PAULO*

3.1 Categorias de análise de conteúdo

Para caracterizar e discutir os modos como o jornalismo impresso representa socioculturalmente os animais na contemporaneidade foram selecionados os materiais informativos e opinativos que citavam os animais em todas as editorias do jornal *Folha de S. Paulo* (FSP) durante os meses de abril, maio e junho de 2014. Por meio da análise de conteúdo temática foram identificados doze núcleos de sentido que se referem aos animais, no sentido literal⁴⁷. As temáticas identificadas foram: *Commodities*, alimentação, pesquisa científica, pragas e transmissores de doenças, animais de estimação, animais ameaçados, *fait divers*, história natural, esporte com animais, ecoturismo, etologia e zooterapia.

O *corpus* de pesquisa é formado por 320 registros, somando-se 193 notícias, 66 notas, 31 artigos, 16 reportagens e 14 fotolegendas. Para as temáticas que tiveram 15 ou mais registros, elaborou-se um quadro para diferenciar conjuntos de representação com trechos das matérias. Nas tabelas e gráficos abaixo estão os resultados quantitativos da análise de conteúdo com as divisões por temáticas, frequência e gênero jornalístico das representações socioculturais dos animais na *Folha de S. Paulo* no período de três meses. A parte qualitativa da análise de conteúdo é apresentada no próximo tópico junto à análise cultural, para facilitar a interpretação dos textos e imagens.

⁴⁷ As referências quanto a personagens fictícios, mascotes da sorte, racismo, apelidos etc foram retiradas do *corpus* de análise para privilegiar o foco na representação dos animais “em suas condições reais” na sociedade contemporânea.

TABELA 2: Temáticas das representações dos animais na FSP

TEMÁTICAS	TOTAL
<i>commodities</i>	121
alimentação	88
pragas e transmissores de doenças	30
animais de estimação	19
animais ameaçados	18
pesquisa científica	14
<i>fait divers</i>	9
história natural	7
esporte com animais	5
ecoturismo	4
etologia	4
zooterapia	1
TOTAL	320

A temática de *COMMODITIES* teve a maior quantidade de registros informativos e opinativos no período com 121 matérias (58 notas, 53 notícias e 10 artigos), o que corresponde a 38% do corpus. A representação sociocultural dos animais enquanto matéria-prima da indústria de carne, portanto, é como eles receberam maior visibilidade pela frequência de referências em texto.

Em segundo lugar, a temática que teve maior quantidade de matérias foi a de ALIMENTAÇÃO: em 27,5% do *corpus* os animais são representados como um produto alimentício. A temática de alimentação somada à de *commodities* corresponde a 65,5% do *corpus* de análise. Portanto, é predominante a representação sociocultural dos animais como um objeto, um recurso alimentício que é convertido em recurso financeiro, ao ser transformado em um produto industrial.

A temática de PRAGAS E TRANSMISSORES DE DOENÇAS teve o terceiro maior número de registros: 30 de matérias, o que corresponde a 9,3% do *corpus*. O mosquito da dengue é o animal que predomina nas matérias, somando 23 registros sobre os casos da doença que aconteceram no Brasil, especialmente, no estado de São de Paulo, o que se explica pelo fato do jornal FSP ser paulista. Também foram citados como transmissores de doenças, em uma notícia, os morcegos e

chimpanzés que transmitem o vírus do ebola pelo contato humano com o sangue, secreções e carne do animal contaminado. Os animais que foram representados como pragas foram os javaporcos (cruzamento do javali com porco) e as lagartas, ambos atacam às lavouras.

Os ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO obtiveram o quarto maior número de registros somando 19 matérias (dez notícias, três artigos, três reportagens, duas notas de coluna social e uma fotolegenda), o que corresponde a 6% do *corpus*. Nos títulos das matérias, eles são citados quatro vezes como *pets*, duas como *bichos*, duas como *animais de estimação*. A única raça que aparece nos títulos é o Vira-lata⁴⁸, justamente, um cão sem-raça-definida. Além dos cachorros, os gatos, jumentos e cobras apareceram no plural genérico nos títulos. A considerar pela presença no jornal FSP, o cachorro é o animal de companhia preferido (eles foram citados em 13 matérias), na sequência vêm os gatos (04), cobras (02), coelho (01), jumento (01), calopsita (01) e porco (01). Portanto, além dos já comuns, gatos, cachorros, coelho e aves, os animais exóticos cobras, porco e jumento também figuram como animais de companhia na atualidade.

Na sequência, a temática dos ANIMAIS AMEAÇADOS ocupa o quinto lugar em relação à quantidade de matérias: somando 18 registros (12 notícias, 03 fotolegendas, 02 artigos e 01 reportagem) o que corresponde a 5,5% do *corpus*. Nesta temática se concentram os animais que estão em seu habitat natural e enfrentam problemas ambientais e, em alguns casos, passam a buscar refúgio nas cidades.

A temática de PESQUISA CIENTÍFICA COM ANIMAIS teve 14 registros, o que corresponde a 4,5% do *corpus*. Os animais que são usados como cobaias para o teste e desenvolvimento de pesquisas foram os macacos, porcos, cabras, cachorros, roedores e mosquitos, prevalecendo, em seis notícias, os roedores (ratos e camundongos).

O sexto maior grupo por quantidade de registros é a temática de *FAIT DIVERS* que soma 09 matérias, destas, 08 fotolegendas e 01 artigo, o que corresponde a 3% do *corpus*. Os demais *fait divers* tratam de casos extraordinários com animais na China, Coreia do Sul, Canadá, Estados Unidos, Chile e Brasil.

A temática de HISTÓRIA NATURAL teve o sétimo maior conjunto de matérias somando 08 matérias (07 notícias e 01 artigo), o que corresponde a 2% do *corpus* de pesquisa. As notícias se concentram

⁴⁸ “Orgulho de vira-lata”, FSP, 12/06/2014.

na descoberta de fósseis que auxiliam a compreender o processo de evolução biológica e o que levou a extinção dos dinossauros.

A temática de ESPORTES COM ANIMAIS somou 05 matérias (02 artigos, 01 notícia, 01 nota e 01 fotolegenda), o que corresponde a 1,5% do *corpus*. Os esportes citados que usam animais foram: caça, corrida de cavalos, tourada e pescaria. A caça foi o esporte que teve mais destaque, com uma chamada de capa e dois artigos, provavelmente, porque o episódio envolveu o então rei da Espanha Juan Carlos⁴⁹.

Na sequência, a temática de ECOTURISMO teve 04 notícias, o que corresponde a 1,2% do *corpus*. Foram citados nas matérias os animais aquáticos (baleias, golfinhos, tubarões, arraias e peixes) em 03 notícias, e as aves em 01 notícia. As notícias de ecoturismo que tratam sobre a possibilidade de experimentar uma maior aproximação com animais marinhos concentram-se nas Ilhas do Pacífico, e uma matéria trata sobre a observação de aves situa-se no Brasil, no parque Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

Também com 04 matérias a temática de ETOLOGIA (02 artigos, 01 notícia e 01 fotolegenda) corresponde a 1,2% do *corpus*. As matérias sobre etologia tratam do comportamento animal, sobretudo, da inteligência animal. Os animais citados nas notícias foram: uma ave africana (drongo), uma galinha australiana (*malleefowl*), cachorros, golfinhos, patos, ratos, pinguins e abelhas.

Por fim, a temática de ZOOTERAPIA teve apenas 01 notícia, o que corresponde a 0,3% do *corpus*. Os cachorros são citados na matéria “Ursoterapia”⁵⁰ que aborda como os animais estão sendo utilizados como um recurso terapêutico no tratamento de crianças com câncer desenvolvido pelo hospital de Clínicas da USP.

Abaixo segue uma tabela e um gráfico com a divisão mensal das temáticas.

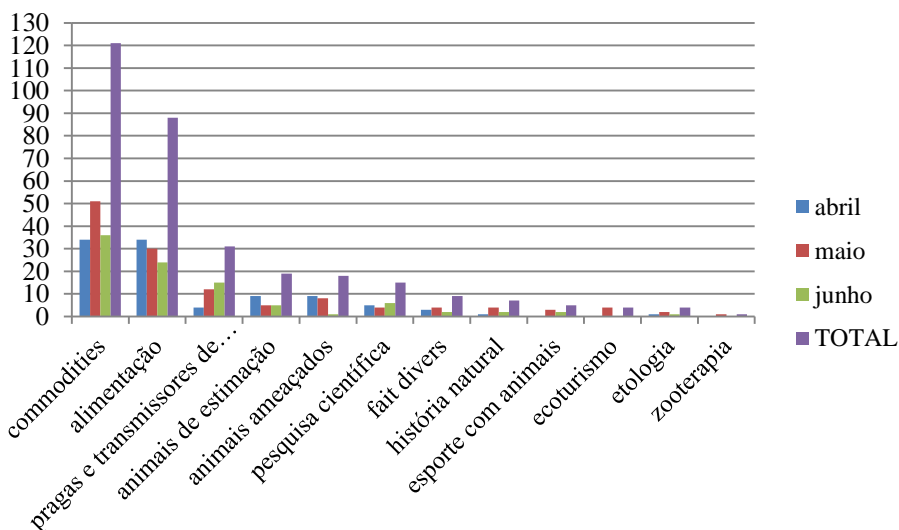
⁴⁹ “Imagem de caçador de elefantes borrou a de um rei democrata”, FSP, 03/06/2014.

⁵⁰ “Ursoterapia”, FSP, 12/04/2014.

TABELA 3: Divisão mensal das temáticas

TEMÁTICAS	abril	maio	junho	TOTAL
<i>Commodities</i>	34	51	36	121
Alimentação	34	30	24	88
pragas e transmissores de doenças	4	12	14	30
animais de estimação	9	5	5	19
animais ameaçados	9	8	1	18
pesquisa científica	5	4	5	14
<i>fait divers</i>	3	4	2	9
história natural	1	4	2	7
esporte com animais	0	3	2	5
Ecoturismo	0	4	0	4
Etologia	1	2	1	4
Zooterapia	0	1	0	1

GRÁFICO 1: Frequência mensal das temáticas



Em relação à frequência das temáticas, como se pode observar na tabela 3 e no gráfico acima, houve poucas alterações no período. As temáticas mantiveram-se proporcionais com poucas mudanças na frequência exceto em dois casos. Um dos casos de destaque é o aumento da frequência de matérias sobre PRAGAS E TRANSMISSORES DE DOENÇAS, foram 04 matérias em abril, 12 em maio e 14 em junho. O que se explica devido ao aumento dos casos de pessoas infectadas pelos vírus da ebola e, sobretudo, da dengue, ambos transmitidos pelo contato com animais contaminados. Por outro lado, teve um decréscimo no período na temática de ANIMAIS AMEAÇADOS, foram 09 matérias em abril, 08 em maio e 01 em junho. As notícias sobre os animais ameaçados aparecem em várias editorias (Cotidiano, Saúde e Ciência, Ilustríssima), não havendo no jornal um espaço dedicado especificamente às questões socioambientais.

TABELA 4: Divisão jornalismo informativo e opinativo

TEMÁTICAS	informativo	opinativo
<i>commodities</i>	111	10
alimentação	80	8
pragas e transmissores de doenças	30	
animais de estimação	16	3
animais ameaçados	16	2
pesquisa científica	11	3
<i>fait divers</i>	9	
história natural	7	
esporte com animais	3	2
ecoturismo	4	
etologia	2	2
zooterapia	1	
TOTAL	290	30

Na distinção entre o material informativo e opinativo, verifica-se a predominância de matérias informativas (notícias, entrevistas, notas e fotolegendas) que constituem 90% do *corpus*, enquanto que os artigos de opinião que tratam dos animais somam 10% do total. Em relação ao jornalismo informativo, mantém-se a proporcionalidade das matérias em relação ao *corpus* total. O jornalismo opinativo concentra-se em sete

temáticas: *commodities* (10 artigos), alimentação (08 artigos), animais de estimação e pesquisa científica (ambos com 03 artigos), animais ameaçados, esportes com animais e etologia (ambos com 02 artigos). Podemos avaliar que estas temáticas são as mais polêmicas do conjunto, porque são as que possuem mais opiniões discordantes no senso comum.

De acordo com Charaudeau (2013), no jornalismo opinativo as fontes expressam livremente sua visão de mundo, comentam sobre os acontecimentos utilizando de uma mecânica argumentativa que se dedica a problematizar os acontecimentos pelo questionamento e persuasão; a elucidá-los, esclarecendo o que não é visível, reconstituindo uma sequência de fatos ou produzindo raciocínios por analogia; e avaliando-os, expressando o seu ponto de vista pessoal no comentário. O comentarista sabe que precisa ser credível, mas também que necessita despertar o interesse do consumidor da informação, assim, opta por modos de raciocínio simples e motivadores (CHARAUDEAU, 2013, p. 177-181).

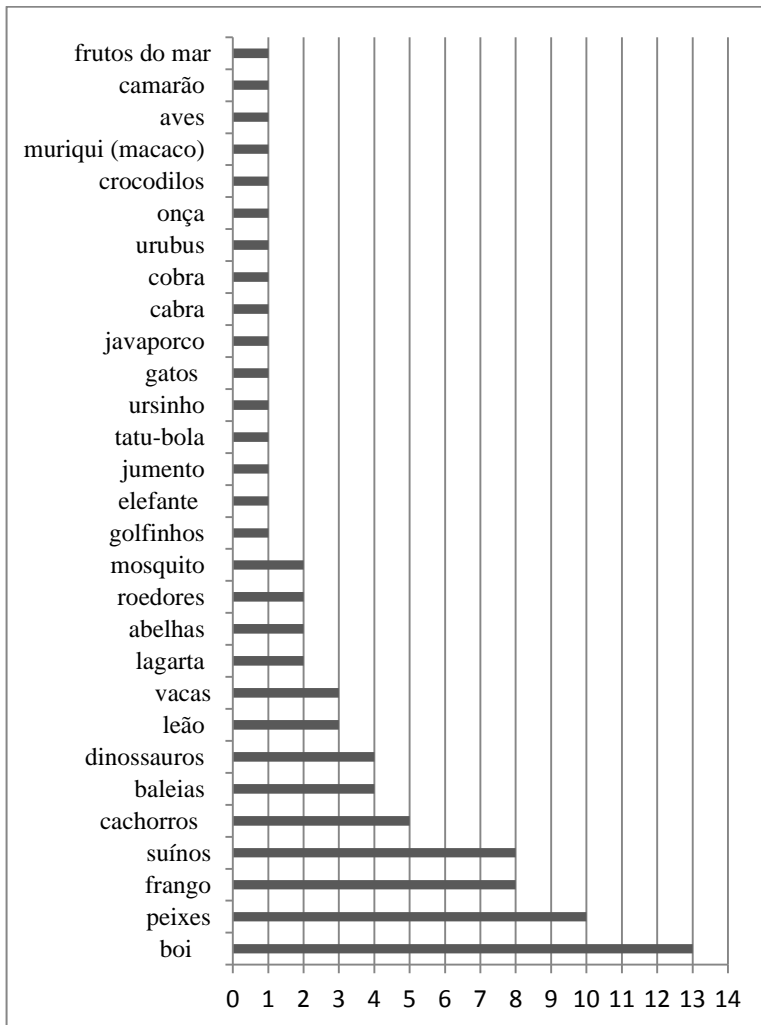
As temáticas pragas e transmissores de doenças, *fait divers*, história natural, ecoturismo e zooterapia não tiveram nenhum especialista problematizando, elucidando e avaliando os acontecimentos que envolvem os animais nestas temáticas. Estas se dedicam às descobertas, ao inusitado, a casos de saúde, não envolvendo grandes questões políticas ou éticas quanto aos modos de utilização dos animais.

Tanto em relação ao jornalismo informativo quanto ao jornalismo opinativo dominam as temáticas de *commodities* (com 38,3% e 33,3%, respectivamente) e alimentação (27,5% e 26,6%). As outras temáticas que também tiveram artigos e a sua proporção com o material informativo foram: animais de estimação (5,5% do *corpus* informativo e 10% do *corpus* opinativo), pesquisa científica (4% e 10%), animais ameaçados (5,5% e 6,7%), esporte com animais (1% e 6,7%) e etologia (0,7% e 6,7%).

Em relação à citação dos animais nos títulos da matéria, eles apareceram em 82 títulos do total do *corpus*. Em 08 casos, a referência é feita no singular genérico (02 animais, 02 animal, 01 bichos, 01 pet, 01 pragas e 01 vertebrados). Os animais que tiveram maior visibilidade nos títulos, como se observa no gráfico abaixo, foram os bois com 13 registros (08 bois, 04 gado e 01 bovino). Em segundo lugar, os peixes apareceram 10 vezes nos títulos (03 peixe, 03 bacalhau, 02 pescado e 02 salmão). Os frangos e os suínos empatam no terceiro lugar com 08 registros cada. Os cachorros foram citados em 04 títulos (02 cães, 01 cadela e 01 Lady Bella), as baleias e os dinossauros também.

Apareceram em 03 títulos as vacas e um leão (numa cobertura sobre o furto do animal de uma Ong). Em 02 títulos figuram as lagartas, abelhas, roedores e mosquitos. Foram citados uma vez nos títulos das matérias os golfinhos, gatos, elefante, jumento, tatu-bola, ursinho, javaporco, cobra, cabra, urubus, onça, crocodilos, muriqui (macaco), aves, camarão e frutos do mar.

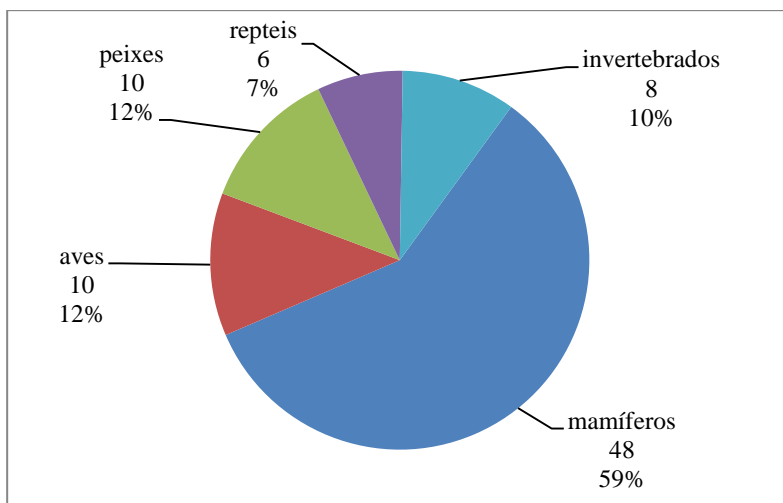
GRÁFICO 2: Animais citados nos títulos



Em 52% dos casos (43 registros) os animais que apareceram nos títulos se relacionavam a *commodities* ou alimentação, portanto, aos animais mortos e processados em um produto alimentício, comercial e industrial. Em apenas um caso o animal é identificado por seu nome no título da notícia (a cadela Lady Bella).

Quanto à classificação biológica dos animais, os vertebrados compõem a maior parte dos animais citados nos títulos. Somam-se 74 registros, o que corresponde a 90% dos títulos com animais, enquanto que os invertebrados apareceram em 08 matérias, portanto, em 10% dos títulos. Os invertebrados citados foram: lagartas, abelhas, mosquito, camarão e frutos do mar. Abaixo segue um gráfico com a divisão taxonômica dos animais citados nos títulos por quantidade de registros e porcentagem.

GRÁFICO 3: Divisão taxonômica dos animais nos títulos



Em relação à visibilidade, os mamíferos formam o maior grupo de animais representados no período, depois foram os peixes, aves e entre os invertebrados, destacam-se os insetos. Os insetos são representados de duas formas muito distintas: o mosquito é um dos animais que teve maior visibilidade no período devido ao grande número de casos de dengue, sendo sempre representado como

transmissores da dengue que devem ser combatidos a todo custo, e como pragas da lavoura, no caso da lagarta *Helicoverpa*, que também é um inseto. Por outro lado, as abelhas apareceram em duas temáticas, na de animais ameaçados, devido à morte de bilhões de abelhas em todo mundo, o que pode comprometer a produção de alimentos; e na temática de etologia, em que deu destaque a inteligência coletiva destes seres. Os insetos assumem dois papéis antagônicos na representação produzida pela FSP, alguns são transmissores de doenças e devem ser exterminados, enquanto outros são polinizadores e devem ser preservados, especialmente, para que não seja prejudicada a produção de alimentos. No próximo tópico, paralelamente à análise cultural das representações dos animais são apresentados mais resultados da análise de conteúdo qualitativa.

3.2. Análise das representações socioculturais dos animais

Na análise cultural dos modos como os animais são representados no material informativo e opinativo do jornal *Folha de S. Paulo* busca-se compreender a constituição significativa e a contextualização social das formas simbólicas. Neste estudo, vamos seguir a proposta de John B. Thompson (1995), pretendendo uma concepção crítica da ideologia por meio da identificação das inter-relações entre sentido (significado) e poder. Como vimos, as formas simbólicas se sobrepõem e somam seus significados e, numa perspectiva crítica, elas são produzidas para sustentar ou subverter relações de dominação entre diferentes grupos socioculturais.

A análise cultural, nesta proposta, enquadra-se no referencial metodológico da investigação hermenêutica e busca, a partir da identificação da presença das estratégias de construção simbólica dos cinco modos gerais de operar a ideologia - legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação - verificar como aparece o pensamento antropocêntrico, cartesiano e especista nas matérias de economia, política, ciências, cultura, saúde, cotidiano etc que citam os animais. Abaixo segue a análise cultural por temática, acompanhada pela análise de conteúdo qualitativa das imagens.

COMMODITIES

O núcleo de sentido que teve maior visibilidade no período foi a temática de *commodities* (somou 121 matérias, 38% do total que compõe o *corpus*). Pode-se dividir as matérias de *commodities* em três conjuntos: o (I) **mercado internacional e nacional dos produtos agropecuários**, conjunto que enfoca nas exportações e importações da carne; as (II) **doenças que se desenvolvem na produção pecuária** formam um conjunto de sete notícias e uma nota; os (III) **artigos que defendem a agropecuária no Brasil**, em especial, a participação da política ruralista Kátia Abreu⁵¹ que assina sete dos dez artigos do período e discute diversas questões socioambientais que envolvem a produção industrial de animais. Abaixo segue uma tabela com esses três conjuntos de matérias acompanhados de alguns fragmentos mais significativos.

TABELA 5: Fragmentos das matérias de *Commodities*

	Fragmentos das matérias
Mercado nacional/ internacional	<p>“hoje, peixes, crustáceos e moluscos são a principal commodity agrícola importada pelo país” (<i>Brasil já importa mais pescados do que trigo; salmão chileno predomina</i>, notícia).</p> <p>“O volume de carne bovina exportado de janeiro a abril atingiu 504 mil toneladas, 14% mais ante igual período anterior” (<i>Demanda externa por carnes continua aquecida</i>, notícia).</p> <p>“Essa janela nova de oportunidade externa por proteínas, somada à oferta interna sem muita expressão, deverá manter os preços em patamares melhores do que os atuais” (<i>Produtor</i>, nota).</p>

⁵¹ Kátia Abreu tem uma coluna semanal na FSP, é senadora do PMDB/ TO, presidente da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e desde 1º de janeiro de 2015 é a ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Doenças/ ameaças

“Se a nova suspeita de **caso atípico do mal da vaca louca** no país não atrapalhar, o **Brasil deve ganhar boa parte do mercado chinês** nos próximos anos” (*Candidato*, nota).

“O esforço do governo brasileiro se concentra em **reiterar que a detecção do mal da vaca louca em um animal no Paraná**, que levou ao embargo chinês no fim de 2012, **foi um caso atípico**” (*Suspeita de vaca louca trava acesso à China*, notícia).

“Notícia como esta nunca é boa, mas o **momento é delicado para a suspeita de mal da vaca louca em Mato Grosso**: justo quando o país negocia acesso à sua carne bovina "in natura" para os EUA” (*A hora é bem ruim para nova suspeita de mal da vaca louca*, notícia).

“a classificação dos Estados do Nordeste e do Pará como **zona livre de aftosa**, com vacinação, mostra que **o Brasil vem fazendo a lição de casa**” (*País pode ficar livre da aftosa, mas há gargalos*, notícia).

“**A retração na suinocultura americana é resultado da Diarreia Suína Epidêmica (PED)**, doença registrada no país desde o ano passado, mas intensificada neste ano” (*Doença reduz exportação de suíno dos EUA*, notícia).

“Existe um **uso maciço [de antibióticos] hoje na ração e na água de animais de corte e também na piscicultura**. (...) Segundo a epidemiologista, um dos problemas do uso para engorda é que ele é feito em baixas doses, e isso **cria o ambiente ideal para o desenvolvimento de novas bactérias resistentes**” (*Infecção resistente é crise global, diz OMS*, notícia).

<p>Artigos Kátia Abreu</p>	<p>“Como profetas, os cientistas ambientais têm fracassado, o que não lhes reduz o ânimo advinhatório (...) teme-se que os pecuaristas brasileiros vendam suas terras e saíam em busca de ‘florestas de baixo custo’ para transformá-las em pastagens para animais” (<i>Os novos fantasmas ambientais</i>, artigo).</p> <p>“Síndrome de extinção das essências: a sugestão de alguns ambientalistas de produzir carne sem animais (...). O aumento da produção de carne, segundo eles, terá custos ambientais enormes. Para obter um quilo de carne bovina, seriam necessários 15.400 litros de água. Mas nada disso foi demonstrado. Apenas dito. Também não se demonstra em que medida isso é catastrófico” (<i>Era da extinção das essências</i>, artigo).</p> <p>“O relatório dos cientistas [IPCC/ ONU] esclarece que 80% das emissões de gases-estufa provêm da produção de energia, tornando claro que as emissões derivadas da agricultura e da pecuária não têm relevância objetiva” (<i>Desconhecimento ou má fé</i>, artigo).</p> <p>“A produção de alimentos, assim como a ecologia, é ciência, não ideologia. Não podem, pois, viver em conflito” (<i>A segunda revolução verde</i>, artigo).</p>
----------------------------	---

As matérias sobre (I) o **mercado nacional e internacional** tratam das mudanças na balança comercial e inflação, concentrando-se no comércio internacional. Os animais aqui representados são identificados como *commodity*, proteínas, carne, animais para a engorda. O que ganha visibilidade nessa temática é o volume das exportações, preços, lucros e perdas de negócio. A ênfase nas trocas comerciais pode ser explicada pela posição do Brasil no mercado mundial, haja vista que o país é o segundo maior produtor e líder em exportação de carne bovina, líder em

exportação e terceiro lugar na produção de frango e o quarto lugar na produção e exportação de suínos⁵².

FIGURA 1: Notícia “Rússia quer comprar mais carne suína brasileira”



Fonte: FSP, 05/06/2014, p. Mercado 2-7.

A produção de caprinos e ovinos não teve registro no período, provavelmente porque não é tão expressiva no mercado internacional. Já a importação de pescados teve destaque, pois, no ano de 2014, tornou-se a principal *commodity* alimentar importada no país, superando o trigo. Neste conjunto identifica-se a recorrência a, pelo menos, dois modos de operação da ideologia: a unificação, que busca estabelecer uma unificar os animais de produção, tratando um conjunto de diversos animais como proteínas, gado, cabeças de boi, frango, o que também envolve o a operação da dissimulação, pelo uso de eufemismos que suavizam, na construção simbólica, o tratamento dado aos animais nas indústrias de produção de carne.

Entre as notícias de (II) **doenças que ameaçam a pecuária**, 03 tratam sobre a vaca louca, 02 sobre a febre aftosa, 02 sobre a diarreia suína e 01 sobre a possibilidade de uma crise global devido à quantidade de antibióticos utilizada na produção pecuária. Todas as notícias avaliam como as doenças dos animais interferem na balança comercial e podem ter impactos negativos sobre o PIB, sem, no entanto, apontar quais são as suas causas e consequências aos animais, exceto na notícia sobre o uso contínuo de antibióticos que pode produzir infecções resistentes⁵³

⁵²De acordo com os dados do Ministério da Agricultura.

⁵³“Infecção resistente é crise global, diz OMS”, FSP, 02/05/2014.

em que se assinala a relação entre o uso indiscriminado de antibióticos com o desenvolvimento de superbactérias.

Em relação à ameaça de uma crise bactericida global devido à grande utilização de antibióticos, duas semanas depois desta notícia, a FSP publicou outra notícia que aquece o debate quanto ao uso de antibióticos ao mostrar que não há uma visão unânime. Alguns zootecnistas afirmam que os antibióticos foram incorporados na ração “para preservar as aves” e que estas substâncias “não deixam rastro nos frangos e não têm ação em humanos”, além de garantir que a produção brasileira de frangos não utiliza hormônios⁵⁴. Assim, nesta notícia, a FSP instiga a desconfiança quanto aos problemas de saúde, humana e animal, causados pela introdução de produtos químicos na alimentação dos animais de produção (antibióticos, fungicidas e hormônios), além de colocar em questionamento se realmente é utilizado hormônios na produção de frango no Brasil.

As notícias que tratam das doenças que ameaçam à pecuária enfatizam o problema enquanto uma questão econômica, ao reforçar continuamente que os impactos são significativos na medida em que afetam a balança comercial. Também no caso da febre aftosa se busca evidenciar que a doença está sendo controlada, enquanto que a “vacca louca” aparece sempre como um “caso atípico”, portanto, algo que não era para acontecer e que pode interferir nas negociações com a China e Estados Unidos.

FIGURA 2: notícia “País pode ficar livre da aftosa, mas há gargalos”

Pais pode ficar livre da aftosa, mas há gargalos

As recentes avaliações da OIE (Organização Mundial de Saúde Animal) da pecuária brasileira são um grande estímulo para o setor e abrem caminhos para a erradicação da febre aftosa no país.

Segundo a OIE, o Brasil é considerado “País Livre de Aftosa” e “País Livre de Febre aftosa”, o que é uma classificação de alto nível. O Brasil é o primeiro país do mundo a ser considerado “País Livre de Aftosa” e “País Livre de Febre aftosa”.

Quando isso ocorre, o país recebe um reconhecimento internacional, mas ainda há desafios a serem vencidos. Entre eles, são a falta de fiscalização, a falta de fiscalização e a falta de fiscalização.

Além disso, há a necessidade de uma legislação para o setor.

no setor de avicultura, os produtores de aves estão preocupados com a possibilidade de contaminação por meio de produtos.

“O Exército tem que garantir a segurança e o controle de acesso ao território”, afirma o diretor de Defesa do Exército, Coronel Carlos Roberto de Souza.

Brasil, Estados

Unidos e outros países estão preocupados com a possibilidade de contaminação por meio de produtos.

A OIE também reconhece o Brasil como “País Livre de Aftosa” e “País Livre de Febre aftosa”, o que é uma classificação de alto nível.

O Exército do Brasil

está preocupado com a possibilidade de contaminação por meio de produtos.

Segundo a OIE, o Brasil é considerado “País Livre de Aftosa” e “País Livre de Febre aftosa”, o que é uma classificação de alto nível.

Brasil, Estados



Camada em fazenda em Tocantins, país considerado livre da febre aftosa.

Fonte: FSP, 31/05/2014, p. B6

⁵⁴ “Para criadores, uso de hormônio é inviável”, FSP, 28/05/2014,

As doenças são apresentadas como uma barreira para a expansão internacional do comércio de carnes brasileiro, realizado com 142 países, de acordo com o ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. No período de 2000 a 2013, o setor de carnes teve um crescimento das exportações de 637%⁵⁵. Em nenhum momento há referências quanto ao número de animais que foram abatidos na busca pelo controle sanitário nem sobre o impacto na saúde dos animais destas doenças originadas pelo confinamento. Esta ocultação quanto aos dados do impacto na qualidade de vida dos animais e dos óbitos resultantes endossam o modo de operação da ideologia de dissimulação através do ocultamento destas informações.

Os (III) **artigos** de Kátia Abreu, atual ministra da agricultura e na época senadora, sobressaem-se em todo o *corpus* de pesquisa por ser um dos únicos espaços em que figuram as questões socioambientais consequentes do ônus da agropecuária. A ruralista, no artigo “Os novos fantasmas ambientais”⁵⁶, cita os relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) e os estudos elaborados pela FAO/ONU (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) para afirmar que “abundam palpites” e comparar os cientistas a profetas, negando as previsões quanto às mudanças climáticas. Ela classifica como “ambientalismo fundamentalista” a sugestão de um cenário devastador para as próximas décadas em decorrências dos impactos da produção industrial, argumentando que as previsões dos cientistas ensejam mais “palpites e paranoias que resultados concretos”, o que deslegitima o discurso científico que aponta ônus da produção pecuária. Neste artigo, em relação aos modos de operação da ideologia, evidencia-se a estratégia de construção simbólica da fragmentação, através do que Thompson denomina como “expurgo do outro” (1995, p. 87), ou seja, da projeção de um alvo – os ambientalistas e cientistas que enfatizam as mudanças climáticas - como sendo perigoso.

Já no artigo “Era da extinção das essências”⁵⁷, a ruralista ataca a ideia de produzir carne artificial para diminuir o estrago ambiental e a emissão de gases, considerando uma “síndrome” esta sugestão de alguns ambientalistas. Ela intitula como a “era da extinção das essências” a

⁵⁵ Como destaca o site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, “Brasil bate recorde nas exportações de carne bovina com vendas de US\$ 6 bilhões”, notícia publicada em 29/11/2013.

⁵⁶ “Os novos fantasmas ambientais”, FSP, 05/04/2014.

⁵⁷ “Era da extinção das essências”, FSP, 10/05/2014.

sugestão de se “produzir carne sem animais”, o que Kátia compara com cigarros sem nicotina, café sem cafeína e sexo virtual. Ela afirma que as exigências do mercado mundial quanto ao bem-estar animal, proteção do ambiente e sustentabilidade são “todas sempre atendidas”, que os produtores respeitam a restrição de criar gado na Amazônia e a lei que proíbe desmatar sem licenciamento. No entanto, dados disponibilizados pela Organização das Nações Unidas e por outras instituições apontam para o contrário. A Agência de Defesa Agropecuária e Florestal (Adaf) assinala que o estado do Amazonas possui um rebanho com 1,36 milhões de cabeças de gado⁵⁸. Conforme o Greenpeace, o próprio governo brasileiro teria assumido que “‘a pecuária é responsável por cerca de 80% de todo o desmatamento’ na região Amazônica. Atualmente, a cada 18 segundos um hectare de floresta Amazônica é convertido em pasto”⁵⁹.

A autora usa o recurso da ironia para favorecer sua argumentação em prol da produção de proteína animal, considerando uma “síndrome” as preocupações ambientais. Através da analogia entre a produção de carne sem animais e cigarros sem nicotina e sexo virtual, a autora utiliza a estratégia do deslocamento que faz parte do modo de operação ideológico da dissimulação, em que se aproximam os termos cigarro sem nicotina e sexo virtual, portanto produtos e atividades que perderam sua essência ao serem transformados, desnaturalizados, para transferir esta conotação negativa à produção de carne sem animais. Neste sentido, a autora também utiliza a naturalização enquanto estratégia de construção simbólica da reificação, ao insinuar que a produção de carne a partir de animais é algo natural e que deveria ser imutável, do contrário, perderia sua essência.

No artigo “Desconhecimento ou má fé”⁶⁰ a ruralista afirma que a emissão de gases-estufa pela agropecuária “não tem relevância

⁵⁸ A notícia “AM tem 1,36 milhão cabeças de gado e apenas sete abatedouros regulares”, publicada pelo site G1, em 03/03/2013, assinala que os dados são do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV-AM) de que “56 municípios amazonenses, o abate dos rebanhos para consumo é feito de forma irregular”, destacando os “riscos de contaminação dos rebanhos e do meio ambiente, além da população consumidora de carne provenientes dos abatedouros clandestinos”.

⁵⁹ De acordo com o documento “A farra do boi na Amazônia” publicado pelo Greenpeace: a indústria da pecuária na Amazônia é o maior vetor do desmatamento do mundo.

⁶⁰ “Desconhecimento ou má fé”, FSP, 07/06/2014.

objetiva”, enquanto que o relatório da FAO/ONU⁶¹, citado na introdução deste estudo, aponta que a agropecuária é responsável por 18% do total das emissões de gases, o que supera a emissão produzida pelos meios de transporte; e que em dez anos (2001-2011) as emissões procedentes da agropecuária aumentaram em 14%⁶². A ruralista também assinala que “apenas 8% da produção brasileira é irrigada com sistemas artificiais”, alegando que quase toda a produção de alimentos utiliza apenas a água das chuvas, dado que contraria o da Agência Nacional de Águas (2013) de que a irrigação é responsável por 72% da água utilizada no país⁶³.

Neste artigo, Kátia aponta que o caminho “para a redução do uso de defensivos químicos é a utilização de sementes geneticamente modificadas”, o que é exatamente o oposto do que ocorre: estas sementes têm os genes modificados para se tornarem resistentes aos agrotóxicos, o que aumenta a demanda pela utilização destes químicos, em vez de reduzir, como ela assinala. Além de estereotipar o movimento ambientalista, Kátia Abreu contradiz os dados de diversas pesquisas científicas e de órgãos governamentais sobre o grande consumo de recursos naturais e os impactos socioambientais resultantes da pecuária. Neste artigo, evidenciam-se os modos de operação da ideologia da dissimulação, em que a autora favorece o obscurecimento quanto às reais condições de produção da agropecuária no que se relaciona ao grande consumo de recursos naturais. A própria autora parece, como sugere o título do artigo, desconhecer ou agir de má fé quanto aos dados oficiais, buscando, deste modo, ocultar o ônus socioambiental da produção pecuária.

No artigo “A segunda revolução verde”⁶⁴ a ruralista reconhece que o Brasil tem um papel relevante no processo global de produção de alimentos, tendo em vista os dados da FAO/ONU de que “é preciso aumentar a produção mundial de alimentos em 70% nos próximos 40 anos para erradicar a fome no planeta”. Em sua argumentação, a produção de alimentos e a ecologia são ciências e não podem viver em conflito. Desta forma, a ruralista defende que não deve haver obstáculos

⁶¹ Relatório *Livestock's Long Shadow*, da FAO/ ONU.

⁶² Segundo a notícia “Aumenta as emissões de gases de efeito estufa da agricultura” do site da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

⁶³ Notícia publicada no site da Agência Nacional de Águas: “ANA e Embrapa concluem levantamento sobre irrigação com pivôs centrais no Brasil”, em 04/03/2015.

⁶⁴ “A segunda revolução verde”, FSP, 21/06/2014.

para a produção agropecuária independentemente dos impactos que ela provoca. A autora recorre, assim, ao modo de operação ideológica da legitimação, através da construção simbólica da racionalização, isto é, de uma sequência argumentativa que evoca a tradição (o papel do país na produção de alimentos) e da universalização (pela defesa de que o atual modo de produção agropecuário, cada vez mais concentrado e dependente de insumos químicos, favorece a todos).

Kátia Abreu denega e ironiza os custos ambientais da agropecuária e distorce as informações para favorecer o setor econômico e político o qual ela integra. A autora desestimula o questionamento quanto às mudanças climáticas, crise hídrica, e as consequências negativas para a saúde humana e animal, bem como o impacto ambiental da utilização de agrotóxicos e transgênicos, tecnologias as quais ela defende com veemência. É possível identificar facilmente os cinco modos de operação da ideologia (legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação) nos artigos da ruralista, os quais são, em todo o material analisado, o que melhor exemplifica a essência do pensamento cartesiano que defende um tratamento instrumental da natureza, ao considerá-la como um objeto a ser manipulado pelos humanos, no incentivo do aumento da produção de proteína animal e na defesa de que o atual modelo de produção não deve enfrentar obstáculos.

No artigo “Expansão Produtiva Sustentável”⁶⁵, Moreira Mendes⁶⁶ trata da crise climática ambiental apresentada pelo IPCC, o que coloca a agricultura brasileira no centro das discussões. Segundo o deputado, a tendência é que o país tenha cada vez mais um papel preponderante no mercado global porque o “mundo depende da produção de grãos e de proteína animal”. Para o autor, causa estranheza e indignação os setores ambientalistas criticarem a agricultura brasileira. Ele alega que estes setores, que historicamente se opõem ao avanço agrícola do país, têm interesses econômicos por trás de seus discursos: “muitos [setores ambientalistas] dos quais suspeitos de serem financiados por mercados concorrentes – de atribuir à agricultura brasileira desinteresse em contribuir para a redução dos efeitos da crise climática global no país”. Mendes defende que a agricultura, ao contrário, tem contribuído para reduzir os impactos das mudanças climáticas.

⁶⁵ “Expansão Produtiva Sustentável”, FSP, 29/05/2014.

⁶⁶ Moreira Mendes é deputado federal, é líder do PSD na Câmara dos Deputados e ex-presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária.

Podemos afirmar que Moreira Mendes, ao defender que os setores ambientalistas são suspeitos de serem financiados por mercados concorrentes, recorre à estratégia da construção simbólica do “expurgo do outro” no intuito de promover a fragmentação do movimento ambientalista. O seu argumento busca minar a legitimidade da causa ambiental como se tratasse apenas de uma questão econômica.

Do mesmo modo que Kátia Abreu, Moreira Mendes discorda dos relatórios internacionais sobre as mudanças climáticas que sinalizam o impacto que o país causa ao ambiente, defendendo que o agronegócio desenvolvido no Brasil contribui para a redução dos efeitos das mudanças climáticas⁶⁷. Aqui se verifica a operação do modo ideológico da dissimulação, ou seja, do obscurecimento dos dados a fim de promover uma argumentação positiva em relação ao modelo de produção agropecuário nacional. O político afirma que o setor brasileiro está na dianteira da disseminação de tecnologias de produção sustentável na agropecuária, exemplo que deveria ser analisado durante a Conferência do Clima em Paris como um modelo a ser seguido. O país, no entanto, é o quarto maior emissor de gases de efeito estufa⁶⁸, emissões que têm se intensificado com a expansão da fronteira agrícola. O político ruralista incentiva o modo de produção brasileira e propõe que este seja o modelo de produção que vai terminar com a fome mundial.

No entanto, muitos cientistas e pesquisadores (BRÜGGER, 2011; FRANCIONE, 2013; SINGER, 2010) apontam justamente o oposto. Em especial no Brasil, o modelo agropecuário prioriza o monocultivo de grãos e a produção de carne animal demanda cada vez mais terras, incentiva o desmatamento de biomas como a Amazônia, o Cerrado e o Pampa, consumindo grande quantidade da água doce disponível. Como assinala Brügger, este modelo de produção não é

⁶⁷ Conforme o relatório do Sistema de Estimativa de Emissão de Gases de Efeito Estufa (SEEG), no Brasil, aumentou em 7,8% a emissão de gases de efeito estufa em 2013 em relação ao ano de 2012. Os dados de 2012, quando agrupados por atividade econômica, mostram que o agronegócio responde por 62,5% das emissões brasileiras, o que inclui emissões diretas da atividade agropecuária, boa parte das emissões por desmatamento, emissões de energia consumida no setor e emissões por resíduos industriais do setor.

⁶⁸ O Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia assinala que o Brasil é o quarto maior emissor de gases de efeito estufa, segundo dados de 2005, que contabilizam as emissões causadas por mudanças de uso do solo tais como desmatamento.

sustentável porque, além de destruir com os ecossistemas, não permite a erradicação da fome mundial:

se não devastássemos tantos ecossistemas naturais – habitats de tais animais e de tantas outras espécies – para plantar grãos (*commodities*) para dar continuidade à pecuária, poderíamos acabar com a fome no planeta: a dos humanos (de forma direta) e a dos predadores de topo (ao garantir acesso aos seus territórios) (BRÜGGER, 2011, p. 4).

Em relação à presença de imagens de animais na temática de *commodities*, a informação é acompanhada por imagens em 16 matérias (onze notícias, três artigos e duas notas) o que corresponde 13% da temática de *commodities*. Foram 13 fotografias, em oito delas os animais aparecem vivos, e em cinco estão mortos (quatro imagens estão com o corpo inteiro e em uma eles estão processados e embalados na forma de embutidos), e três ilustrações de artigos.

FIGURA 3: Nota “Produção deve subir”



Fonte: FSP, 24/04/2014, p. Mercado 2-6

FIGURA 4: Nota “Exportação do mês”



Fonte: FSP, 10/06/2014, B7

Os bovinos e suínos aparecem vivos em todas as sete fotos, enquanto que os frangos e peixes estão mortos e dependurados em ganchos nas indústrias em cinco fotos e, apenas em uma imagem os frangos estão vivos numa granja industrial. Os bovinos estão nas fazendas, em ambiente aberto, nas imagens; os porcos aparecem em confinamento. Apenas os mamíferos estão vivos nas imagens. Em relação à presença da morte nas fotografias, pode-se concluir que a imagem de um mamífero morto poderia ferir mais as sensibilidades dos leitores do que a de outras classes de vertebrados que aparecem nas fotografias (peixes e aves) e são igualmente mortos em série.

Os animais figuram em três ilustrações dos sete artigos de Kátia Abreu, cujos desenhos são assinados por Carlos Caminha. Uma vaca aparece nas três ilustrações, e em dois artigos, a mesma vaca é representada com a cabeça diminuta, praticamente inexistente, e a musculatura superdesenvolvida, o grande corpo partido ao meio, dividido em duas partes.

FIGURA 5: artigo “Era da extinção das essências”



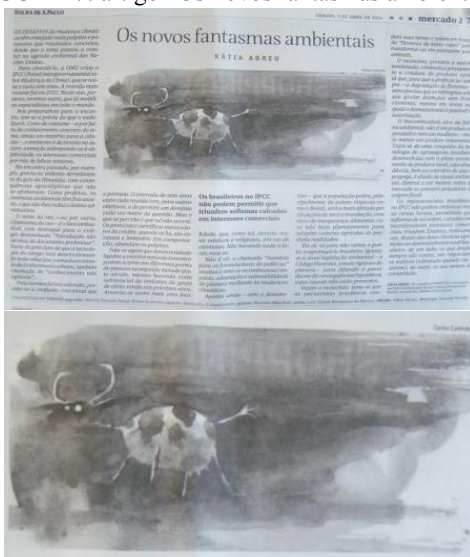
Fonte: FSP, 10/05/2014, B7

FIGURA 6: artigo “A alavanca de Aristóteles”



Fonte: FSP, 24/05/2014, p. Mercado 2-10

FIGURA 7: artigo “Os novos fantasmas ambientais”



Fonte: FSP, 05/04/2014, p. B2

O artigo⁶⁹ em que a ruralista critica a produção artificial de proteínas para deter a poluição ambiental é ilustrado com uma vaca dentro de um tubo de ensaio. Na busca pelo desenvolvimento de uma proteína que não seja de origem animal, a vaca é representada como um experimento de laboratório, como uma substância que cabe em um tubo de ensaio, que está em processo de experimentação.

No artigo que trata do anúncio do plano Agrícola e Pecuário 2014/2015⁷⁰, o qual vai passar a financiar a aquisição de animais para a engorda em regime de confinamento e a aquisição de matrizes reprodutoras, na imagem, um homem está alavancando esta mesma vaca. Kátia Abreu finaliza o artigo fazendo um trocadilho com uma frase de Aristóteles para destacar o poder do agronegócio e a importância do apoio do governo: “Num país como o nosso, dê o agro a um governante sensato e ele moverá o Brasil”. Os animais se tornam “proteína”, carcaças que valem por seu volume. Esta metáfora da alavanca nos faz recordar o apoio financeiro de 4 bilhões de dólares concedido pelo BNDES à empresa JBS⁷¹.

Em um terceiro artigo sobre as mudanças climáticas⁷², uma vaca é representada confundindo-se a um ambiente de gases e poeira. Esta vaca se aproxima da descrição romântica das vacas, tem o corpo malhado e arredondado, contudo, ela parece estar em estado de choque porque está com os olhos arregalados e as magras patas e rabo esticados. A vaca é representada paralisada em meio a um ambiente poluído por gases, ela está sozinha em uma nuvem de poeira. A imagem mostra a poluição atmosférica causada pela fermentação entérica do gado, o que,

⁶⁹ “Era da extinção das essências”, FSP, 10/05/2014.

⁷⁰ “Alavanca de Aristóteles”, FSP, 24/05/2014.

⁷¹ O BNDES concedeu um investimento de 4 bilhões de dólares a JBS, passando a deter 30,4% da composição acionária da empresa como assinala a notícia “‘Reinventando o Capitalismo de Estado’ fala sobre investimento do BNDES na JBS”, FSP, 25/02/2015. A matéria destaca a participação do governo federal para que a processadora de carnes JBS se tornasse o “ator dominante no mercado global de carne bovina e frango”. O estudo produzido por pesquisadores de administração da Harvard Business School e do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) aponta que: “Em 2007, a JBS passou de uma empresa quase desconhecida para a maior processadora de carnes do mundo ao adquirir a Swift & Co. por 1,4 bilhão de dólares. A manobra, que colocou a JBS no mapa do mercado mundial de alimentos, foi financiada pelo BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social)”.

⁷² “Os novos fantasmas ambientais”, FSP, 05/04/2014.

na maioria das vezes, é impossível de se ver (gases), enquanto que os sinais de alteração do clima global se tornam cada vez mais evidentes.

Neste conjunto de ilustrações, o que mais se destaca é a imagem da vaca cortada ao meio, em que sua cabeça é praticamente inexistente e a repetição desta representação após duas semanas. O animal se torna apenas tronco, apenas carne, a sua cabeça é um pouco maior do que a de um alfinete, em uma possível analogia de que não existem pensamentos, sensações e sofrimentos no produto carne. Embora nas três ilustrações as vacas estejam em pé, o que sugere que elas estão vivas, os animais são representados isolados de seu ambiente natural, numa imagem desnaturalizada, de dois pedaços de animal, o que favorece conceber e tratá-lo como uma máquina.

Os animais são referenciados nos títulos em grupos: bovinos e gado, suínos, frango, pescados, e, em dois casos, salmão. Esta tipificação, como vimos, facilita o tratamento utilitarista dado aos animais, sobretudo, na indústria e, em relação aos modos de operação da ideologia, é uma forma de unificação em que se busca uma identificação coletiva, ao mesmo tempo em que se torna uma eufemização, porque no grupo gado não se sabe quanto animais estão contidos nem as condições a que eles são submetidos. Ser uma *commodity* é ser um volume, uma cifra, um produto comercial e nunca um indivíduo. Os animais são representados nesta temática como matrizes-reprodutoras ou, depois de mortos, como proteína. Nesta temática se torna mais evidente a íntima relação do jornalismo com os fluxos de produção capitalista, e sua participação no fortalecimento de um mercado global, como assinala Hall (1997a).

ALIMENTAÇÃO

Podem-se diferenciar quatro conjuntos de matérias na temática de alimentação: (I) críticas a restaurantes; (II) cultura alimentar; (III) especial de carnes e (IV) alimentação e saúde. Abaixo alguns dos principais fragmentos destes conjuntos:

TABELA 6: Fragmentos das matérias de alimentação

	Fragmentos das matérias
(I) críticas a restaurantes	<p>“risoto ala pescadora, com frutos do mar, (...) linguiça produzida pela casa estão entre os anúncios riscados na parada” (<i>Mudanças não afetam qualidade do Tappo</i>, notícia).</p> <p>“Na oferta à la carte, bem tradicional, é onde se pode comer o velho e bom escargot com manteiga provençal (com alho), rãs também à provençal (difícil encontrar rãs realmente saborosas, mas ao menos ela vem com atraente risoto de grãos e favas verdes) ou tutano do boi com salsinha” (<i>Le French barateia menu sem prejudicar comida</i>, crítica a restaurante).</p> <p>“Os hambúrgueres primam por não empilhar ingredientes e camadas, optam pela simplicidade. Por exemplo, o de foie gras leva um hambúrguer e... uma camada (embora até exagerada) de foie gras. Só” (<i>Z Deli Sanduíches acerta ao investir no simples</i>, crítica a restaurante);</p>
(II) culturas alimentares	<p>“por causa de falsas lendas, que dizem que sushi feito por mulheres não presta porque elas têm as mãos mais quentes, menstruam, ovulam e fazem o peixe apodrecer” (<i>Por falsas lendas, sushi é coisa de homem no Japão</i>, artigo).</p> <p>“Quando pergunta a alunos de escolas japonesas qual é seu prato favorito, a resposta mais frequente é ‘filé de hambúrguer’” (<i>Cozinha japonesa corre risco de extinção</i>, notícia).</p> <p>“Já o cardápio das delegações com membros muçulmanos foi adaptado para contemplar as restrições alimentares da religião. A carne, por exemplo, precisa ter o certificado halal – garantia de que, dentre outras condições, durante</p>

	<p>o abate o animal estava com a cabeça voltada para Meca e morreu sem sentir dor” (<i>Fome de bola</i>, reportagem).</p> <p>“Em cidades afastadas, animais selvagens fazem parte das gastronomias locais. Da girafa, a longa língua é a melhor parte; do hipopótamo, pedaços das costas cozidas com ervas são uma iguaria; do leão, fazem-se filés marinados” (<i>Para secar os Camarões</i>, reportagem).</p>
(III) especial de carnes	<p>“O bacon industrializado substitui a defumação por uma fumaça líquida injetada na carne. Perto do artesanal, ele tem baixa qualidade” (<i>Em busca do bacon perfeito</i>, notícia).</p> <p>“Hoje, no entanto, quando o país abate 6 bilhões de aves por ano – e cada brasileiro come 45 kg de frango ao ano – são exceção os consumidores que lhes dão valor à mesa. ‘A produção em larga escala no Brasil, fez o frango perder a nobreza – e um pouco do sabor’” (<i>O que é que esse frango tem?</i>, reportagem).</p> <p>“Pois a depender da criação e da idade de abate do animal, a carne pode mostrar, sim, diferenças na textura e no sabor” (<i>Solte o frango</i>, notícia).</p> <p>“quinta geração de fazendeiros, aposta no cruzamento entre wagyu e bonsmara e oferece um lote especial de carnes marmorizadas para grelha e churrasqueira” (<i>Carne de primeira</i>, reportagem).</p>
(IV) alimentação e saúde	<p>“(…) com sua dieta de proteínas que promete emagrecimento rápido e liberdade para comer uma centena de alimentos”; “O problema desse estudo mais recente é que ele é feito por americanos e sobre americanos, que já comem muita carne” (<i>Teste de dieta falhou por ter EUA</i></p>

	<p><i>como base, diz Dukan, reportagem).</i></p> <p>“A carne vermelha é má, defendem uns. A carne vermelha é ótima, garantem outros. Sobre os laticínios, há opiniões para todos os gostos: são puro veneno; são simplesmente insubstituíveis” (<i>A ciência gordurosa</i>, artigo de João Pereira Coutinho).</p> <p>“Empresas que fabricam produtos que não têm materiais de origem animal ou não fazem testes com bichos estão se esforçando para divulgar essa opção. A ideia é alcançar o público vegano (que não consome qualquer produto que não tenha essas características) e simpatizantes da prática” (<i>Empresas criam produtos com foco em veganos e simpatizantes</i>, notícia).</p> <p>“Eles não querem riscar a carne por completo do cardápio, mas de vez em quando, evitam a proteína de origem animal.”; “os benefícios à nutrição do vegetarianismo temporário ou mesmo estrito não são consensuais” (<i>Quase vegetarianos</i>, reportagem).</p>
--	--

O conjunto da maior quantidade de matérias foi as (I) **críticas a restaurantes**. Praticamente a metade das matérias de alimentação (41 dos 88 registros) trata de críticas nas quais se abordam os pratos oferecidos, qualidade do serviço e preços. Em todos os pratos descritos prevalecem refeições à base de carnes, a porção se destaca no prato, os produtos de origem animal recebem destaque no texto e nas imagens. Nesta temática, 38% das matérias são ilustradas com as fotografias de pratos com carne (boi, frango, peixe, bacon, rãs etc) ou de pedaços de carnes cruas (especialmente carne bovina).

FIGURA 8: notícia “Le French barateia menu”



Fonte: FSP, 16/04/2014, p. F4

Em relação às (II) **culturas alimentares**, em nove matérias enfocaram em diferentes culturas culinárias. Entre elas a japonesa, árabe, italiana, africana, caipira, mineira e paraense. Neste conjunto, as referências à cultura se destacam nos ingredientes de cada região, nos diferentes animais que são consumidos e nas técnicas distintas de produção. Duas matérias tratam da culinária japonesa. Em um artigo, uma cozinheira discute sobre a lenda japonesa de que o sushi não deve ser feito por mulheres⁷³. A autora questiona a tradição do país que defende que as mulheres por terem as mãos mais quentes e menstruarem fariam com que o peixe apodrecesse. Em uma notícia é destacada a ocidentalização da dieta japonesa⁷⁴, alegando que a cozinha do país corre risco de extinção ao apontar que hoje o prato preferido dos jovens japoneses é filé de hambúrguer. A mudança cultural que se verifica com os jovens japoneses provavelmente seja resultado da ação midiática, pois, na medida em que a mídia permite uma interconexão global,

⁷³ “Por falsas lendas, sushi é coisa de homem no Japão”, FSP, 30/04/2014.

⁷⁴ “Cozinha japonesa corre risco de extinção”, FSP, 28/05/2014.

influencia em mudanças culturais globais e tem como efeito a tendência à homogeneização cultural, uma *McDonaldisação* do globo (Hall, 1997a, p. 3).

FIGURA 9: notícia “Cozinha japonesa corre risco de extinção”



Fonte: FSP, 28/05/2014, p. F5

Um dos destaques do conjunto foi a notícia sobre as peculiaridades da culinária de alguns países cujas delegações estavam no Brasil participando da Copa do Mundo de Futebol, entre eles, os países de cultura árabe que apenas consomem carnes que possuam o certificado *halal*. Segundo o modo de abate árabe *halal*, como é explicado na notícia, o animal é posicionado com a cabeça voltada para Meca e não deve sentir dor neste momento. Não são explicados, porém, como o animal não sente dor e de que forma é feito o abate (choque elétrico, marretada etc). Nesta matéria se tem um exemplo de resistência cultural na medida em que apesar de estarem em outro continente, essas seleções árabes mantiveram sua tradição.

Também houve no período um conjunto de reportagens que se dedicaram a explorar as especificidades de determinadas carnes. No (III) **especial de carnes** foram dadas dicas quanto a como escolher a carne,

como prepará-las e onde comprar: bacon, bacalhau, frango e cortes de carne vermelha.

FIGURA 10: Reportagem “Carne de primeira”



Fonte: FSP, 04/06/2014, p. F6.

Apresentam-se como uma nova tendência os açougues boutiques⁷⁵, assinalando que cada vez mais a carne se torna um bem de luxo. O mesmo também se observa na matéria sobre a carne da raça Wagyu⁷⁶, cujo preço é 10 vezes mais caro que a peça comum no mercado, à diferença de que esta carne é mais macia por ter outro arranjo de fibras.

FIGURA 11: Reportagem “Vale a facada?”



Fonte: FSP, 07/05/2014, p. F1

⁷⁵ “Carne de primeira”, FSP, 04/06/2014.

⁷⁶ “Esta carne se basta”, FSP, 07/05/2014.

A (IV) **alimentação e saúde** foi o tema de um conjunto de quatro matérias, em duas reportagens, um artigo e uma notícia. Uma das reportagens trata sobre a dieta da proteína criada pelo nutrólogo francês Pierre Dukan que, em entrevista à FSP⁷⁷, explicou que seu regime, que promete um emagrecimento rápido à base do consumo exclusivo de proteína animal durante poucos dias, não teve os resultados esperados porque foi aplicado nos Estados Unidos, país que já consome diariamente uma grande quantidade de carne e derivados. Ao ser perguntado sobre a relação entre o alto consumo de proteína animal e o desenvolvimento de doenças como câncer e diabetes⁷⁸, o nutrólogo contesta a pesquisa que aponta a ocorrência destas doenças, assinalando que as “pessoas ligadas ao estudo podem ter interesses comerciais em produtos que vão contra a dieta das proteínas”. Dukan desvia a atenção da questão sobre o consumo excessivo de proteína ser maléfico à saúde humana ao sugerir que os grupos por trás destes estudos têm interesses mercadológicos. Efetua-se em sua argumentação, portanto, a estratégia da construção simbólica do “expurgo do outro”. Este modo ideológico de fragmentação visa o enfraquecimento das ideias contra-hegemônicas, através de uma representação que atribui uma conotação negativa ou perigosa aos grupos cujos discursos criticam o sistema e modo de produção hegemônico, neste caso, os pesquisadores que assinalam os malefícios da dieta carnívora.

Na reportagem “Quase vegetarianos”⁷⁹ é apresentada a campanha “Segunda sem carne”, projeto internacional que tem o músico Paul McCartney como um dos principais divulgadores e que defende o não-consumo de carne nas segundas-feiras. A reportagem assinala que existem dois projetos de lei no Brasil (dos deputados Feliciano Filho, PEN-SP e Ricardo Izar, PSD-SP) que apoiam o desenvolvimento do projeto “Segunda de carne” nos estabelecimentos ligados a órgãos públicos. A matéria também cita os restaurantes paulistas que “aderiram à campanha” e dão descontos ou oferecem opções vegetarianas nas segundas-feiras. Segundo a reportagem, os “adeptos alegam preocupações com a saúde, o meio ambiente e os animais”, apresentando o depoimento de duas pessoas que reduziram o consumo de carne. Um publicitário declara que as questões ambientais o motivaram a participar da campanha. A matéria cita na sequência o dado

⁷⁷ “Teste de dieta falhou por ter EUA como base, diz Dukan”, FSP, 10/04/2014.

⁷⁸ Nesta entrevista é citado o estudo publicado na revista científica “Cell Metabolism”.

⁷⁹ “Quase vegetarianos”, FSP, 08/04/2014.

divulgado pelo relatório da ONU em 2010 de que “gado é responsável por 18% das emissões de gases causadores do efeito estufa”. Este é o único dado apresentado quanto às questões ambientais. Uma professora de pilates também dá seu depoimento e diz ter aderido à campanha “por proteção aos animais”. A matéria não especifica do que se trata a proteção aos animais.

FIGURA 12: Reportagem “Quase vegetarianos”



Fonte: FSP. 08/04/2014, p. C5

A reportagem finaliza tratando da falta de consenso quanto a uma dieta vegetariana (estrita ou temporária) ser mais saudável. A nutróloga do Conselho Regional de Nutricionistas da 3ª região (SP e MS) afirma que "não é preciso eliminar a carne para ser saudável", mas ter uma dieta balanceada. A matéria aponta que as dietas vegetarianas podem levar à falta de vitamina B12, o que o nutricionista da Sociedade Vegetariana Brasileira rebate: "a deficiência nutricional é um mito". A reportagem, portanto, apresenta o não consumo de carne durante um dia na semana como uma alternativa alimentar saudável e um meio de contribuir para a preservação do planeta, no entanto, utiliza em uma argumentação de "gangorra" através da qual reforça que é desnecessário parar de comer carne vermelha para ser saudável, desconsiderando os argumentos ambientalistas e de compaixão para com os animais. Além disso, apresenta dois posicionamentos antagônicos quanto ao organismo humano ter necessidade de comer carne. A matéria trata do "vegetarianismo de meio período", e em nenhum momento propõe eliminação do consumo de proteína animal como uma alternativa saudável, nem sinaliza as características do modelo de produção

pecuário, ou o número de animais abatidos, dado que não se encontra em nenhum lugar no *corpus*; o mais próximo que se chega é o volume de carne exportada nas notícias de *commodities*.

FIGURA 13: Notícia “Empresas criam produtos com foco em veganos e simpatizantes”



Fonte: FSP. 22/06/2014, p. B6.

Também no conjunto **alimentação e saúde**, a notícia “Empresas criam produtos com foco em veganos e simpatizantes”⁸⁰ apresenta a nova tendência de empresas que se dedicam ao público vegano, ou seja, aos produtos destinados às pessoas que não consomem alimentos, produtos cosméticos e de vestuário que contenham ingredientes de origem animal ou que tenham sido testados em animais. O selo vegano foi lançado pela Sociedade Vegetariana Brasileira em 2013 sinaliza estes produtos. A matéria ressalta o grande número de vegetarianos no país (segundo o IBOPE, 2012, 15 milhões de pessoas se declaravam vegetarianas) e concentra-se no mercado e faturamento das empresas veganas, citando o exemplo de um fabricante de calçados e de uma loja virtual revendedora de produtos veganos. Enfatiza-se um enfoque mercantilista, sem apresentar quaisquer informações quanto aos produtos que fazem testes em animais, como são estes testes (toxicidade), porque as pessoas se tornam veganas etc. A matéria se restringe a representar o mercado de empresas veganas sem discutir a questão da produção industrial de animais.

⁸⁰ “Empresas criam produtos com foco em veganos e simpatizantes”, FSP, 22/06/2014.

No artigo “A ciência gordurosa”⁸¹, João Pereira Coutinho discute que os cuidados com o corpo se tornou uma religião na atualidade, e que, no entanto, é cada vez difícil saber o que comer devido à multiplicidade de estudos que “dizem uma coisa e o seu contrário”, às vezes até no mesmo dia. Agora as pessoas não se preocupam apenas em matar sua fome, mas em primeiro lugar está a saúde, argumento que é posto à prova ao considerarmos o aumento nas doenças relacionadas à alimentação. O jornalista cita o exemplo do consumo de carne vermelha, laticínios e gorduras, que ora são apresentados como maléficis à saúde humana e ora são considerados insubstituíveis. O autor declara estar diante de uma “selva de alarmes contraditórios” e cita o caso norte-americano que se reduziu o consumo de carne vermelha, preferindo os frangos, o que teve como resultado um “país que está mais doente do que nunca” tendo em vista a elevação dos casos de diabetes tipo 2, problemas de coração e obesidade. O jornalista considera que os verdadeiros inimigos hoje são os carboidratos, até que apareça um novo estudo para defender o contrário. O autor, de forma irônica, assume confiar no discurso científico: “vou retirando das prateleiras os alimentos que a ciência aprova e desaprova nos dias pares e ímpares, respectivamente”.

Neste artigo também é realizada uma argumentação “em gangorra” em que se destacam as contradições das opiniões de especialistas quanto aos malefícios causados pelo consumo de determinados produtos à saúde humana. O texto reforça continuamente a existência de incoerências no discurso científico quanto às consequências do consumo de alguns produtos, na maioria, carnes e derivados, o amplia as dúvidas da população quanto aos malefícios e benefícios de uma alimentação baseada em uma dieta de proteína animal. O autor busca identificar um alimento que seja o culpado pelos problemas de saúde, ironizando a falta de consenso que existe em torno da alimentação sem, todavia, discutir as diferenças quanto à produção de alimentos nos modos industriais que passaram a utilizar cada vez mais insumos químicos o que também repercute na saúde humana, discussão esta que, na verdade, não ocorre em nenhum trecho do *corpus* das doze temáticas.

PRAGA E TRANSMISSORES DE DOENÇAS

⁸¹ “A ciência gordurosa”, FSP, 24/06/2014.

Esta temática é muito homogênea quanto ao enfoque dado aos animais, por isso foram distinguidos dois conjuntos: os animais representados como (I) pragas, em cinco matérias, e como (II) transmissores de doenças, em 25 notícias. Abaixo seguem alguns fragmentos mais significativos dos conjuntos.

TABELA 7: Fragmentos das matérias de pragas e transmissores de doenças

	Fragmentos das matérias
Pragas	<p>“Agricultores do interior paulista têm recorrido a cercas elétricas para evitar ataques de javaporcos”; “Os animais atuam em bandos e dão prejuízos aos produtores” (<i>Javaporco destrói plantações e vira praga no interior de SP</i>, notícia).</p> <p>“as 31 delegações que virão ao país poderão trazer 350 pragas ainda inexistentes no Brasil” (<i>Na Copa, EUA são maior risco ao Brasil</i>, notícia).</p> <p>“Muitas dessas pragas já estão batendo na porta do Brasil e, mais cedo ou mais tarde, vão acabar entrando. Nesse caso, as indústrias e os produtores podem se preparar para a sua chegada” (<i>Pragas assustam na Copa</i>, notícia).</p> <p>“A grande vilã da safra passada, a lagarta <i>Helicoverpa armigera</i> já não assusta tanto os produtores, embora ainda cause elevados custos” (<i>Aprendendo com o inimigo</i>, nota).</p>
Transmissores de doenças	<p>“O vírus é transmitido aos humanos pelo contato com sangue ou secreções de animais infectados, como chimpanzés e morcegos” (<i>Número de mortos por surto de ebola na Guiné já passa de cem</i>, notícia).</p>

	<p>“A dengue é transmitida pelo mosquito <i>Aedes aegypti</i> e pode matar” (...) “Nunca vi na história do vetor estancar uma epidemia em duas semanas” (<i>Casos de dengue se espalham por mais bairros em São Paulo</i>, notícia).</p> <p>“Segundo especialistas, esse atraso no ciclo do <i>Aedes aegypti</i> pode explicar o alto índice de casos da doença no Estado” (<i>Em 2 meses, confirmações da doença quintuplicam em SP</i>, notícia).</p> <p>“um peixe conhecido como "barrigudinho" tem sido a aposta da Prefeitura de Uberlândia (MG) para reduzir os casos de dengue na cidade; “esse animal se alimenta das larvas deixadas pelo mosquito <i>Aedes aegypti</i>, transmissor da doença, e interrompe seu ciclo de reprodução” (<i>Cidade de Minas usa peixe 'barrigudinho' contra dengue</i>, notícia).</p>
--	--

Os animais foram representados como (I) **pragas** em cinco notícias e duas notas, foram eles: as lagartas (três notícias e duas notas), os javaporcos (uma notícia) e ratazanas e cobras (uma notícia). A notícia “Após seca e lagarta, cresce produção na Bahia”⁸² trata da lagarta da espécie *Helicoverpa armigera*, uma “praga desconhecida dos produtores” que ataca as plantações de soja, algodão e milho. A lagarta causou impacto para a região devido à “queda forte na produtividade”. A lagarta, que fora considerada “a grande vilã da safra passada”, segundo uma nota⁸³, não assusta os produtores embora “ainda cause elevados custos”.

Em duas notícias é enfatizada a possibilidade de a Copa do Mundo de futebol trazer ao Brasil 350 pragas dos países visitantes. Na notícia “Na Copa, EUA são maior risco ao Brasil” destaca-se que a maior parte da ameaça das pragas agrícolas vem dos Estados Unidos (225 tipos de pragas), e que o controle da chegada de novas espécies é

⁸² “Após seca e lagarta, cresce produção na Bahia”, FSP, 14/05/2014.

⁸³ “Aprendendo com o inimigo”, FSP, 14/05/2014.

praticamente impossível em tempos de globalização. As pragas vindas de outras regiões aumentam sua população ao não ter inimigos naturais. Em relação às características destes animais, não se apresentam muitos detalhes, apenas que elas atacam as grandes culturas como a de soja, milho e trigo, também ameaça as frutas e hortaliças. Segundo a notícia, a Associação Brasileira de Proteína Animal está preocupada e fez um manual de conduta para o setor, tendo em vista que o país receberia milhares de visitantes de países como o México, que enfrenta a gripe aviária, e Estados Unidos, a diarreia suína. Quanto a estas doenças que atingem a agropecuária, foi apenas apresentado o que custou de prejuízo financeiro, sem apresentar nenhum outro dado, portanto apenas as perdas econômicas do produtor de proteína. Não são citados outros tipos de pragas nem os efeitos que elas causam.

FIGURA 14: Notícia “Pragas assustam na Copa”



Fonte: FSP, 08/06/2014, p. B4

Do mesmo modo que a notícia anterior, em “Pragas assustam na Copa”⁸⁴ é assinalada a quantidade de ameaças de pragas que cada país pode trazer ao Brasil, o que é ilustrado com um infográfico em que o mapa do Brasil é representado como uma folha de árvore sendo comida por lagartas. A lagarta *helicoverpa* é representada no texto e na imagem como uma “superlagarta” que se “instalou no país e ataca o que encontra

⁸⁴ “Na Copa, EUA são maior risco ao Brasil” e “Pragas assustam na Copa”, FSP, 08/06/2014.

pela frente”. Novamente, a lagarta é representada como um inimigo das lavouras, e fora ela, não é especificado nenhum outro tipo de praga que o país esteja enfrentando, mas se reafirma que, devido à Copa do Mundo, o país estará exposto a 258 pragas não existentes no território. A matéria enfatiza o perigo da ameaça das pragas que podem vir para o Brasil na Copa e quais setores da agropecuária poderiam ser atingidos caso se confirmasse a previsão, portanto, reforça a dramatização da possível ameaça e muito pouco explica ou descreve sobre as centenas de novas pragas e como elas são transportadas nas viagens; elas são apenas enumeradas em um infográfico que sinaliza a quantidade de ameaças por país visitante. A matéria resume a ameaça a números sem conseguir apresentar mais informações contextuais, por exemplo, quanto às pragas ou sua relação com o monocultivo, modelo agrícola adotado por grande parte dos países que se tornam ameaças ao Brasil e que devido à falta de diversidade, torna-se um ambiente favorável para o desenvolvimento de insetos, como é o caso da lagarta, que em fase adulta torna-se uma mariposa.

Na notícia “Javaporco destrói plantações e vira praga no interior de SP”⁸⁵ aponta-se que centenas destes animais, que resultam do “cruzamento entre o javali selvagem e o porco caipira”, têm invadido as lavouras do interior paulista e atacado as produções de milho, cana-de-açúcar, batata e batata doce.

FIGURA 15: Notícia “Javaporco destrói plantações”



Fonte: FSP, 02/06/2014, p. B7.

A matéria explica como se deu o surgimento desta espécie na década de 90, considerada “mutante”, a partir de javalis selvagens que foram soltos no interior do estado e que cruzaram com porcas caipiras,

⁸⁵ “Javaporco destrói plantações e vira praga no interior de SP”, FSP, 02/06/2014.

espalhando-se até a Mata Atlântica, o que faz da situação “incontrolável”. Segundo a notícia, estes animais “atuam em bando” e o IBAMA autorizou a caça controlada, o que, para um engenheiro florestal local, não é uma medida suficiente, pois “os animais andam em bandos de mais de 30, como vão caçá-los de forma controlada?”. Os produtores têm recorrido também às cercas elétricas para impedir o acesso dos animais às plantações. Os animais são representados como uma espécie invasora que ameaça a produção de alimentos e o abate destes animais é apresentado como sendo a única solução. Portanto, o pensamento especista de que o bem-estar humano é a medida para julgar se a vida de algum animal é necessária ou não, se faz expresso nesta notícia.

Nas matérias sobre as pragas que afligem à agropecuária, pode-se afirmar que é utilizada a estratégia de construção simbólica do “expurgo do outro”, neste caso, o inimigo comum são os animais que se alimentam das lavouras e causam danos econômicos aos produtores. No caso das pragas da lavoura, assinala-se que o problema pode ser agravado devido à presença de dezenas de delegações de outros países no Brasil, as quais poderiam trazer diferentes pragas. A matéria, no entanto, não apresenta com clareza como isso poderia ocorrer.

Em 25 matérias os animais aparecem como (II) **transmissores de doenças**, destas 24 tratam da dengue e 01 sobre ebola. A dengue foi a principal doença a ser noticiada no período devido à grande quantidade de casos no estado de São Paulo, especialmente, na cidade de Campinas.

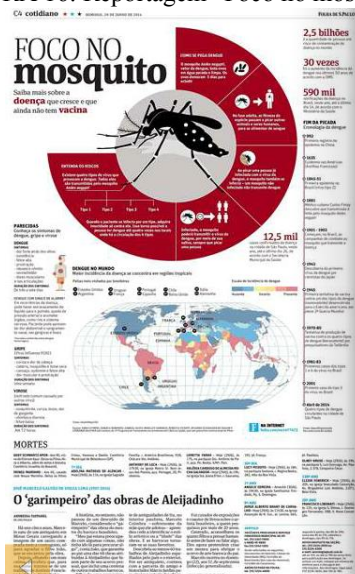
A maioria das matérias trata sobre o aumento dos casos e números de mortes em decorrência da dengue e o caos que os hospitais públicos se tornaram devido à epidemia da doença. Uma parte do conjunto assinala os esforços públicos no combate ao mosquito transmissor da dengue, o *Aedes aegypti*, que se desenvolve em ambiente aquático, sendo o combate à água parada uma das principais medidas contra a epidemia, conforme sugerem as notícias.

Conforme se destaca em uma das notícias, “Cidade de Minas usa peixe ‘barrigudinho’ contra dengue”⁸⁶, o peixe barrigudinho que come larvas do mosquito é usado como “uma ferramenta” no combate contra o mosquito. A espécie, “lebiste é eficaz e ecologicamente correto, pois reduz o uso de inseticidas”, além da “nebulização e vedação de criadouros”. Nesta notícia, uma espécie de animal é usada para combate de outra espécie considerada perigosa para a saúde humana. Os peixes

⁸⁶“Cidade de Minas usa peixe ‘barrigudinho’ contra dengue”, FSP, 24/05/2014.

são representados como uma alternativa natural para o combate da proliferação da dengue.

FIGURA 16: Reportagem “Foco no mosquito”



Fonte: FSP, 29/06/2014, p. C4

Na notícia sobre o vírus da ebola⁸⁷ aborda-se a dispersão do vírus pela África e os casos de óbito por causa da doença. A notícia destaca que a ebola é uma doença altamente contagiosa, que não tem tratamento específico e a taxa de mortalidade chega a 90%. O vírus da ebola é transmitido “por contato com o sangue ou secreções de animais infectados, como os chimpanzés e morcegos”, no entanto, a matéria não sinaliza como é realizado esse contato com os fluidos corporais dos animais infectados, se é por ingestão ou convívio. A notícia concentra-se nos números de afetados e nos esforços de médicos de diversos países que estariam se deslocando para as áreas atingidas, sem apresentar medidas de controle ou prevenção da doença.

Neste conjunto de transmissores de doenças, os animais são representados como vetores de vírus mortais aos humanos, como uma

⁸⁷ “Número de mortos por surto de ebola na Guiné já passa de cem”, FSP, 09/04/2014.

ameaça à saúde humana, em especial, o ebola por levar à morte em 60% a 90% dos casos. Em relação à dengue, são destacados os modos de prevenção da doença na busca pela contenção dos mosquitos transmissores enquanto que a notícia sobre o ebola não apresenta informações quanto às formas de prevenção. Em relação à presença de imagens de animais, 13% das matérias foram ilustradas com dois infográficos (do mosquito da dengue e as lagartas *Helicoverpa armigera*) e duas fotos (javaporcos e peixes-barrigudinho, usados para comer as larvas do mosquito da dengue).

ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

Na temática de animais de estimação diferenciam-se quatro conjuntos de representações socioculturais: a (I) identificação entre o animal de estimação e seu dono, prevalece com 11 matérias, os (II) animais em condomínio tiveram 04 matérias, a (III) a indústria *pet* teve 02 notícias e (IV) a crítica à humanização/excesso de sentimentalismo em relação aos dos animais é tratado em 01 artigo. Abaixo a tabela com alguns fragmentos mais significativos.

TABELA 8: Fragmentos das matérias de animais de estimação

	Fragmentos das matérias
identificação entre o animal e o dono	<p>“em sua suíte exclusiva (...) a cadelinha inglesa Lady Bella, 11, é rodeada de mimos. Ela tem funcionários disponíveis 24 horas por dia, seja para caminhada na praia, seja para fazer companhia”; “Com lorde Bowen ela se comporta como uma lady, mas está sendo tão paparicada que agora até late se alguém demora para atender seus desejos” (<i>Lady Copa</i>, reportagem).</p> <p>“Pantera tem 83 centímetros do rabo ao focinho e a aparência inconfundível do mais puro DNA mestiço (...) essa filha da ‘nova classe média’</p>

	<p>chegou quase junto com a TV tela plana 42 polegadas”; “O brasileiro é um vira-lata. Sou tão vira-lata quanto a Pantera (...) ser vira-lata é um orgulho nosso. E não um complexo” (<i>Orgulho de vira-lata</i>, reportagem).</p> <p>“É comum entre os entusiastas da alimentação uma preocupação com a própria saúde que é transferida ao pet”; “[os donos] seguem uma alimentação saudável --evitam transgênicos e consomem orgânicos sempre que possível. E a vira-lata deles, Melanie, 2, acabou entrando na dieta (<i>Pet natureba</i>, reportagem).</p>
animais de estimação em condomínios	<p>“Com a decisão [judicial], a boxer Nahla, 12, não terá mais que passar pela garagem para entrar e sair do prédio. Com dificuldade de locomoção, o animal não conseguia subir e descer a rampa” (<i>Justiça autoriza cadela a usar área social de prédio</i>, notícia).</p> <p>“As desavenças costumam ocorrer em razão de segurança (quando o bicho morde), perturbação (quando late ou mia muito) ou por insalubridade (por questões de higiene)”; “As gatas são castradas e bem tranquilas, mas uma é mais faladeira” (<i>Segurança, ruído e higiene geram atritos</i>, notícia).</p> <p>“os equipamentos foram desenvolvidos a partir de brinquedos de criança, como um labirinto no qual o dono poderá treinar adestramento e brincar com o cão, ensinando-o a achar a saída” (<i>Área pet nem sempre é bem aproveitada</i>, notícia).</p>
indústria pet	<p>“O site Maskot (...) permite que os atuais 5.000 usuários mantenham um perfil on-line do animal e montem uma agenda de compromissos, com notificações, álbum de fotos e busca de serviços” (<i>Empresas apostam em rastreamento e agenda para bichos</i>, notícia).</p>

	<p>“Um bulldog em trajes de ginástica babando como nunca. Um vira-latas de óculos escuros e gravata. Um yorkshire vestido de super-herói (...) Os donos chegam a desembolsar até R\$ 1.000 por ensaios fotográficos e vídeos exclusivos”;; “Ter um pet hoje é uma qualidade. É cool” (<i>Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil</i>, notícia).</p>
<p>crítica à humanização/ excesso de sentimentalismo</p>	<p>“Para atender a ascendente condição canina, serviços e produtos são oferecidos às famílias que alegremente custeiam não só a alimentação específica, o banho semanal em pet shops, as visitas mensais ao veterinário, o guarda-roupa de inverno, os brinquedos, mas também festas de aniversário, creches "humanizadas" (comparáveis a escolinhas infantis) e até joias”; “Como não lamentar a corrente de solidariedade que se forma na rua em torno de um cachorro doente, enquanto sua dona – uma mendiga amputada de uma perna e com enorme ferida na outra – é ignorada?” (<i>De homens e cães</i>, artigo).</p>

A (I) **identificação entre os animais e os humanos** se estabelece de três formas: pela diferenciação social, símbolo de nacionalidade e de estilo de vida. Em relação à diferenciação social, o lugar onde os cachorros estão e a sua raça são demarcadores de diferenças e identidades. A presença dos animais de estimação nos lares humanos remonta à formação das primeiras aldeias, como vimos no capítulo anterior. No final da idade média, tornou-se moda ter como animal de estimação um cãozinho bem pequeno. Eles acompanhavam as mulheres na igreja, na mesa, em seus quartos, dormiam na cama: “nenhuma mulher próspera estava completa sem um mascote” (THOMAS, 2010, p. 152). Através da raça dos cachorros se fazia uma distinção social: “os cães diferiam em *status* porque o mesmo acontecia com seus donos” (ibid, p. 150).

Esta diferenciação social e a relação de identidade estabelecida entre o animal e seu dono são perceptíveis em três reportagens do

material analisado, duas notas da coluna social e uma notícia. A reportagem sobre a cadela do lorde inglês Benjamin Bowen, Lady Bella, hospedada no Copacabana Palace foi a que recebeu maior destaque. A matéria teve uma chamada de capa com foto: “Uma Lady no Copa”⁸⁸, onde a cadela aparece em cima da cama do hotel com a legenda “Da raça *bichon frisé*, Lady Bella posa em sua suíte de 70m² do Copacabana Palace, no Rio”.

FIGURA 17: Reportagem “Lady Copa”

Fonte: FSP, 30/04/2014, capa e p. C8

A reportagem trata do cotidiano de uma cadela de um lorde inglês que há nove meses mora no Copacabana Palace. A cadela Lady Bella, considerada “uma moradora vip”, ganha “colinho dos funcionários” e circula pelas áreas comuns “quando seu ‘pai”, o inglês Benjamin Bowen, 39, conhecido no hotel como lorde Bowen, está em uma de suas viagens”. O lorde deixa Lady Bella no Copacabana para “minimizar o impacto de suas ausências, ele mantém a suíte para que Bella não sinta falta de uma casa”. Lady Bella tem privilégios e recebe atenção exclusiva dos funcionários do hotel porque tem sua identidade atrelada à

⁸⁸ “Uma Lady no Copa”, FSP, 30/04/2014.

de seu dono, o lorde inglês. A reportagem assinala, portanto, a diferenciação social dada à cadela, a qual tem sua identidade relacionada à de seu dono e por isso tem direito aos privilégios que as classes nobres possuem, a um tratamento vip. Lady Bella é representada pelo jornal como um ser sensível e mimado, portanto o mais próximo de considerá-la como um sujeito de uma vida. Diferentemente dos outros animais, os animais de estimação “têm um pai ou uma mãe humanos” que os cuida e, muitas vezes, bajula, promovendo um tratamento cada vez mais artificial, sobretudo, com o desenvolvimento da indústria pet.

Neste mesmo entendimento, em duas notas da coluna social os animais de estimação também receberam um tratamento distinto por demarcarem uma diferenciação social devido ao *status* social de seus donos. Por duas vezes na coluna social de Mônica Bergamo, cachorros de pequeno porte foram acompanhados de suas donas, no lançamento de livros de personalidades nacionais. Em *Bem na Foto*, nota sobre o lançamento da autobiografia do cantor Roberto Carlos, entre os diversos artistas e empresários que compareceram ao evento, Tania Derani está com um pequeno cachorro no colo, que não foi identificado. O cachorro vestido com uma capa xadrez aparece na imagem no colo de sua dona, esta que o segura bem próximo de si e o olha de forma zelosa.

Em *Memórias Registradas*, a socialite Maria Christina Mendes Caldeira traz ao colo a cadelinha Fé no lançamento da autobiografia do político José Serra. Fé está vestida de chapéu e com a camiseta da seleção brasileira, em homenagem à seleção no mês em que começava a Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Ambos os cachorros que apareceram nas fotografias da coluna social estão no colo de suas donas e eles estão vestidos, o que busca afastá-los de sua animalidade, além de ser outra marca de diferenciação social.

FIGURA 18: Cachorros na coluna social



Fonte: FSP, 26/06/2014, E2.

Os animais de estimação cujos donos possuem *status* social diferenciado por sua condição econômica passam a ter este atributo diferenciador, o que lhes permite frequentar diversos espaços em que os outros animais não são têm autorização para entrar (livrarias e hotéis de luxo) e de receber um tratamento privilegiado.

O animal de estimação também demarca a identidade do dono na reportagem “*Orgulho de vira-lata*”⁸⁹. Neste caso, é estabelecida uma analogia entre “um novo membro da classe C” e sua cadela vira-lata, Pantera. No período de preparação para a Copa do Mundo, diversos políticos utilizaram a expressão “complexo de vira-lata” para caracterizar as opiniões contrárias às obras de infraestrutura e ampliação dos estádios no país. A expressão cunhada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues para descrever a inferioridade voluntária que os brasileiros se colocariam diante do mundo é o pano de fundo para a jornalista Eliane Brum fazer o relato de vida de um brasileiro de Osasco que tem orgulho de ser vira-lata, mas que considera que essa Copa “não é para vira-latas”. Pankinha, apelido que se assemelha a nome de cachorro, é um homem que representa o povo brasileiro e se considera vira-lata porque “cai e levanta”, é resistente.

FIGURA 19: Reportagem “Orgulho de vira-lata”



Fonte: FSP, 12/06/2014, p. D18.

⁸⁹ “Orgulho de Vira-lata”, reportagem de Eliane Brum, FSP, 12/06/2014.

Na fotografia, Pankinha aparece beijando o rosto de Pantera. Eliane ironiza sobre a incongruência da cadela se chamar Pantera e destaca que o animal aproveita-se do benefício que sua raça sem identidade definida permite: a reinvenção. Nesta reportagem, a cadela vira-lata Pantera representa a força do povo brasileiro e sua identidade reinventada. Através da analogia, a jornalista reforça que a Copa no Brasil não é para o povo brasileiro, não é para os vira-latas. A “vira-latíssima” Pantera, “considerada a quinta filha de Hustene Alves Pereira”, parece não sofrer do complexo de vira-latas. A matéria faz uma crítica social quanto ao destino das verbas e a quem se destina o evento esportivo, a partir da reflexão sobre não possuir uma raça definida, uma relação de identidade que aproxima os vira-latas e o povo brasileiro, fruto da miscigenação cultural e étnica. A cadela reforça a identidade de seu dono ao mesmo tempo em que representa algumas das características mais genuínas do brasileiro: sua origem mestiça e persistência.

A reportagem *Pets naturebas*⁹⁰ também relaciona a identidade, mas neste caso, os modos de vida dos donos e dos animais de estimação, ao tratar sobre a transferência dos hábitos de uma alimentação saudável aos animais. A matéria teve destaque na capa da FSP com a chamada “Donos de cães e gatos trocam ração pela comida natural”, acompanhada pela foto de um cachorro comendo um biscoito integral. A dieta, “que cada vez mais pessoas oferecem a cães e gatos”, baseia-se em “carnes, de preferência com ossos e cruas, vísceras e alguns legumes para simular a vida selvagem”. Viver no ambiente urbano apenas permite aos animais simular uma vida natural. A reportagem apresenta os argumentos do movimento “antirração” na defesa pela adoção da comida natural na dieta dos animais: “a ração é transgênica, tem muitos conservantes e é gatilho para alergias, infecções e câncer”. Portanto, a mudança refere à busca por uma vida mais saudável dos humanos e de seus animais de estimação.

A matéria assinala que o movimento antirração faz parte do movimento internacional de alimentação natural e se insere na veterinária integrativa, favorecendo a cura de diversas doenças. Por outro lado, apresenta a oposição do campo científico ao movimento natural enfatizando que as associações e especialistas ligados a universidades são céticos quanto à alimentação natural. O Conselho Federal de Medicina Veterinária também se posiciona contrário à alimentação caseira, alegando que os “alimentos balanceados e de

⁹⁰ “Pets naturebas”, reportagem de Monique Oliveira, FSP, 06/05/2014.

formulação fixa são os mais adequados para os animais domésticos". A reportagem termina sugerindo a necessidade de mais estudos comparativos das dietas natural e industrializada, esta apresentada como “uma adaptação à vida urbana”.

FIGURA 20: Reportagem “Pets naturebas”

equilibrin

PETS naturebas

PETISTAS trocam ração por comida caseira e mudam seus hábitos de alimentação saudável para cães e gatos

RAÇÃO NÃO É TRANSGÊNICA

Fonte: FSP, 06/05/2014, p. C6.

Fonte: FSP, 06/05/2014, p. C6.

Para viver nos lares dos aglomerados urbanos, os animais de estimação são higienizados, esterilizados e comem diariamente a mesma ração. A vida urbana demanda praticidade, impõe que a vida selvagem e natural sejam adaptadas ao movimento das cidades. Algumas pessoas, atentas às consequências da alimentação industrializada, estão estendendo seus hábitos alimentares aos seus animais a fim de diversificar a alimentação do animal e prevenir doenças causadas pela dieta baseada em grãos transgênicos. No entanto, através da notícia percebe-se o embate existente na sociedade entre os adeptos de uma alimentação natural e a instituição científica que não aceita a eficácia deste tipo de alimentação e alega que os bons resultados “podem ser uma coincidência”. Por mais que a reportagem “Pets natureba” promova uma representação sociocultural alternativa dos animais, de que apesar de viver em centros urbanos eles podem se reaproximar de sua vida

natural através de uma alimentação mais natural e saudável, os discursos do campo científico e do capitalismo industrial ecoam e colocam em dúvida os benefícios da alimentação natural.

A relação de identificação entre o animal de estimação e seu dono também ocorre nas matérias sobre os animais exóticos. Na notícia “Vilã de 'Em Família' ecoa humor de Félix”⁹¹ é destacado o bom humor da personagem de Viviane Pasmanter que interpreta “uma Cleópatra de Goiânia”, uma das vilãs da novela da Globo.

FIGURA 21: Notícia “Vilã de “Em família” ecoa humor de Félix”



Fonte: FSP, 27/04/2014, p. E7

Na fotografia que ilustra a notícia, a atriz segura Serafina, o animal de estimação de sua personagem, como se fusta sabendo pela legenda “Pasmanter e a cobra Rita, com quem contracenou na novela em família”. A atriz que interpreta uma vilã olha a cobra nos olhos e sorri como se reconhecesse no animal sua essência). As serpentes foram historicamente associadas ao mal, à figura do demônio. Não é qualquer personagem de uma trama que pode ter uma cobra como um animal de estimação, estes animais representam para as culturas ocidentais a vileza e a crueldade, reforçam estes atributos da vilã. A cobra é tratada na matéria como uma atriz, ela é identificada pelos seus dois nomes (Rita e Serafina), o que a aproxima de uma representação de animal enquanto sujeito de uma vida.

Um segundo conjunto de matérias se refere aos (II) **animais de estimação em condomínios** e os espaços e regras criados exclusivamente para eles. Na notícia “Justiça autoriza cadela a usar área

⁹¹ “Vilã de “Em Família” ecoa humor de Félix”, FSP, 27/04/2014.

social de prédio”⁹², a cadela Nahla de 12 anos sofre de uma doença incurável, a displaxia coxo-femural, adquire o direito de usar a área social de um condomínio na Barra de Tijuca, Rio de Janeiro. O seu sofrimento foi justificativa para que ela adquirisse o direito de circular na área social do prédio em vez de passar pela garagem, onde tem que subir uma rampa, o que força suas pernas. Portanto, a sciência, o sofrimento da cadela foi considerado pelo juiz para conceder o direito de circulação, o que contrariava o regulamento. Nesta notícia, o animal de estimação é representado como um sujeito de uma vida que obtém uma vitória na justiça devido aos seus problemas de saúde. A decisão judicial, no entanto, destina-se a privilegiar um único cachorro e não toda a espécie, sendo um caso particular que ganha destaque pelo jornal. Aqui não são todos os animais, mas uma cadela é representada como um ser que merece consideração por causa do seu sofrimento. A legislação passa a reconhecer, ainda que em casos isolados, os direitos animais, neste caso, tendo em vista o sofrimento que eles também sentem.

Os animais de estimação em condomínio é um “tema é polêmico e pode gerar conflitos” de acordo com a reportagem “Segurança, ruído e higiene geram atritos”⁹³. Não há uma legislação específica que regule a vida dos animais de estimação em condomínios no Brasil, sendo tomadas as decisões nas assembleias de moradores. As disposições quanto às espécies de animais e a quantidade permitida em cada apartamento são arbitrárias e, em alguns casos, são resolvidas na justiça. A matéria cita dois exemplos, em um dos casos, a justiça decidiu que o morador deveria doar seu porco de estimação que “gerava queixas por causa da sujeira”; enquanto que em outro caso, um homem continuou com o direito de criar uma cobra com a justificativa de que “ele era treinado para fazê-lo”. A notícia destaca a sensibilidade do porco ao apontar os danos causados ao animal: “O porco foi levado a um sítio, mas morreu logo depois, e o dono passou a acusar a síndica pela morte do animal”.

A personalidade do animal e o tempo que o dono dispõe para estar com ele são questões relevantes para o momento de escolher o animal, e, neste ponto, a matéria difere os cães dos gatos em relação à demanda de atenção: os “cães sentem-se tristes quando estão sozinhos e precisam de um acompanhamento maior. Por isso, não são indicados para quem fica muito tempo fora”, os gatos, porém, “por serem mais independentes, adaptam-se melhor à vida em apartamento”. A fotografia

⁹² “Justiça autoriza cadela a usar área social de prédio”, FSP, 01/04/2014.

⁹³ “Segurança, ruído e higiene geram atritos”, FSP, 11/05/2014.

principal que ilustra a reportagem mostra dois gatos que estão em um apartamento, um deles está deitado na parte superior do sofá próximo à dona, e o outro, em cima da mesa, bem perto da câmera que faz a foto, imagem que reforça a fama de que os gatos são curiosos. Os gatos, além de ser mais independentes, muitas vezes têm acesso a lugares que os cachorros não podem ou conseguem ir, graças a seu corpo flexível e sua destreza física.

FIGURA 22: Reportagem “Segurança, ruído e higiene geram atritos”



Fonte: FSP, 11/05/2014, p. F4

A notícia “Área de pet nem sempre é bem aproveitada”⁹⁴ apresenta uma série de espaços e serviços criados nos condomínios para os animais de estimação. Além de brinquedos inspirados nos parque infantis como um labirinto, há a possibilidade do dono contratar o serviço de um profissional para exercitar o cão. No entanto, a matéria destaca que, em alguns casos, estes espaços não têm a devida manutenção e ficam sem uso, tornando-se banheiro para os cachorros.

⁹⁴ “Área de pet nem sempre é bem aproveitada”, FSP, 11/05/2014.

Ambas as notícias tratam das mudanças decorrentes da convivência com os animais em condomínios e sobre a inexistência de regras definidas, o que leva algumas questões a ser decididas na justiça pela falta de consenso, além das novidades e espaços de lazer destinados especialmente para estes animais. Na maioria dos casos se percebe uma aceitação positiva dos animais de estimação, exceto no caso do porco que teve que ser retirado do apartamento de acordo com a decisão judicial.

O terceiro conjunto de matérias sobre os animais de estimação se refere à (III) **indústria pet**. A notícia “Empresas apostam em rastreamento e agenda para bichos”⁹⁵ trata sobre os novos produtos e serviços destinados aos animais de estimação. Alguns empresários em São Paulo e no Rio de Janeiro estão investindo na construção de sites que organizam os compromissos e álbuns de fotos dos animais, e oferecem serviços de rastreamento pet e venda de diversos produtos. Esse novo ramo da indústria dos animais de estimação, denominado como movimento dos “pets tecnológicos”, tende a crescer segundo a matéria, já que “grande parte dos donos de animais de estimação tem bom poder aquisitivo e faz questão de se manter conectado”. Aqui também há uma relação de identidade entre o dono conectado à internet e seu animal de estimação, que também passa a fazer parte do mundo digital além de receber diversas ofertas de produtos e serviços, integrando-o cada vez mais na indústria pet. No entanto, é o próprio dono quem mais desfruta deste mundo digital e de todas outras atividades e produtos oferecidos, ao levar-se em consideração que o que é fundamental aos animais é ter alimento, abrigo, espaço e atenção.

No mesmo sentido, a indústria pet também é apresentada como um mercado em ascensão na notícia “Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil”⁹⁶. A notícia assinala que apenas em São Paulo já existem dez agências que oferecem o serviço de book fotográfico e vídeos exclusivos aos animais de estimação. A representação dos animais construída pela matéria, em alguns momentos, considera a individualidade dos animais, como se percebe pelo trecho “um bom álbum pet precisa refletir o que chama de personalidade dos bichos”. Os animais de estimação são representados como sendo mais do que uma companhia. Segundo a fotógrafa, o conceito sobre animais de estimação está mudando: “Ter um pet hoje é uma qualidade. É cool”. O pet agrega uma identidade ao dono, sendo este quem busca os serviços e produtos

⁹⁵ “Empresas apostam em rastreamento e agenda para bichos”, FSP, 19/05/2014.

⁹⁶ “Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil”, FSP, 29/06/2014.

que considera necessários aos seus animais, os quais promovem um tratamento cada vez mais artificial e humanizador, no sentido antropomórfico do termo.

FIGURA 23: Notícia “Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil”



Fonte: FSP, 29/06/2014, p. C7.

Uma (IV) crítica à humanização/excesso de sentimentalismo em relação aos animais é realizada no artigo “De homens e cães”⁹⁷. A doutora em Educação Dagmar Zibas critica a humanização canina e considera “um sério desvio psicológico e social” os modos como os animais de estimação estão sendo tratados na atualidade. Como uma resposta à indústria pet, Dagmar desaprova o excesso de sentimentalismo em relação aos animais. Ela inicia o artigo reconhecendo os benefícios da parceria entre humanos e cachorros, a qual nasceu por necessidades pragmáticas e remonta ao período Paleolítico, e aponta “o conforto psíquico que um cão traz aos donos” para depois citar uma série de atributos que diferenciam os humanos dos outros animais, numa argumentação que busca deslegitimar a intensidade dos laços afetivos que ligariam os humanos aos animais. A autora lamenta a corrente de solidariedade que se forma em torno de um animal doente enquanto que sua dona, uma moradora de rua, é ignorada. Explicita-se em sua argumentação que as pessoas que são solidárias com os animais se esqueceriam dos humanos, enquanto que na realidade, uma coisa não exclui a outra, ou seja, provavelmente, as pessoas que sentem compaixão pelos animais também sintam pelos humanos. Para Dagmar, a alienação é perceptível na forma como as pessoas reagem à morte dos animais, ao compará-la com a morte de algum membro da

⁹⁷ “De homens e cães”, FSP, 06/04/2014.

família e pelo surgimento da indústria pet para “atender a ascendente condição canina” e oferecem serviços e produtos às famílias que vão desde banhos semanais, roupas de inverno até a compra de joias, o que, na maioria das vezes, não é uma necessidade dos animais, senão um capricho de seus donos. A autora propõe uma lista de questionamentos para destacar a superioridade humana: “Pergunto ainda se sabem de algum cão que tenha composto uma sinfonia, escrito um romance, um tratado científico, tenha inventado uma vacina, construído um telescópio, ou se dedicado a minorar a fome na África”, perguntas que ela mesma reconhece como sendo ridículas “mas talvez necessárias para chacoalhar um pouco a alienação ampla, robusta e festiva que perigosamente permeia as atuais relações entre os humanos e os cães”. Através desta cadeia de raciocínio, Dagmar lança mão da estratégia de construção simbólica da racionalização, tendo em vista o modo de produção ideológico da legitimação, visando afirmar a superioridade humana em relação aos animais, para sustentar seu argumento que critica o excesso de sentimentalismo para com os animais.

Em relação à presença de imagens, esta temática é uma das que recebeu maior visibilidade: 73,5% das matérias são ilustradas com fotografias de animais de estimação. No conjunto de imagens apareceram treze cachorros, quatro gatos, um jumento, um coelho, uma cobra e um hamster. Entre os animais que foram identificados juntos às imagens prevalecem os cachorros, em especial, as fêmeas. Dos treze cachorros que aparecem nas notícias, cinco foram identificados com seus nomes, raças e idades. Em relação aos lugares onde estão os animais de estimação, a maioria está em casa com os donos (09 matérias), no condomínio brincando (03), na rua (03), em livrarias acompanhando suas donas (02) e em um hotel de luxo (01) e no estúdio da televisão gravando novela (01). Os animais de estimação são os únicos animais que aparecem no ambiente familiar, convivendo em casas, apartamentos e condomínios com os humanos, e em dois casos, os cães estão em livrarias, acompanhando suas donas *socialites* no lançamento de biografias de celebridades nacionais.

A partir do conjunto analisado pode-se afirmar que os cachorros foram os animais de estimação que mais se aproximam da condição de sujeitos de uma vida na representação sociocultural construída nas notícias. Além de terem nome, raça e idade identificados na maioria das matérias, diversas características psicológicas dos cachorros são assinaladas, enfatizando que estes animais sofrem dor, sentem solidão, têm necessidade de atenção e de espaços destinados à recreação. Os

animais de estimação na atualidade se tornam uma qualidade, denotam uma questão de estilo, tornam-se alvo de um mercado crescente que se torna cada vez mais tecnológico para acompanhar o estilo de vida de seus donos. O que não se percebe apenas na produção de books e perfis online, mas também na alimentação e nos espaços que eles podem frequentar devido à condição social do seu dono, o que se torna perceptível pelas imagens.

ANIMAIS AMEAÇADOS

Identificam-se sete conjuntos de problemáticas que colocam os animais em situação de ameaça. O conjunto que teve o maior número de registros trata dos (I) animais ameaçados de extinção, seis matérias; a (II) caça teve quatro registros; o (III) roubo de um leão de uma ONG no interior de São Paulo teve uma cobertura de três notícias; o (IV) desmatamento aparece como causa da visita inesperada de animais selvagens às cidades em uma notícia e uma fotolegenda; também foi notícia os (V) lixões desativados próximo ao zoológico de São Paulo e a consequente superpopulação de urubus que passou a frequentar o zoo; a (VI) seca e a proliferação de algas que levou à formação de uma mancha verde em uma lagoa no interior de São Paulo; os ursos que foram resgatados de um (VIII) zoológico clandestino. Seguem abaixo alguns fragmentos mais significativos destes conjuntos.

TABELA 9: Fragmentos das matérias de animais ameaçados

	Fragmentos das matérias
Animais ameaçados de extinção	<p>“O tatu-bola vive sobretudo na caatinga e tem sofrido com a destruição de seu habitat. Nos últimos dez anos, houve um declínio de 30% na população” <i>(Copa explora tatu-bola como mascote, mas não ajuda a conservar a espécie, notícia).</i></p>

	<p>“Tatu-bola é batizado de Ana Botafogo no Rio; ativistas lançam esforço contra desaparecimento do animal, símbolo da Copa no Brasil” (<i>Mascote da Copa</i>, fotolegenda).</p> <p>“O mურიკი é um animal incrível. Grande, bonito, sociável. Ele é o panda brasileiro”; “Há duas espécies: o mურიკი-do-sul (<i>Brachyteles arachnoides</i>) e o mურიკი-do-norte (<i>Brachyteles hypoxanthus</i>), que têm pequenas diferenças. Ambas estão muito ameaçadas, mas a situação das espécies do norte é um pouco mais crítica. Estima-se que haja 1.700 indivíduos no país” (<i>Cientistas querem popularizar mურიკი</i>, notícia).</p> <p>“Muitos grupos de abelhas morrem num intervalo curto [24 horas] e num mesmo local. Isso é característico de morte causada por agrotóxicos” (<i>Sites pretende monitorar sumiço de abelhas</i>, notícia).</p> <p>“um quarto dos mamíferos, um quinto dos répteis, um sexto das aves, um terço dos moluscos de água doce e um terço dos tubarões e das arraias ‘estão a caminho do esquecimento’”; “Sabemos que dois terços de todos os seres estão em florestas tropicais úmidas e que elas estão sendo derrubadas” (<i>Peteleco Inicial</i>, artigo).</p> <p>“O ritmo com que testemunhamos espécies de plantas e animais se extinguindo hoje é mil vezes mais rápido do que aquele que ocorre normalmente ao longo dos milênios” (<i>Homem acelerou ritmo de extinções em mil vezes</i>, notícia).</p>
Caça	<p>“o atual programa de pesquisa, de 2005, envolveu a matança de 3.600 baleias da espécie <i>minke</i> e um número menor de baleias da espécie <i>fin</i>, mas que os “resultados científicos obtidos parecem limitados” (<i>ONU proíbe japoneses de caçar baleias</i>, notícia).</p> <p>“Os golfinhos são sacrificados para o comércio de</p>

	<p>sua carne ou vendidos para aquários de todo o mundo”; “[os japoneses] fazem ciência como desculpa para matar mamíferos marinhos inteligentes e dotados de comportamento social como são as baleias e os golfinhos” (<i>Fim de caça às baleias pode elevar matança de golfinhos</i>, entrevista com Ric O’Barry).</p> <p>“a ocorrência reiterada de caça e da exploração de madeira também são apontados como fatores problemáticos” (<i>Usina hidrelétrica e estrada ameaçam parque do Itaguaçu</i>, notícia).</p>
Roubo de animal selvagem	<p>“Um leão de nove anos de idade e que pesa 300 quilos foi furtado de uma organização de proteção e recuperação de animais na madrugada de ontem” (<i>Leão de 300 quilos é furtado de ONG no interior de SP</i>, notícia).</p> <p>“A polícia acredita que o leão, que pesa 300 quilos, tenha sido dopado por dardos e arrastado até uma jaula em camionete, por três homens e uma mulher” (<i>Polícia faz buscas em estradas atrás de pistas de leão</i>, notícia).</p>
Desmatamento	<p>“Também conhecidos como suçuaranas, os animais têm aparecido em áreas ocupadas pelo homem justamente porque têm seus territórios invadidos, seja pela expansão urbana, seja pelo avanço da agricultura”; “Estes animais são territoriais e se deslocam por largas distâncias (...) Hoje em dia, há um muro de condomínio no meio do caminho dele. Estamos invadindo a área dele” (<i>No país, dez cidades já receberam 'visitas' de onças-pardas este ano</i>, notícia).</p>
Zoológico clandestino	<p>“Resgatados: ursos pardos passam por um check-up em santuário da espécie em Pristina, no Kosovo; quatro animais foram resgatados de um zoológico privado” (fotolegenda).</p>

Lixo desativado	“De acordo com o zoológico, um dos motivos da migração de urubus seria a desativação de lixões em cidades próximas de São Paulo” (<i>Urubus 'invadem' zoológico de SP e disputam espaço com animais</i> , notícia).
Seca	“ela [a mancha verde] diminui a quantidade de oxigênio na água e, se atingir toda a lagoa, pode causar a morte de peixes ”; “Quando há concentração de poluentes e vazão baixa, a potabilidade e a manutenção da vida aquática correm risco” (<i>Mancha verde: surpresa torna-se tóxica e "tinge" animais por falta de chuva em Americana (SP)</i> , notícia).

Os (I) **animais ameaçados de extinção** que receberam visibilidade no período foram: o tatu-bola, as abelhas e o miqui (espécie de macaco brasileiro considerado o maior primata das Américas). Nos três casos, portanto, trata-se da fauna brasileira. A matéria sobre o sumiço das abelhas⁹⁸ destaca que as mortes estão acontecendo em todo o mundo, o que pode comprometer parte da produção de alimentos, como assinala o dado da ONU, apresentado na matéria, 1/3 dos alimentos são polinizados por abelhas. Nesta notícia, três especialistas apontam que a morte das abelhas está associada ao uso de agrotóxicos nas lavouras, contudo, a matéria encerra sugerindo que não há um consenso de que os agrotóxicos sejam os responsáveis pela morte destes insetos ao apresentar o discurso dos produtores de agrotóxicos por meio da declaração da diretora do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal, de que “não há estudos conclusivos que comprovem o efeito dos defensivos nas mortes das abelhas”. Nesta notícia, por meio dos discursos concorrentes, podemos visualizar o embate político que existe na sociedade em relação ao uso de agrotóxicos e o estímulo ao ceticismo em relação aos impactos dos insumos químicos na saúde dos animais, e conseqüentemente, para a saúde humana.

⁹⁸ “Site pretende monitorar sumiço de abelhas”, FSP, 21/04/2014.

A notícia e a fotolegenda sobre o tatu-bola, animal escolhido como mascote da Copa do Mundo de Futebol no Brasil⁹⁹, não citam quais são os motivos da destruição do habitat e da redução da população de tatu-bolas, nem quantos animais existem no Brasil. No caso da notícia, enfoca-se no uso da imagem do animal em campanhas publicitárias e na falta de repasse financeiro da FIFA às ONGs destinadas à proteção da espécie; e na fotolegenda, o batismo do tatu-bola com o nome de Ana Botafogo foi tratado como um esforço dos ativistas contra o desaparecimento do animal símbolo da Copa. Portanto, a única medida de proteção aos animais apresentada nas matérias é atrair visibilidade à espécie ao associá-la a imagem de uma pessoa famosa, deste modo, dependendo da mídia para fazer parte da divulgação.

A notícia sobre os macacos-muriqui¹⁰⁰, ameaçados de extinção no Brasil, também busca atrair a simpatia do público pelo animal a fim de estimular a preservação da espécie. O macaco é descrito pelo presidente da ONG Conservação Internacional como “o panda brasileiro”, um animal incrível, grande e sociável, o que possibilitaria grande potencial de organizar ecoturismo em torno dele. O muriqui é representado como uma figura amistosa, característica que permitiria com que os humanos se aproximassem mais da espécie como uma estratégia de preservação.

FIGURA 24: Notícia “Cientistas querem popularizar muriqui”



Fonte: FSP, 30/04/2014, p. C7.

⁹⁹“Copa explora tatu-bola como mascote, mas não ajuda a conservar a espécie, diz ONG”, FSP, 11/04/2014.

¹⁰⁰“Cientistas querem popularizar muriqui”, FSP, 30/04/2014.

Outra iniciativa que busca popularizar o miqui é transformá-lo em mascote das Olimpíadas 2016 no Rio de Janeiro, a fim de torná-lo uma celebridade mundial para escapar da extinção. Também nesta matéria investe-se na popularização por meio da divulgação midiática dos animais como uma maneira para conter a extinção das espécies, além do desenvolvimento do ecoturismo em torno do animal. Apenas nesta matéria são apontados dados mais detalhados sobre o animal e sua situação atual, assinalando que existem duas espécies de macaco miqui, seu habitat (mata atlântica, o bioma mais desmatado, ameaçado e fragmentado do Brasil) e o número de animais existentes no país.

O artigo e a notícia que discutem a participação da humanidade no processo de aceleração da extinção da fauna e da flora apontam dados demonstram a aceleração da extinção das espécies. Entretanto, em nenhum momento é explicado quais atividades são as causadoras deste processo. O mais próximo que se chegou de uma explicação sobre o porquê a ação humana está afetando às outras espécies se deu no artigo “Peteleco inicial”¹⁰¹ que avalia: “ao descobrir reservas subterrâneas de energia, para pôr aviões no céu ou esquentar sua sopa no micro-ondas, a humanidade começou a alterar a composição da atmosfera, o clima e a química dos oceanos”. Neste artigo, são apresentadas várias declarações de especialistas que concordam e discordam da tese de que a ação humana está acelerando a extinção das espécies e, entre elas, a crítica de que os grupos ambientalistas lucrariam anualmente bilhões de dólares, argumento que visa promover o ceticismo quanto às mudanças climáticas. As matérias não apontam com clareza quais seriam os motivos e as formas de conter a extinção de milhares de espécies animais, vegetais, *fungi* e protistas. O jornal cede espaço para as matérias que tratam sobre os impactos socioambientais causados pelo sistema de produção sem apresentar claramente quais práticas econômicas e culturais têm maior impacto sobre a vida e o habitat das demais espécies de seres vivos.

A (II) **caça** também apareceu como uma problemática em quatro registros: três se relacionam com a proibição da caça às baleias no Japão pela Corte Internacional de Justiça (órgão jurídico da ONU), e uma notícia trata sobre a ocorrência de caça no parque Iguazu. Em relação ao parque, a caça é apresentada entre alguns dos problemas de falta de estrutura de organização do parque (considerado patrimônio mundial pela UNESCO), sem apontar quais são animais caçados.

¹⁰¹ “Peteleco inicial”, FSP, 04/05/2014.

FIGURA 25: Notícia “Corte da ONU proíbe Japão de caçar baleias”

Fonte: FSP, 01/04/2014, p. C1

As matérias que tratam da caça às baleias apontam que o programa científico japonês para abate destes animais tinha fins comerciais e por este motivo a atividade foi proibida¹⁰². A proibição ao Japão de caçar baleias é apresentada como uma medida de conter a caça comercial, tendo em vista que a caça para fins científicos é permitida. Na reportagem¹⁰³ publicada quatro dias após esta proibição, o conservacionista norte-americano alega que a medida provavelmente impactará no aumento da caça de golfinhos e que “se o governo fosse inteligente, desistiria de matar cetáceos”, pois considera tanto as baleias quanto os golfinhos animais inteligentes. Aqui o especialista argumenta a favor da inteligência dos animais como sendo um motivo pelo qual não se devia caçá-los.

¹⁰² “Corte da ONU proíbe Japão de caçar baleias”, FSP, 01/04/2014.

¹⁰³ “Fim da caça às baleias pode elevar matança de golfinhos”, FSP, 05/04/2014.

Os animais silvestres aparecem (III) **ameaçados pelo roubo**, com a notícia “Leão de 300 quilos é furtado de ONG no interior de SP”¹⁰⁴ que se transformou em uma cobertura com mais duas notícias sobre as buscas e o encontro do leão na cidade de Maringá, no Paraná, conforme a notícia “Leão furtado da Ong no interior de SP é levado ao zoológico de Curitiba”¹⁰⁵.

FIGURA 26: Notícia “Leão de 300 quilos é furtado de instituição em SP”



Fonte: FSP, 02/05/2014, p. C5.

FIGURA 27: Notícia “Leão furtado da Ong no interior de SP é levado ao zoológico de Curitiba”



Fonte: FSP, 02/05/2014, p. C5.

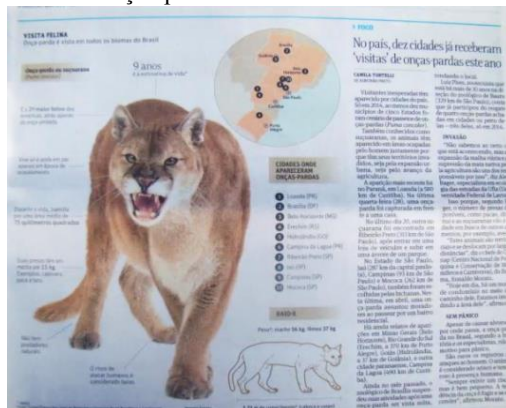
¹⁰⁴ “Leão de 300 quilos é furtado de ONG no interior de SP”, FSP, 04/05/2014.

¹⁰⁵ “Leão furtado da Ong no interior de SP é levado ao zoológico de Curitiba”, FSP, 09/05/2014.

Na primeira matéria da cobertura, uma das fontes ouvidas que trabalha na ONG que cuidava do animal sugere que provavelmente já devia haver um comprador para o leão furtado. Na segunda matéria foi dado destaque para as buscas e na terceira, para o encontro do animal no Paraná. O leão fora roubado pelo seu antigo dono e, depois de ser recapturado, o animal foi levado para um zoológico em Curitiba. A matéria não apresenta nenhum dado sobre o tráfico de animais selvagens no país, detendo-se na questão do leão que foi furtado.

O (IV) **desmatamento** é tratado como problemática na notícia “No país, dez cidades já receberam ‘visitas’ de onças-pardas este ano” e em uma fotolegenda de uma onça-pintada “Fera”. Na notícia são apontadas algumas das causas da visita dos animais selvagens às cidades “a expansão da malha viária e a supressão da mata nativa pela agricultura”, características do comportamento dos animais, os quais são tratados como “arisco e temeroso à presença humana”. A onça-parda e a onça-pintada estão na lista do Ministério do Meio Ambiente de espécies da fauna ameaçadas de extinção, no entanto, está informação sobre o estado de conservação das espécies não é apresentada.

FIGURA 28: Notícia “No país, dez cidades já receberam visitas de onças-pardas este ano”



Fonte: FSP, 01/06/2014, p. C5.

Outra problemática que foi notícia no período foi a dos (V) **zoológicos clandestinos**, como mostra a fotolegenda “Resgatados: ursos pardos passam por um check-up em santuário da espécie em Pristina, no Kosovo; quatro animais foram resgatados de um zoológico privado”. A fotolegenda é o tratamento mais sintético que se pode dar a um

acontecimento, não permitindo saber sobre o contexto do resgate. Na imagem, um urso passa por um procedimento cirúrgico. A notícia, embora seja um *fait divers*, está na temática de animais ameaçados haja vista que a situação do animal que foi resgatado de um zoológico clandestino é algo corriqueiro, embora receba pouca visibilidade. Um número incalculável de animais é retirado do seu habitat natural, não tendo a estrutura necessária nesses espaços clandestinos, prática esta sustentada pelo tráfico de animais, condições que, muito raro, a população tem conhecimento.

Os animais do zoológico de São Paulo foram representados como estando ameaçados pela superpopulação de urubus que passou a frequentar o zoo localizado próximo a um (VI) **lixão desativado**.

FIGURA 29: Notícia “Urubus invadem zoológico de SP”

Cotidiano • • • • • 13/04/2014

Urubus 'invadem' zoológico de SP e disputam espaço com animais

Concentração de aves na região já preocupa até a Infraero, que notificou o parque em março

Aviões podem causar danos às estruturas que passam pelo local, em áreas que concentram milhares de aves

Um urso marrom é cercado por uma grande quantidade de urubus em um zoológico clandestino. A imagem ilustra a situação descrita na notícia, onde os urubus invadem o espaço dos animais.

INVASÃO
Urubus tomam Espaço de SP

Uma grande concentração de urubus invadem o espaço de um zoológico clandestino em São Paulo. A Infraero notificou o parque em março sobre a situação.

INVESTIGADOR

Um urso marrom é cercado por uma grande quantidade de urubus em um zoológico clandestino. A imagem ilustra a situação descrita na notícia, onde os urubus invadem o espaço dos animais.

2000-0000 DE SP
Uma grande concentração de urubus invadem o espaço de um zoológico clandestino em São Paulo. A Infraero notificou o parque em março sobre a situação.

Fonte: FSP, 13/04/2014, p. C5

A notícia¹⁰⁶ destaca que o zoológico é um espaço privilegiado para os urubus porque ali eles têm uma grande área verde, comida e não se atiram pedras neles. A matéria busca se aproximar da posição dos ursos ao assinalar que “os animais que não foram parar no zoológico por opção não parecem lá muito satisfeitos com os intrusos”. Por outro lado,

¹⁰⁶ “Urubus 'invadem' zoológico de SP e disputam espaço com animais”, FSP, 13/04/2014.

a declaração de um biólogo especialista em pássaros ao final da matéria corrobora para transformar a representação negativa que se tem dos urubus. O especialista defende que a ave é injustamente malvista: "As pessoas, quando veem uma pomba, que passa doenças, acham lindo. Quando veem o urubu, que é limpo, saudável e importante para a natureza, têm uma imagem negativa".

Também foi notícia a proliferação de algas em decorrência da (V) **seca**, o que levou ao aparecimento de uma mancha verde em uma lagoa no interior de São Paulo¹⁰⁷, afetando as aves e os peixes por causa da diminuição do oxigênio.

FIGURA 30: Notícia “Seca faz surgir mancha verde gigante em lagoa”



Fonte: FPS, 12/04/2014, p. C2

A matéria destaca que o fenômeno da mancha verde é algo comum na lagoa duas vezes ao ano, mas que o calor intenso fez com que a mancha aumentasse ao invés de se dissipar. A proliferação de algas, algumas delas são de espécies ainda desconhecidas, mancha os animais e causa queimaduras em contato com a pele humana. A quantidade de animais afetadas pela mancha não é determinada, no entanto a matéria sugere que a vida aquática local se encontra ameaçada devido à crise hídrica do sistema Cantareira que alimenta a região. Portanto, a notícia consegue apresentar um pouco do contexto do desenvolvimento do problema ambiental, assinalando suas causas e consequências.

A informação é acompanhada por imagens em 67% da temática (12 matérias). Os animais aparecem vivos em 10 imagens (incluindo

¹⁰⁷ “Mancha verde: surpresa torna-se tóxica e “tinge” animais por falta de chuva em Americana (SP)”, FSP, 12/04/2014.

uma ilustração), mortos em uma foto (baleia) e sendo mortos em uma foto (caça aos golfinhos). A notícia da invasão de urubus no zoológico de São Paulo¹⁰⁸, localizado próximo a lixões desativados, foi a que teve maior destaque nesta temática, pois foi a única a ter uma chamada com foto na capa da FSP¹⁰⁹. As matérias que tratam dos animais ameaçados, no entanto, limitam-se a apresentar o problema, sem que seja realizado um aprofundamento quanto às origens dos problemas que afligem os animais, portanto, as notícias se concentram no fato e não no contexto deste.

PESQUISA CIENTÍFICA

Podem-se distinguir três conjuntos na temática de pesquisa científica que usam animais em experimentos: (I) pesquisa para a cura de doenças humanas teve oito notícias e um artigo; (II) transgenia teve três notícias; e (III) pesquisas comportamentais com uma notícia e dois artigos. Abaixo seguem alguns fragmentos mais significativos das matérias.

TABELA 10: Fragmentos das matérias de pesquisa científica

	Fragmentos das matérias
Pesquisa para a cura de doenças humanas	“A "matriz extracelular" usada como enxerto era basicamente retalhos de bexiga do porco , com colágeno e outras proteínas, mas sem as células em si, que poderiam ser rejeitadas no transplante” (<i>Tecidos de porcos regenera lesão muscular grave em teste clínico</i> , notícia).

¹⁰⁸ “Urubus ‘invadem’ zoológico de SP e disputam espaço com animais”, FSP, 13/04/2014.

¹⁰⁹ “Superlotação - No zoológico de SP urubus disputam espaço com o Urso Dingo; fim de lixões em áreas próximas é uma das razões da migração das aves”.

	<p>“uma proteína abundante no sangue de roedores jovens consegue reverter alguns efeitos do envelhecimento no cérebro e nos músculos de animais idosos” (<i>Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores mais velhos</i>, notícia).</p> <p>“A ideia era fazer com que as proteínas que o patógeno exhibe em sua superfície fossem capazes de se conectar às proteínas das células T CD4+ do sistema imune dos macacos e desativar seu sistema de defesa” (<i>HIV modificado causa Aids em macacos</i>, notícia).</p> <p>“os cachorros conseguem farejar compostos orgânicos voláteis (VOCs, na abreviação em inglês), como certos primos do benzeno, produzidos pelos tumores” (<i>O melhor amigo da próstata</i>, artigo).</p>
Transgenia	<p>“mortes e danos em rins, fígado e glândula pituitária e tumores cancerígenos de ratos alimentados com milho transgênico” (<i>Franceses republicam estudo sobre milho transgênico acusado de falhas</i>, notícia).</p> <p>“A grande sacada do mosquito é a inclusão de um gene que não mata o indivíduo que o possui, mas, ao ser transmitido aos descendentes, mata-os antes que cheguem à fase adulta” (<i>Comissão libera uso de mosquito transgênico contra a dengue</i>, notícia).</p> <p>“Nossa ideia era usar a glândula mamária da cabra como um biorreator para produzir proteínas”; “Uma "irmã" de Gluca, proveniente da mesma gestação, morreu logo após o parto, devido a malformações congênitas” (<i>Brasileiros criam cabra clonada e transgênica</i>, notícia).</p>

<p>Testes comportamentais</p>	<p>“Um teste na área implica injetar substância irritante nas patas de camundongos e registrar quantas caretas de dor eles fazem num certo intervalo. Meio cruel, vá lá, mas útil”;</p> <p>“Na presença de machos humanos, os camundongos secretam mais hormônios de estresse, o que abafa a sensação de dor” (<i>Viés sexista da ciência</i>, artigo).</p> <p>“Em animais de laboratório é possível causar experimentalmente uma baixa reatividade da amígdala com a depleção de serotonina e dopamina do cérebro” (<i>E se a sociopatia for tratável?</i> Artigo).</p> <p>“Os resultados da pesquisa se encaixam com estudos em animais que mostram que em ratos que recebem doses de THC (princípio ativo da maconha) seus cérebros formam novas conexões” (<i>Estudo diz que uso recreativo da maconha gera alteração no cérebro</i>, notícia).</p>
-------------------------------	--

O conjunto teve o maior número de matérias foi (I) **pesquisas para a cura de doenças humanas** que utilizam animais. Os animais são usados de diversos modos pela ciência conforme se observa neste conjunto. A notícia “HIV modificado causa Aids em macacos”¹¹⁰ apresenta os últimos resultados da pesquisa para o desenvolvimento de uma doença similar à Aids utilizando macacos da espécie *Maccaca nemestrina* para a posterior produção de drogas antirretrovirais. A pesquisa, publicada na revista Science, envolveu seis laboratórios norte-americanos e levou oito anos para resultar na produção de uma “versão alterada do vírus”. Como o vírus da Aids humana não se desenvolve em outras espécies animais, os cientistas “inseriram nele uma pequena parte do código genético do SIV (vírus de imunodeficiência símia) que infecta macacos na natureza”. Entretanto, o vírus não ataca o sistema

¹¹⁰ “HIV modificado causa Aids em macacos”, FSP, 20/06/2014.

imunológico dos macacos. Para poder simular a Aids e diminuir as células de defesa dos animais, os cientistas aplicam anticorpos para “criar nos macacos um ambiente o mais similar possível ao organismo humano”. A diferença de organismos é apontada com discrição, todavia ela é o limite da pesquisa, pois o vírus produzido depende de outro composto artificial que abale o sistema imune dos macacos, o que “impede que o vírus alterado seja usado em testes de vacinas, além de drogas antivirais”. Não se especificam mais detalhes sobre a pesquisa, como, por exemplo, o número de animais utilizados como cobaias, ou alguma questão de bioética.

FIGURA 31: Notícia “HIV causa Aids em macacos”

HIV modificado causa Aids em macacos
Vírus criado em laboratório nos EUA amplia possibilidade de testar a eficácia de drogas antirretrovirais em cobaias.

Animal infectado com novo patógeno sofre enfraquecimento do sistema imunológico, assim como paciente humano

SIMULANDO A AIDS
Como foi criado o HIV que faz macacos adoecerem

1. MODIFICAÇÃO
Um problema no estudo de Aids é que não é possível replicar o vírus humano em laboratório. Para contornar o problema, cientistas criaram um HIV artificial em um laboratório de imunologia celular.

2. ENFRAQUECIMENTO
Em um macaco, o HIV alterado ataca células T CD4, um tipo de célula de defesa, mas atua sobre as células T CD4 de maneira diferente. Para isso, os cientistas inseriram um código genético que produz uma proteína que bloqueia a ação das células T CD4.

3. TRANSMISSÃO
O novo HIV foi criado em um laboratório de imunologia celular. Os pesquisadores usaram um vírus que já estava presente em um macaco para introduzir o novo HIV no organismo do animal.

4. RESULTADOS
O macaco infectado com o HIV modificado desenvolveu sintomas semelhantes aos de um paciente humano com Aids, incluindo a perda de peso e a redução da contagem de células T CD4.

SINTOMAS E DIAGNÓSTICO
Um macaco com Aids apresenta sintomas semelhantes aos de um paciente humano, incluindo a perda de peso e a redução da contagem de células T CD4.

Fonte: FSP, 20/06/2014, p. C5

A matéria é acompanhada por um infográfico que explica como foi criado o HIV que faz os macacos adoecerem, destacando desenho dos vírus. Nesta notícia os macacos são as cobaias para o desenvolvimento de uma doença humana sem cura. Eles são representados como um “modelo”, uma “plataforma de teste de eficácia de novas drogas antirretrovirais”, portanto como um objeto, um recurso para o desenvolvimento da ciência.

A representação dos animais como “plataforma de teste” é uma forma simbólica de deslocamento e eufemização que visam dissimular, tornar mais positivo e aceitável o tratamento dados aos macacos haja vista que a pesquisa que leva à destruição do sistema imunológico destes animais tem como objetivo a busca pelo desenvolvimento da cura de uma doença até então incurável. Evidencia-se como a ciência dispõe de

inúmeros recursos biotecnológicos que são aplicados nos animais para simular as consequências das doenças humanas, ainda que as diferenças de organismo levem a inaplicabilidade das descobertas nos humanos. Como é o caso desta notícia que assinala que as drogas criadas no laboratório não podem ser estendidas aos humanos devido à diferença da reação do patógeno nos organismos humano e símios. A espécie de macaco que está sendo cobaia nos testes, *Macaca nemestrina*, está em estado de ameaça de extinção vulnerável segundo a Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN)¹¹¹, o que não é citado na notícia.

Outra notícia que também trata do desenvolvimento de técnicas que visam melhorar à saúde humana foi “Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores mais velhos”¹¹². Estudo de Harvard divulgado pela revista Science, identificou uma proteína abundante nos roedores jovens que conseguiu reverter alguns efeitos do envelhecimento no cérebro e nos músculos de animais idosos, através da técnica de ligar o sistema circulatório dos animais (parabiose). Em outra etapa da pesquisa foram aplicadas injeções com a proteína identificada como GDF11 e o efeito foi o mesmo.

As pesquisas, ressalta o texto, estão em estado inicial e têm como objetivo o desenvolvimento de terapias para doenças relacionadas ao envelhecimento, como o Alzheimer. A proteína GDF11 também está presente nos humanos, porém os cientistas se mostram cautelosos ao dizer “nada garante que ela vá se comportar da mesma maneira. Ou mesmo que seu uso seja seguro”. Na matéria um dos depoimentos de uma pesquisadora norte-americana de bioengenharia ressalta que os “tratamentos que envolvem lidar com células-tronco podem sair de controle com relativa facilidade (...) [o que] poderia aumentar dramaticamente a incidência de câncer”. Embora este dado seja um dos mais relevantes quanto ao desenvolvimento da pesquisa, a matéria termina com essa informação, sem problematizá-la.

Novamente, a notícia pontua os limites de estender os resultados obtidos com animais aos humanos. Neste caso, a manipulação genética de células-tronco é um procedimento muito delicado e entre as consequências está o desenvolvimento de cânceres, o que é um dado

¹¹¹ Lista vermelha da IUCN foi criada em 1963 e constitui um dos inventários mais detalhados do mundo sobre o estado de conservação mundial de várias espécies de plantas, animais, fungos e protistas.

¹¹² “Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores mais velhos”, FPS, 05/05/2014.

fundamental e que, no entanto, aparece na apenas na última frase. A notícia é ilustrada pelo infográfico “sangue bom” com desenho do rato idoso ligado ao rato jovem. Como em todas as notícias desta temática, apenas em ilustrações gráficas os animais aparecem.

FIGURA 32: Notícia “Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores”

Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores mais velhos

Estudos independentes indicam melhoras musculares e cerebrais significativas em camundongos idosos

Responsável é uma proteína abundante no sangue dos jovens, resultados ainda não são válidos para humanos

de divulgação

Dois times independentes de cientistas divulgaram ontem trabalhos que chegaram a uma mesma conclusão: uma proteína abundante no sangue de roedores jovens consegue reverter alguns efeitos do envelhecimento no cérebro e nos músculos de animais idosos.

Os estudos ainda estão em estado inicial e não se pode afirmar que o mesmo valha para seres humanos, dada a população de idosos no planeta e a possibilidade de investigar essa possibilidade, há projetos de pesquisa em andamento de cientistas em universidades e centros de pesquisa em todo o mundo.

A proteína GDF11 parece ser um papel crucial na recuperação de tecidos, uma capacidade que vai se perdendo com o envelhecimento. O cérebro humano, porém, não parece ser o mesmo de células jovens, mas sim a perda de "orientação" do cérebro nos animais que está em um grau posterior de desenvolvimento.

A proteína GDF11 parece ser um papel crucial na recuperação de tecidos, uma capacidade que vai se perdendo com o envelhecimento. O cérebro humano, porém, não parece ser o mesmo de células jovens, mas sim a perda de "orientação" do cérebro nos animais que está em um grau posterior de desenvolvimento.

Embora os resultados sejam interessantes, há ainda muito a ser aprendido sobre esse mecanismo.

SANGUE BOM

Dois equipes de pesquisa independentes mostraram que, em roedores, o sangue dos indivíduos mais jovens consegue reverter certos efeitos do envelhecimento nos mais velhos.

Como foram os experimentos

Grupos

Os cientistas usaram cuidadosamente dois roedores, um jovem e um mais velho, e eles passaram a compartilhar um tubo de vidro. Este processo se chama parabiose.

Melhorias

Após 10 dias, os cientistas identificaram que o animal mais velho teve melhor recuperação muscular, neuronal e de novos neurônios.

Tira-teima

Cientistas revelaram um gene que corrige a proteína GDF11 em roedores velhos que não haviam sido ligados a qualquer animal jovem. De também apresentaram melhorias e aumento de alguns neurônios do envelhecimento.

EDUCAÇÃO

Apesar de ser detalhada, esta notícia não pode ser considerada uma notícia científica, pois não apresenta fontes e não menciona o autor da notícia.

PARA QUE SERVE?

Cientistas querem saber se esse novo método pode ajudar humanos, o que poderia levar a projetos de pesquisa em humanos e em outros animais, além de melhorar a compreensão do envelhecimento.

Fonte: FSP, 05/05/2014, p. E6.

Na notícia “Tecidos de porcos regenera lesão muscular grave em teste clínico”¹¹³ descreve como o material da bexiga do porco é utilizado para regenerar músculos humanos. Conforme estudo publicado pela revista *Science*, financiado pelo Departamento de Defesa norte-americano. A nova técnica que busca estimular a produção de células-tronco após enxerto com material da bexiga de porco, colágeno e proteína, trouxe aumento da massa muscular e dos movimentos para cinco voluntários que, com auxílio da fisioterapia, recuperaram os feixes de músculos afetados. A notícia se concentra em como a técnica funciona no organismo humano e na recuperação dos pacientes, não apresentando detalhes sobre como é realizado o procedimento nos porcos, quantos animais já foram envolvidos, nem há quanto tempo é realizada a pesquisa e quanto já foi gasto em verba pública para realizá-

¹¹³ “Tecidos de porcos regenera lesão muscular grave em teste clínico”, FSP, 01/05/2014.

la. O infográfico “recobrando forças” traz imagens de uma perna humana que recebeu o enxerto e o consequente aumento da massa muscular. Nenhum animal aparece na imagem.

No artigo “O melhor amigo da próstata”¹¹⁴ Marcelo Leite apresenta algumas pesquisas que usam o faro de cachorros para detectar, na urina humana, compostos produzidos por tumores do câncer de próstata e, no hálito de pacientes, câncer de pulmão. O autor inicia o artigo falando sobre sua admiração pelos cães e que a parceira milenar entre humanos e cachorros nasceu pragmática, não por afeto. Ele apresenta algumas características biológicas do refinado faro dos cachorros e a porcentagem de acertos que os cachorros tiveram na identificação das doenças nos resultados de testes. Algumas empresas estariam desenvolvendo “narizes eletrônicos”, que buscam realizar a mesma função dos cães, no entanto, o autor assinala que há quem defenda um diagnóstico preliminar com os cachorros. Este artigo trata, portanto, da única pesquisa que não resulta na morte do animal e que coloca o animal como um ser inteligente que pode auxiliar no diagnóstico do câncer devido ao seu sentido olfativo superdesenvolvido.

Como vimos nesta temática, desde a simulação de doenças para agredir o organismo do animal (macacos), a utilização de tecidos animais para a recuperação de músculos (porcos) e estudos experimentais de reversão dos efeitos do envelhecimento (roedores) pode-se afirmar que os animais são usados das mais inúmeras formas em experimentos científicos, não havendo nenhuma discussão apresentada no período quanto à bioética ou tratamentos alternativos que tornem desnecessário o uso dos animais.

Em relação à (II) **transgenia** houve três notícias. Em “Brasileiros criam cabra clonada e transgênica”¹¹⁵ anuncia-se o nascimento de Gluca, a primeira cabra clonada e transgênica da América Latina. A modificação genética tem como objetivo que o animal produza em seu leite uma proteína usada para o tratamento da doença de Gaucher. No final da notícia é apontado que os pesquisadores tiveram vários obstáculos, pois como explica uma pesquisadora do projeto desenvolvido pela Unifor (Universidade de Fortaleza), trabalhar com clones é muito difícil porque “não existe um protocolo eficiente de clonagem, por exemplo. Ainda é um processo de tentativa e erro”. A exemplo disto, morreu logo após o parto, uma “irmã” de Gluca, proveniente da mesma gestação devido a malformações congênitas. A

¹¹⁴ “O melhor amigo da próstata”, FSP, 01/06/2014.

¹¹⁵ “Brasileiros criam cabra clonada e transgênica”, FSP, 17/04/2014.

informação sobre as dificuldades para desenvolver a pesquisa e a impossibilidade de controle em relação às consequências dos experimentos é apresentado apenas no final da matéria, portanto, outra vez são assinalados os limites da ciência.

FIGURA 33: Notícia “Brasileiros criam cabra clonada e transgênica”

Brasileiros criam cabra clonada e transgênica
Objetivo é que leite do animal produza proteína usada para tratar doença genética rara

DE SÃO PAULO

No final de março, nasceu Gluca, a primeira cabra clonada e transgênica da América Latina. Além do feito científico em si, a modificação genética tem como objetivo que Gluca produza em seu leite uma proteína chamada glucocerebrosidase, usada para o tratamento da doença de Gaucher.

Rara e de origem genética, a doença causa deficiência de uma enzima responsável pela digestão da gordura de células e tem grande custo para o governo. O valor de importação dos tratamentos é estimado em até R\$ 250 milhões por ano.

“Nossa ideia era usar a glândula mamária da cabra como um biorreator para pro-

duzir proteínas”, conta Luciana Bertolini, da Unifort (Universidade de Fortaleza) sobre o projeto, iniciado em 2011.

A escolha da equipe recaiu sobre caprinos (em vez de bovinos), explica Bertolini, pela gestação mais curta (cinco meses), a maior disponibilidade desses animais e o manejo fácil.

A lactação de Gluca poderá ser induzida em cerca de quatro meses. Os pesquisadores esperam agora que a glucocerebrosidase venha a ser expressada no leite.

Segundo a pesquisadora, os passos seguintes são o processo de purificação, que isola a proteína, os testes “in vitro”, para verificar se a proteína produzida tem a atividade necessária e, por fim, testes clínicos, para verificar a eficácia no tratamento nos pacientes. “Ainda há um longo caminho pela frente”, diz.

Uma outra cabra clonada e transgênica está em gestação e deve nascer dentro de três meses.

Se confirmadas as expectativas, a produção do rebanho de caprinos deve ser iniciada a partir do ano que vem.

O projeto foi conduzido em parceria com a empresa Qua-

tro P Pesquisa e Desenvolvimento, de Porto Alegre.

PERCALÇOS

Para chegar a Gluca, no entanto, a equipe de pesquisadores teve vários obstáculos.

“Trabalhar com clones é muito difícil, não existe um protocolo eficiente de clonagem, por exemplo. Ainda é um processo de tentativa e erro”, explica a pesquisadora.

Bertolini conta que o equipe trabalhou com 500 embriões para conseguir o nascimento de Gluca. No processo, foram usadas 45 cabras receptoras como barrigas de aluguel.

Uma “irmã” de Gluca, proveniente da mesma gestação, morreu logo após o parto, devido a malformações congênitas. (FERNANDO TADEU MORAES)

“ Não existe um protocolo eficiente de clonagem. É ainda um processo de tentativa e erro ”

LUCIANA BERTOLINI
Pesquisadora da Unifort e uma das coordenadoras do projeto.

Fonte: FSP, 17/04/2014, p. C1

A notícia “Franceses republicam estudo sobre milho transgênico acusado de falhas”¹¹⁶ sublinha a recepção negativa que teve um estudo desenvolvido na universidade de Caen, França, que apontou o surgimento de câncer em ratos que consumiram milho transgênico. A notícia apresenta o depoimento de entidades envolvidas no assunto, entre elas a Anbio (Agência Nacional de Biossegurança) e a Monsanto, que deslegitimam o estudo que foi feito após dois anos e apontou os mesmos resultados. Os roedores desenvolveram danos em rins, fígado e glândula pituitária e tumores cancerígenos, alguns foram a óbito após serem alimentados com o milho NK603, da Monsanto, o qual tem as sementes “geneticamente modificadas para gerar plantas resistentes ao herbicida *Roundup*, da mesma empresa, as sementes NK603 são usadas no Brasil desde 2008”.

¹¹⁶ “Franceses republicam estudo sobre milho transgênico acusado de falhas”, FSP, 30/06/2014.

A matéria “Comissão libera uso de mosquito transgênico”¹¹⁷ trata da liberação do mosquito transgênico pela CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), órgão responsável por verificar a segurança de novas biotecnologias no Brasil, após evidências de que o mosquito transgênico não oferece perigo para o ambiente nem para a saúde humana. A mutação genética permite com que o mosquito passe aos descendentes um gene que os mata antes de chegarem à fase adulta. A iniciativa da indústria privada assinala que esta é a estratégia mais eficaz para combater o mosquito, entretanto, a empresa Oxitec está em negociação com o governo para conseguir a liberação comercial haja vista que não “existe um protocolo definido para algo como um mosquito transgênico”. A matéria enfoca nos custos da produção de mosquitos transgênicos e na eficácia deste novo procedimento.

FIGURA 34: Notícia “Comissão libera o uso de mosquito transgênico contra a dengue”

AMARA GENÉTICA
Entenda como é feito o *Aedes aegypti* modificado

1 ALTERAÇÃO
Pesquisadores inseriram no genoma do mosquito um gene que produz uma proteína que mata o mosquito antes de ele atingir a fase adulta.

2 SELEÇÃO
Os mosquitos são criados em laboratório e os que possuem o gene são selecionados para serem liberados no ambiente.

3 DESCENDENTES
Os mosquitos que possuem o gene passam a transmitir o gene para os seus descendentes, reduzindo a população de mosquitos que causam a dengue.

COMO FOI A REDUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MOSQUITO EM TESTES

NO BRASIL
Comissão CTNBio aprova o uso do mosquito transgênico.

PREÇO
A produção do mosquito transgênico custa cerca de R\$ 2 milhões por hectare.

MAS NÃO É CARMA
A liberação do mosquito transgênico não garante a erradicação da dengue.

Comissão libera uso de mosquito transgênico contra a dengue

Organismo é modificado para levar descendentes à morte, reduzindo população do *A. aegypti*

Inseto foi considerado seguro para o ambiente e para humanos, mas ainda precisa de registro sanitário

AMARA GENÉTICA
Entenda como é feito o *Aedes aegypti* modificado

1 ALTERAÇÃO
Pesquisadores inseriram no genoma do mosquito um gene que produz uma proteína que mata o mosquito antes de ele atingir a fase adulta.

2 SELEÇÃO
Os mosquitos são criados em laboratório e os que possuem o gene são selecionados para serem liberados no ambiente.

3 DESCENDENTES
Os mosquitos que possuem o gene passam a transmitir o gene para os seus descendentes, reduzindo a população de mosquitos que causam a dengue.

COMO FOI A REDUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MOSQUITO EM TESTES

NO BRASIL
Comissão CTNBio aprova o uso do mosquito transgênico.

PREÇO
A produção do mosquito transgênico custa cerca de R\$ 2 milhões por hectare.

MAS NÃO É CARMA
A liberação do mosquito transgênico não garante a erradicação da dengue.

Fonte: FSP, 11/04/2014, p. C1

Por fim, as (III) **pesquisas comportamentais** tiveram três registros, sendo uma notícia e dois artigos. Em um artigo¹¹⁸ e uma notícia¹¹⁹ é apenas citada a participação dos animais nos experimentos

¹¹⁷ “Comissão libera uso de mosquito transgênico contra a dengue”, FSP, 11/04/2014.

¹¹⁸ “E se a sociopatia for tratável?”, FSP, 01/04/2014.

¹¹⁹ “Estudo diz que uso recreativo da maconha gera alteração no cérebro”, FSP, 16/04/2014.

científicos para confirmar o resultado de pesquisas que já foram desenvolvidas com humanos, a fim de verificar mutações cerebrais a partir da indução de determinada substância química nos animais, em um dos casos identificados como ratos. Já o artigo de Marcelo Leite “Viés sexista da ciência”¹²⁰ apresenta uma pesquisa em que se assinala que, de acordo com o sexo dos pesquisadores que conduzem os experimentos, há diferença nas reações de camundongos quanto à dor após a aplicação de substâncias irritantes. O autor cita o estudo divulgado no site da revista *Science*, “Cheiro de macho pode comprometer pesquisa biomédica” segundo o qual os roedores secretariam mais hormônios de estresse na presença de pesquisadores do sexo masculino, o que afetaria na sensação da dor, diminuindo-a. O autor atribui que esta diferença de resposta quanto ao sexo do pesquisador poderia colocar os resultados de diversas pesquisas científicas sob suspeita.

Os animais que foram utilizados nas pesquisas científicas foram os roedores (camundongos e ratos foram citados em 06 matérias), os macacos aparecem em duas pesquisas; os mosquitos também tiveram dois registros; pesquisas com porcos e cabras tiveram uma notícia cada, e, em dois casos, a referência é feita como “animais de laboratório”, o que impede de ter certeza se seriam os roedores ou algum outro animal.

Em relação à presença de imagens, nesta temática, os animais não aparecem em nenhuma fotografia, somente em cinco infográficos (roedores e mosquitos, duas vezes cada, e macaco, uma vez), o que corresponde a 36% da temática. Os infográficos se detêm a explicar os procedimentos científicos, não havendo imagens que mostrem os animais nos laboratórios, como são os experimentos, portanto, não é possível saber como é o ambiente e os modos como os animais são tratados nestas pesquisas científicas. As ilustrações concentram-se nos benefícios humanos que as pesquisas permitem e almejam.

Neste tratamento, opera-se a busca pela naturalização das práticas científicas, um dos modos de operação da ideologia que conduz à reificação destas práticas. Embora seja frisado na maioria os limites quanto a estender os resultados aos humanos, em que nenhum momento se discute sobre a legitimidade da utilização de animais nestes estudos. A ressalva de inaplicabilidade dos resultados das pesquisas em animais para os humanos, entretanto, é realizada com discrição e, em geral, nas últimas linhas da matéria.

¹²⁰ “Viés sexista da ciência”, FSP, 18/05/2014.

FAIT DIVERS

Os animais receberam visibilidade em situações inusitadas e aparecem na temática de *fait divers* em nove registros: oito fotolegendas e uma notícia com foto na capa da FSP. Em relação ao local, predominam os *fait divers* que aconteceram na China, os outros lugares citados foram Estados Unidos, Canadá, Coreia do Sul e Brasil. As notícias de *fait divers* não se encaixam nas demais temáticas, elas apresentam situações extraordinárias envolvendo os animais.

Em uma das fotolegenda, um apicultor aparece na imagem com o corpo coberto de abelhas, com a legenda: “Inseto na cabeça: apicultor em Chongqing, sudoeste da China, “veste-se” com 456 mil abelhas, ou 45 kg delas, como desafio pessoal; o homem de 34 anos tem o hobby há doze anos”. A excentricidade do apicultor é um fato isolado, uma notícia que não possui muita contextualização. De forma similar, outra fotolegenda apresenta as proezas humanas, como se observa na imagem de um homem fazendo embaixadinhas em um aquário na Coreia do Sul para promover a seleção daquele país para a Copa do Mundo de Futebol, com a legenda: “Debaixo d’Água: mergulhador entra em aquário na Coreia do Sul para promover sua seleção na Copa”.

Também foi notícia como *fait divers* uma cadela que amamenta um filhote de leão. A foto é acompanhada pela legenda: “Solidariedade canina: rejeitado pela mãe, leão branco de dois meses é alimentado por cadela na China”. A relação inusitada, harmoniosa e de cuidado entre as duas espécies distintas é destacada nesta fotolegenda.

FIGURA 35: Fotolegenda “Solidariedade canina”



SOLIDARIEDADE CANINA

Rejeitado pela mãe, **leão branco** de dois meses é alimentado por cadela na China
 folha.com/mo1443373

Fonte: FSP, 22/04/2014, C8

No mesmo país também foi notícia o resgate de um porco que caiu em um poço, conforme a legenda: “Peso-pesado: porco de 300 kg é resgatado por bombeiros após cair dentro de um poço na cidade chinesa de Huanghua; sete homens atuaram na operação”. Aqui, a solidariedade humana sobressai na mobilização para tirar um porco de um buraco. Portanto, dependendo do lugar onde ele está (caído em um poço ou confinado numa fazenda industrial), a vida do mesmo animal tem valor diferente.

FIGURA 36: Fotolegenda “Peso pesado”



Fonte: FSP, 26/04/2014, p. C8

A única notícia dos *fait divers* que teve destaque na capa da FSP aconteceu no Brasil. A morte de centenas de peixes devido à queda da temperatura da água no bairro Aclimação, em São Paulo, e foram arrastados pela correnteza após a chuva. De acordo com a legenda: “Peixes mortos do parque de Aclimação, que foram afetados pela queda da temperatura e arrastados para fora do lago”.

FIGURA 37: Fotolegenda “Prefeitura retira 300 toneladas de gelo da Aclimação”



Fonte: FSP, 20/05/2014, capa

Outro *fait divers* que se relaciona a um evento climático que levou a morte de animais foi o raio de que matou dezenas de vacas no Chile que foi notícia com a legenda: “Parrilhada: raios matam 60 vacas leiteiras em Río Bueno no Chile”. A morte das vacas recebeu visibilidade na FSP enquanto um fato inusitado.

FIGURA 38: Fotolegenda “Parrilhada”



Fonte: FSP, 10/04/2014, C8

Os outros acontecimentos que ocorrem no período e foram noticiados por serem insólitos se relacionam ao fim início e fim da vida. Em uma fotolegenda um filhote recém-nascido de leão que está sendo mergulhado à força na água em um zoológico norte americano, conforme assinala a legenda: “Que frio: Leão de apenas dez semanas é obrigado a dar um mergulho em tanque de água no zoo de Washington; ideia é testar a habilidade do animal na natação, afirmam os biólogos”.

FIGURA 39: Fotolegenda “Que frio!”



Fonte: FSP, 07/05/2014, p. C8.

Por outro lado, a morte dos animais também pode ser notícias quando ocorre ou resulta em algo extraordinário, como é o caso da fotolegenda de uma baleia morta em uma praia no Canadá e que corria o risco de explodir, a legenda sinaliza: “Risco animal: carcaça de baleia se enche de gás, dobra de tamanho e vira atração turística em cidade do Canadá, mas também causa preocupação por possível explosão”.

FIGURA 40: Fotolegenda “Risco animal”



Fonte: FSP, 02/05/2014, C 8

A imagem de uma raposa que ganhou um campeonato de fotografia é a única que não identifica o lugar onde foi realizada a foto, mas o concurso fotográfico. Conforme a legenda: “Clique: melhores fotos tiradas com celular da Apple são divulgadas no *iphone Awards* 2014, veja outros representantes”. Neste caso, a beleza dos animais em seu habitat recebe atenção e torna-se alvo, desta vez, de cliques fotográficos.

Esta temática se destaca em relação à visibilidade porque em todos os casos a informação é acompanhada por imagens. Em três fotografias os animais aparecem mortos: os peixes da Aclimação, uma baleia, no Canadá, e dezenas de vacas que morreram por causa de um raio, no Chile. Nas demais imagens, eles estão vivos, em alguma situação fora do comum.

As notícias de *fait divers*, sobretudo as fotolegendas, assinalam o insólito, o extraordinário e detêm-se nele. Como sublinha Ponte, a reificação é um processo particularmente visível nos textos de *fait divers* e notícias de parágrafo único que “fragmenta e isola ocorrências dos seus contextos e das dinâmicas intersubjetivas que os organizam” (PONTE, 2005, p. 102). Este tratamento fragmentado e sem contexto confirma-se nesta temática.

HISTÓRIA NATURAL

Na temática de história natural os animais apareceram em sete notícias, o que corresponde a 2,2% do *corpus* de pesquisa. Seis notícias tratam da descoberta de fósseis (cinco de reptéis e uma de um peixe primitivo) e uma notícia apresenta a descoberta de uma nova espécie primitiva de roedor que foi encontrada viva e identificada em Minas Gerais.

O registro mais antigo de história natural é dado na notícia “Fósseis revelam traços de antigos vertebrados”¹²¹ sobre a descoberta do fóssil de um peixe (*Metaspriggina*) que viveu há 505 milhões de anos e “pode ajudar a compreender a evolução do grupo”. O fóssil do animal foi encontrado nas Montanhas Rochosas, no Canadá, e sua descrição foi feita pela revista britânica *Nature*, na mesma semana em que esta notícia foi divulgada pela FSP. Este “animal primitivo tinha estruturas que se tornariam típicas de vertebrados atuais”, por exemplo, ele tinha uma notocorda, uma “estrutura que ainda aparece nos embriões dos vertebrados terrestres”.

FIGURA 41: Notícia “ Fósseis revelam traços de antigos vertebrados”



Fonte: FSP, 12/06/2015, p. C5

¹²¹ “Fósseis revelam traços de antigos vertebrados”, FSP, 12/06/2014.

A notícia tem o intertítulo “FILE” para destacar as características físicas do animal: “Medindo apenas 6 cm de comprimento, o *Metaspriggina* não seria o mais suculento dos pratos caso fosse para a frigideira, mas tinha algo em comum com os filés de salmão ou tilápia que podem ser encontrados em qualquer supermercado: a musculatura poderosa”. A representação dos animais como um recurso para o ser humano, ainda que seja numa figura de ironia, evidencia a presença de uma concepção utilitarista da natureza.

A grande variedade de dinossauros voadores que existia no Brasil é assinalada na notícia “Pterossauros do Brasil são destaque em mostra de NY”¹²². Os pterossauros são considerados “animais incríveis com características que só estão sendo desvendadas pela ciência nas últimas décadas”. A matéria destaca a aparência dos animais ao apontar que a exuberância destes animais era tamanha devido às “penas, cristas e cores chamativas” que estes répteis “parecem ter saído de um filme de ficção científica”. Outra característica apresentada se refere ao tamanho dos animais, o qual variava entre caber na palma da mão e o tamanho de um planador moderno. Os pterossauros viveram há 145 milhões e 65 milhões de anos no nordeste do país. Segundo o paleontólogo e curador da mostra, no Brasil “não existe reconhecimento” da Pré-história, enquanto que lá fora ela é valorizada. Nesta notícia os dinossauros são representados em suas características exóticas e como um passado que é pouco conhecido no Brasil.

Também foi notícia a descoberta de uma nova espécie de crocodilo que viveu há 85 milhões de anos no interior paulista conforme a notícia “Paleontólogos descobrem nova espécie de crocodilo extinto em SP”¹²³. A descrição do animal foi publicada na revista científica “plos ONE”. O crocodilo foi encontrado com outro na barriga e, por isso, foi nomeado de *Aplestosuchus sordidus*, o que significa crocodilo insaciável.

Outra notícia que também trata da descoberta de um fóssil de dinossauro é “Tiranossauro de nariz longo é apelidado de 'Pinóquio Rex'”. Segundo ela, uma espécie diminuta da família do tiranossauro rex, que viveu a cerca de 66 milhões de anos, o *Qianzhousaurus sinensis* encontrado na China. O focinho alongado e chifres em seu crânio levaram ao apelido de “Pinóquio Rex”.

¹²² “Pterossauros do Brasil são destaque em mostra de NY”, FSP, 23/04/2014.

¹²³ “Paleontólogos descobrem nova espécie de crocodilo extinto em SP”, FSP, 21/05/2014.

FIGURA 42: Notícia “Tiranossauro de nariz longo é apelidado de ‘Pinóquio Rex’”



Fonte: FSP, 08/05/2014, p. C7

Na notícia “Resfriamento global matou dinos, diz estudo”¹²⁴ aborda a teoria de que o que levou à extinção dos dinossauros foi a nuvem de poeira que bloqueou a radiação solar durante muito tempo após a queda do meteorito na Península de Yucatán, no México, há 65,5 milhões de anos. A falta de luminosidade impossibilitou a realização da fotossíntese no ambiente aquático e terrestre, e sobreviveram os animais que eram capazes de se manter com restos de comida, como “foi o caso dos mamíferos, então pequenos, que depois disso se tornaram os senhores da vida terrestre”. Esta matéria é onde no *corpus* se evidencia com mais clareza uma perspectiva sistêmica ao apontar as relações ecológicas, de interdependência que se estabelecem entre as espécies vegetais, animais e outros microrganismos.

A notícia “Nova espécie de roedor é descoberta em MG”¹²⁵ apresenta a descoberta nacional, desta vez, um pequeno roedor primitivo que vive nas áreas mais altas de Minas Gerais. O roedor, nomeado de *Calassomys apicalis*, tem a ponta do rabo branca, o que lhe rendeu o nome popular de rato-do-rabo-branco. Segundo a matéria, o novo gênero ajudará a entender a evolução dos roedores latino-americanos, tendo em vista o isolamento do seu habitat que possibilitou sua sobrevivência.

¹²⁴ Resfriamento global matou dinos, diz estudo, FSP, 29/05/2014.

¹²⁵ Nova espécie de roedor é descoberta em MG, FSP, 24/05/2014.

FIGURA 43: Notícia “Nova espécie de roedor é descoberta em MG”

10 ciência+saúde FOLHA DE PAULO

PARANÁ, 24 DE MAIO DE 2014

Nova espécie de roedor é descoberta em MG

Rato tem ‘primos’ nos Andes e na Patagônia e pode ajudar na compreensão sobre a evolução dos bichos na América do Sul

Segunda pesquisadores, o animal vive em uma área muito restrita, o que demanda atenção sobre sua conservação

RECALDA PÉREZ LOPEZ
INVESTIGADOR EM VIDA

“O trabalho pode trazer luz sobre a fauna da região, mas a presença do rato aqui pode ser uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino. “A descoberta de uma nova espécie de roedor na América do Sul é uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino. “A descoberta de uma nova espécie de roedor na América do Sul é uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino.



Ratão do cerrado de Minas Gerais, o Callosomys apolloni vive em túneis na cauda.

Segundo os pesquisadores, o animal vive em uma área muito restrita, o que demanda atenção sobre sua conservação.

“O trabalho pode trazer luz sobre a fauna da região, mas a presença do rato aqui pode ser uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino. “A descoberta de uma nova espécie de roedor na América do Sul é uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino.

Ratão do cerrado de Minas Gerais, o Callosomys apolloni vive em túneis na cauda.

Patagônia. No momento, as informações sobre a espécie são muito limitadas. O animal vive em túneis na cauda, o que demanda atenção sobre sua conservação.

“O trabalho pode trazer luz sobre a fauna da região, mas a presença do rato aqui pode ser uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino. “A descoberta de uma nova espécie de roedor na América do Sul é uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino.

Segundo os pesquisadores, o animal vive em uma área muito restrita, o que demanda atenção sobre sua conservação.

“O trabalho pode trazer luz sobre a fauna da região, mas a presença do rato aqui pode ser uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino. “A descoberta de uma nova espécie de roedor na América do Sul é uma grande descoberta científica”, diz o pesquisador argentino.

Fonte: FSP, 24/05/2014, p. C10

Na maior parte do conjunto (87,5%), as informações são acompanhadas por imagem: foram 05 fotografias (os fósseis predominam em 04 fotos e 01 de uma espécie de roedor recém-descoberta), 02 ilustrações e 01 infográfico (no qual se compara a temperatura sanguínea dos dinossauros com a de outros vertebrados). Portanto, os repteis foram os animais que tiveram mais visibilidade na representação do passado histórico dos animais, além deles, um peixe primitivo e um roedor que ainda existe no Brasil, mas que foi há pouco descoberto.

Deste modo, prevalece nesta temática à busca pelo entendimento da extinção dos dinossauros, bem como as descobertas mais recentes de fósseis que ajudam a compreender o processo evolutivo dos animais. Em relação aos mamíferos, a única referência cita um roedor descoberto em Minas Gerais, o animal está vivo e, do mesmo modo, pode auxiliar no entendimento da evolução de sua espécie. Não houve no período referências sobre o surgimento da espécie humana ou alguma informação que assinalasse a relação evolucionária desta com outras espécies.

ESPORTE COM ANIMAIS

Na temática de esportes com animais houve cinco registros, correspondendo a 1,5% do total; foram dois artigos sobre caça de elefantes, uma fotolegenda sobre corrida de cavalo, uma nota sobre um festival de pesca e uma notícia sobre touradas.

A caça de elefantes foi tema de dois artigos¹²⁶ como um escândalo do então rei da Espanha Juan Carlos que foi fotografado caçando elefantes em um safari em Botsuana, África. O episódio lhe custou a presidência honorária da ONG ambientalista WWF (*World Wildlife Fund*), e o rei foi pressionado a pedir desculpas publicamente pelo seu ato. Por conta de escândalos de ordem econômica, o rei Juan Carlos abdicou no início de junho de 2014, a favor do seu filho, príncipe Felipe. Embora ambos os artigos enfoquem em como o rei construiu sua imagem democrática e sobre a impopularidade da família monárquica na atualidade, não foram publicadas pelo jornal as imagens do rei caçando os elefantes. Naquele país africano a caça é legalizada, porém uma das principais críticas à viagem do rei se deve à crise econômica que o país estava enfrentando, e não ao fato de que algumas espécies de elefantes estão ameaçadas de extinção. As matérias priorizam a questão econômica e política da caça em um momento de crise econômica espanhola.

FIGURA 44: Fotolegenda “Trote nacional”



Fonte: FSP, 21/05/2014, p. B6

¹²⁶ “Imagem de caçador de elefantes borrou a de um rei democrata”, de Roberto Dias; e “Afável, monarca foi preparado por ditador Franco para se tornar chefe de Estado”, de Clóvis Rossi, FSP, 03/06/2014.

Na fotolegenda “Trota nacional: Feira do cavalo manga-larga marchador na Expominas (MG); a raça foi reconhecida como nacional pela lei 12.975, assinada na segunda (19)”, a corrida de cavalos ganha destaque e o reconhecimento por lei da raça manga-larga. Na imagem, um homem monta um cavalo em uma competição. A fotolegenda opera como um recorte isolado dos acontecimentos, não expondo mais dados sobre o evento da corrida de trote de cavalos. Também é um esporte muito popular, especialmente, no Brasil, país que tem uma das mais ricas faunas aquática, é a pesca. O esporte teve uma nota divulgando sobre o início do Festival de Pesca Esportiva em Cárceres (MT) no qual, além dos campeonatos de pesca por equipe, haverá atividades culturais e feira náutica. Aqui também o recorte da nota limita-se a oferecer a agenda sobre as atividades esportivas, sem mais detalhes.

FIGURA 45: Notícia “Touradas na visão de Goya, Dali e Picasso são temas de exposição”



Graça de Félix 'La Tronchapirola', de Goya, agora em exposição no Paço, em São Paulo



Bom vista das touradas vinda pela artista espanhola Dalí também é mostra em SP

Touradas na visão de Goya, Dali e Picasso são tema de exposição
 Obras em São Paulo mostram embate entre razão e força bruta

SP – Uma mostra que vai além da arte e toca na história da Espanha, a exposição “Touradas na visão de Goya, Dalí e Picasso”, organizada pelo Espaço Cultural Dalí, acontece em São Paulo a partir de hoje (31) até o dia 13 de maio (14) no Espaço Cultural Dalí, na Rua da Tronchapirola, 11, no bairro de Pinheiros. O evento é organizado por iniciativa do casal espanhol Dalí e Domènec Montané.

Com obras de Goya, Dalí e Picasso, a exposição aborda a história das touradas na Espanha e a influência delas na arte. O acervo inclui 150 obras, incluindo pinturas, gravuras e esculturas. A mostra também apresenta um vídeo documental sobre a história das touradas e a evolução das técnicas de luta.

Segundo Montané, a exposição é uma oportunidade para o público brasileiro conhecer o legado desses artistas e a importância das touradas na cultura espanhola. “A obra de Goya, em especial, é fundamental para entender a evolução das touradas e a influência delas na arte”, afirma Montané.

A exposição é gratuita e aberta de segunda a domingo, das 10h às 18h. O Espaço Cultural Dalí também oferece uma programação cultural diversificada, incluindo aulas de arte, teatro e música.

SEMPRE EM SP
 São Paulo – SP
 Rua da Tronchapirola, 11
 Pinheiros – SP
 (11) 5082-3333
 www.espacioculturaldali.com.br

Na notícia “Touradas na visão de Goya, Dalí e Picasso” uma série de quadros dos consagrados pintores espanhóis que retratam as touradas entram em exposição em São Paulo. Segundo a notícia, a tourada “é um embate entre homem e fera. Ou da razão contra a força bruta”. As obras teriam relação com o seu momento histórico de produção, sendo a “alegoria da tourada como um conflito do bem contra o mal ou da revolta contra o poder autoritário”. A Espanha passou por uma guerra no início do século XIX, período em que Goya fez diversas obras de tauromaquia, como é conhecido esse “gênero de representação das touradas” e no início do século XX, o país participou da Primeira Guerra Mundial. O touro representa a fera, a força bruta, o mal e o autoritarismo em um período de exacerbação da violência humana. Aqui o animal assume a metáfora da violência e o homem é a razão e o bem que luta contra o poder hostil representado pelo touro.

Também conhecida como corridas de touro, a tourada é uma prática cultural secular de origem espanhola que foi exportada para outros países colonizados pelos espanhóis ou que tiveram influência da cultura pela proximidade geográfica. O esporte tem sido proibido em algumas regiões¹²⁷ devido à pressão de grupos pelos direitos animais, enquanto que outros países e regiões seguem praticando, entre eles, França, México, Colômbia, Peru, Venezuela e Guatemala. No Brasil, as touradas e as rinhas de galo foram proibidas, em 1934, pelo presidente Getúlio Vargas¹²⁸.

Em relação à presença de imagens na temática de esporte com animais, os animais aparecem em duas matérias: na fotolegenda sobre a corrida de cavalo e ilustrados nas touradas em quadros de pintores espanhóis, o que corresponde a 40% da temática. Destes esportes com animais, exceto a corrida de cavalo, todos os outros que foram notícia no período – caça, pesca e tourada – levam obrigatoriamente os animais à morte, o que acontece, na maioria das vezes, de forma cruel e dolorosa.

A proibição das touradas, que não é citada na notícia sobre as pinturas de tauromaquia, enfrenta resistência por ser considerada uma prática cultural tradicional, sobretudo, na região ibérica. No entanto, a

¹²⁷ Em os lugares que proibiram a realização das touradas estão as Ilhas Canárias e Catalunha, na Espanha; nos municípios de Viana do Castelo, Braga, Cascais e Sintra, em Portugal e, no Equador, em quase todas as províncias.

¹²⁸ O Decreto Federal Nº 24.645; Art. 3º, capítulo XXIX, decreta como maus-tratos “realizar ou promover lutas entre animais da mesma espécie ou de espécie diferente, touradas e simulacros de touradas, ainda mesmo em lugar privado”.

tourada e a caça são provavelmente os esportes que mais enfrentam a oposição dos defensores dos direitos animais devido ao sadismo com que os animais são tratados. A caça tem o agravante de desrespeitar as espécies ameaçadas de extinção. No caso do rei, mesmo sendo membro honorário de uma ONG de proteção da vida selvagem animal, não respeitou a vida dos elefantes africanos (*Loxodonta africana*), espécie em risco de extinção vulnerável segundo a lista vermelha da IUCN¹²⁹, devido à caça e extração do marfim. A FSP não estabelece qualquer crítica ou questionamento a esses esportes, nem assinala o estresse e a dor ao quais os animais são sujeitados para produzir entretenimento aos humanos.

ECOTURISMO

Na temática de ecoturismo com animais foram registradas quatro notícias, o que corresponde a 1,2% do corpus. Os lugares onde acontece uma aproximação entre os seres humanos e os animais em uma atitude contemplativa são nas ilhas do Pacífico Sul, em três notícias, e no parque Ibirapuera em São Paulo, em uma notícia.

Na notícia “Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”¹³⁰ destaca-se a possibilidade de nadar “na companhia das gigantes jubartes” durante os meses de maio a setembro, período em que visitam o arquipélago para acasalar e cuidar dos filhotes recém-nascidos. A notícia assinala que Tonga é um dos poucos lugares do mundo em que se pode nadar com as baleias e apresenta o custo deste passeio (entre US\$ 30 e 220), além de citar outras ilhas do arquipélago que são famosas entre viajantes e iatistas. Em outra notícia¹³¹, os passeios de ecoturismo na Polinésia Francesa oferecem a possibilidade de alimentar tubarões da espécie ponta-negra-do-recife e ver grupos de mais de cem golfinhos no arquipélago da Polinésia Francesa, sem especificar quanto

¹²⁹ De acordo com a lista vermelha das espécies ameaçadas de extinção da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN): <http://www.iucnredlist.org/details/12392/0>

¹³⁰ “Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”, FSP, 15/04/2014.

¹³¹ “Paradisiaca, Polinésia Francesa custa caro”, FSP, 15/05/2014.

custa este passeio. As ilhas Fiji também foram notícia pelo ecoturismo em uma matéria¹³² que destaca que em uma das ilhas pode-se ver corais repletos de peixes e em outra, “dá para praticar *snorkeling* [mergulho] entre as arraias de quase seis metros”.

As três matérias sobre as ilhas do Pacífico Sul tratam da localização das ilhas, qualidade do serviço de hospedagem, custos e companhias que oferecem a viagem, principais cidades e atividades de lazer, assinalando entre eles o ecoturismo e o mergulho. Apenas em uma notícia¹³³ o ecoturismo é tratado com mais de detalhes ao apresentar alguns traços característicos do comportamento dos animais (a época de acasalamento das baleias). Todas as notícias foram acompanhadas de imagens, porém, apenas nesta notícia os animais aparecem na fotografia: duas baleias nadam com os corpos muito próximos; e a partir da legenda “Baleia jubarte com seu filhote em Tonga” fica-se sabendo que é um filhote e seu genitor (a) na imagem.

FIGURA 46: Notícia “Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”



Fonte: FSP, 15/05/2014, p. F7

¹³² “Democrática, Fiji recebe casais em resorts, esportista e mochileiros” FSP, 15/05/2014.

¹³³ “Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”, FSP, 15/04/2014.

Nas outras duas notícias, o enfoque é dado no serviço turístico e as fotos mostram praias do Pacífico Sul. As três matérias foram publicadas no caderno de Turismo e são assinadas pelo enviado especial da FSP, Solly Boussidan. Em nenhum momento se aponta se estas áreas são reservas ecológicas, ou se há alguma ação de preservação destas espécies na região, prevalecendo a indústria do ecoturismo.

Já no Brasil, o ecoturismo teve visibilidade apenas na notícia sobre a edição 2014 do evento Viva a Mata, organizado pela ONG SOS Mata Atlântica. A notícia convida a população a realizar um passeio para conhecer as árvores e aves do parque Ibirapuera¹³⁴ durante um final de semana. A única informação referente às aves é quanto ao número de espécies que existem registradas no Ibirapuera (130 espécies). A matéria, publicada na editoria “Cotidiano” (referente a temas gerais), apresenta a atividade como um “tour” para quem “quiser conhecer em detalhes as árvores e as aves do parque Ibirapuera”, e assinala que durante o evento acontecerão palestras e seminários (no primeiro dia, o tema é os tímidos avanços do Código Florestal e no segundo, a biodiversidade brasileira e o que o país está fazendo para protegê-la). O ecoturismo é aqui relacionado com a preservação ambiental através da promoção de discussões sobre o código florestal e a preservação da biodiversidade, representando o ecoturismo como uma possibilidade de lazer urbano e uma atividade que instiga a reflexão sobre a relação dos humanos com o ambiente.

Portanto, apenas na notícia do passeio no Ibirapuera o ecoturismo é representado como uma prática ecológica, enquanto que nas outras matérias é reforçado o caráter de entretenimento, na realidade, um lazer de alto custo econômico, acessível a poucas pessoas. A temática de ecoturismo concentrou-se nos animais marinhos, com três registros, e nas aves, com um registro. Nos títulos deu-se destaque às baleias e as aves. As baleias da espécie jubarte foram os animais que mais ganharam visibilidade, pois foi a única espécie que apareceu em imagem. As matérias sobre os arquipélagos do Pacífico Sul, publicadas na editoria de Turismo, reforçam o ecoturismo como uma atividade que é empreendida comercialmente, tornando-se um diferencial da região, no caso, realizado tanto por pescadores locais e, sobretudo, por companhias especializadas em viagens.

Na perspectiva da FSP na temática de ecoturismo, os animais são representados como uma possibilidade de experiência de entrar em

¹³⁴ “Árvores e aves serão tema de tour no Ibirapuera”, FSP, 22/05/2014.

contato com a natureza selvagem, como uma curiosidade ou algo a ser admirado, o que aproxima o ecoturismo de um serviço de lazer cujo produto vendido é o estar próximo aos animais selvagens em seu habitat natural por alguns instantes, sem conjecturar sobre a importância da atividade para a preservação destas espécies e habitats. Já na notícia sobre o parque Ibirapuera, a possibilidade de conhecer e se aproximar da natureza significa um lazer ecológico, além de ser um evento gratuito, o que faz do ecoturismo mais do que uma experiência, a possibilidade do despertar de uma nova consciência.

ETOLOGIA

Na temática de etologia (estudo do comportamento animal) houve quatro registros no período: uma notícia, uma fotolegenda e dois artigos, o que corresponde a 1,2% do *corpus* de análise.

A notícia “A ciência do humor”¹³⁵ trata sobre a pesquisa de um neurocientista norte-americano, que lançou o livro *Ha! A ciência de quando e por que rimos*, em que destaca os mecanismos cerebrais de raciocínio e criatividade que envolve o humor. O texto da matéria não cita os animais não-humanos, as referências quanto ao comportamento animal aparecem nas ilustrações que acompanham o texto e tratam das descobertas em relação ao humor animal.

Conforme explica a legenda: “Equivalente do riso humano foram detectados entre chimpanzés, ratos, cães e até pinguins entre outras espécies”, em outro ponto da ilustração assinala que o estudo também revelou que “os animais mais engraçados são os patos”. Segundo a notícia, o riso e o senso de humor se desenvolvem em cérebros complexos, atributo que conseqüentemente se aplica aos animais que foram representados nas ilustrações: um rato gargalhando deitado de barriga para cima e um pato falando ao microfone.

¹³⁵ “A ciência do humor”, FSP, 28/04/2014.

FIGURA 47: Reportagem “A ciência do humor”



Fonte: FSP, 28/04/ 2014, p. C1

Aqui é construída e, principalmente, sugerida uma representação alternativa dos animais, ao sinalizar para a existência de subjetividade, contrariando o pensamento cartesiano de que os animais seriam meramente seres corpóreos, desprovidos de mente. Embora as imagens desta matéria representem os animais em uma posição antropomorfizada, a notícia evidencia que diversas espécies de animais, a maioria de mamíferos (chimpanzés, roedores, cães), mas também as aves (pinguins) são seres inteligentes, ao assinalar que eles teriam senso de humor, o que conseqüentemente, faz deles “seres de uma vida” como sugere o filósofo Tom Regan.

A fotolegenda “Alarmista: Estudo revelou que os drongos da África aprendem o canto de aviso usado por outras aves contra

predadores para espantá-los das fontes de alimento”¹³⁶ aborda a inteligência animal ao destacar uma técnica de imitação de canto utilizada pela ave africana drongo na disputa por alimentos. A fotolegenda apresenta a informação de modo extremamente sucinto, o que não possibilita saber mais deste animal e de suas habilidades. No entanto, indica que as aves são seres inteligentes e astuciosos que usam seu canto para distrair os predadores.

FIGURA 48: Fotolegenda “Alarmista”



» **ALARMISTA** Estudo revelou que os drongos da África (foto) aprendem o canto de aviso usado por outras aves contra predadores para espantá-las de fontes de alimento

Fonte: FSP, 05/04/2014, p. C7

Em dois artigos o comportamento animal foi abordado. Em “relatório sobre as abelhas”¹³⁷, Luiz Felipe Pondé narra como sua casa foi invadida por um enxame de abelhas em uma tarde de verão. O autor reflete sobre a chegada de um grupo de “abelhas livres” e sua decisão de habitar ali. Para ele, as abelhas são seres evoluídos de “superconsciências coletivas”, o que o leva ao questionamento sobre “quanto ainda teríamos que avançar para chegar em tal estado de equilíbrio e qualidade de vida?”. Neste trecho, o autor sugere que as abelhas são mais evoluídas em alguns aspectos do que os seres humanos. Pondé conclui sua epifania sobre as abelhas, citando um conto evolucionista de Kafka¹³⁸, referenciado no artigo como “profeta da esquizofrenia moderna”, em que o personagem macaco, para adquirir liberdade, “vira” humano ao longo de uma viagem ao imitar a nossa espécie. O autor se mostra perplexo ao considerar o que o darwinismo

¹³⁶ “Alarmista”, FSP, 04/05/2014.

¹³⁷ “Relatório sobre as abelhas”, FSP, 19/05/2014.

¹³⁸ “Relatório para uma academia”, Franz Kafka (1917).

poderia significar para as próximas gerações ao assinalar “o efeito nefasto que uma teoria que nos aproxima tanto dos animais poderia ter sobre as gerações futuras”. Ele instiga que o futuro das espécies é incerto devido ao contínuo processo de evolução que todas as espécies estão vivenciando. O artigo é ilustrado com o desenho de um crânio humano em processo de metamorfose em um inseto, o que se relaciona com as reflexões do final do artigo quanto ao darwinismo e esquizofrenia moderna. As abelhas são representadas como seres inteligentes, que têm uma consciência coletiva, tomam as decisões em conjunto, ao que o autor atribui ser um estado de equilíbrio e qualidade de vida.

FIGURA 49: Artigo “Relatório sobre as abelhas”



Fonte: FSP, 19/05/2014, p. E10.

No artigo “O bicho humano”¹³⁹ é abordada a diferença entre a dependência dos humanos em relação aos pais e a independência de uma espécie de galinha. O psicanalista Francisco Daudt parte do exemplo de Malleefowl “uma galinha australiana espantosa” que nasce de uma chocadeira cavada na areia pelo macho, e que consegue voar após suas penas estarem secas, ainda no seu primeiro dia de vida, para destacar que os humanos precisam da ajuda dos pais para poder se alimentar, durante vários meses. Daudt ironiza como se esse comportamento inteligente dos animais fosse um tipo de desenvolvimento tecnológico:

¹³⁹ “O bicho humano”, Francisco Daudt, FPS, 11/06/2014.

“Esse animal notável [Malleefowl] nasceu com TODOS os softwares e conhecimentos que precisa para viver”, enquanto que “o bicho humano é seu completo oposto”, pois “nenhum mamífero nasce tão dependente de adultos como nós”. A ave Malleefowl (*Leipoa ocellata*), é também conhecida como faisão-australiano, uma espécie que está ameaçada de extinção em grau vulnerável segundo a Lista Vermelha da IUCN. Sua independência é assinalada tendo em vista que o macho e fêmea deixam os ovos antes que se rompam e nasça o filhote. Segundo o autor, os humanos não têm os softwares daqueles animais, porém os que possuem de aprendizado são assombrosos, e o aprendizado mais precoce, e que serve para toda a vida ao se constituir na primeira moeda de troca dos humanos, é o sorriso. Em sua argumentação, agradamos para sermos atendidos e por isso a espécie humana deveria “em vez se chamar SAPIENS (“que sabe”), ter o nome de HOMO MERCATOR (“que negocia”), porque passa tempo todo negociando o que nos interessa em troca do que interessa ao outro. Como consequência deste *Homo mercator*, as negociações, portanto as trocas, e não a sabedoria, seria a essência da humanidade como propõe o autor. A ave é aqui representada como um ser autônomo, que já nasce sabendo o que precisa (“comer, fugir, se acasalar e fazer nova chocadeira”), enquanto que nossa espécie aprende através de negociações a conseguir o que precisa porque depende dos outros.

Nas matérias sobre etologia é produzida uma representação alternativa de que os animais são inteligentes, têm subjetividade e a partir disso, armam até estratégias de proteção contra predadores, além de já nascerem sabendo do que precisam pra sobreviver. Nesta temática é onde a FSP aproxima-se de uma abordagem mais inclusiva quanto às sensibilidades dos animais.

ZOOTERAPIA

A temática de zooterapia teve um registro, o que corresponde a 0,4% do *corpus* de pesquisa. Na notícia “Ursoterapia”¹⁴⁰ ursos de pelúcia e cachorros (de verdade) são representados como um recurso

¹⁴⁰ “Urso terapia”, FSP, 12/05/2014.

terapêutico no tratamento do câncer infantil. De acordo com a notícia, trinta ursos de pelúcia chamados de Elus foram distribuídos para as crianças internadas em um hospital do câncer infantil no interior de São Paulo, para transmitir mensagens de áudio dos familiares às crianças. Na foto aparece Edilson, de 5 anos, com o urso de pelúcia em seu colo em uma cama de hospital. Esses “ursos mensageiros” têm um mecanismo que recebe mensagens de áudio enviadas via *WhatsApp* e caixas de som, e quando a criança aperta a mão do ursinho, ele libera as mensagens dos familiares, com o objetivo de diminuir a solidão das crianças em tratamento.

FIGURA 50: Reportagem “Ursinho terapia”



Fonte: FSP, 12/04/2014, p. C1

A matéria também apresenta outro projeto terapêutico que inclui a participação de animais, desta vez, de verdade. Em um projeto desenvolvido pelo Instituto da Criança do Hospital de Clínicas da USP, cachorros visitam duas vezes por semanas crianças que estão internadas em hospitais. Embora não haja mais detalhes quanto às atividades que são realizadas nas visitas com os cachorros, eles são representados como um recurso terapêutico que auxilia na recuperação das crianças no tratamento do câncer devido ao carinho que as crianças sentem pelos

animais e que estes retribuem. A companhia tradicional do ursinho de pelúcia e a visita de cachorros auxiliam em um momento que as crianças estão frágeis, enfrentam a dor e a solidão de estar no hospital tratando-se de uma doença tão agressiva. Aqui, os animais representam e transmitem às crianças os sentimentos de companhia, alegria e amizade e, conseqüentemente, eles contribuem na melhora das crianças através de sua presença em hospitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se compreender o jornalismo enquanto um fenômeno produtor de sentido social em relação aos animais, através da análise de conteúdo e análise cultural das representações socioculturais dos animais no material informativo e opinativo do jornal *Folha de S. Paulo*. A partir do conceito de representação social, iniciamos a reflexão sobre como o pensamento humano é influenciado pelo pensamento social no processo de percepção, produção e hierarquização de significados, para então tratar do jornalismo como uma das principais instituições de produção e circulação de representações na perspectiva dos estudos culturais.

Ao conceber a cultura como um terreno de lutas simbólicas entre diversos agentes sociais que objetivam legitimar seus valores e significados culturais, tendo em vista interesses próprios, entende-se que a produção de representações é uma das práticas geradoras da cultura. Deste modo, as representações têm uma dimensão constitutiva da vida social, haja vista que os significados culturais expressos nas representações participam da organização e regulação da vida social e influenciam, conseqüentemente, os modos como os demais animais são tratados pela humanidade.

Na atualidade, o discurso jornalístico é um dos espaços mais importantes de circulação de imagens, ideias e estilos de vida, e também de visibilidade dos animais na sociedade, devido à participação que os meios de comunicação exercem na compreensão individual e coletiva da realidade cotidiana. O jornalismo opera como um produtor da cultura ao mesmo tempo em que é produto desta, participando da seleção e do tratamento/ enquadramento dos acontecimentos que são transformados em notícias e da estruturação e organização da sociedade, tanto no nível simbólico como no das ações individuais e coletivas, por meio da promoção de discursos e visões de mundo através das práticas culturais, decisões e projetos políticos que recebem visibilidade.

No entanto, não se pode esquecer de que as empresas de mídia (como é o caso do jornal analisado, *Folha de S. Paulo*, considerado um dos maiores conglomerados de mídia do país) funcionam segundo uma dupla lógica, econômica e simbólica, como enfatiza Charaudeau (2013). A empresa jornalística além de oferecer ao seu público as informações, oferece os produtos dos seus patrocinadores, cujos anúncios estão lado a lado com a informação nas páginas dos jornais. Como vimos, a rede

jornalística prioriza determinados lugares, assuntos e atores sociais, favorecendo alguns espaços e instituições em detrimento de outros, o que muitas vezes é uma escolha da política editorial do veículo, ou decorre da influência/ pressão das empresas que financiam estes veículos. No processo de formação de conglomerados de mídia, as escolhas editoriais muitas vezes se alinham com os projetos ideológicos das empresas com as quais se estabelecem alianças econômicas a fim de favorecer a rentabilidade destas, e deste modo, os lucros que resultam da parceria.

A informação midiática é uma construção que envolve os significados culturais da sociedade e desta forma, as lutas e ideologias políticas dos grupos que têm acesso aos meios de comunicação e difusão. As observações de Bourdieu quanto ao campo jornalístico e sua relação com os demais campos sociais se evidenciaram neste estudo. Através da análise das matérias, percebe-se que o campo jornalístico pressiona e é pressionado pelos campos econômico, político e científico, na medida em que os discursos hegemônicos destes campos prevalecem no jornal. Por exemplo, nas notícias que tratam de temas alternativos ou críticos quanto ao sistema e modos de produção vigentes, como nas matérias que assinalam os impactos do uso de insumos químicos na agropecuária, a FSP acrescenta o depoimento de alguma fonte oficial relacionada ao sistema de produção que contrarie as informações apresentadas. Muitas vezes a notícia termina com uma posição antagônica a tudo que havia sido escrito na matéria, construção esta que estimula o ceticismo quanto aos problemas sinalizados, principalmente, em decorrência do uso de antibióticos, agrotóxicos e transgênicos na produção agropecuária, os quais impactam a saúde humana, animal e dos ecossistemas.

O mesmo acontece na matéria sobre o sumiço das abelhas em que diversos estudos apontam para a relação entre o uso de agrotóxicos nas lavouras e as mortes em série destes insetos. Apesar dos depoimentos de especialistas que assinalam que os agrotóxicos são os responsáveis pelas mortes, também é apresentada a posição do sindicato responsável pelos produtos para defesa vegetal, o qual discorda do que fora pesquisado a respeito dos sumiços das abelhas, alegando que não existem evidências suficientes. Outro exemplo similar ocorre na matéria sobre o desenvolvimento de câncer em roedores que consumiram milho transgênico, cujo estudo foi refeito, chegando aos mesmos resultados, assinalando que, mesmo assim, parte da comunidade científica nega a validade das descobertas, como propõe a FSP ao apresentar os discursos

de Associação Nacional de Biossegurança e Monsanto do Brasil que consideram inconsistentes os resultados. Nas matérias que discutem a alimentação e os malefícios do consumo excessivo de carne, também é deixado em suspenso quais as consequências do consumo da carne, alegando que não há estudos definitivos sobre assunto. Inclusive nas matérias sobre o vegetarianismo e a alimentação natural de animais de estimação figuram os depoimentos de instituições oficiais que, ao se posicionarem contra alternativas na alimentação, seja ela humana ou animal, questionam a legitimidade de dietas alternativas. Eles alegam que as pessoas não precisam parar de comer carne para serem saudáveis e, em relação aos animais de estimação, que a indústria produz alimentos balanceados, os quais seriam mais adequados. Portanto, buscam defender o campo econômico, político e científico ao negar os benefícios das dietas alternativas em seus discursos.

O exemplo mais contundente das relações do campo jornalístico com os demais campos sociais são as matérias que se referem ao agronegócio. Especialmente nos artigos de opinião da ruralista Kátia Abreu pode-se verificar a pressão que o campo político-econômico faz sobre o jornalismo e as estratégias de construção simbólica que sustentam os modos de operação da ideologia no tocante à instrumentalização dos animais. Em seus artigos identificamos os cinco modos de operação da ideologia (Thompson, 1995): legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação, na medida em que a autora contraria alguns dados de relatórios sobre as mudanças climáticas e o consumo hídrico da agropecuária a fim de favorecer sua área de atuação. A autora busca, recorrentemente, deslegitimar a importância de se refletir sobre as mudanças climáticas e o que se pode fazer para amenizá-las, ironizando os dados apresentados por cientistas, comparando estes a profetas. Kátia também produz uma representação negativa do movimento ambientalista ao afirmar que a questão ambiental envolve interesses econômicos destes grupos que se esforçam em lutar contra a agropecuária no Brasil. A ruralista se esforça para minar a credibilidade de qualquer pessoa/ grupo que se oponha ao modelo de produção de alimentos desenvolvido no país, o qual está contribuindo para a intensificação das mudanças climáticas, para o aumento do déficit hídrico, poluição dos solos, água e atmosfera, além de estar relacionada com o êxodo rural e a mão de obra escrava infantil, como apontam diversos relatórios e especialistas, dados os quais foram apresentados na introdução desta dissertação.

A *Folha de S. Paulo*, ao ceder semanalmente espaço para a coluna da ruralista Kátia Abreu, favorece o discurso dos políticos ruralistas, bancada que se torna cada vez mais forte e expressiva no Congresso Nacional. O jornalismo opinativo da FSP endossa o ocultamento do ônus da produção industrial, e o jornalismo informativo também adota essa postura. Em algumas matérias publicadas no período sobre as mudanças climáticas e as emissões de gases do efeito estufa, as quais não entraram no *corpus* de pesquisa porque não citam os animais, não há qualquer referência quanto à liberação de gás carbônico e metano resultante do desmatamento de imensas áreas para a criação de gado e da fermentação entérica dos ruminantes, a qual produz óxido nitroso, composto considerado 296 vezes mais agressivo do que o gás carbônico, portanto, não é estabelecida uma relação entre o quanto que os animais criados para a produção de alimentos contribuem para o aquecimento global, ao passo que as matérias destacam que os veículos automotores são os principais emissores dos gases de efeito estufa, dado que contraria aqueles apresentados pelos relatórios da FAO/ ONU já citados neste estudo.

De acordo com a análise de conteúdo, percebe-se a hegemonia do tratamento dado aos animais como um produto. As temáticas de *commodities* e alimentação somaram 65,5% do total das matérias que compõe o *corpus*. As outras temáticas (pragas e transmissores de doenças, animais de estimação, animais ameaçados, pesquisa científica, história natural, *fait divers*, esportes com animais, ecoturismo, etologia e zooterapia) dividem-se em 34,5% das matérias restantes, portanto, estas dez temáticas restringem-se a cerca de um terço do total da representação dos animais no jornal no período. Ao priorizar a representação dos animais como um recurso, um instrumento para aumentar o lucro humano, sem mencionar o estado e os modos de tratamento que eles recebem na indústria, nem os impactos socioambientais da produção de alimentos, a *Folha de S. Paulo* estimula uma visão determinista e instrumentalista para com a natureza, esvaziando-se de senso crítico nos assuntos relativos a esta temática.

A análise das matérias também evidencia que os animais estão fortemente arraigados à cultura alimentar brasileira, como se percebe pelo número de notícias e críticas de restaurante que sugerem a carne como o centro da alimentação. Aqui, novamente, a questão dos campos sociais se faz evidente na medida em que as empresas de produção de carne financiam o jornal FSP, em destaque, a empresa JBS que em todas as edições analisadas teve a sua publicidade veiculada.

Pode-se afirmar um domínio da dimensão econômica nas representações dos animais. Além das temáticas de *commodities* e alimentação, na temática de animais de estimação se apresentam diversas novidades da indústria pet, que incluem perfis online e books fotográficos, novidades estas que são destinadas mais aos donos e o símbolo de status que estas práticas conotam, do que ao benefício dos próprios animais, estes cada vez mais desnaturalizados pelo modo de vida urbano.

Na temática de pesquisas científicas, paradoxalmente em relação à de animais de estimação, evidencia-se que não há limites para a utilização de animais em experimentos científicos que visam o bem-estar humano. Além dos já tradicionais roedores, os mosquitos, porcos, cabras, cachorros e macacos são cobaias nestas pesquisas conforme a FSP. Podemos afirmar que esta temática é regida pelo pensamento cartesiano. Observa-se o ocultamento do que acontece nos laboratórios na medida em que os procedimentos com animais não aparecem em fotos, apenas em infográficos.

Assim sendo, podemos afirmar que a FSP reforça o tratamento estereotipado de que a maioria dos animais são produtos alimentícios para o consumo humano, enquanto que determinadas espécies são privilegiadas e se tornam nossas companheiras, habitando lares e partilhando do conforto e das novidades da sociedade moderna; outros grupos de espécies devem ser protegidos por estarem em situações de ameaça; e outros, ainda, que ameaçam a saúde e a produção agropecuária e devem, por isso, ser exterminados. Neste sentido, concordamos com Meadows quando assinala que “em seus produtos simbólicos, a mídia segue muitas vezes a lógica da propaganda: entretém, embala e vende; não levanta questões sobre paradigmas” (MEADOWS apud BRÜGGER, 2002, p. 161).

Este estudo concentrou-se na análise do contexto-social de produção das notícias e na análise das formas simbólicas. Todavia, é imprescindível reafirmar que o sentido da mensagem não é fixo. Os significados pretendidos na codificação da mensagem, no momento de produção do texto, não concordam necessariamente com os modos como a informação é decodificada, com o significado assimilado, pois a recepção das informações é resultado de uma atitude criativa, também de produção de significados e de ressignificação. Portanto, o jornalismo influencia nos modos como a sociedade compreende o mundo, ainda que de forma imensurável. Como vimos através da análise, o jornal *Folha de S. Paulo* favorece determinados setores e pontos de vista, em

especial, aqueles relacionados à sociedade de consumo. As matérias que propuseram uma perspectiva alternativa em relação às representações que compõem o senso comum foram minadas por contradições de diversas instituições oficiais.

Predominantemente, os animais são representados pelo jornal FSP como uma matéria-prima para a produção de alimentos, eles têm um preço e este é seu único valor, eles são saborosos e, mesmo quando seu custo de consumo é elevado, o preço por comer um bife especial “vale a facada”, como sugere uma das matérias do período. Podemos afirmar, assim, que no discurso do jornal *Folha de S. Paulo* existe uma visão consensual dos animais como recursos/ instrumentos. Logo, os discursos promovidos nas informações aliam-se, na maior parte das vezes, ao pensamento cartesiano e especista de que os humanos são superiores às outras espécies de animais e que, por isso, podem subjugar-las à revelia.

As proposições quanto aos animais serem dignos de consideração moral aparecem de forma latente em três casos: quando se trata dos animais de estimação, animais ameaçados e nas matérias de etologia. Nestas temáticas apenas fica sugerido que os animais, ou pelo menos algumas espécies, são “sujeitos de uma vida” e merecem um tratamento que considere sua condição especial por motivo de doença, ameaça de sua integridade física e de seu habitat ou por serem inteligentes. As novas sensibilidades discutidas no segundo ponto do capítulo dois quanto a uma perspectiva de rede que considere as relações entre os ecossistemas como vitais, bem como os direitos animais, sejam eles bem-estaristas ou abolicionistas, não aparecem no conteúdo do material referente aos animais no período.

Apesar de prevalecer uma visão economicista dos animais, verificamos a presença de diversos discursos concorrentes na informação midiática, o que produz uma pluralidade de representações socioculturais dos animais, muitas vezes contraditórias. Dependendo do contexto cultural e de qual espécie, os animais são representados de modos completamente distintos. Deste modo, o lugar onde eles estão na sociedade e, conseqüentemente, nas notícias ajuda a compreender o significado cultural que eles possuem na atualidade. Dominam os animais em fazendas industriais de produção, mas eles também estão em zoológicos, nos lares e condomínios; acompanham suas donas socialites em eventos; auxiliam as crianças no tratamento do câncer fazendo visitas em hospitais, estão em laboratórios de pesquisas, sendo usados como cobaias para testes de experimentos científicos e, também, em

seus habitats naturais, os quais muitas vezes estão ameaçados pela poluição, urbanização, desmatamento etc.

Reconhecemos que a análise de um único jornal em um breve período (três meses) permite uma apreensão pequena da mídia brasileira na atualidade. Entretanto, mesmo com tais limitações, esta pesquisa revela as disputas de poder simbólico, político e econômico no que tange a vida animal na contemporaneidade no discurso jornalístico. Na análise dos múltiplos discursos concorrentes evidencia-se a complexidade das relações entre os humanos e animais na cultura brasileira, além de um abrandamento e, até mesmo, ocultamento quanto às consequências e impactos socioambientais da agropecuária e de outras práticas que utilizam animais. Este resultado pode ser endossado por outros estudos sobre a produção e reprodução de significados/cultura relacionados aos animais.

Conclui-se, assim, que as representações socioculturais (re) produzidas pelo jornal *Folha de S. Paulo* estimulam a manutenção do *status quo* em relação à forma como os animais são tratados pelos campos científico, econômico e político, na medida em que não se realiza nenhum questionamento efetivo quanto aos hábitos e práticas culturais que causam dor e resultam na morte de bilhões de animais e na destruição de ecossistemas. Desta forma, o jornal FSP reforça o ceticismo quanto à crise ambiental planetária, a qual tem entre suas causas e agravantes os modos como a espécie humana trata as outras espécies com quem divide sua existência no planeta, muitas vezes esquecendo-se de que somos apenas um fio da teia da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Org. L. Garmus. Editora Vozes, Petrópolis. 1995. 31ª ed.

BRAVO, Álvaro Fernandes. **Desenjaular o animal humano**. In Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Org. Maria Ester Maciel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. P. 221- 243.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

BRÜGGER, Paula. Dieta Vegana. In **Pensata Animal** nº 17, Nov. 2008. Disponível em <<http://www.pensataanimal.net/arquivos-da-pensata/45-paulabrugger/77-dieta-vegana>> Acesso 03 abr. 2015.

_____. Especismo na TV: um olhar abolicionista sobre o programa “Pelo Mundo”. **Revista Brasileira de Direito Animal**, vol. 8 n. 13, 2013 (p. 121 - 165).

_____. Jornalismo especista. Agência de Notícias dos Direitos Animais. 02/12/2011. Disponível em <<http://www.anda.jor.br/02/12/2011/jornalismo-especista>> Acesso em 01 maio 2015.

_____, Paula. Os novos meios de comunicação: uma antítese da educação ambiental? In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R.S. de. (Orgs.) **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez. 2002: 143-177.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos seres vivos. Trad. Newton Roberval Eichenberg, São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990.

DAL-FARRA, Rossano André, **Representações de animal na contemporaneidade**: uma análise na mídia impressa. Porto Alegre, 2003. 320 p. Tese (doutorado em Educação). Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **Representações do Brasil na imprensa britânica**: uma análise cultural do jornal *The Guardian*. Tese de doutorado em Comunicação Social. PUCRS, 2013.

DESLACHE, Lucile. **As vozes dos bichos fabulares**: animais em contos e fábulas. In *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Org. Maria Ester Maciel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011 (p. 295- 314).

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou (a seguir)**. Jacques Derrida; tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos Estudos Culturais**: uma versão Latino-Americana. Belo Horizonte: Editora Autêntica – edição online ampliada, 2010.

_____. Estudos Culturais: uma introdução. In **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Org. e trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2010b.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** / Norman Fairclough. Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008.

FEIJÓ, Anamaria. Utilização de animais na investigação e docência: uma reflexão ética necessária. EDIPUCRS, 2005.

FELIPE, Sônia T. **Ética e experimento animal:** fundamentos abolicionistas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias:** capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

FRANCIONE, Gary. **Introdução aos direitos animais:** seu filho ou o cachorro?/ Gary L. Francione. Trad. Regina Rheda. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V 6 . Florianópolis: Insular, 2012.

GIORGI, Gabriel. **A vida imprópria: histórias de matadouros.** In Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Org. Maria Ester Maciel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. P. 199-220.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Trad. e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Media and Cultural Regulation.** Open University, Londres, 1997a.

_____. Codificação / decodificação. **Da diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende (et al.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009 (p. 365-381).

_____. Quem precisa de identidade? **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____, et. al. The Social Production of News. **Media Studies: A Reader**. Eds. Paul Marris and Susan Thornham. New York: New York University Press, 2000b. 645-652.

_____. The work of representation. In HALL, Stuart (ed.). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. SAGE Publications Ltd, London, 1997b.

JODELET, Denise. Les Représentations sociales. Sous la direction de Denise Jodelet. Presses Universitaires de France, Paris: 1994, 4^a ed.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Org. e trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MACIEL, Maria Ester. **Poéticas do animal**. In Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Org. Maria Ester Maciel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. P. 85-101.

MAIA, Flávia Dourado. **O jornalismo entre o efêmero e o eterno: imaginário e natureza na *Globo Rural* (1985-2010)**. Dissertação de mestrado em Jornalismo (Florianópolis). UFSC, 2012.

MARRAS, Stelio. **Virada animal, virada humana: outro pacto**. Instituto de Estudos Brasileiros, Centro de Estudos Ameríndios, Universidade de São Paulo, Brasil. Scielo stud. vol.12 n.2 São Paulo, abr. /jun. 2014.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos. Márcia Benetti; Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca (orgs). Florianópolis: Editora Insular, 2010.

_____. **O conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Conferência: Jornalismo: Transmissão de conhecimentos ou degradação do saber? Arrábida, Portugal, 1997. In **Media & Jornalismo**, 1, p. 9-22, Minerva Coimbra, 2002.

MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. **A importância da definição freudiana do conceito de pulsão sexual para a compreensão do conceito de sexualidade humana**. Revista AdVerbum 5 (2): Ago a Dez de 2010: p. 52-60. Disponível em <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/vol5_2/05_02_02importdefinicaofreudiana.pdf > Acesso em 01 maio 2015.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012, 9ª ed.

MORRIS, Desmond. **O contrato animal**. Trad. Lucia Simonini. Rio de Janeiro: Record, 1990.

NACONECY, Carlos Michelon. **Ética & Animais: um guia de argumentação filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PAIXÃO, Rita Leal. Sob o olhar do outro. Derrida e o discurso da ética animal. **Sapere Aude - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 272-283, jul. 2013. ISSN 2177-6342. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5507> >. Acesso 12 abr. 2015.

PASOLINI, Piero. **As grandes ideias que revolucionaram a ciência nos últimos cem anos**. Editora Cidade Nova: SP, 1976.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: ANNABLUME, 1995.

REGAN, Tom. **Jaulas vazias**: encarando o desafio dos direitos animais / Tom Regan; Trad. Regina Rheda; revisão técnica Sonia Felipe, Rita Paixão – Porto Alegre, RS: Luxano, 2006.

SANTI, Vilson Junior. **Traços da cartografia dos processos jornalísticos no circuito das notícias**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 117-163, jan/ junho 2011.

SHELDRAKE, Rupert. **Cães que sabem quando seus donos estão chegando**: pesquisas científicas explicam os poderes surpreendentes de nossos animais de estimação. Trad. Cláudia Costa Guimarães. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota, São Paulo: Loyola, 2005.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Trad. Marly Winckler, Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad.: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____ **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa/ John B. Thompson. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional / Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 2005.

VOGEL, Daisi; SILVA, Gislene. Imagens de morte na primeira página. In **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte /Beatriz Marocco, Christa Berger e Ronaldo Henn (org.). Florianópolis: Insular, v.3, 2012 (p.169-183).

WERNER, Dennis. **O pensamento de animais e intelectuais**: evolução e epistemologia. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1997.

WOODWARD, Kathryn Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Sites consultados

A engrenagem. Vídeo do Instituto Nina Rosa. Disponível em <<http://www.institutoninarosa.org.br/site/a-engrenage/>> Acesso em 02 de abril de 2015.

A farra do boi na Amazônia. Site Greenpeace. Disponível em <http://www.greenpeace.org.br/gado/gado_amz.html> Acesso 10 maio 2015.

Agricultura é quem mais gasta água no Brasil e no mundo. Portal EBC. 20/03/2013, atualizada em 30/04/2015. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/03/agricultura-e-quem-mais-gasta-agua-no-brasil-e-no-mundo>> Acesso 12 maio 2015.

Agropecuária é a atividade que mais consome água no Brasil, segundo relatório. Portal EBC. 15/11/2006. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2006-11-15/agropecuaria-e-atividade-que-mais-consome-agua-no-brasil-segundo-relatorio>> Acesso 12 maio 2015.

AM tem 1,36 milhão cabeças de gado e apenas sete abatedouros regulares. Site G1. 03/03/2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/03/am-tem-136-milhao-cabecas-de-gado-e-apenas-sete-abatedouros-regulares.html>> Acesso 10 maio 2015.

Aquicultura. Greenpeace. Disponível em <<http://www.greenpeace.org/portugal/pt/O-que-fazemos/oceanos/aquicultura/>> Acesso 06 set. 2014.

Aumenta as emissões de gases de efeito estufa da agricultura. Site da FAO/ ONU, 11/04/2014. Disponível em <<https://www.fao.org.br/aegeea.asp>>. Acesso 10 maio 2015.

Brasil bate recorde nas exportações de carne bovina com vendas de US\$ 6 bilhões. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 29/11/2013. Disponível em <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=5¬icia=12849>> Acesso 10 maio 2015.

Conheça o Grupo Folha. Folha de S. Paulo, SP. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_o_grupo.shtml> Acesso 15 mar. 2015.

Decreto Federal Nº 24.645, de 10 de julho de 1934: proibição de touradas e rinhas de galo no Brasil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24645impressao.htm> Acesso 15 maio 2015.

Dia Mundial da Água: para cada quilo de carne, são necessários 15 mil litros de água, diz FAO. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Disponível em <<https://www.fao.org.br/DMApcqcn15mladFAO.asp>> Acesso 12 abr. 2015.

Estatísticas da Produção Pecuária. IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/a..gropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201304_publico_completa.pdf> Acesso 01 de maio 2014.

História do vegetarianismo na América Latina. Sítio Veg. Disponível em http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=783&Itemid=96 Acesso 10 fev. 2015.

Impactos da Pecuária sobre o meio ambiente. Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ ONU). Disponível em www.fao.org/ag/magazine/0612sp1.htm Acesso 25 maio de 2014.

Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. Disponível em <http://www.iucnredlist.org> Acesso em 02 maio 2015.

Livestock impacts on the environment, 2006, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). Disponível em <http://www.fao.org/ag/magazine/0612sp1.htm> Acesso 18 nov. 2014.

Maiores jornais do Brasil de circulação paga. Associação Nacional de Jornais. Disponível em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso 07 jul. de 2014.

Ministério da Agricultura. Disponível em <http://www.agricultura.gov.br/animal> Acesso 01 de jun. de 2014.

Monsanto: 25 doenças que podem ser causadas pelo agrotóxico glifosato. Alexis Badden- Mayer. Site Carta Maior, 17/02/2015. Disponível em <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Meio-Ambiente/Monsanto-25-doencas-que-podem-ser-causadas-pelo-agrotoxico-glifosato/3/32891> Acesso 02 maio 2015.

Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo. Repórter Brasil. Disponível em www.reporterbrasil.org.br/listasuja Acesso 01 de junho de 2014.

Perspectivas Agrícolas da OAA da OCDE: 2006-2015. Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Disponível em <http://www.oecd.org/fr/echanges/echanges-agricoles/37190989.pdf> Acesso 01 de set. de 2014.

Perspectivas mundiais para o mercado de carnes. Beef Point. Disponível em <http://www.beefpoint.com.br/cadeia-produtiva/especiais/ocdefao->

perspectivas-mundiais-para-o-mercado-de-carnes/> Acesso 13 maio 2014.

PIB do Agronegócio - Dados de 1994 a 2013. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada ESALQ/USP. Disponível em <<http://cepea.esalq.usp.br/pib/>> Acesso 09 de jul. de 2014.

Produção de Peixes em cativeiro ultrapassa a de carne bovina. *O Globo*, RJ, 03/08/2013. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/revista-amanha/producao-de-peixes-em-cativeiro-ultrapassa-de-carne-bovina-9369481>> Acesso 12 abr. 2015.

Quem são os grandes emissores de gases de efeito estufa? Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. Disponível em <<http://www.ipam.org.br/saiba-mais/abc/mudancaspergunta/Quem-sao-os-grandes-emissores-de-gases-de-efeito-estufa-16/7>> Acesso 02 maio 2015.

Região espanhola da Catalunha proíbe touradas. Site BBC, 28/07/2010. Disponível em <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/07/100728_touradas_p_robicaio_ir.shtml> Acesso em 15 maio 2015

“Reinventando o Capitalismo de Estado” fala sobre investimento do BNDES na JBS. Folha de S. Paulo, SP 25/02/2015. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/02/1594639-reinventando-o-capitalismo-de-estado-fala-sobre-investimento-do-bndes-na-jbs.shtml>> Acesso 09 de maio 2015

Sistema de Estimativa de Emissão de Gases de Efeito Estufa (SEEG), Disponível em <<http://www.seeg.eco.br/emissoes-totais/>> Acesso 09 maio 2015.

Sobrepesca. Greenpeace. Disponível em <<http://www.greenpeace.org/portugal/pt/O-que-fazemos/oceanos/sobrepesca/>> Acesso 05 ago. 2014

Uma a cada oito pessoas no mundo passa fome. ONU/ BR: Organização das Nações Unidas/ Brasil. Disponível em <<http://www.onu.org.br/uma>>

a-cada-oito-pessoas-no-mundo-ainda-passa-fome-alerta-estudo-da-onu/> Acesso 01 ago. 2014.

União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN). Disponível em <<http://www.iucnredlist.org/details/12392/0>> Acesso 15 maio 2015.

World Livestock 2013: Changing disease landscape, 2013, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU). Disponível em <<http://www.fao.org/docrep/019/i3440e/i3440e.pdf>> Acesso 10 jan. 2015.

Worldometers. World Population: Past, Present, and Future. Disponível em <www.worldometers.info/world-population/#pastfuture> Acesso 01 maio 2015.

Notícias e artigos da *Folha de S. Paulo*

A ciência do humor. *Folha de S. Paulo*, SP, 28/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/163362-a-ciencia-do-humor.shtml>> Acesso 28 ago. 2014.

Área de pet em condomínio nem sempre é bem-aproveitada. *Folha de S. Paulo*, SP, 11/05/2014. Disponível em <<http://classificados.folha.uol.com.br/imoveis/2014/05/1452240-area-de-pet-em-condominio-nem-sempre-e-bem-aproveitada.shtml>> Acesso 10 jul. 2014

A segunda revolução verde, Kátia Abreu, *Folha de S. Paulo*, SP, 21/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/2014/06/1473864-a-segunda-revolucao-verde.shtml>> Acesso 19 ago. 2014.

Árvores e aves serão tema de tour no Ibirapuera. *Folha de S. Paulo*, SP, 22/05/2014. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/167175-arvores-e-aves-serao-tema-de-tour-no-ibirapuera.shtml>> Acesso 06 ago. 2014.

Book de animal de estimação custa até R\$ 1 mil. *Folha de S. Paulo*, SP, 29/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/173496-book-de-animal-de-estimacao-custa-ate-r-1-mil.shtml>> Acesso em 11 jul. 2014

Brasileiros criam cabra clonada e transgênica. *Folha de S. Paulo*, SP, 17/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/161743-brasileiros-criam-cabra-clonada-e-transgenica.shtml>> Acesso 19 ago. 2014

Brasil já importa mais pescados do que trigo; salmão chileno predomina. *Folha de S. Paulo*, SP, 17/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/161782-brasil-ja-importa-mais-pescados-do-que-trigo-salmaa-chileno-predomina.shtml>> Acesso 10 de ago. 2014.

Cientistas querem popularizar muriqui. *Folha de S. Paulo*, SP, 30/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/163673-cientistas-querem-popularizar-muriqui.shtml>> Acesso 20 jul. 2014.

Comissão libera uso de mosquito transgênico contra a dengue. *Folha de S. Paulo*, SP, 11/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/160802-comissao-libera-uso-de-mosquito-transgenico-contra-a-dengue.shtml>> Acesso 16 ago. 2014

Copa explora tatu-bola como mascote, mas não ajuda a conservar a espécie, diz ONG. *Folha de S. Paulo*, SP, 11/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/160801-copa-explora-tatu-bola-como-mascote-mas-nao-ajuda-a-conservar-a-especie-diz-ong.shtml>> Acesso 18 jul. 2014

De homens e cães, Dagmar Zibas, *Folha de S. Paulo*, SP, 06/04/2014. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioa/160052-de-homens-e-caes.shtml> Acesso 2 ago 2014.

Desconhecimento ou má fé, Kátia Abreu, *Folha de S. Paulo*, SP, 07/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/169829-desconhecimento-ou-ma-fe.shtml>> Acesso 22 ago. 2014.

Empresas apostam em rastreamento e agenda para bichos. *Folha de S. Paulo*, SP, 19/05/2014, Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/166587-empresas-apostam-em-rastreamento-e-agenda-para-bichos.shtml>> Acesso 22 jul. 2014.

Era da extinção das essências, Kátia Abreu, *Folha de S. Paulo*, SP, 10/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/2014/05/1452399-era-da-extincao-das-essencias.shtml>> acesso em 20 ago. 2014.

Expansão Produtiva Sustentável, Moreira Mendes, *Folha de S. Paulo*, SP, 29/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2014/05/1461583-moreira-mendes-expansao-produtiva-sustentavel.shtml>> Acesso 21 ago. 2014.

Fome de bola. *Folha de S. Paulo*, SP, 18/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/171606-fome-de-bola.shtml>> Acesso 12 ago. 2014.

Fósseis revelam traços de antigos vertebrados. *Folha de S. Paulo*, SP, 12/06/2014, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/170614-fosseis-revelam-tracos-de-antigos-vertebrados.shtml>> Acesso 28 jul. 2014.

HIV modificado causa Aids em macacos. *Folha de S. Paulo*, SP, 20/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/171953-hiv-modificado-causa-aids-em-macacos.shtml>> Acesso 11 agosto 2014.

Homem acelerou ritmo de extinções em mil vezes. *Folha de S. Paulo*, SP, 30/05/2014. <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/168399-homem-acelerou-ritmo-de-extincoes-em-mil-vezes.shtml>> Acesso 02 jul. 2014.

Infecção resistente é crise global, diz OMS. *Folha de S. Paulo*, SP, 02/05/2014. <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/163953-infeccao-resistente-e-crise-global-diz-oms.shtml>> Acesso 03 jul. 2014.

Justiça autoriza cadela a usar área de prédio. *Folha de S. Paulo*, SP, 01/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/159265-justica-autoriza-cadela-a-usar-area-social-de-predio.shtml>> Acesso 10 jul. 2014.

Leão furtado da Ong no interior de SP é levado ao zoológico de Curitiba, *Folha de S. Paulo*, SP, 09/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/165036-leao-furtado-de-ong-no-interior-de-sp-e-levado-ao-zoologico-de-curitiba.shtml>> Acesso em 19 jul. 2014.

Nova espécie de roedor é descoberta em MG, *Folha de S. Paulo*, SP, 24/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2014/05/1459387-nova-especie-de-roedor-e-descoberta-em-minas-gerais.shtml>> Acesso 29 jul. 2014

O bicho humano, Francisco Daudt. *Folha de S. Paulo*, SP, 11/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/franciscodaudt/2014/06/1468330-o-bicho-humano.shtml>> Acesso 23 jul. 2014.

Orgulho de vira-lata. Eliane Brum. *Folha de S. Paulo*, SP, 12/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/170752-orgulho-de-vira-lata.shtml>>. Acesso 21 jul. 2014.

O melhor amigo da próstata. *Folha de S. Paulo*, SP, 01/06/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/168756-o-melhor-amigo-da-prostata.shtml>> Acesso 15 jul. 2014.

OMS declara epidemia de ebola a mais grave do gênero na história, *Folha de S. Paulo*, SP, 27/06/2014. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/06/1476812-oms-declara-epidemia-de-ebola-na-guine-a-mais-grave-da-historia.shtml> Acesso 20 ago. 2014.

Os novos fantasmas ambientais, Kátia Abreu, *Folha de S. Paulo*, SP, 05/04/2014. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/katiaabreu/2014/04/1436112-os-novos-fantasmas-ambientais.shtml>> Acesso 18 ago. 2014.

O verde que escraviza, Kátia Abreu, *Folha de S. Paulo*, SP, 03/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/164140-o-verde-que-escraviza.shtml>> Acesso 10 ago. 2014.

Paleontólogos descobrem nova espécie de crocodilo extinto em SP, *Folha de S. Paulo*, SP, 21/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/166870-paleontologos-descobrem-especie-de-crocodilo-extinto-em-sao-paulo.shtml>> Acesso 28 jul. 2014

Para criadores, uso de hormônio é inviável, *Folha de S. Paulo*, SP, 28/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/167853-para-criadores-uso-de-hormonio-e-inviavel.shtml>> Acesso 29 jul. 2014

Paradisíaca, Polinésia Francesa custa caro. *Folha de S. Paulo*, SP, 15/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2014/05/1454245-polinesia-francesa-custa-caru-turista-mais-economico-gasta-r-221-por-dia.shtml>> Acesso 19 ago. 2014.

Pets naturebas, Monique Oliveira. *Folha de S. Paulo*, SP, 06/05/2014, FSP, SP. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/164491-pets-naturebas.shtml>> Acesso em 24 jul. 2014.

Prefeitura retira 310 toneladas de gelo da Aclimação, FSP, 20/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/166814-apos-temporal-sp-retira-310-toneladas-de-granizo-das-ruas.shtml>>. Acesso em 21 jul. 2014.

Pterossauros do Brasil são destaque em mostra de NY, *Folha de S. Paulo*, SP, 23/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/162540-pterossauros-do-brasil-sao-destaque-em-mostra-de-ny.shtml>> Acesso 10 ago. 2014.

Quase vegetarianos, *Folha de S. Paulo*, SP, 08/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/160288-quase-vegetarianos.shtml>> Acesso 12 jul. 2014

Remota, Tonga é o paraíso das baleias no Pacífico Sul”, *Folha de S. Paulo*, SP, 15/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/turismo/2014/05/1454243-remota-tonga-e-o-lugar-ideal-para-observar-baleias-no-pacifico-sul.shtml>> Acesso 19 ago. 2014.

Sangue jovem reverte efeitos da idade em roedores mais velhos, *Folha de S. Paulo*, SP, 05/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/05/1449416-sangue-de-roedor-jovem-reverte-efeitos-da-idade-em-camundongo-mais-velho.shtml>> Acesso 20 ago. 2014.

Site pretende monitorar sumiço de abelhas, *Folha de S. Paulo*, SP, 21/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciassaude/162273-site-pretende-monitorar-sumico-de-abelhas.shtml>> Acesso 06 ago. 2014.

Suspeita de vaca louca trava acesso à China, *Folha de S. Paulo*, SP, 26/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/163063-suspeita-de-vaca-louca-trava-acesso-a-china.shtml>> Acesso 14 ago. 2014.

Tecido de porcos regenera lesão muscular grave em pacientes. *Folha de S. Paulo*, SP, 01/05/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/163812-tecido-de-porcos-regenera-lesao-muscular-grave-em-pacientes.shtml>> Acesso 18 ago, 2014.

Uma Lady no Copa. *Folha de S. Paulo*, SP, 30/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/163773-lady-copa.shtml>> Acesso 11 ago. 2014.

Ursinoterapia. *Folha de S. Paulo*, SP, 12/05/2014 Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/160954-ursinoterapia.shtml>> Acesso 20 ago. 2014.

Urubus 'invadem' zoológico de SP e disputam espaço com animais, FSP, 13/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1439942-urubus-invadem-zoologico-de-sp-e-disputam-espaco-com-animais.shtml>> Acesso 20 jul. 2014

Vilã de “Em Família” ecoa humor de Félix. *Folha de S. Paulo*, SP 27/04/2014. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/163168-vila-de-em-familia-ecoa-humor-de-felix.shtml>> Acesso em 30 jul. 2014

ANEXO

Declaração Universal dos Direitos dos Animais – Unesco – ONU
(Bruxelas – Bélgica, 27 de janeiro de 1978)

Preâmbulo:

Considerando que todo o animal possui direitos;

Considerando que o desconhecimento e o desprezo desses direitos têm levado e continuam a levar o homem a cometer crimes contra os animais e contra a natureza;

Considerando que o reconhecimento pela espécie humana do direito à existência das outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das outras espécies no mundo;

Considerando que os genocídios são perpetrados pelo homem e há o perigo de continuar a perpetrar outros;

Considerando que o respeito dos homens pelos animais está ligado ao respeito dos homens pelo seu semelhante;

Considerando que a educação deve ensinar desde a infância a observar, a compreender, a respeitar e a amar os animais, Proclama-se o seguinte:

ARTIGO 1:

Todos os animais nascem iguais diante da vida, e têm o mesmo direito à existência.

ARTIGO 2:

a) Cada animal tem direito ao respeito.

b) O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais, ou explorá-los, violando esse direito. Ele tem o dever de colocar a sua consciência a serviço dos outros animais.

c) Cada animal tem direito à consideração, à cura e à proteção do homem.

ARTIGO 3:

a) Nenhum animal será submetido a maus-tratos e a atos cruéis.

b) Se a morte de um animal é necessária, deve ser instantânea, sem dor ou angústia.

ARTIGO 4:

- a) Cada animal que pertence a uma espécie selvagem tem o direito de viver livre no seu ambiente natural terrestre, aéreo e aquático, e tem o direito de reproduzir-se.
- b) A privação da liberdade, ainda que para fins educativos, é contrária a este direito.

ARTIGO 5:

- a) Cada animal pertencente a uma espécie, que vive habitualmente no ambiente do homem, tem o direito de viver e crescer segundo o ritmo e as condições de vida e de liberdade que são próprias de sua espécie.
- b) Toda a modificação imposta pelo homem para fins mercantis é contrária a esse direito.

ARTIGO 6:

- a) Cada animal que o homem escolher para companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme sua longevidade natural.
- b) O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

ARTIGO 7:

Cada animal que trabalha tem o direito a uma razoável limitação do tempo e intensidade do trabalho, e a uma alimentação adequada e ao repouso.

ARTIGO 8:

- a) A experimentação animal, que implica em sofrimento físico, é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer outra.
- b) As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas

ARTIGO 9:

Nenhum animal deve ser criado para servir de alimentação, deve ser nutrido, alojado, transportado e abatido, sem que para ele tenha ansiedade ou dor.

ARTIGO 10:

Nenhum animal deve ser usado para divertimento do homem. A exibição dos animais e os espetáculos que utilizem animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

ARTIGO 11:

O ato que leva à morte de um animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um crime contra a vida.

ARTIGO 12:

a) Cada ato que leve à morte um grande número de animais selvagens é um genocídio, ou seja, um delito contra a espécie.

b) O aniquilamento e a destruição do meio ambiente natural levam ao genocídio.

ARTIGO 13:

a) O animal morto deve ser tratado com respeito.

b) As cenas de violência de que os animais são vítimas, devem ser proibidas no cinema e na televisão, a menos que tenham como fim mostrar um atentado aos direitos dos animais.

ARTIGO 14:

a) As associações de proteção e de salvaguarda dos animais devem ser representadas a nível de governo.

b) Os direitos dos animais devem ser defendidos por leis, como os direitos dos homens.